FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | SÁBADO, 17 DE JANEIRO DE 1959 | ANO 39.º — NÚMERO 12 970

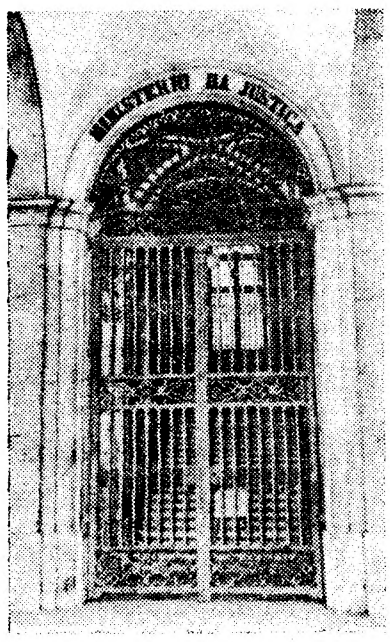
Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Obras nas instalações
do Ministério da Justiça
cujos serviços foram provisòriamente *transferidos do Terreiro do Paço*

As obras de remodelação e valorização do imponente conjunto de edifícios do Terreiro do Paço, onde se encontram instalados muitos serviços publicos, depois de concluidos os trabalhos relativos á ala ocupada pelo Ministerio do Interior, vão agora prosseguir pela zona onde fica o departamento de Justiça.



Por motivo das obras que ali vão realizar-se, está encerrada a porta do Ministério da Justiça, cujos serviços vão funcionar, provisòriamente, noutros locais

Os preparativos para a efectivação dos trabalhos principiaram já, com a transferência dos serviços do Ministério da Justiça, para instalações provisórias, de modo a deixar vagas as dependências onde se vão efectuar as obras.

Assim, foram, temporàriamente transferidos para as antigas salas do Tribunal de Contas, na Rua do Arsenal, o gabinete do Ministério da Justiça, a Direcção-Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, a Direcção-Geral de Justiça, e a 4.ª repartição da Direcção-Geral da Contabilidade Publica.

A Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, que funciona do lado Nascente, em relação ao Arco da Rua Augusta, vai ser transferida, provisòriamente, para o velho edifício do Torel, que, para o efeito, receberá algumas beneficiações indispensáveis, ficando, por agora, com esta notícia, satisfeita a curiosidade daqueles que perguntaram qual seria o destino da casa onde tantos anos esteve a funcionar a Polícia Judiciária, e de que há dias nos fizemos eco.

Entretanto, passará para as instalações da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais o Conselho Superior Judiciário, que é o unico serviço que permanece ainda no antigo edifício do Ministério da Justiça.

A' semelhança do que se fez no Ministério do Interior, as obras consistem na substituição completa do telhado, que ficará assente numa estrutura metálica, e implicam a remodelação interior, sem que seja afectada, de qualquer modo, a velha traça pombalina do exterior. Serão modernizadas as instalações do gabinete do ministro e do respectivo pessoal, far-se-á a beneficiação, de acordo com um plano de lógica arrumação, dos diversos serviços, e procurar-se-á, enfim, dar ao conjunto o aspecto digno que aquele departamento do Estado requer.

O leão
atacou o domador

BARI (Itália), 17. — Houve grande panico entre os espectadores do Circo Berneweis-Palmiri, quando ontem, um corpulento leão cravou as garras no braço esquerdo do domador dinamarquês G. Kanstensen, durante a exibição de um dos numeros.

Numerosas pessoas desmaiaram e muitas foram as que correram espavoridas para as portas da saída do circo.

Com o braço a jorrar sangue Kanstensen não perdeu a serenidade e, manejando o chicote com a mão direita, obrigou a fera a entrar no tunel que a levou á jaula. Foi, depois, transportado para o hospital local. — (A. N. I.).

Acentua-se a aproximação
entre Fidel Castro
e o Governo britânico

HAVANA, 17. — O dr. Fidel Castro declarou a centenas de operários reunidos, durante a noite, defronte do palácio presidencial, que as execuções de alegados criminosos de guerra não excederão 450 e pretendeu que os Estados Unidos devem entregar aos tribunais cubanos, para julgamento, todos os partidários de Fulgêncio Baptista que sairam de Cuba, quando as forças revolucionárias tomaram conta do Poder no dia 1 deste mês.

Os operários juntaram-se ali para protestar contra críticas feitas no estrangeiro acerca das execuções.

Fidel Castro afirmou que o país seguia o que ditava o presidente Urrutia e não a censura estrangeira, acrescentando que seria permitido, de novo, o funcionamento de luxuosos casinos de jogo, pois constituem uma atracção turistica e sómente os frequentam cubanos ricos que podem aguentar perdas de dinheiro.

Entretanto, é evidente que se estabelece rápidamente uma aproximação entre Castro e o Governo britanico, apesar da declaração feita pelo chefe revolucionário quando ainda se encontrava em Sierra Maestra, depois da venda feita a Baptista de carros de assalto ingleses. O embaixador da Grã-Bretanha mantém relações cordiais com Castro, as quais estão em contraste com as ameaças de expulsão e de confiscação de bens que aquele dirigira aos Ingleses. Parece que estes, de facto, saem melhor da situação do que os Americanos que mantiveram, no entanto, o embargo durante onze meses, a todo o armamento destinado a Baptista. Crê-se, no entanto, que Castro não renovará os seus recentes ataques contra os Estados Unidos, a não ser que o Governo de Washington faça representações oficiais sobre as execuções de criminosos de guerra.

Crê-se que o numero destas atinge, nesta altura, umas 200, embora

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

Parábola

Um amigo nosso diz-nos que tem três filhos em idade escolar, ou seja na idade perigosa em que os rapazes pensam mais na bola do que no quadrado da hipotenusa. O mais novo é sócio do Benfica, o do meio pertenceu á orquestra de violinos do Sporting e o mais velho joga a extremo direito no Belenenses — em terceiras categorias. Ele, que nasceu em Paranhos, é adepto do Futebol Clube do Porto, mas como não pagava quota desde que veio para Lisboa, foi eliminado. Nem por isso deixa de sentir com o mesmo afã as alegrias e as tristezas do clube nortenho. Não queiram saber o que são as discussões lá em casa á hora em que estão todos reunidos. O jantar de domingo é qualquer coisa de patético. A mãe, que não tem preferência por nenhum clube, mas adora os filhos, procura apaziguar os animos sempre que eles se exaltam, com aquela bondade que as mães põem sempre nas admoestações que fazem aos filhos. O pai não deixa de impor a sua autoridade quando vê o caso mal parado e a loiça corre o risco de se partir, embora respeite as opiniões e os gostos de cada um, condição indispensável para que haja harmonia na família. E explica-nos com o ar mais tolerante e menos sentencioso deste mundo: «— Então eu hei-de preferir o Manuel porque é do Sporting e gostar menos do Francisco porque é do Benfica, quando eu próprio não consinto que ninguém me diga mal do Hernani? (Não confundir com o discutido drama de Vítor Hugo). Não lhe parece que com a Pátria devia acontecer o mesmo? Não somos todos Portugueses, filhos e netos de Portugueses? Não pertencemos todos á mesma grande família e vivemos no mesmo solar onde nasceram, viveram e morreram nossos avós? Mesmo que cada um de nós seja filiado no seu clube, não haveria um processo de nos entendermos, sem retaliações, sem ameaças, sem ódios, sem gritos subversivos? Será preciso invocar, mais uma vez, a parábola dos sete vimes, para nos convencermos de que a união faz a força?». Assim falou o nosso amigo e nós, que o ouvimos atentamente, não pudemos deixar de lhe dar razão.

O Governo de Debré assiste, na Assembleia Nacional, á leitura da mensagem do presidente de Gaulle

O Governo francês
prepara a aplicação
da melhoria de salários

PARIS, 17 — Em reunião de Conselho restrito, os ministros estudaram, nomeadamente, as condições em que devem ser aplicadas em decisões relativas aos aumento do salário mínimo garantido e de 4 por cento para os funcionários publicos.

(Continua na página seguinte)

Visado pela Comissão de Censura

O momento teatral de Paris
Félicien Marceau na primeira linha
e o mais que se vê e se discute
de Goldoni a Ionesco

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

A invasão da cena francesa por peças estrangeiras, sobretudo americanas, deve ser o traço mais saliente deste fecho brilhantemente decepcionante da temporada de 1958. Se os acontecimentos do 13 de Maio, como, mais remotamente, a competição dos satélites e dos foguetões astrais, encontraram já os seus primeiros ecos na prosa de ficção, ao teatro não chegaram ainda reflexos sensíveis de quaisquer viragens ou revoluções daquelas que afectam a vida e a arte de uma nação. Antes pelo contrário, o teatro francês, anos atrás tão criador, constantemente alimentado e traumatizado genesiacamente por Sar

SNZANNE FLON

(Continua na 10.ª página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Valor das rações alimentares

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NA alimentação normal do homem necessário é distinguir racionamento nutritivo do racionamento alimentar. Entre ambos existe uma grande diferença. O primeiro determina-se pelos seguintes valores: energia, prótidos, sais minerais, oligo-elementos, tudo em função do sexo, peso, actividade muscular, condições particulares e privadas da vida de cada um, estado de saúde e metabolismo basal.

Os alimentos de natureza orgânica convém que sejam distribuídos tendo sempre presentes os seguintes números: as calorias originárias dos lípidos representam cerca de 20 por

(Continua na 13.ª página)

A' procura
da Arca de Noé

HAIA, 17 — Quatro exploradores holandeses tencionam partir, em 10 de Fevereiro, para o Monte Ararat, á procura de indícios que permitam confirmar a hipótese de que a Arca de Noé teria encalhado ali.—(F. P.).

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Oposição na Argélia

por parte de organismos europeus

às medidas de clemência decretadas pelo Governo de Paris

(Continuação da página anterior)

Estavam presentes, além do chefe do Governo, os ministros das Finanças, das Obras Publicas, do Trabalho, da Industria e do Comércio e os secretários de Estado para os Negócios Económicos e para o Orçamento. — (F. P.).

A atitude dos organismos europeus na Argélia

ARGEL, 17 — Alguns organismos europeus publicaram hoje comunicados, manifestando a sua oposição ás medidas de clemência decretadas pelo Governo francês.

Vários membros fundadores do antigo «Comité» de Salvação Publica de Argel declaram, num comunicado, que resolveram formar um novo agrupamento, denominado «A Assembleia Geral da Província da Argélia-Saharà».

O comunicado diz que o objectivo do novo agrupamento é a «completa pacificação, como medida preliminar para a integração». — (A. N. I.).

Apareceu o filho do casal francês assassinado na Argélia

ARGEL, 17 — O filho do médico Marucie Auger foi encontrado vivo, esta manhã, ás portas de Arba, a 30 kms. de Argel.

O pequenito, de oito anos de idade, desaparecera, quando do assassinio dos pais, anteontem á noite, pelos terroristas na região de Rivet.

Eram 5 e 20, quando pára-quedistas descobriram a criança á saída da aldeia de Arba.

O pequenino contou que os assassinos dos pais levaram-no para a serra. Esta madrugada entregaram-lhe uma carta, para a avó e mandaram-no seguir sózinho até uma herdade próxima. Na carta, os rebeldes exprimem pesar .. sr.ª Auger, por terem sido obrigados a matar o seu filho e a sua nora, e a esperança de que Yannick sabecrá contar como foi bem tratado por eles. — (F. P.).

Declarações de Messali Hadj ao ser restituido à liberdade

LE PALAIS, 17 — O «leader» do Movimento Nacional Argelino, Messali Hadj, partiu, esta manhã, de Belle-Isle, onde se encontrava com «residência fiscalizada», há 3 anos, em companhia de seu filho e de um representante da Direcção-Geral de Segurança, para Vannes, de onde seguirá para Rennes, a fim de se encontrar com vários amigos que o esperam naquela cidade. Esta noite deve chegar a Chantilly onde residirá, provavelmente, no Hotel du Parc.

Ao chegar ao continente, Messali Hadj declarou aos jornalistas, que «se sentia feliz por seencontrar, de novo, em França, após um longo período de falta total de liberdade».

«Aproveito esta ocasião magnifica — disse — para endereçar as minhas saudações fraternais ao povo da França, ec mujo seio tenho trabalhado e esperado durante 30 anos. Não posso deixar de afirmar que os meus pensamentos vão para o povo argelinoe, em especial, para aqueles que seencontram ainda por detrás de grades, para todos os que sofrem e que combatem pela liberdade».

«As recentes medidas de clemência — acrescentou — têm grande ressonancia no povo argelino, no mundo arabo-islamico. Pela primeira vez, um homem no poder, toma decisões corajosas. O presidente da Republica francesa indultou duzentos Argelinos condenados á morte. Dou grande importancia a este gesto. Espero muito dos democráticos e dos republicanos franceses para o futuro dos nossos dois povos». — (F. P. e R.).

Muitas vítimas

das tempestades

no litoral da Noruega

TRONRSOE (Norte da Noruega), 17 — As tempestades que assolam a costa árctica da Noruega provocaram 21 mortes, incluindo 17 pescadores afogados. As outras 4 pessoas foram esmagadas por uma avalanche.

Outros dois pescadores desapareceram ontem, quando uma grande vaga varreu o convés da traineira «Skjaerodden» arrastando-os para o mar, no meio de densa escuridão. O temporal impossibilitou qualquer tentativa de salvamento—(A. N. I.).

*

PARIS, 17—Avoluma-se a ameaça das cheias. O Sena subiu acima do seu nível normal durante os ultimos dias, devido á fusão das neves nos arredores da capital. Hoje, a água subira a cerca de seis metros, o que é considerado perigoso. — (A. N. I.).

Mortos e feridos

em desastres nas minas de Metz

METZ, 17. — Morreram 5 mineiros e 2 ficaram gravemente feridos, numa mina de ferro, próxima desta cidade, em consequência do desmoronamento de uma galeria. No mesmo momento, noutra mina próxima, um operário ficou com o cranio fracturado, em consequência da queda de um bloco de minério.

Parece ter havido uma deslocação de terrenos na bacia mineira de Roncourt, onde se deram estes acidentes, pois, á mesmo hora, um grande prédio, com cem alojamentos, erguido nos arredores de Metz, foi abalado a tal ponto que alguns locatários dos andares superiores fugiram. — (F. P.).

VON BRAUN

condecorado por Eisenhower

WASHINGTON, 17. — O presidente Eisenhower condecorou com a mais alta distinção americana, destinada a recompensar funcionários publicos, Warnher Von Braun, grande especialista germano-americano dos missivos, e mais quatro altos funcionários civis, incluindo Robert Murphy. — (F. P.).

8 mil operários em greve nos frigoríficos da Argentina

BUENOS AIRES, 17.—Cerca de 8.000 operários dos rigoríficos do Estado ocupam os locais de trabalho, há 30 horas. Esto em greve, de duração indeterminada, para protestar contra o facto de o Governo ter decidido proceder á venda ou aluguer dos estabelecimentos a empresas privadas. A greve foi desencadeada pelos sindicatos peronistas.

Uma força, constituida por centenas de políticos e guardas fronteiriços, equipada com carros blindados e gases lacrimogénios, invadiu, durante a noite, o pátio da fábrica nacional de empacotamento de carne para desalojar os grevistas que ocuparam as instalações.

A força policial, utilizando um tanque do Exército, atirou abaixo o portão principal, mas deparou ainda com resistência de parte dos grevistas.

O barulho provocado pela operação, enquanto a Polícia e os guardas lançavam bombas de gases lacrimogénios, causou alarme em muitos dos arredores ao Sul da capital.—(F. P. e Reuter).

A situação no Congo Belga

LEOPOLDEVILLE, 17 — Informações aqui recebidas hoje dizem que a vaga de desassossego já alastrou á cidade de Stanleyville, na região oriental, a 1.200 quilómetros da capital.

Um destacamento de tropos indígenas, comandado por oficiais europeus, chegou a Stanleyville e está a patrulhar o sector que separa os bairros europeus e os da população indígena. — (A. N. I.).

NUM JUNCO

de Hong-Kong a Barcelona

HONG-KONG, 17. — Seis marítimos espanhois e três chineses partiram, hoje, desta colónia num junco chinês, denominado «Rubia», de 18 metros, equipado com um motor «Diesel» auxiliar, para uma viagem de 16.500 quilómetros, até Barcelona.

José Maria Tey, de 39 anos, negociante espanhol e comandante do junco, previu que a viagem demoraria sete meses. — (R.).

Concurso para professor

na Faculdade de Ciências

Prosseguiram hoje, na Faculdade de Ciências, as provas do concurso para professor extraordinário de Matemática. Fizeram hoje dissertações os drs. Inácio da Silva e Veiga de Oliveira. Na segunda-feira far-se-á a discussão das teses apresentadas.

PUBLICAÇÕES

«Agenda do Porto de Lisboa»

Recebemos a habitual «Agenda do Porto de Lisboa» para 1959, publicação muito util para todos aqueles que precisam de recorrer ás variadas e completas informações que ela fornece acerca da tabela de marés, horas de nascer e pôr do Sol, fases da Lua e de todos os serviços dependentes da Administração do Porto de Lisboa, que é responsável pela edição.

Partidários de Baptista

agrupados na República Dominicana teriam desembarcado em Cuba

(Continuação da página anterior)

a declaração de Fidel Castro garanta que não devem ultrapassar 450. — (R.-F. P.-A. N. I.).

Serão repatriados pelos E. U. os partidários de Baptista?

WASHINGTON, 17. — Funcionários da Secretaria de Estado disseram, hoje, que o Governo talvez tenha de repatriar para Cuba os refugiados, partidários do antigo presidente Baptista, se o regime de Fidel Castro os acusar de crimes graves, como os de assassinio.

De harmonia com o tratado de extradição, o Governo cubano poderá exigir a entrega dos partidários de Baptista que se refugiaram nos Estados Unidos, bastando para isso acusá-los de terem cometido crimes previstos pelo tratado, tais como assassinios, raptos e assaltos á mão armada.

No entanto, afirmaram os mesmos funcionários, os Estados Unidos poderão recusar-se a entregar os que forem acusados apenas de crimes de carácter politico. — (A. N. I.).

Continuam os julgamentos e as excuções

HAVANA, 17.—Foi anunciado, esta madrugada, que continuavam as prisões no país, bem como os julgamentos e execuções de partidários do ex-presidente Baptista, acusados de assassinato e de torturas, continuam, mas numa escala reduzida. Cinco homens foram executados, ontem, em Jigurni, na província Oriente, e oito, condenados a penas de cadeia até 20 anos. Em Santiago de Cuba, 24 presos foram postos em liberdade por não haver provas suficientes contra eles. Outros 40 também foram soltos, pela mesma razão, em Havana, onde não começaram ainda os julgamentos.—(R.).

Partidários de Baptista teriam desembarcado em Cuba?

HAVANA, 17.—A propósito dos rumores, segundo os quais, o ex-presidente Baptista prepararia, na Republica Dominicana, onde se refugiou, um movimento contra-revolucionário, certos observadores declaram, ser demasiado cedo para Baptista fazer um contra-ataque, embora outros sublinhem que é do seu próprio interesse criar desordens que tornariam mais dificil a consolidação do Governo de Urrutia.

Um homem chamado José Lee Chey, que se alega ser um perito dominicano em explosivos foi enviado por Fulgêncio Baptista, segundo se afirma, para preparar material, mas foi preso ao chegar a Cuba. E os serviços de contraespionagem apontam a eventualidade desse movimento contra-revolucionário dirigido por Baptista, da Republica Dominicana e que estaria já em preparação.

O major René dos los Santos, chefe dos Serviços Militares de Informações, referindo-se a Baptista e 200 partidários organizam uma força de 10.000 homens na Republica Dominicana, disse que a guarda-avançada dessa força teria já desembarcado em Cuba, notando-se, a propósito, que certo numero de adeptos de Fidel Castro foram enviados para as cidades das provincias do Oriente e de Las Villas. O Governo de Havana afirma que estes homens regressam simplesmente a suas casas, mas a coincidência deste movimento de tropas e os boatos de efervescência na Republica Dominicana, prendeu a atenção dos meios informados.—(F. P. e Reuter).

Antigos ministros de Baptista sairam de Cuba para a Argentina

HAVANA, 17 — Dois membros do antigo Governo de Fulgêncio Baptista e um antigo funcionário sindical partiram, durante a noite, de avião, para a Argentina, depois de lhes ter sido concedido asilo na Embaixada daquele país.

Trata-se de Eusébio Mukal, antigo secretário-geral da Confederação dos Operários cubanos; Alejandro Herrera Arrango, antigo secretário da Tesouraria, e de Gustavo Gutierres, antigo ministro sem pasta. Foram-lhes concedidos salvos-condutos pelo presidente Urrutia, a pedido da Comissão Executiva do Corpo Diplomático.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Roberto Agramonte, declarou, num comunicado, que, nos termos das leis de asilo, os três ficam na Argentina em situação «preventiva» e não poderão abandonar o país. — (R.).

Um apelo ao presidente Urrutia

NOVA YORK, 17 — Enrique Rodriguez Fabregat, representante permanente do Uruguai junto da O. N. U., enviou um apelo telefónico ao presidente Manuel Urrutia, para que cessem as execuções sumárias, feitas em Cuba, nestes ultimos dias.

Esteve, depois, na sede da delegação cubana e entregou uma representação semelhante ao encarregado de Negócios.

Em Washington, o senador democrático Wayne Morse sugeriu que Fidel Castro convide as Nações Unidas a enviarem observadores a Cuba a fim de estudarem as condições em que os partidários do regime de Baptista serão julgados, acrescentando: «Os julgamentos secretos por tribunais militares, conduzidos sob baionetas e tiros e que têm como resultado execuções em massa, não são compatíveis com a liberdade e os direitos democráticos». — (F. P.).

As relações diplomáticas com os E. U.

HAVANA, 17 — O Ministério de Estado anunciou, durante a noite, que fora nomeado o prof. Ernesto Dihigo para o cargo de embaixador em Washington, acrescentando que o presidente Urrutia dera a sua aprovação á nomeação de Philip Bonsal como embaixador dos Estados Unidos em Cuba.

O anterior embaixador americano, Earl Smith, demitiu-se. Bonsal é, actualmente, embaixador do seu país na Bolívia. — (Reuter).

No CASINO ESTORIL

e só durante quatro noites em espectáculos extraordinários

SACHA DISTEL

a atracção da actualidade mais disputada em todo o Mundo

e que se faz acompanhar da sua famosa orquestra de «jazz»

Maiores de 17 anos

AMANHÃ: «Matinée»-dançante com Sacha Distel
Chá completo 25$00

A canção francesa conheceu grandes nomes mas não foram muitos. Um dêles é o de

SUZY SOLIDOR

Estreia na TÁGIDE no dia 24

TA-MAR

AMANHÃ

Paelha á Valenciana

RESTAURANTE * ALGÉS *

A TV americana

fará uma reportagem do Carnaval do Estoril

Prosseguem, activamente, os preparativos para o Carnaval Internacional do Estoril. Os elementos da televisão norte-americana, que já se encontram em Portugal, estabeleceram contacto com os organizadores do respectivo programa e, inteirados da realização, na noite de domingo, 8 de Fevereiro, de um baile de máscaras, com disfarces representando figuras célebres, manifestaram o desejo de que pudessem também participar nesse baile, pessoas que enverguem trajos regionais portugueses, pois desta forma o espectáculo que pretendem transmitir na TV, ganharia mais colorido e pitoresco e teria uma faceta portuguesa. Este desejo foi atendido e, assim, no baile de domingo, além dos disfarces já previstos, serão também admitidos os dos nossos garridos e belos trajos regionais.

Exames para juizes

no Supremo Tribunal

Prosseguem esta tarde as provas orais dos exames para juizes de Direito, a que concorrem delegados do procurador da Republica.

Os concorrentes de hoje são os srs. drs. Flávio Pinto Ferreira, João Figueiredo de Sousa, David de Almeida Elias da Costa e Miguel da Silva Montenegro.

O cão de pastor alemão

terá grande oportunidade de brilhar na Exposição Canina Internacional

«Com fama de fiel, util, dedicado e inteligente, há muitos anos apareceu, em Portugal, vitorioso, o cão de pastor alemão» — assim principia uma circular que nos enviou o sr. Fernando Arinto David, criador entusiasta dos populares «lobos de Alsácia» e um dos concorrentes á Exposição Canina Internacional de Lisboa, que se realiza, como se sabe, nos próximos dias 24 e 25, no pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas.

A circular prossegue:

«Com a aparição posterior de outras raças de cães, o cão de pastor alemão foi, praticamente, exilado para o fundo das quintas, onde tem sofrido a cruz de nascer, viver e morrer preso a curtas e fortes correntes. Geralmente, exige-se que guarde bem, em troca de restos de comida e de alguns ossos, o que é, manifestamente, pouco. Apesar de vencido e humilhado, o cão de pastor alemão, nascido em Portugal, soube esconder, no seu orgulho, toda a decepção sofrida e continua terna, dedicada e fielmente a lamber as mãos do seu dono, como se ele fosse um Deus, compreensivo e justo».

Depois de apresentar a ideia da criação de um clube do cão de pastor alemão, como secção do clube dos Caçadores Portugueses, o sr. Fernando Arinto David incita ao aproveitamento de todas as oportunidades para valorizar a raça, referindo-se particularmente ao certame que vai realizar-se no grandioso recinto da Junqueira, sob o patrocinio do «Diário de Lisboa».

«Nessa exposição, que, pelo muito interesse despertado no nosso País e no estrangeiro, conquistará, com certeza, invulgar brilhantismo, está a nossa primeira oportunidade de repararmos um erro e de demonstrarmos a nossa gratidão e carinho ao cão de pastor alemão. Demonstremos espírito de união, entusiasmo, desportivismo, exibindo os nossos verdadeiros amigos, os nossos cães. Temos exemplares dignos de serem expostos. Portanto, será lógico que os mostremos, que tenhamos orgulho neles».

Prosseguindo, diz:

«De fonte segura, sabe-se já que a Guarda Nacional Republicana apresentará todos os seus cães, recentemente adquiridos na Alemanha. Se aproveitarmos o incentivo e apoio que a G. N. R. nos oferece, os prémios ficarão em mãos portuguesas, e não nas de estrangeiros, como ultimamente tem sucedido.

Dentro deste espírito, decidi concorrer com todos os meus cães. Entre eles estará uma cadela com nove anos, «Bitch», que, certamente, não poderá competir em beleza com animais jovens. Levo-a por uma questão de brio pessoal, porque desejo, de certo modo, homenageá-la. E' mãe de exemplares bem classificados em exposições anteriores e todavia, nunca foi exposta. Desta vez, porém, estará ao lado dos seus filhos.

Unidos pela mesma preferência, creio que o nosso encontro na exposição será não só interessante como frutuoso, visto que, além do prazer de adquirirmos conhecimento com outros canicultores, será possível a troca directa de ideias, impressões e sugestões no sentido de alcançar-se uma real e efectiva valorização dos nossos cães de pastor alemão».

E o sr. Fernando Arinto David termina:

«A preparação dos cães para a exposição deve iniciar-se quanto antes. A nossa atenção deverá, especialmente, recair sobre o pêlo, dentes e treino de passagem, de modo que cada cão tire o máximo proveito da sua beleza».

Não há duvida de que são as melhores as perspectivas para o grande certame dos dias 24 e 25.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Assinado pelo comandante Jerónimo Henriques Jorge, recebemos um amável ofício a agradecer a maneira como noticiámos as diversas fases do recente II Congresso Nacional da Marinha Mercante, de cuja comissão executiva aquele distinto oficial da Armada é presidente. Agradecemos a gentileza.

—Na sua ultima reunião do ano findo, a direcção da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio e Industria exarou em acta um voto de agradecimento ao nosso jornal pela colaboração prestada pelo «Diário de Lisboa» á causa mutualista.

Teatros e Cinemas

«Tristão e Isolda», no S. Carlos

Precisamente na véspera, o dr. João de Freitas Branco, na sua bem delineada e muito interessante conferência para a J. M. P., nas Belas-Artes, sobre o caminho para a musica electrónica, tinha falado na importancia de «Tristão e Isolda», de Wagner, na evolução dos elementos de linguagem musical (como inauguração do verdadeiro drama musical). Poucas vezes levado á cena em Lisboa, seduzia-nos a espectativa de ir ver e ouvir agora este mesmo «Tristão», embora preparada para não nos sentirmos inteiramente feliz. E foi o que aconteceu. Referindo-nos á execução de uma obra destas, dizer que uma personagem importante não satisfez e que outra figura essencial «baixou» (muito ligeiramente) em tal passagem ou que nem sempre se ouviu muito bem nos graves, parece-nos de somenos importancia em comparação com a falência do clima geral da apresentação. E, a despeito do papel, sem duvida primordial, desempenhado pela orquestra, também não é o seu maior ou menor dom de sedução suficiente para salvar ou para perder a execução global.

Falemos mais uma vez sem rebuço: o que impediu sobretudo a representação de se nos impôr foi o ajuste — mais exactamente, a falta de ajuste—dos vários elementos que a compõem, inclusive a ausência de ambiente referente ao cenário. Não é a simplificação dos cenários o que nos choca, é a deturpação dos seus valores de impressionabilidade, com uma torre que mais parece uma chaminé, as perspectivas totalmente cortadas por parapeitos que parecem de cimento armado, tudo duma nitidez que anula o mistério e servindo de moldura a uns quantos jogos cénicos de técnica hesitante, na sua aspiração hierática agravada por indumentárias de harmonias desencontradas. Muito temos caturrado sobre o mesmo assunto; mas no ano passado, com a «Valquiria», tinhamos ficado apenas no limiar da apreciação quanto ao cenário. Este ano, exagerou-se outra vez o desacerto, e ajuntou-se-lhe uma sensação de improviso incompatível com o imortal padrão wagneriano, num palco como o de S. Carlos.

Não deixemos de pormenorizar um pouquinho as nossas impressões sobre esta apresentação, que o estofo e a convicção de alguns dos seus participantes podia ter ressalvado, se não carecesse de continuidade, ou se não se encontrasse demasiadamente isolada, como foi o caso da «Isolda», de Birgit Nilsson — inesquecível «Brunilde» do ano passado.

O maestro-director, novo para Lisboa, Herbert Charlier, produziu um trabalho consciencioso, uma parte do tempo demasiadamente acorrentado ao compasso, o que todos sabemos não ser bem o mesmo que o ritmo, e tirando assim a amplidão de fôlego das frases; mas obteve sempre homogeneidade, com alguns momentos de dramatismo ofegante e outros em que a decantada sensorialidade de Wagner se tingiu de religiosidade.

Birgit Nilsson não nos mereceu menos apreço do que no ano passado; as fases tão diversas e de tão árduas dificuldades do seu longo papel foram bem caracterizadas, e na imortal «Morte de Isolda» atingiu de facto o ponto culminante da interpretação, com uma paleta invulgarmente rica em coloridos.

O tenor Bernd Aldenhoff em «Tristão» procurou sempre manter uma veemência vocal — e que de facto manteve — até mesmo no 3.º acto, que era na realidade excessivo para o tenor. Secundava-o mais eficazmente Paul Schoffler em «Kurwenal», com a sua voz maleável, de bom timbre, se não fosse a discontinuidade de integração no papel, de que acima nos queixamos por outras palavras, e que também afectou a muito bem dotada cantora Grace Hoffmann, no papel de «Brangania». Contudo, foi Grace Hoffmann um dos membros da representação que mais se evidenciou, não porque nos pareça muito mais amadurecida do que no ano passado, em que também contracenou com Nilsson, mas porque tem uma natural graciosidade e um aspecto de vivacidade intelectual que devem vir a valorizar os dotes acima aflorados.

Uma bela voz de baixo patenteou por sua vez Gottlob Frick, no papel do «Rei Marke», o unico que guarda aparência de antiquado na partitura de Wagner, facto de que não se pode culpar o intérprete. O comprometimento do Gottlob, em cena, foi largamente repartido não só pelo «Tristão» de Bernd Aldenhoff como pelos restantes componentes do elenco estrangeiro, Rolf Bottcher com a sua voz fácil, e Robert Lauhofer.

Mais uma vez, o *céu* do palco de S. Carlos se esmerou nos seus efeitos, mas estes até nos irritam, em presença de um tablado que se apresenta tão-pouco «mis-au-point», e atravessado por fachos de luz tão fortes, sem razão, que se tornam, também eles, implicativos.

FRANCINE BENOIT

(Ler noticiário teatral nas páginas 4 e 5)

Sal de Fruta ENO dá boa saúde todos os dias!

ECONOMIZE! Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco grande é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA · ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

NEO-PENITROL
Uma nova fórmula potenciada
ANGINAS • FARINGITES • LARINGITES
PIORREIAS • GENGIVITES • GRIPES • ETC.

HOTEL EMBAIXADOR
APRESENTA
no TERRAÇO DAS ESTRELAS
a aplaudida parelha de bailarinos fantasistas
BRENDA y VALENTI
(ADULTOS — MAIORES 17 ANOS)
AMANHÃ: «matinée» dançante, com as atracções
Chá completo 25$00

CARNAVAL INTERNACIONAL
do CASINO ESTORIL
(Totalmente decorado pelo artista Pedro Leitão)
4 GRANDES BAILES
NAS NOITES DE 7, 8, 9 E 10 DE FEVEREIRO

Salão-Restaurante	500$00
«Wonder-Bar», «Floresta Tropical» e «Fundo do Mar»	350$00
Bar Americano	200$00

Taxas não incluidas
Preços aprovados pelo S. N. I.
(Adultos — Maiores de 17 anos)

EXITO VARIEDADES

Emp.ª Teatral Avenida
Telef. 26037

BERTA LORAN
em «Sou um fenómeno!»

É o INDISCUTÍVEL! da grande Revista Popular
COM JEITO VAI!
O MAGNÍFICO TRIUNFO DE BEATRIZ COSTA!!

ADULTOS M/DE 17 ANOS

AMANHÃ ÀS 16 HORAS
ESPECTÁCULO À TARDE

ALMEIDINHA
numa intervenção

NO AVENIDA ÀS 21.45 horas
A MODELAR COMPANHIA DO «TEATRO DE SEMPRE»
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO APRESENTA
P. MAIORES DE 12 ANOS
UMA PEÇA ROMANTICA! ADMIRAVEL! FASCINANTE! ENCANTADORA!
O FIM DO CAMINHO
UMA PEÇA DELICIOSA, PRIMOROSAMENTE INTERPRETADA, COM UMA NOTÁVEL ENCENAÇÃO DE GINO SAVIOTTI!!!
AMANHÃ, ÀS 16 H. ESPECTÁCULO À TARDE!

5.ª SEMANA Um espectáculo *Vasco Morgado*
HOJE, às 21,45 H. ● Lugares desde 5$00

AMANHÃ, ESP. Á TARDE, ÁS 16 H.

TEATRO MONUMENTAL
T. 55133

HOJE E AMANHÃ À TARDE, AS 18,30 HORAS
UM GRANDE ÊXITO!
PARA CRIANÇAS E ADULTOS

PREÇOS
3.º BALCÃO FRENTE 5$00 ● 2.º BALCÃO 10$00 ● PLATEIA 15$00

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

João Villaret, Costinha, Carlos Alves, Emílio Correia e Oscar Acurcio, fazem parte da nova companhia do Teatro Variedades, que na próxima terça-feira, começa a ensaiar a revista «Champanhe saloio».

— Está aprazada para o dia 24 a estreia na Academia de Santo Amaro, da revista «Aqui é Portugal».

— O empresário Vasc Morgado está em negociações para trazer, ao Monumental, o «ballet» cigano do artista «Shunga».

— Para a nova companhia do Teatro Variedades, vai o empresário Giuseppe Bastos contratar, em Madrid, uma artista espanhola.

— Consta que a companhia Laura Alves, que está no Porto, vem a Lisboa participar dos espectáculos que se vão efectuar no Monumental, na quadra do Entrudo.

— Mariana Rey Monteiro, Catarina Avelar, Luz Veloso, Luis Filipe, Paiva Raposo e Carlos Duarte, são os intérpretes da peça «Prólogo duma grande vida», em ensaios no Teatro D. Maria II.

— A direcção musical dos espectáculos que o Coliseu do Porto vai apresentar no Carnaval foi confiada ao maestro Abílio Florindo.

— A primeira revista do ano de 1959 será apresentada pela companhia do Teatro Maria Vitória.

— Parece estar assente a ida a Africa duma companhia de revistas do empresário Giuseppe Bastos.

Teatro de ensaio

dirigido por João Sarabando

O Teatro de Ensaio continua a ser, depois do Teatro do Salitre, um dos poucos com as suas características culturais, que em Lisboa nos dá melhores garantias de continuidade e permanência. O seu cartaz para Janeiro de 1959 inclui três excelentes espectáculos marcados para os dias 22, 24 e 29.

O primeiro serão incluí «O canto

(Continua na 5.ª página)

Recintos de diversões

No dia 31, efectua-se, na Adega Machado, um almoço de homenagem ao popular cantador José Borges, no qual, além do homenageado, cantarão Fernanda Peres, Fernando Farinha, Cidaliza do Carmo, Moniz Trindade e Joaquim Cordeiro.

LUSO
T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
Maiores 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam: **Alice Magina—Joaquim Geraldes—Maria Vicente**—o cantor mais pequeno **Baptista Martins** — Julieta Reis e o campeão da alegria **Manuel Bogalho.** Acompanhamentos por António Couto e Amadeu Rami.
AMANHÃ — «SOIRÉE»
15.º ANIVERSÁRIO: **O LUSO** APRESENTA **TODO O SEU ELENCO**

Casa de
Celeste Rodrigues
●
Fados, Guitarradas e Canções
●
(M. 17 anos)

ABC
JOSE' MIGUEL apresenta
VINHO NOVO
Emp.ª Teatral
T. 366745
ABC, Ld.ª
A's 20 e 30
e 22 e 45
A REVISTA DE QUE TODOS FALAM!!!
DOMINGO ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS
A unica casa de espectáculos do Parque Mayer — com aquecimento —

Aida Baptista, no «Maria Cachucha»
Para maiores de 17 anos

Teatro Nacional de Dona Maria II
Todas as noites ás 21 e 45
Aos sábados, ás 16 horas em tardes populares, a preços reduzidos
(12 ANOS)
O PROCESSO DE JESUS
TODA A COMPANHIA
O TEATRO ESTA AQUECIDO

UM HOMEM SÓ
UM GRANDE EXITO DUM AUTOR E DUM ACTOR
NO TRINDADE HOJE ÀS 21 e 45 (12 ANOS)
AMANHÃ — MATINÉE ÀS 16 H.

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

(Adultos M. 17 anos) Telef. 779151
Restaurante ALVALADE
APRESENTA
IRENE LECARTE
E
TONY e IDALECIA
(Parelha Portuguesa)
Chás dançantes às Quintas. Sábados e Domingos
ABERTO ATÉ ÀS 3.30
HOJE — BAILE DE MÁSCARAS

BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
MIMI GASPAR
a grande atracção
PERLA CRISTAL
COM EL BEBO
AMANHÃ ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS
NO TEATRO MARIA VITÓRIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»
Às 20.30 e 22.45 (Adultos—M/17 anos)
NA MELHOR REVISTA DE SALVADOR
POR CAUSA DELAS...

2.ª SEMANA
MAIORES DE 12 ANOS
O GRANDE ÊXITO QUE ENCONTROU O PLENO AGRADO DO PÚBLICO
AMOR DE JORNALISTA
UMA CRÍTICA DE FINO HUMOR E GRACIOSAS MULHERES COM EXCELENTES INTERPRETAÇÕES DE
CLARK GABLE e DORIS DAY—Prod. e Real. de WILLYAN PERLBERG e GEORGE SEATON
O MELHOR CARTAZ ALEGRE DE LISBOA no
IMPÉRIO
UM FILME PARAMOUNT

Teatros e Cinemas

Nova companhia de circo no Coliseu

Os duendes em fogo do circo trouxeram, ontem, ao Coliseu (capital da alegria de Lisboa) uma nova companhia. Os projectores colocados nas «varandas» pesquisando a pista lunar, como que descobriam, incessantemente naquele fundo submarino colorido pelas mais estranhas luzes as mais raras e bizarras formas da fauna abissal. De resto, segundo a moderna ciência, tudo quanto vive á superfície deste planeta, que teimamos em não julgar esquecido pelo Criador, tem como suprema geratriz as águas oceanicas.

O novo programa tem excelentes numeros. Constitui, na verdade, um espectáculo que nos evade da realidade, num sabor de aventura quase proibida.

Um dos grandes numeros da noite foi a «troupe» magiar Puszty que, ao som das «Czardas», empolgou o publico. São saltadores de báscula—muitos que voam á altura de três e quatro homens, cabriolam no espaço, rolam como granadas e desenham aladas estátuas, de tal maneira precisos e vertiginosos que a sua actuação terminou em apoteose, com todas as luzes acesas da sala, o publico de pé a aplaudir e a acenar lenços, num fantástico entusiasmo. Lê-se no programa que, no género são os melhores do Mundo. Depois da demonstração de ontem quem o duvida?

Os chimpanzés de «miss» Lidia, são engraçadissimos. Tanto representam comédia, como drama. São trapezistas, aramistas, acrobatas, perchistas, motociclistas e garbosos cavaleiros. E ainda palhaços. Divertiram á farta o publico. Nunca vimos nada de semelhante. Há um que sobe uma vara metálica, de respeitável altura, e lá no alto, suspenso pelos dedos executa um turbilhão espantoso. Os símios, como é evidente, estão apaixonados por «miss» Lidia (*L'ange et la bête*, o que é sempre poético).

A idade das viagens interplanetárias está representada por uma atracção intitulada: «Gina na Lua». De facto, a artista, sobe para um quarto crescente doirado, que brilha, na cupula, numa ogiva, semelhante á de um «Sputnik» e uma vez desembarcada no pálido satélite e despida dos seus véus de Diana, realiza incríveis acrobacias. E' bonita e sorri sempre, como se a morte tivesse sido abolida entre ela e o vazio abismo que se escancara em baixo.

Willy Car é um original antipodista. Deitado com as pernas ao alto, rola e equilibra mundos sobre mundos do mais variado diametro, acabando por tocar com os pés num enorme tambor uma musica famosa.

Muito bons, rápidos, fulgurantes, os malabaristas ingleses Josy and Josy». Outro numero britanico, com acento próprio, através de um estilo vivido com apaixonado interesse, o dos dois «Jacksons» em fantasias de monociclo e biciclo.

Os palhaços do circo Krone, foram felizes. Os seus «gags» têm um sabor inédito e são muitos. O mais insignificante gesto para qualquer deles é um motivo de hilaridade, pantomima caricatural, um elemento grotesco.

Los Ferri, são excelentes perchistas. Basta dizer que o «base» aguenta um aparelho metálico nos ombros, no cimo do qual duas graciosas raparigas trabalham. São exímios os trapezistas ingleses Astrals, em imagens aéreas dificilimas.

Os irmãos Campos têm o publico na mão. Voltamos a repetir que são «clowns» de nível internacional. Francos, espontaneos, sabendo misturar a anedota com a pantomima, recordaram ontem um dos maiores êxitos da sua carreira, enlouquecendo o publico de gargalhadas.

Os olímpicos Aren Plata lembram-nos o mitológico Hercules. Um deles, tal como Atlas, podia sustentar nos braços o vasto empireo.

E há ainda cavalos britanicos, autênticos «gentlemen» e portentosos elefantes, com os quais a artista brinca, escalando-lhes os dorsos montanhosos, para no final, como estátua cezariana, passear pela pista, em triunfante cortejo.

Enfim, uma boa companhia de êxito absoluto, que prestigia o empresário Américo Covões e honra o publico de Lisboa. — *J.*

tão espantoso terror dos dois cómicos que as gargalhadas se sucedem sem interrupção. Charles Lamont realizou com o melhor sentido do aproveitamento de Abbott e Costello, bem coadjuvados por Maria Windsor, Michael Ausara, Dey Seymour e comparsaria. Um bom documentário da fauna do Japão completa o espectáculo e atenua culturalmente a onda hilariante que o inunda neste ante-Carnaval. — *Visor 68.*

«Raparigas de uniforme», no Eden

Dois conceitos de pedagogia e até de vida: o da disciplina rígida e o da liberdade. E' evidente que o segundo é preferível, quer em pedagogia, quer na própria vida. «Raparigas de uniforme» prova-o á sua maneira, através de uma história dramática e muito bem interpretada. Filme de uma seriedade, de uma dignidade e de uma calma beleza, «Raparigas de uniforme» apresenta-se agora em versão colorida e põe de novo o problema, que é actual, diremos mesmo permanente.

«Oeiras fidalga»

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras, leva a efeito, amanhã, pelas 16 horas, no seu salão de festas, mais uma apresentação da sua revista «Oeiras fidalga», em homenagem ás corporações do concelho.

A juventude aprisionada e rodeada de «proibidos» acaba por se revoltar. E é o drama dessa revolta e a sua preparação, toda cheia de dores e recalcamentos que nos são narrados por esta nobre película.

Lili Palmer, Romy Schneider e Danik Patisson interpretam admirávelmente o filme. Documentários razoáveis. — *Visor 100.*

«A verdade nua»

em exibição no S. Jorge

Incrivel de comicidade é o espectáculo cinematográfico desta semana no São Jorge. A pretexto das pouco escrupulosas actividades de um chantagista, que ameaça com escandalo pessoas socialmente bem colocadas, mas que têm no seu passado algo que esconder, tece-se uma intriga prodigiosa de situações engraçadissimas, não isentas de um permanente e cómico «suspense».

Na realidade, «A verdade nua» possui, a par da mais original intriga, o gracioso burlesco indispensável a uma boa comédia.

O produtor-realizador Mário Zampi foi feliz com esta comédia admirável que atinge a craveira cinematográfica de «O quinteto era de cordas».

Coliseu

ESTREIA TRIUNFAL

ontem da nova companhia internacional de circo do Coliseu. Hoje todas as crianças podem admirar o circo. Chimpanzés. Duas parelhas de palhaços. Trapezistas ingleses. Amanhã, «matinée» com entrada ás crianças

Excedeu tudo a estreia, ontem no Coliseu, da nova e maravilhosa companhia de circo. Turbilhão alucinante de atracções aéreas da idade atómica. Palhaços. Chimpanzés e muitos outros numeros formidáveis pela primeira vez no Coliseu. Hoje, ás 21 e 30, todas as crianças podem assistir ao espectáculo. Amanhã, domingo, «matinée», ás 16 horas, com entrada ás crianças. Todas as noites ás 21 e 30.

(Continuação da 4.ª página)

do cisne», de Tchekov, «O doido e a morte», de Raul Brandão, e um coloquio sobre teatro, pelo dr. Gino Saviotti. O espectáculo do dia 24, dedicado aos estudantes de Lisboa, será constituido pelas peças de José Viana Dionísio, «Pingue-Pongue», de Nascimento de Morais «Acaso?» e de Paër Lagerkvist, «O tunel». Finalmente, o ultimo espectáculo inclui a mesma peça de Nascimento de Morais e «Margarida», de Salacrou, fechando com um colóquio sobre teatro, pelo professor do Conservatório Carlos de Sousa.

Todos os espectáculos, que se realizam na Sociedade Promotora de Educação Popular, têm a assistência plástica de Fernando Lapa, pertencendo a João Sarabando a sua direcção artística.

No D. Maria II

continua «O Processo de Jesus»

A peça de Diego Fabbri, «O processo de Jesus», na versão portuguesa do dr. Agostinho Veloso, prossegue a sua carreira de êxito no D. Maria II, num espectáculo de alta categoria artística, cuja realização se deve ao grande encenador espanhol Cayetano Luca de Tena.

Para corresponder á afluência cada vez mais numerosa de publico, estão á venda bilhetes para toda a semana.

Primeiras exibições

«Abbott e Costello e a Mumia», no Avis

O Avis adiantou-se ao Carnaval com um filme dos famosos cómicos Abbott e Costello na hilariante aventura de investigar as causas da morte de um arqueólogo americano que se atreveu a penetrar no tumulo duma princesa do Egipto. A mumia da princesa, uma sua medalha e outras joias contidas no sarcófago, são por sua vez procuradas por uma terrível seita que trata de impedir a saída dos tesouros para o estrangeiro. E da luta resultam, como o leitor pode imaginar, cenas de

Uma pega 6$50
CAFÉ DE BALÃO
BAR-RIBATEJO Praça do Areeiro, 11-D

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma empolgante obra-prima
O HOMEM DE PALHA
com **Pietro Germi, Franca Bettoja e L. Della Noce**
Venda de bilhetes para o Carnaval

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
A emocionante obra-prima em Eastmancolor
Emp. Lopo Lauer
RAPARIGAS DE UNIFORME
com **Romy Schneider e Lili Palmer**
A história que se dizia que nunca poderia voltar a ser filmada.
Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
do empolgante filme de aventuras em Dyaliscope e Eastmancolor
O CAVALEIRO DA TORRE
Jean Marais — Eleonora Rossi Drago e Cathia Caro

ODEON — Telefone 26283
15.15, 18.15 (p r.) e 21.30 (M/12 anos)
Um emocionante filme de acção. A morte a 100 á hora
DROGAS QUE MATAM
(«Bennies» o terror da estrada)
com **Peter Graves e Mala Powers**

LIZ — TEL. 48560
Ás 21 (M/12 anos)
A PÉ, A CAVALO E DE SPUTNIK
Cinemascope
Luta de morte

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Cinemascope
O MÉDICO E O CHARLATÃO
c/ Vittorio de Sica

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TIVOLI — TEL. 50595
A's 2,45 e 6.15 da tarde (p. r.) e 21.30 da noite (M/12 anos)
Um grandioso triunfo mundial
A POUSADA DA SEXTA FELICIDADE
Em Cinemascope — Cor de Luxe
com **Ingrid Bergman e Curt Jurgens**
Amanhã, ás 11 h., Scs. clás. «**Intermezzo**» — (M/17 anos).

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Grandioso êxito do vibrante filme de amor, pecado e heroismo
3 ENCONTROS COM O DESTINO
com **Robert Wagner, Dana Wynter, Jeffrey Hunter, Sheree North** e outros
Cinemascope — Col. de Luxe
(Adultos — Maiores 17 anos)

AVENIDA — Telefone 765080
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma história de amor... Um filme inolvidável!
O HOMEM DE PALHA
com **Pietro Germi, Franca Bettoja e Luisa Della Noce**
Venda de bilhetes para o carnaval

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
O mais alto grau de «suspense» e emoção jamais atingido em cinema
A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES
com **James Stewart e Kim Novak**
Venda de bilhetes para o Carnaval.

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
SANGUE NO DESERTO
O grande jogador

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
O SEGREDO DO CULPADO
com Tony Curtis

IMPÉRIO — Tel. 55134-5
15.15 - 18.15 (p. r.) 21.30 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
A fascinante comédia de George Seaton
AMOR DE JORNALISTA
com **Clark Gable e Doris Day**
Um mundo de sorrisos
Venda de bilhetes para o Carnaval.

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Escandaloso! Terrífico! Desopilante!
Terry - Thomas, Peter Sellers, Peggy Mount, Shirley Eaton, Denis Price
A VERDADE NUA
Uma comédia original e hilariante da mesma categoria de «O Quinteto Era de Cordas».

ROMA — Telefone 727778
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Uma viagem tormentosa nos mares do Sul
CREPUSCULO NO OCEANO
com **Rock Hudson, Cyd Charisse e Arthur Kennedy**
Eastmancolor

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Uma aventura macabro-cómica no país dos mistérios
ABBOTT, COSTELLO E A MÚMIA
Uma explosão de gargalhadas
E o documentário colorido de grande metragem. O tecto do Japão, sobre a fauna dos Alpes japoneses.

ROYAL — TEL. 845037
As 21 (M/17 anos)
Cinemascope
AMAR-TE-EI SEMPRE
No progr.: **Investigação criminal**

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
A ÁRVORE DA VIDA
em Cinemascope — Technicolor

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Atenção máxima no Restelo
no jogo Belenenses-Académica
em jornada que pode fornecer surpresas

Ainda não será desta vez que o «Nacional» da 1.ª Divisão a dez jornadas do seu termo conhecerá a fase cruciante, visto que todos os outros, excepto o do Restelo, não influirão grandemente na tabela classificativa, a despeito de se prever, a partir de amanhã, a esperada «luta de sobrevivência» cujos protagonistas são os grupos que ocupam as posições de 10.º para baixo. Recorda-se que os dois ultimos descerão de Divisão, automàticamente, e que os 11.º e 12.º entrarão numa fase de apuramento. A ameaça equivale por conseguinte a um estímulo — um ferro em brasa cujo calor já incomoda.

A jornada de amanhã, a 17.ª (4.ª da segunda volta) tem o seguinte programa:

Belenenses-Académica
Benfica-Sporting da Covilhã
F. C. do Porto-C. U. F.
Torriense-Lusitano
Sporting de Braga-V. de Guimarães
Barreirense-Caldas
Vitória de Setubal-Sporting

O «drama» dos ultimos, com um a agir como visitado (Torriense); a «saída» dos Vimaranenses; a relativa tranquilidade dos benfiquistas e portistas e a viagem do Sporting constituem os factos mais salientes da ronda e qualquer deles, acentue-se, é viável de fornecer uma ou outra surpresa.

Os «azuis» pensam na vitória...

O jogo do Sul, o de maior interesse, disputa-se no Restelo. O Belenenses, categórico na forma, e a Académica, em inquietante sobressalto, são adversários num despique que promete espectáculo. Os «azuis» pensam, naturalmente, no seu 11.º jogo sem perder e em manter a invencibilidade do Restelo. Diga-se que reunem amplas condições para o conseguir, apesar de se contar com uma tenaz oposição por parte dos estudantes. O poder ofensivo dos Lisboetas é trunfo valioso e, acrescente-se, irresistível.

Os serranos podem dificultar

Na Luz, o «guia» defronta o Sporting da Covilhã o qual, finalmente, se afastou um tanto do trio dos ultimos. Os «encarnados», no seu ambiente ou fora dele, não costumam hesitar. No entanto, os Covilhanenses, algo moralizados, fazem supor um grau de dificuldades razoáveis que para serem dominadas exigem do Benfica manobra rápida e remate pronto. E quanto mais cedo, melhor.

Consolidação do Porto

A Cuf, nas Antas, afigura-se derrotado de antemão, se os avançados do F. C. Porto, sob a batuta de Hernani — o foguetão do nosso futebol — concluirem com êxito o previsto numero de ofensivas que são capacissimos de gizar. Os Barreirenses, no entanto, prometem não ser um grupo amplamente dominado. Todavia, pressente-se que o F. C. Porto aproveitará o ensejo para consolidar a sua forma.

A rivalidade minhota

Em Braga, o Vitória de Guimarães tem uma tarefa espinhosa, reforçada pela circunstancia de ser mais uma jornada de uma tradicional rivalidade. Os Bracarenses começam a estar inquietos e decerto pretendem serenar quanto antes, pelo que os Vimaranenses não podem aspirar a um agradável passeio. Accita-se a previsão de um empate tangencial dos donos da casa.

Nos restantes jogos, verifica-se que, nos Arcos, tanto o Sporting como o Vitória têm a obrigação de produzir um bom despique. Duas equipas despreocupadas, em suma. Da operancia dos dianteiros «leoninos» depende o êxito que se afigura duvidoso.

O Barreirense recebe o «lanterna vermelha» e parece destinado a vencer, dado que os Caldenses atravessam um momento de notória perturbação psicológica. Umas palavrinhas estão a fazer falta.

O Torriense, já com Forneri, defronta o Lusitano. Será «caloroso» o embate, com os Torresãos a quererem aprovcitar o ensejo de somar dois pontos, hipótese que lhes é propícia, desde que os avançados não compliquem as situações.

Equipas prováveis

BELENENSES — José Pereira; Pires e Carlos Silva; Carlos Manuel Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Yauca, Martinho, Matateu e Tonho. ACADEMICA — Gomes da Silva; Araujo e Bento; Gil, Marta e Torres; Samuel Jorge Humberto, Rocha, André e Bentes.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Aguas, Mendes e Cavém. SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Conceiro; Martin, Lourenço e Cabrita; Picareta, Martinho, Ilo Caldas, Amilcar e Oscar Silva.

F. C. PORTO—Pinho ou Américo; Virgílio e Barbosa; Gastão, Monteiro da Costa e Roberto; Carlos Duarte, Hernani, Noé ou Osvaldo, Teixeira e Perdigão. C. U. F. — Gama; José Luís e Abalroado; Oliveira, Durand e Vale; Cravinho Moreira, Arsénio, Orlando e Uria.

TORRIENSE—Pinheiro; Amilcar e António Costa; Vitor, Forneri e Helder; Mário, J. Costa, Azevedo, Saldanha e Bezerra. LUSITANO — Vital; Vicente e Paixão; Narciso, Falé e Garcia; Fialho, Flora, Casaca, Batalha e José Pedro.

SPORTING DE BRAGA—Cesário; J. M. Azevedo e Narciso; Passos, Calheiros e Pinto Vieira; Rafael Ferreirinha, Teixeira, Amador e Mendonça. V. GUIMARÃES—Sebastião; Daniel e Abel; J. Costa, Silveira e Virgílio; Bártolo, Edmur ou Barros, Ernesto ou Romeu, Carlos Alberto e Rola.

BARREIRENSE—Isidoro; Faneca e Abrantes; Lança, Pinto e Arturo; Oñoro, Correia, José Augusto, Faia e Moyano. CALDAS—Rita; Amaro e Anacleto; António Pedro, Saraiva e Orlando; João, Romeu, Juanito, Mateus e Lenine.

V. SETUBAL—Justino; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Mateus, Fernandes, Mendonça, Miguel ou Soares e Inácio SPORTING—Octávio Sá; Lino e Hilário; Julius, Galaz ou Osvaldinho e Mendes; Hugo, Diego ou Ferreira Pinto, Ivson, Travaços e Morais.

O Nacional da 3.ª Divisão
principia amanhã

O torneio menor da F. P. F. principia amanhã, com a realização de 31 encontros (62 equipas em acção) de Norte a Sul do País. Eis o programa:

Zona A — 7.ª série — S. C. Régua-Limianos, U. Paredes-Mirandela, Bragança-Monção e Desp. Fafe-Murça. **2.ª série** — Beira Mar-Agueda, Leça-Académico, Ovarense-Penafiel e Feirense-Avintes.

Zona B — 3.ª série — A. D. Guarda-Cebolense, Acad. Viseu-Mangualde, Mortágua-Lusitano e Bfc. e Castelo Branco-Cernache. **4.ª série** — Naval-Marrazes, Mirense-G. D. B Inst. e Recreio, Gin. Alcobaça-Marialvas e U. Coimbra-Lousanense.

Zona C — 5.ª série — Torres Novas-Leões, Tramagal-Alhandra, Vilafranquense-Vitória e U. Operária-Ferroviários. **6.ª série** — Amora-Cova da Piedade, Luso-Fut. Benfica, Olivais?Sesimbra e Casa Pia-Seixal.

Zona D — 7.ª série — Estrela (V. Novas)-Estrela (Portalegre), Campomaiorense-S. L. Évora e Elvas-U. de Montemor. **8T.ª série** — Louletano-Despertar, Silves-Lusitano, Aljustrelense-Sambrazense e S Domingos-Moura.

Todos estes desafios se realizam nos campos des clubes indicados em primeiro lugar, ás 15 horas, excepto o do Barreiro, que é ás 11 horas.

O «Rallye» de Monte Carlo
inicia-se amanhã em Lisboa
com a partida de 56 automobilistas

Partem amanhã de Lisboa os automobilistas que escolheram a capital portuguesa para início da sua participação no 28.º «Rallye» de Monte Carlo», o qual conta com a presença de 340 equipas. O primeiro carro, dos franceses, Lafabrie-Le Bayon, parte, ás 18 e 14, e o ultimo, se comparecerem todos os inscritos, deverá sair ás 19 e 9. E' de um minuto o intervalo entre a partida de cada concorrente.

Cinquenta e seis inscreveram-se este ano para começar a prova em Portugal. No ano passado, sairam daqui quarenta.

O numero de agora revela, portanto, uma acentuada preferência pelo percurso que se inicia em Portugal. O facto de terem partido de Lisboa já vários vencedores da grande prova internacional deve fazer sentir a sua influência. A equipa, que triunfou em 1958, constituída por Monraisse e Feret (França), volta de novo á nossa capital, além de outras figuras consagradas, como Sorez-Condrillier, madames Blanchoud-Renaud, casal Battu, Estager-Dujoncqnoy, Chardonnet—Borsa (todos Franceses), Tinsley-Landsman (Americanos), Ziegler (Suíço) Margulies-Piper (Inglês), Pacheco de Burnay (Português), etc. O numero actual, embora importante, não é, porém, o maior. Houve um ano em que sairam de Lisboa 104 carros.

Concorrentes de dez países e três equipas femininas partem amanhã de Lisboa

Dos 56 duos inscritos, 26 são franceses; 10, espanhóis; 7, portugueses; 4, ingleses; 2, alemães; 2, noruegueses; 1, belga; 1, suíço; 1, americano e 1 australiano.A equipa chefiada por Patrick Vanson é franco-britanica. Dos Portugueses Silva Correia, Pacheco de Burnay e Correia Lobo já participaram várias vezes no «Rallye» de Monte Carlo». Qualquer deles pode aspirar a uma boa classificação. Dos restantes, poucas referências há. 9 senhoras partem de Lisboa. 3 equipas são totalmente femininas: Madames Blanchoud-Renaud, Vanson-Hummel e m.lle Soisbault-madame Ferrier, todas francesas.

O percurso português é francamente bom: estrada plana e de bom piso. Até á fronteira com a Espanha, não há declives sensíveis. Até Elvas, por V. Franca de Xira-Montemor-Estremoz, são 236 quilómetros. O primeiro concorrente a partir de Lisboa deverá cruzar a fronteira ás 22 e 34. O tempo, apesar de certo frio, mantém-se favorável para o início do «Rallye». Não é provável que mude até amanhã. De Lisboa a Elvas talvez se verifique apenas certa humidade nocturna.

Hoje, das 9 ás 18 horas, todos os concorrentes terão de apresentar-se na sede do Automóvel Clube de Portugal, de onde amanhã será dada a partida, para verificação dos automóveis e legalização dos documentos.

Um prémio de 70 contos para o vencedor absoluto

MONTE CARLO, 17 — Com percursos perigosos, que ainda esta manhã se encontravam cobertos de gelo, neve e lama, o «Rallye» de Monte Carlo de 1959 está considerado como um dos mais árduos desde a primeira edição desta prova, em 1911.

A sua característica de prova internacional filia-se na circunstancia de, este ano, principalmente, participarem nela o maior numero de nações desde sempre — 22 — que apresentam carros de 45 marcas, de oito países, todos eles convergindo para Monte Carlo de nove cidades europeias préviamente seleccionadas.

A maior representação pertence á Grã-Bretanha, com 105 viaturas, seguida da França, com 85, vindo logo a seguir a Alemanha, com 30. Os restantes países concorrem: a Noruega, com 18 carros; a Dinamarca e a Suécia, com 17 cada; Holanda, 16; Espanha, 13; Suíça, 8; Polónia, Portugal e Estados Unidos, 7, cada; Finlandia, Itália e Mónaco, 6 cada; Bélgica, 4; Grécia e Irlanda, 2 cada; Africa do Sul, Austrália, Austria e Nova Zelandia, 1 cada.

A segunda parte da prova inicia-se na mesma noite em que os automobilistas chegam a Monte Carlo, numa prova de características especiais, constando de um circuito na extensão de cerca de 430 quilómetros através das montanhas da Baviera.

Depois deste circuito, os corredores descansarão aqui, o que será aproveitado pelos mecanicos das equipas para afinarem os carros.

O dia da consagração será no domingo seguinte, quando os prémios forem entregues pessoalmente pelo príncipe Rainier, de Mónaco, recebendo o vencedor absoluto uma taça no valor de 70 contos.

O total dos prémios sobe a 197 contos. — (A. N. I.).

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

Em O. Azemeis, no Porto e no Montijo
disputam-se os desafios de maior interesse da 20.ª jornada

O programa da 20.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, pelo que se refere á Zona Norte, apresenta-se assim:

Oliveir. (21)-Boavista (26) — (1-4)
Salgueiros (22)-Leixões (29)—(1-4)
Chaves (19)-Gil Vicente (16)—(1-2)
Tirsense (19)-Vianense (14)—(1-5)
Peniche (20)-Espinho (20)—(0-2)
Marinhense (20)-V. Real (19)—(1-2)
Portalegr. (5)-Sanjoan (16)—(0-3)

Entre parêntesis marcam-se os pontos de cada equipa e os resultados dos jogos da 1.ª volta.

O sorteio caprichou em colocar frente a frente os quatro primeiros da classificação em dois campos, apenas: em Oliveira de Azemeis 4.º contra 2.º e no Porto 3. contra 1.º Naturalissimo, portanto, que todas as atenções incidam sobre esses dois jogos, ainda que o guia (Leixões) e o subguia (Boavista) de modo algum percam as suas posições. Os vaticínios não são fáceis, mas parece certo que os resultados não serão tão desnivelados como na 1.ª volta. Em Chaves S.anto Tirso, Peniche e Marinha Grande é mais de acreditar na vitória dos locais, embora suportando réplica esforçada dos visitantes. Em Portalegre, os donos do campo esforçar-se-ão por encurtar a distancia que os separa do concorrente mais próximo — que outra pretensão não podem ter — mas o desejo será difícil de realizar.

* * *

Na Zona Sul, a ordem dos encontros é a seguinte:

Estoril (21)-Atlético (32) — (3-5)
Arroios (13)-Corachen. (10)—(0-0)
Sacavenen. (12)-Serpa (12)—(2-5)
Farense (23)-Oriental (19)—(0-1)
Almada (21)-Juventude (17)—(1-2)
Montijo (24)-Olhanen. (27)—(0-3)
Beja (11)-Portimonen. (22)—(1-3)

Entre parêntesis indicam-se os pontos de cada equipa e os resultados dos jogos da 1.ª volta.

Das sete equipas visitadas nem uma só venceu na correspondente jornada da 1.ª volta. A melhor foi, ainda assim, a do Arroios, que conseguira empatar. Predomina, portanto, o desejo de desforra dos visitados, mas, nem todos são tidos como capazes de a alcançar — casos do Estoril e do Desportivo de Beja. O Sacavenense e o Farense merecem favoritismo, tal como o Arroios.

Fica como desafio de maior interesse o que se realiza no Montijo, com a perspectiva de luta disputada com ardor de princípio a fim. E porque não um empate?

HOJE, À NOITE

Badminton — Taça «Ricardo Ornelas». No ginásio da Escola Nuno Gonçalves: Benfica-Triangulo e Técnico-Direito. No Gil Vicente: Lisboa Ginásio-Sporting. Todos ás 21 horas.

Hóquei em patins — Prossegue o Campeonato Nacional, no Pavilhão dos Desportos, a partir das 20.45 horas, com os seguintes jogos: Oeiras-Infante de Sagres, Benfica-Famalicense, Paço de Arcos-Académico e Sintra-Vigorosa.

Natação — Distribuição de prémios da Associação, na sede do Pedrouços, ás 22 horas.

Ténis de mesa — Em Alvalade e no Restelo, ás 21.30 horas defrontam-se as seguintes equipas femininas: Sporting A-Sporting B e Belenenses-Benfica.

AEROMODELISMO

Campeonato de Planadores e demonstração de voo circular

O Clube de Aeromodelismo de Lisboa leva a efeito amanhã, pelas 15 horas, na pista da Portela, uma demonstração de voo circular, que, marcada inicialmente para Dezembro, não se realizou em virtude das más condições atmosféricas.

Nesta demonstração serão incluidos voos de modelos de acrobacia, velocidade, combate e escalas, bem como de um modelo equipado com um motor de jacto, além do da *Super-Fortaleza B-29*, que quando da «I Quinzena de Aeromodelismo», figurou na exposição realizada no Secretariado Nacional da Informação.

Também as provas do Campeonato de Planadores, de ambito nacional, que não se efectuaram na data prevista, devido ao mau tempo, se realizam amanhã, pelas 9 horas, nos terrenos do aeroporto de Lisboa.

Simultaneamente efectuar-se-ão torneios de modelos Wakefield e Motomodelos.

DESPORTOS

«REGIONAL» DE BASQUETEBOL

O Sporting rivalidou o título

e o Queluz baixou de Divisão

Aparentemente sem interesse, visto estar já encontrado o campeão — o Sporting — a ultima ronda, podia ter tido na verdade várias hipóteses, quanto ao ultimo classificado, algumas das quais estiveram em risco de se verificar e que eram, sem duvida, as vitórias do Queluz sobre o conjunto dos «azuis» (vice-campeões), o triunfo do Campo de Ourique frente ao Benfica e ainda o êxito do Atlético sobre o Tabacos. Não sucedendo, porém, estes factos, a impressão geral da ronda não deixou de ser todavia agradável, pois as equipas em luta tiveram sempre bem vivo e patente o verdadeiro espírito desportivo.

As equipas menos cotadas, prevendo naturais dificuldades, empregaram-se com decidida vontade e em alguns casos uma vivacidade extraordinária (facto que se verificou no encontro Queluz-Belenenses, o melhor da ronda quer sob o aspecto técnico quer sob o ponto de vista espectacular), contrariando, com elevação, os propósitos já definidos dos adversários mais poderosos noutras jornadas.

Apraz registar a desventura com que os Campouriquenses jogaram, principalmente, na segunda parte, apesar do melhor jogador benfiquista, Bernardo Leite, ter tido uma actuação já muito perto da sua grande categoria; o esforço extraordinário dos Alcantarenses, que com uma equipa «remendada» sem um fio de consistência técnica ou física, desenvolveram em todo o encontro, obrigando, por mais de uma vez, o adversário a pensar e a renovar as suas pedras de ataque e de defesa, quebrando de quando em quando o seu melhor poder de encestamento; a fortíssima e soberba reacção da equipa do Queluz (que infelizmente só apareceu na ultima jornada do campeonato) que teve, por mais de uma vez, á sua mercê, um adversário de quilate, que normalmente vende muito caro as derrotas; e, finalmente, a consciência técnica do Nacional de Natação, ante o poder e a eficiência dos «leões», dificilmente contestado, por qualquer outra equipa em todo o decorrer do campeonato.

Estes factos foram, na verdade, os apontamentos que mais sobressairam no terreno do torneio, em que a vitória do Sporting foi já assinalada em vários tons. O quarto triunfo consecutivo dos «leões» premeia, na verdade, o trabalho sério e proficuo não só dos jogadores, mas também o dos dirigentes e treinador.

Os «leões» apenas derrotados uma vez e em circunstancias que podem ser discutidas, por várias razões, tiveram, contudo, nos «azuis» um adversário difícil de quebrar, que teve, por assim dizer, em curto espaço de tempo, o título á sua mercê. A maturidade do conjunto dos Belenenses, não foi ainda, porém, suficiente para garantir um triunfo que lhe podia dar um grande impulso ás suas aspirações e que, sinceramente, não lhe ficava mal.

Do trabalho das restantes equipas, já analisado em artigo anterior, há apenas que dizer, agora, que o Benfica, parece encarar mais a sério os seus problemas, que são muitos e da ordem de provocar preocupações; o Nacional tem á sua frente árdua campanha, no torneio máximo; o Tabacos não desmereceu a confiança que os seus adeptos lhe deram no princípio do campeonato; o Campo de Ourique, vendo a sua classificação muito comprometida, soube reagir a tempo: o Atlético, sem equipa consentanea com as suas tradições na modalidade, salvou-se, por um ponto, da descida de divisão e que o Queluz só encontrou o ritmo mais próprio no final do campeonato.

A classificação final ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	*Score*	P.
Sporting ..	14	13	—	1	1088-608	41
Belenen. ..	14	12	—	2	871-680	38
Benfica ...	14	10	—	4	793-676	34
Nacional ..	14	6	—	8	641-643	26
Tabacos ..	14	5	—	9	674-790	24
C. A. C. O.	14	4	—	10	616-797	22
Atlético ...	14	3	—	11	581-777	20
Queluz ...	14	3	—	11	585-796	20

Resultados gerais da ultima ronda: Benfica, 59-Campo de Ourique, 45, com 31-18 ao intervalo; Sporting, 65-Nacional, 37, com 30-17 ao intervalo; Belenenses, 66-Queluz, 51, com 23-25 ao intervalo, e Tabacos, 55-Atlético, 41, com 30-15 ao intervalo.

JOSÉ BATALHA

O Campeonato do Mundo principiou ontem

SANTIAGO DO CHILE, 17.—Começou a disputar-se em várias cidades chilenas o 3.º Campeonato do Mundo de basquetebol que tem a participação de 12 equipas.

No jogo de abertura, o Brasil derrotou o Canadá por 69-52.

Outros resultados: Russia, 102-México, 72; Estados Unidos, 87-Argentina, 73; China, 71-Republica Árabe Unida, 69; Bulgária, 67-Porto Rico, 55 e Filipinas, 68-Uruguai, 59.

Notícias várias

A assembleia do Oriental reuniu-se ontem

A assembleia geral do Oriental, convocada para discutir e aprovar uma proposta de um associado, tendente a alterar o artigo 12.º dos estatutos da colectividade (criação de uma quota para sócios de peão), não chegou a uma conclusão, ficando o assunto adiado para nova reunião a realizar no próximo dia 24.

O Benfica pediu um inquérito

A direcção do Benfica solicitou á F. P. F. um inquérito ás afirmações contidas no boletim do árbitro, que dirigiu o jogo de Coimbra, e que motivou a suspensão de «Chino» por 60 dias. As declarações do árbitro não condizem com as que foram ditas aos dirigentes benfiquistas após o desafio.

O jornal do Sporting foi suspenso temporáriamente

A direcção do Sporting comunica-nos que suspendeu temporariamente a publicação do jornal do clube por estar a proceder ao estudo e revisão de toda a estrutura administrativa e desportiva da agremiação.

Nova direcção no Atlético

Está já formado o elenco directivo do Atlético e que, em breve, será submetido ao sufrágio da assembleia geral. Constituem-no os srs. prof. Calvet de Magalhães, presidente; Manuel Pimenta Rodrigues e Luís Roberto, vice-presidentes; Alberto Oliveira Matos, tesoureiro; Américo Vale, tesoureiro-adjunto; Alfredo Marques Augusto, secretário-geral; Henrique Ventura e Francisco Quadros Oliveira, vogais.

Os srs. Jaime Franco e tenente-coronel José Henriques de Sousa presidirão á assembleia geral e conselho fiscal, respectivamente.

Assembleia no Caldas

Na próxima terça-feira realiza-se a assembleia geral ordinária do Caldas para a aprovação do relatório e contas e eleição dos corpos gerentes.

Provas da A. F. L.

Volta a ser amanhã mais intensa a actividade dos filiados da A. F. L. Eis o calendário de jogos:

Distrital da 1.ª Divisão — Jogo em atraso, em reservas: Operário-Sintrense, em Chelas, ás 13 e 30 h.

Distrital da 2.ª Divisão — Castelo-Palmense, na Picheleira; Amoreiras-Amadora, em Palma — ambos ás 15 h.; Odivelas-Charneca, em Odivelas; Fanhões-Santa Iria, em Fanhões — ambos ás 15 e 30 h.

Distrital da 3.ª Divisão—Série A — Cacém-Queluz, em Cacém; Algés-Lourel, em Algés; Linda-a-Velha-Cascalheira, no E. Nacional (treinos); Alto da Eira-1.º de Dezembro, em Chelas; Carcavelos-Belas, em Carcavelos — todos ás 15 e 30 h. **Série B** — Caneças-Zambujalense, em Caneças; Povoense A. C.-Castanheira, na Póvoa; Malveira-Camarate, na Malveira; Tojal-Bucelenses, no Tojal; Loures-Vialonga, em Loures; P. de Frielas-P. de Loures, em Ponte de Frielas.

1.ª Divisão de Juniores (fase final) — Série A — Benfica-Oriental, no Campo Grande; Olivais-Algés, nos Olivais — ambos ás 10 e 30 h. **Série B** — Sporting-Belenenses, em Alvalade; Torriense-Atlético, em T. Vedras — ambos ás 10 e 30 h.

2.ª Divisão de Juniores — 8.ª jornada — Série A — Mirantense-Algés, em Pina Manique, ás 9 e 30 h.; Operário-Linda-a-Velha, em Chelas, ás 10 e 30 h.; Carcavelos-Vitória, em Carcavelos, ás 11 h. **Série B** — Amadora-Sporting, na Amadora, ás 10 e 30 h.; Rio de Janeiro-Amoreiras, em Palma; CasaPia-Sintrense, em Pina Manique — ambos ás 11 e 15 h.; Fut. Benfica-Queluz, em «F. Lázaro», ás 11 e 30 h. **Série C** — Santa Iria-Camarate, em Santa Iria, ás 10 h.; Vilafranquense-Sacavenense, em Vila Franca, ás 10 e 30 h.; Desp. dos Olivais-Alverca, em Moscavide, ás 11 h.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Prosseguem as competições que a Mocidade Portuguesa tem em curso na Ala de Lisboa.

Campeonato de futebol — Escola Ant. Arroio-Esc. da Paiã, Esc. Af. Domingues-Liceu Francês e Casa Pia-Pupilos, respectivamente ás 9, 10 e 15 e 11 e 30, nos campos de treinos do Estádio Nacional.

Campeonato de voleibol — Esc. Nuno Gonçalves A-Pupilos do Exército, Esc. F. Arruda B-Col. «O Académico» e Esc. Veiga Beirão-Esc. M. de Castro, em «infantes»; e Esc. F. Borges-Esc. M. de Castro, em «vanguardistas A», a partir das 9 e 30 h., na Escola Nuno Gonçalves.

Campeonato de ténis de mesa — Vários encontros do campeonato individual, nas mesas da Escola «Nuno Gonçalves».

ATLETISMO

O Benfica promove um torneio para sócios e simpatizantes, dos 12 aos 15 anos, realizando no Campo Grande, ás 10 horas, provas de 60 metros, 500 metros, altura, comprimento, peso e disco.

O Belenenses, organiza, no Estádio do Restelo, ás 9 e 30 horas, mais um torneio para sócios e simpatizantes, com provas de 800 metros, 700 metros, comprimento, altura, peso e vara.

BASQUETEBOL

Campeonato da 2.ª Divisão — (Jogo em atraso): Rio Seco-Moscavide, no Rio Seco, ás 10 e 11 h.

Camp. de juniores e infantis — (Jogos em atraso) — Belenenses-E. Física, no Restelo e Nacional-Atlético, em S. Bento, ás 10 e 11 horas; Tabacos-Maria Pia, em juniores, nos Barbadinhos; Sporting C-Queluz, em infantis, no Passadiço e Ateneu-Alvalade, em infantis no Ateneu, todos ás 10 horas.

CORTA-MATO

Nos terrenos do Estádio Nacional, ás 11 horas, na distancia de 6.000 metros disputa-se o «Corta-mato dos Dez» com equipas formadas por seniores, juniores e principiantes.

«CROSS» CICLO-PEDESTRE

Começa o campeonato regional de ciclo-cross, para independentes, amadores-seniores e populares, com partida e chegada junto ao C. R. P. do Bairro da Calçada dos Mestres.

DESPORTO CORPORATIVO

Continua o 17.º campeonato nacional de futebol da F. N. A. T. — distrital de Lisboa.

Camp. da 1.ª Divisão—Of. S. José-F. C. Regina, em Belém, ás 13 h.; C. P. Pesca-S. C. Guerin, ás 11 h.; Comp. Carris-C. Telefones, no E. Nacional, ás 11 horas.

Camp. da 2.ª Divisão — Standard-C. Condes, Simca-Ar Liquido e S. N. Panificação-Org. T. Santos, em Belém, ás 9, 11 e 15 h.; F. Simões-S. C. Cervejas e A. C. Sueca-B. Carenque, na Picheleira, ás 9 e 13 h. Comp. Carris-C. Prof. Comércio, no E. Nacional, ás 9 horas.

FUTEBOL AMADOR

Continuação do torneio do Internacional: S. O. V.-Veiga Beirão e Madeira-Olímpico, nas Telheiras, ás 11 e 12 horas.

HANDEBOL

Continuação do campeonato da Divisão de Honra: Almada-Alverca, no Pragal, ás 10 e 11 e 30 h.; Sporting-Oriental, em Alvalade, ás 10 e 11 e 15 h.; Glória-Benfica, no Campo Grande, ás 14 h.; Belenenses-Liberdade, no Restelo, ás 9 horas.

Campeonato de juniores — Benfica-Belenenses, no Campo Grande; Sporting-Almada, em Alvalade; Oriental-C. Piedade, em Marvila — todos ás 9 horas.

HÓQUEI EM CAMPO

Campeonato de Lisboa (jogo em atraso) — C. F. Benfica-Atlético, no campo «F. Lázaro», ás 9 e 30 horas.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional — Jogos no Pavilhão dos Desportos, 9.ª jornada, a partir das 8 horas: Benfica-Académico; Oeiras-Vigorosa, Sintra-Inf. Sagres e Paço de Arcos-Famalicense, 10.ª jornada, a partir das 20 e 45 horas: Sintra-Famalicense; P. Arcos-Infante Sagres; Benfica-Vigorosa e Oeiras-Académico.

RAGUEBI

Torneio de Abertura (Taça «A. Valente»)—Fase-final, 1.ª jornada—Sporting-Direito e Belenenses-C. D. U. L., no Estádio Nacional, ás 9 e 30 e 11 horas.

Taça «Imprensa»—Internacional-Belenenses, nas Telheiras, ás 9 e 30 horas; Sporting-Direito no Est. Universitário, ás 15 horas.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

LADRÕES DE GADO — A Polícia Judiciária está a instruir um processo em que são perseguidos dois cadastrados, os quais, nos arredores de Lisboa, praticaram uma série de furtos de rezes, que depois foram abatidas e vendida a sua carne em diversos locais da capital. A ultima vitima dos dois larápios foi um lavrador de Bobadela, a quem roubaram algumas rezes, que depois abateram na própria quinta daquele lavrador.

Nas primeiras investigações a que procedeu, a P. J. deitou logo a mão a um dos protagonistas daqueles roubos, procurando agora deter Silvino de Jesus Moreira, solteiro, de 31 anos, natural do lugar de Boco, freguesia e concelho de Vagos, o qual residia próximo de S. João da Talha, mas que ao saber da prisão do companheiro de crime se ausentou para parte incerta.

OBJECTOS FURTADOS — Ultimamente, a Polícia Judiciária tem prendido larápios que, depois de confessarem as suas proezas, não sabem indicar os proprietários dos objectos ou artigos roubados. Assim, na arrecadação daquela corporação encontra-se depositado o inde numero desses objectos, tais como um estojo, contendo um brilhante, introduzido num pequeno arco de oiro; um brinco, com duas pérolas; uma parte de um aro de um brinco de oiro; uma medalha do feitio de um trevo, sem pé e com a legenda «Deus te proteja»; três pedaços de uma dentadura de oiro e marfim; um anel de oiro branco, cravado com pedras; uma chave de fendas; um par de óculos; uma bolsa de prata; uma mala de viagem; um guarda-chuva; uma pasta de cabedal; e um par de luvas.

PELOS HOSPITAIS

DESASTRES DE VIAÇÃO — No Hospital de São José recebeu curativo de pequenos ferimentos, regressando a sua casa, Mário Solé Barrocal, de 41 anos, agente comercial, residente na Rua do Embaixador, 129, r/c., que esta madrugada chocou com o automóvel que guiava contra a traseira de um pronto-socorro da Carris que na Rua Marquês da Fronteira procedia á reparação de cabos. Do choque resultaram danos para ambos os veículos.

— No mesmo hospital ficou internado José António de Almeida Gordinho, de 23 anos, empregado de escritório no Ladoeiro, Idanha-a-Nova, e que a Lisboa viera para um concurso da Junta Autónoma de Estradas. Ao passar no viaduto Duarte Pacheco, o carro que conduzia sofreu rotura dum pneumático, o que motivou abertura da porta por onde foi projectado. As pessoas que o acompanhavam nada sofreram.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes: na Casa do Minho, na Rua Vítor Cordon, 14, com a Orquestra «Dandy»; na Associação de Beneficência Luís Braille, na Rua de São José, 86, 1.º; e na Casa de Lafões, na Rua da Madalena, 199, 1.º, promovido pela Comissão de Melhoramentos da Freguesia de Cepos, com a orquestra «Oásis».

Para amanhã estão marcadas festas: á tarde, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a orquestra «Boémia»; na Casa do Algarve, na Rua Capelo; no Clube Estefania, na Rua Alexandre Braga, 24-A; na Liga Regional Cojense, na Travessa José Vaz de Carvalho, 14, 1.º, ao Campo de Santana, com o conjunto musical «Coroas», e na Academia 1.º de Setembro de 1867, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 142, com o conjunto «Trocistas»; e á noite: na Casa de Lafões, na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3 ,1.º; na Associação de Beneficência Luís Braille e na Academia 1.º de Setembro de 1867.

ASSEMBLEIAS GERAIS

Para presidentes da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal, dos «100 á hora», foram eleitos, respectivamente, os srs. professor Caetano Maria Beirão da Veiga, Julio Botelho Moniz e José Octávio Fernandez Serrano.

— Os srs. dr. Manuel Facco Viana, coronel Mário Xavier de Brito e Luís Costa Santos foram eleitos presidentes, respectivamente, da assembleia-geral, do conselho fiscal e da direcção da Casa do Ribatejo.

— Os srs. Mário Fernandes Pinto, Orlando Pais Soares e Francisco Rosa Alberty foram eleitos, respectivamente, presidentes da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, da Cova da Piedade.

EMISSÕES RADIOFÓNICAS

A partir de hoje, ás 17 e 35, Rádio Clube Português, apresentará diáriamente o programa «Crítica de espectáculos, feita pelos espectadores».

QUEM PERDEU?

Na P. S. P. (Governo Civil) e no Sindicato Nacional dos Motoristas, estão depositados numerosos objectos encontrados ontem em Lisboa, entre os quais malas, luvas, canetas, relógios porta-moedas, agendas, bilhetes de identidade, etc.

O próximo Carnaval

na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 17 — A administração do Grande Hotel da Figueira, no intuito de proporcionar, ao grande numero de hóspedes que ali estão a reservar aposentos para a quadra carnavalesca, resolveu contratar uma orquestra espanhola para abrilhantar os quatro dias de Entrudo. Trata-se dum artístico conjunto, privativo do Real Clube Náutico da Corunha, precedido de grande fama, que foi possível fazer deslocar até á Figueira.

Durante quatro noites, esta cidade viverá momentos de esfuziante alegria.

nas CONSTIPAÇÕES, GRIPES, DORES DE CABEÇA, DE DENTES OU REUMATISMAIS
use ASPIROQUINAL
E SENTIRÁ IMEDIATO ALÍVIO

De ontem para hoje

O CHAVE DE OURO

HÁ grandes pequenos factos que de tal modo nascem arreigados na opinião publica (entristecendo-a ou alegrando-a) que antes de o ser são postos a correr e dados como tendo acontecido. Quanto tempo vivem na alma popular, como ansiedade ou pesadelo? Foi assim com o Chave de Ouro. Passaram anos sobre vários rumores. Ia acabar o velho e tradicional café do Rossio, centro de cavaco, a que ficaram ligados factos da pequena história lisboeta. Quantas figuras notáveis ali foram «fazer horas», discutir graves problemas, conspirar, concertar grandes negócios, sonhar uma vida melhor ou afogar as suas desilusões? O Chave de Ouro vem de 1919, foi melhorado em 1923 e treze anos depois apareceu tal como o vemos ainda hoje, um edifício inteiro, de alto abaixo, consagrado a cafés, tabacarias, salões de chá, bilhares e restaurante. Gago Coutinho, seu primeiro cliente, não voltará a cortar a fita simbólica das inaugurações dos seus melhoramentos, porque o Chave de Ouro, tal como se havia predito, vai acabar. O seu desaparecimento significa uma transacção de vinte e quatro mil contos (que vai para lá, um banco ou administração de empresa?) e o despedimento de cento e quarenta pessoas. E nem todos, por certo, porque a lei não manda, serão devidamente indemnizados. De qualquer modo, o Chave de Ouro fecha de facto com chave de ouro. Vinte e quatro mil contos é dinheiro.

Durante três anos, esteve suspensa a cobrança da taxa militar, sendo do que, após a publicação do decreto que a reatava muitos foram os que se julgaram em regime de isenção. Nova legislação repõe os factos, esclarecendo-os e elevando os limites da isenção da taxa militar, baseada no não pagamento de contribuições ao Estado.

* O novo embaixador dos Estados Unidos da América do Norte foi cumprimentar o ministro e o subsecretário do Exército. A visita foi rápida e protocolar mas nem por isso deixou de traduzir o grau de relações que liga os Estados Unidos a Portugal. O embaixador Burke Ellerick ia acompanhado do adido militar á sua embaixada.

* Manuel Madeira Antunes, de 75 anos (Póvoa de Midões), podava umas videiras e caiu da latada. Caiu tão verticalmente, que ficou com a cabeça enterrada no solo. Quando o levantaram, foi para voltar a enterrá-lo, mas desta vez no cemitério.

* Celorico da Beira bateu o «record» nacional de vendas de queijo da serra. Segundo a Camara local informou, no ano findo, a região (exceptuando Carrapichana) vendeu 31.236 arrobas de queijo, no valor de onze mil contos. E' pena que tão pouco chegue a certos centros de consumo lisboetas.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o dr. Adolfo Andrade. No seu livro de cumprimentos, inscreveu-se o dr. Carlos José Botelho de Paiva, governador do distrito autónomo de Ponta Delgada. * O embaixador da Argentina em Lisboa ofereceu uma recepção em honra do comandante e oficialidade do «Beagle». * A Camara Corporativa elaborou o seu parecer acerca do projecto de decreto-lei relativo á nacionalidade portuguesa, que aprova na generalidade, sugerindo apenas algumas alterações de simples redacção na especialidade. Foi relator do parecer o sr. dr. Vaz Pinto. * Com o Presidente do Conselho trabalhou o ministro das Finanças. * Foi encontrado morto em sua casa, no lugar de Barroso (aVlença), o pedreiro Joaquim da Costa Veloso, de 73 anos, viuvo, havendo suspeita de crime. * Um caibro caiu de uma ramada e fracturou o cranio de Maria Candida, do lugar de Cerdeirós (Santa Cruz do Douro). * Um despacho do ministro das Corporações, concedeu vários benefícios, através da Caixa de Previdência, aos trabalhadores da industria de lanifícios (serviços médico-sociais, assistência á família, acção materno-infantil e aumento de subsídio por morte).

Um importante furto
a bordo do navio «Amboim»
foi agora descoberto pela Polícia Marítima

Em Agosto do ano findo chegou ao comando da Polícia Marítima do Porto de Lisboa uma participação do capitão do navio português «Amboim», da Companhia Colonial de Navegação, comunicando que, em Luanda, aparecera uma caixa da carga do seu navio, com falta de peças de fazenda de lã, a qual havia embarcado em Lisboa, no início daquela viagem, acrescentando que, em Leixões, tinham sido apreendidas, pela Guarda Fiscal, três peças daquele tecido, na noite de 21 de Abril, quando o seu navio ali estava a completar o carregamento para a Africa.

Encarregado o agente Fonseca de proceder a averiguações, este logo se convenceu que ao assunto não deveria ser estranho Luís Lopes Alves de Melo, fiel do porão n.º 2, onde a referida caixa seguia, pelo que começou por interrogá-lo.

Após solicitar á Guarda Fiscal de Leixões e á Auditoria Fiscal do Porto pormenores sobre os factos da referida apreensão, a Polícia Marítima de Leixões identificou o estivador António Pereira, mais conhecido pelo «António Diogo», como sendo um dos transportadores do saco apreendido.

Uma vez em Lisboa, para onde o trouxeram, o «António Diogo» começou por desfiar a meada, denunciando o aludido fiel (aliás infiel) Luís Lopes Alves de Melo, e o estivador Fernando Marcos de Barros, como seus cumplices.

Do longo processo consta que na noite de 17 de Abril do ano findo, após os estivadores terem retirado e fechado os porões, o Luís de Melo e o seu colega, fiel do porão n.º 3, Amandio Ferreira Patacão, foram ao porão e abriram uma caixa de onde subtrairam três peças de fazenda de lã, marca «Coimbra», as quais guardaram no paiol dos mantimentos, por onde haviam passado para o porão, para o que, o respectivo criado-paioleiro, Ernesto Augusto Sesulfe ou Ernesto Augusto Ferreira, lhes havia dado as chaves, tendo sido este arguido quem depois cortou as peças em cortes diversos, que distribuiu pelos autores do furto, bem como sapatos de senhora e sabonetes, que o Luís de Melo também tinha furtado de outras caixas e entregue ao Ernesto.

Depois de descoberto o furto em Luanda, alguns trataram de se desfazer de tais objectos, vendendo uns, lançando ao mar outros, conservando alguns para si e dando, também, alguns cortes de fazenda a colegas de bordo, que os aceitaram, e, por este facto, figuram também como arguidos.

Dois dias depois de o «Amboim» ter largado de Lisboa para Leixões, já o mesmo Luís de Melo combinara o furto com os dois estivadores já referidos, tendo permitido que aqueles abrissem uma caixa que continha sapatos de senhora e, já depois da meia-noite, os mesmos fossem a bordo e, dentro do mesmo porão, reabrissem a caixa de fazendas e dela subtraissem as três peças que, depois, foram apreendidas dentro dum saco, pela Guarda Fiscal, e mais uma peça que os ditos estivadores cortaram em pedaços que transportaram, ocultos, sob o vestuário.

A importancia destes furtos atinge 41.000$00, e a Polícia apreendeu ainda uma porção de fazendas, bem como fatos feitos com as mesmas.

O helicóptero é hoje o meio de transporte feridos necessitados de urgente assistênci o exemplo de uma criança de cinco ano cranio numa queda, transportada em es um helicóptero, que a levou de Suffolk distancia de 160 quilómetros. Conforme ciou, talvez não tenhamos que esperar m Portugal a tão eficiente proc

A reforma das Faculd
segundo uma nota do Minis

Do gabinete do ministro da Educação Nacional recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota:

«Algumas das afirmações feitas na série de artigos sobre a reforma das Faculdades de Letras, do sr. dr. Rui Grácio, apresentam-se menos exact feitas mas

Por ciação coniz embo opini indis 1.º) culda os c ment form genh e até profe 2.º) Facu da c da re colas 3.º) de o mun cas. Deze prese Ensi 4.º) dou ensir Junt apre bém secu culda Ap recti tame ram artig onde «défi num de «1.20 de 7. 12.00 res prof

Foram descobertos e presos
os autores de um crime praticado há dez anos no distrito de Santarém

Os polícias da cidade de Nottingham, na Inglaterra, não sentem só bater o coração mas, também o pequenino aparelho de rádio, tão pequenino que lhes cabe na algibeira. A realidade tomou o passo á ficção científica, porque, através deste minusculo aparelho estão constantemente em contacto com os serviços centrais, que o mesmo é que dizer, com o mundo do crime ou da aflição, onde quer que eles se encontre e vão bater á porta da Polícia

Um crime praticado, há cerca de 10 anos, em Cabeça Gorda, nas proximidades de Santarém, de que foi vítima uma pobre octagenária, está práticamente esclarecido pela Polícia Judiciária.

Os três criminosos conseguiram, depois da sua proeza, vaguear pelo País, fazendo sem duvida uma vida honesta, pretendendo assim esconder á P. J. o seu procedimento anterior. Os anos passaram-se e os criminosos quase se convenceram de que a sua proeza passaria impune. Mas tal não sucedeu, pois a P. J. conseguiu pôr a ferros os criminosos e desvendar toda a história, que se conta em meia duzia de palavras. Em plena madrugada, convencidos de que a octagenária, Maria Azinheira, era uma mulher de haveres, sem o menor escrupulo, depois de terem arrombado a porta do estabelecimento de que era proprietária, por serem pressentidos pela vítima, estrangularam-na, provocando-lhe a morte.

Ausentaram-se, porém, passados poucos dias, daquela aldeia, e isso veio a ser-lhes fatal, pois acabaram por ser identificados e presos, após aturadas investigações, dirigidas pelo sr. dr. Sá Pereira, que é um dos mais novos inspectores da referida corporação.

Os criminosos confessaram o crime, pretendendo convencer a Polícia de que são alienados mentais. Porém, a Polícia sabe, por depoimentos de outros presos que se encontram nos calabouços do Torel, que essas manifestações de alienação mental apenas se verificam quando pressentem a aproximação dos guardas.

Os meliantes cujos nomes a Polícia revelará oportunamente, a fim de despistar as autoridades faziam uma vida honestissima.

Um navio de pesca
encomendado pela Dinamarca foi lançado á água em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 17. (Pelo telefone). — Esta tarde, foi lançado á água um navio de 550 toneladas, construído nos estaleiros navais desta cidade e destinado á pesca de arrasto do alto.

Este navio foi encomendado pelo Governo Autónomo das Ilhas de Faröé, da Dinamarca, e faz parte duma série de três encomendas áqueles estaleiros. Está apetrechado para permanecer em plena campanha durante 60 dias, e o seu custo foi de vinte mil contos. A nova unidade da frota dinamarquesa já recebeu o nome de «Lei-mi vur-«Ossursson».

A rainha Isabel
e o príncipe Carlos isolados na neve

LONDRES, 17. — A rainha Isabel e o principe Carlos sofreram, ontem, um acidente sem gravidade, causado pela neve que continua a cobrir muitas regiões da Grã-Bretanha.

A soberana ia ao volante do seu automóvel por uma estrada de segunda categoria, perto do palácio de Sandrigham, no Norfolk, onde se encontra a família real, quando o veículo se atascou na neve, não conseguindo safá-lo.

A rainha segurando o filho pela mão, seguiu a pé até á terreola mais próxima, Anmer Hall, coberta por densa camada de neve. De ali, conseguiu, finalmente, telefonar para o palácio real. Meia hora depois, um potente automóvel ia buscar a soberana e o principe, os quais, transidos, haviam aceitado a hospitalidade do estalajadeiro local. — (F. Presse).

A posse do director
do Instituto de Sangue

No gabinete do director-geral da Assistência, foi empossado esta tarde no cargo de director do Instituto Nacional de Sangue o sr. dr. Abel Cancela de Abreu.

Ao acto, assistiram o respectivo director-geral, sr. dr. Agostinho Pires, que conferiu a posse, funcionários superiores daquele organismo do Estado e amigos pessoais do sr. dr. Cancela de Abreu, que acumula as novas funções com as de director dos serviços de sangue do Hospital de Santa Maria.

Apesar de criado há cerca de um ano, o Instituto Nacional de Sangue só agora se encontra em condições de perfeito funcionamento.

EM 3 LINHAS

Foi estabelecido que o centro de recrutamento da 1.ª Região Aérea seja em Lisboa e que as suas bases sejam em Sintra (n.º 1), Tancos (n.º 2) e S. Jacinto (n.º 7).

///

Foi prorrogado até 31 de Dezembro próximo o prazo fixado no n.º 8.º da portaria n.º 16 488, relativa á utilização de autocarros em circuitos turísticos e excursões.

///

E' de 1.001 contos o orçamento, para 1959, do Nucleo de Documentação Técnica da Direcção-Geral de Obras Publicas e Comunicações.

///

Está publicado o n.º 11, de 1958, do «Boletim da Propriedade Industrial».

///

Foi aprovado o projecto de ampliação da estação de Paialvo, na linha do Norte.

///

Foi publicado o despacho de nomeação do dr. Mário Carmona para enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa.

///

A Camara Municipal do Porto vai contrair um empréstimo de 20.000 contos, para ampliação e reforço das instalações de abastecimento e distribuição de água á cidade.

///

São Facundo vai ter a sua Casa do Povo, cuja obra está orçada em 490 contos.

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata, 257

Nova convenção
sobre pesca no Mar do Norte

LONDRES, 17—Delegados de Portugal e de 13 nações, incluindo a Republica Federal Alemã, a Polónia, a Islandia e a Russia, reunem-se aqui, na terça-feira, para ratificarem o projecto da nova convenção sobre as pescarias no Mar do Norte e na zona Nordeste do Atlantico, a qual se destina a substituir o Tratado de 1946.

Círculos diplomáticos declararam que se espera que a nova convenção seja assinada antes do fim da próxima semana. — (A. N. I.).

...meio de transporte mais adequado e rápido para ...e urgente assistência. A gravura apresenta-nos ...iança de cinco anos, invisual, que fracturou o ...ransportada em estado de inconsciência para ... levou de Suffolk a um hospital londrino, na ...metros. Conforme o «Diário de Lisboa» anun...mos que esperar muito tempo para assistir em ...a tão eficiente processo de socorro

...las Faculdades de Letras

...ota do Minis tério da Educação

...ro da Edu... os, com pe... uinte nota:

...ções feitas ... a reforma ..., do sr. dr. ...-se menos ... S ... crime ...rém ... por depoi... que se en... do Torel, de aliena... verificam ...proximação ...mes a Polí... ente, a fim ...des faziam ...esca Dinamarca ...gua Castelo ... 17. (Pelo te... ...i lançado á ...eladas, cons... ...ais desta ci... ...le arrasto do ...endado pelo ...lhas de Fa... parte duma ...áqueles esta... para perma... ...a durante 60 ... de vinte mil ...a frota dina... ...me de «Lei...

exactas, apesar de correcções já feitas pelo próprio autor em algumas notas.

Por isso — e sem entrar na apreciação de conceitos e soluções preconizadas, nem sempre indiscutíveis embora sempre respeitáveis como opinião pessoal — afigura-se como indispensável esclarecer:

1.º) que para a reforma das Faculdades de Letras foram ouvidos os conselhos escolares (procedimento identico houve quanto á reforma do ensino de Medicina, Engenharia, Agronomia, Veterinária) e até individualmente cada um dos professores;

2.º) que os directores das duas Faculdades de Letras faziam parte da comissão incumbida do estudo da reforma do ensino naquelas escolas;

3.º) que da comissão incumbida de organizar o ciclo de estudos comuns aos liceus e ás escolas técnicas, criada por despacho de 3 de Dezembro ultimo, faz parte um representante da Direcção-Geral do Ensino Primário;

4.º) que da comissão, que estudou a reforma dos programas do ensino primário, e da secção da Junta Nacional da Educação, que apreciou esse estudo, faziam também parte professores do ensino secundário e um professor da Faculdade de Letras de Lisboa.

Aproveita-se ainda o ensejo para rectificar alguns numeros que, certamente por lapso tipográfico, saíram errados na nota 3 anexa ao artigo publicado no dia 7: assim onde se lê «o que representava um «déficit» absoluto, em relação ao numero de professores necessários de cerca de *12.000*» deve ler-se «*1.209*» e onde se lê «de entre cerca de 7.000 regentes de ensino mais de *12.000* estavam colocados em lugares que deviam ser preenchidos por professores» deve ler-se «*1.231*».

Reuniu-se hoje

o Curso de Letras de 1944-48

Num restaurante de Lisboa reuniram-se hoje, em almoço de confraternização, os antigos alunos da Faculdade de Letras do curso de 1944-48, entre os quais se contam professores do ensino universitário e liceal, escritores e publicistas como sempre sucede em reuniões de tal natureza (e esta trouxe a Lisboa antigos condiscípulos espalhados por diversas cidades do País), foram evocados os tempos saudosos da vida estudantil.

Comissão de Explosivos

Por ter completado 70 anos de idade, passando á situação de reforma, o coronel de artilharia José Mac Bride Fernandes foi exonerado do lugar de chefe da 2.ª delegação da Comissão de Explosivos. Em sua substituição, foi nomeado o coronel da mesma arma Mário Alberto Sardinha Pereira Coelho.

Foi nomeada uma comissão

para estudar as condições

do exercício da profissão médica

O ministro das Corporações e Previdência Social recebeu esta manhã, o bastonário e alguns membros do Conselho Geral da Ordem dos Médicos, a quem deu conhecimento de que o Governo, pela Presidência do Conselho e pelos ministérios das Corporações e da Saude, nomeou uma comissão para o estudo de problemas relacionados com o exercício da profissão médica.

Aquele membro do Governo comunicou ao presidente do Conselho Geral da Ordem os termos da portaria que constituirá a referida comissão. O diploma, que vai ser enviado para o «Diário do Governo», é do teor seguinte:

«A fim de estudar as actuais condições de trabalho médico, apreciadas em várias exposições e designadamente na exposição entregue ao presidente do Conselho pelo Conselho Geral da Ordem dos Médicos, manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo presidente do Conselho e pelos ministros das Corporações e Previdência Social, e da Saude e Assistência, nomear uma comissão constituida pelo secretário-geral da Presidência do Conselho, que servirá de presidente, e pelos vice-presidente do Conselho Superior da Previdência Social, presidente da Federação de Caixas de Previdência — Serviços Médico-Sociais e directores gerais da Assistência e da Saude, bem como por dois representantes da Ordem dos Médicos por ela designados.

A comissão, se o julgar aconselhável, poderá delegar em grupos de trabalho o estudo de quaisquer matérias da sua competência e proporá no final as soluções que lhe pareçam convenientes».

A Antárctida

forma dois continentes?

WELLINGTON, 17. — O Leste e o Oeste da Antárctida serão, talvez, continentes separados — segundo declarou o cientista americano Charles Bentley, que regressou á Nova Zelandia, após, ter permanecido durante dois anos no Posto Byrd.

Acrescentou que «poderá existir uma passagem, semelhante á do Noroeste do Árctico, sepultada pelo gelo». — (R.).

Descarrilou um comboio

e caiu um vagão no rio Tua

no qual seguia um homem que morreu

MIRANDELA, 17—(Pelo telefone) —Desde esta vila até á foz do Tua, a linha férrea que serve Bragança, capital do distrito, serpenteia ao longo da margem esquerda do rio, por vezes cortada a pique sobre o leito. Foi precisamente num desses locais, — no Tralhão — a via férrea assenta, em prodigios de equilibrio, sobre a rocha abrupta, que esta manhã, cerca das 11 e 30, descarrilou um comboio de mercadorias, que partira de Mirandela três horas antes.

Um dos vagões da composição caiu ao rio, arrastando na sua queda o guarda-freio José Lourenço, casado, natural de Nabais, que teve morte imediata.

Como atrás dizemos, o desastre ocorreu, perto de Tralhão — entre esta estação e a de Brunhedo — ao quilómetro 18.100, com o comboio de mercadorias 36.572, rebocado pela locomotiva E. 113, devido a ter-se partido o veio de uma carruagem. Esta descarrilou, dando lugar a que mais seis saltassem dos carris, uma das quais caiu ao rio Tua que naquele ponto corre bastante fundo, pelo que a mesma ficou submersa.

Devido ao acidente, a via férrea ficou interrompida, no local do descarrilamento, obrigando ao transbordo dos passageiros que seguiam noutros comboios.

Acidente de trânsito

em Paris

devido ao regelo

PARIS, 17.—Dezasseis pessoas sofreram ferimentos, mais ou menos graves, num acidente de viação, esta manhã, perto de Pontoise, onde devido ao regelo, houve um embate de dois autocarros.

Perto do aeródromo Bourget, um automobilista que se apeara perto de alguns carros com avarias provocadas, igualmente, pelo regelo, foi colhido mortalmente por um camião que não parou a tempo. — (France Presse).

A rainha da Holanda

sofreu hoje

um acidente de trânsito

HAIA, 17. — A rainha Juliana saiu hoje indemne de um acidente de viação. A soberana ia do palácio de Soestdijk para a estação de Utrecht, esperar a princesa Irene, de regresso de Val d'Isère, quando o seu automóvel embateu violentamente numa camioneta obrigada a fazer uma travagem brusca para evitar outro veículo. — (F. P.).

As operações

em Marrocos

contra os rebeldes

RABAT, 17. — O chefe do Governo, Abdalá Ibraim, partiu para Alhucmas, de avião, a fim de observar, pessoalmente, as operações militares que o Exército Real stá a desenvolver na costa mediterranica, contra os rebeldes do Riff. Acompanhado pelo vice-presidente do Conselho, Abderraim Buabid, reuniu-se com o príncipe herdeiro e chefe do Estado-Maior do Exército, Muley Hassan, no seu quartel-general de Tetuan e depois de sobrevoar o campo de operações, de helicóptero, os três aterraram em Alhuecemas.

Consta que os dessidentes, chefiados por Alamede Ameziane, continuam em pé de guerra, desobedecendo ao ultimato do rei Moamede V. — (A. N. I.).

VESTIDOS PARA MENINAS

Rua da Prata 94-96

Av. Guerra Junqueiro, 19-C

CAROCHINHA

PROF. MARCELO CAETANO

O professor Marcelo Caetano

é o novo reitor da Universidade Clássica de Lisboa

O novo reitor da Universidade Clássica de Lisboa é o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, que passa a ocupar, muito justamente, o mais alto cargo da hierarquia universitária, lugar para o qual o recomendam não apenas um prestígio político merecidamente conquistado, mas sobretudo os requisitos pedagógicos e sociais que nele concorrem para o desempenho de tão alto cargo.

O sr. prof. dr. Marcelo Caetano, cuja passagem pelas cadeiras do Poder foi assinalada por uma notável acção doutrinária e se impôs por uma rectidão, um espirito de tolerancia e uma coerência que todos lhe reconhecem, é um jurista eminente que tem ligado o seu nome a algumas das reformas mais relevantes que se têm levado a cabo nos ultimos tempos em matéria de Direito Administrativo e noutros ramos da estrutura jurídica do Estado.

O ultimo serviço que prestou ao País foi o estudo e coordenação dos trabalhos que haviam de constituir o II Plano de Fomento e que orientou superiormente, com uma inteligência esclarecida e uma dedicação sem limites pela causa publica.

A escolha do seu nome para reitor da Universidade Clássica de Lisboa não pode deixar de ser bem recebida tanto pelos seus colegas como pelos alunos, que passarão a ter no prof. Marcelo Caetano não só um reitor competente mas um amigo atento a todas as inquietações do seu espírito e a todas as emergências da vida universitária.

Um incêndio

deixou 600 pessoas sem lar

e deve ter causado muitas mortes

CONCEPCION (Chile), 17 — Um incêndio destruiu 60 casas de madeira, deixando 600 pessoas em abrigo.

Receia-se que dezenas de pessoas tenham morrido no fogo.—(F. P.).

Incêndios devastam florestas e carbonizam os gados

MELBOURNE, 17 — Cem mil voluntários tentam dominar 11 grandes incêndios e outros focos de menores proporções, no Estado de Vitória.

Em Rosebud, estancia de férias perto do mar, a cerca de 75 quilómetros ao Sul desta cidade, anunciou-se que um incêndio numa floresta avançava «como um expresso» na direcção de seis herdades onde se encontram preciosos exemplares de gado.

Outro incêndio, que abrange cerca de quilómetro e meio de diametro, causou a morte de 1.000 carneiros, alastrando por 4.500 acres de terras, a cerca de 50 quilómetros a Sudoeste de Melbourne. Aviões auxiliaram, ontem, os voluntários, quando as temperaturas subiram de novo em vários Estados para cerca de 37,8 graus.

Três ministros

e um subsecretári...

visitaram um novo centro ...

de férias da M. P...

Os ministros das Finanças, d... Obras Publicas e da Educação N... cional e o subsecretário de Esta... desta ultima pasta, visitaram es... tarde o novo centro de férias ... Mocidade Portuguesa, instalado ... forte de Catalazete, em Santo Ant... nio de Oeiras.

Excelentemente adaptado ao fi... a que se destina, como já tivem... ocasião de dizer, mercê da valio... colaboração do Ministério das Obr... Publicas, o forte de Catalazete, c... dido á M. P. pela Direcção-Geral ... Fazenda Publica, é um dos antig... redutos da defesa marítima de Li... boa e situa-se a cerca de 300 metr... da praia da Torre, em Oeiras. A... obras ali realizadas pela Direcçã... -Geral dos Edifícios e Monument... Nacionais, transformaram o vell... forte numa vasta e moderna res... dência juvenil, com capacidade p... ra perto de meia centena de rap... zes.

Cerca das 15 horas, os ministr... chegaram ao local, onde foram r... cebidos pelos srs. dr. Romão Dua... te, comissário-adjunto da M. P.; J... lio Barão da Cunha, secretário-in... pector; dr. Moreira da Silva, che... dos serviços de intercambio; rev... rendo dr. Alves de Campos, assi... tente nacional; e mais dirigent... do mesmo organismo. Depois d... cumprimentos e de demorada visi... ás dependências do novo centro ... férias, que também funcionará c... mo pousada de juventude, nos fi... de semana, e que inclui, além do... dormitórios, refeitório, cozinha, s... las de jogos e de leitura e balnea... rios, o rev. dr. Alves de Campo... benzeu o crucifixo que ali ficou in... talado.

Terminada a visita ao centro ... férias de Catalazete, que principi... rá a funcionar em Maio, os mem... bros do Governo e os principais d... rigentes da Mocidade Portugues... dirigiram-se á Quinta da Graça, n... Estádio Nacional, a fim de se inte... rarem dos melhoramentos ali e... execução.

A permanência ... de Franco

á frente dos destinos ... da Espanh...

MADRID, 17. — «Por motivos i... peratívos de justiça, o general Fran... é e será, enquanto a Providência q... ser, o chefe do Estado espanhol e ... caudilho de Espanha» — afirmou, n... meadamente, o general Alonso Veg... ministro do Interior, discursando n... acto da posse do novo governador ... vil de Sevilha, Hermenegildo Altozan...

«Quem não aceitar os princípios pr... clamados por Franco, está fora do m... vimento — acrescentou, depois de al... dir ás «tentativas infelizes da Rep... blica em Espanha». Salientou a impo... tancia da continuação do regime q... rejeitou essas tentativas, e lembrou q... o princípio 7.º do movimento proclam... a monarquia como instituição políti... «tradicional, católica e representativ... da nação.

«Assim, não pode haver equívoco ... — concluiu, acentuando que a lei ... sucessão em virtude da qual a mona... quia representa a forma política ... Espanha, «foi consagrada por um pl... biscito popular unanime». — (F. P...

AS TEMPERATURAS DE HO...

Temperaturas extremas regist... das hoje em Lisboa, até ás 15 h... ras: máxima, 14°,5; mínima, 7°... No mesmo dia do ano passad... máxima, 12°,8; mínima, 6°,4.

— Temperaturas observadas ás ... horas na Costa do Sol: na atmosf... ra, 9°,9; na água do mar, 13°,2.

...ma ...anos de ...hora

14 Passos ...anuel ...H1-28721 ...PORTO ...LISBOA ...91-30257

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXV — CECIL B. DE MILLE

Este formidável cineasta ainda é a figura mais popular de Hollywood. Lisboa teve ocasião de ver ainda há poucos meses uma das suas melhores obras: «Os Dez Mandamentos». Um dia, Cecil B. de Mille descobriu a possibilidade de encontrar assuntos dramáticos na Bíblia. Reacção dos directores, que logo advertiram o realizador de que nenhum filme de religião tinha dado até então qualquer lucro. Mas ele, com a sua larga visão, insistiu e o resultado foi que filme algum deu á Paramount proventos iguais ao «Dez Mandamentos».

* * *

Cecil B. de Mille tem vulgarmente, nos seus estudios, um exército de empregados, entre artistas, figurantes, aderecistas, electricistas, etc. Uma tarde, descobriu que uma espevitada rapariga segredava qualquer coisa a um camarada.

O cineasta, com voz autoritária, gritou:

— Venha aqui, você lá do fundo!

A pequena aproximou-se a tremer e só depois de muito instada contou ao patrão o que estava dizendo a seu respeito a um dos seus colegas.

— Eu estava dizendo: Tomára já que aquele «lanzudo» se lembre de que são horas de irmos lanchar...

Depois de uma breve expressão de pasmo do grande realizador, ele mandou os seus numerosos empregados merendar e não despediu a rapariga.

* * *

Uma tarde, na balburdia do estudio, disse a um dos seus assistentes:

— Numa das cenas deste filme, vamos meter um leopardo.

— Tenho um, muito bonito, embalsamado.

De Mille enfureceu-se: «O quê? Um leopardo embalsamado num dos meus filmes? Preciso que me arranje rápidamente um leopardo com três anos de idade!

E o assistente descobriu no jardim zoológico um leopardo, que teve de ser cloroformizado até ao momento de ser filmado.

* * *

Este De Mille que não frequenta clubes nocturnas nem «cabarets», não olha a grandes despesas, desde que delas possa recolher qualquer resultado psicológico ou publicitário.

Uma ocasião, a fim de vestir alguns artistas que interpretavam papéis de destague, Cecil mandou comprar uma enorme quantidade de brocado autêntico para a manufactura de mantos. Custava esse tecido duzentos dólares o metro, uma exorbitancia. No estudio houve protestos: «Como é que um espectador percebe se o brocado é verdadeiro ou se é uma imitação?

O realizador tranquilamente explicou:

— Não sabem os espectadores, mas sabem as minhas actrizes e isso é que me importa. Já pensaram na impressão que faz a uma artista usar um manto de brocado que custou três mil dólares? E' caso para ela desempenhar o seu papel o melhor que souber e puder.

* * *

Um dia, por uma camisa de noite enfeitada com chinchila, que Glória Swason arrastava pelo chão em breves minutos, pagou 1.500 dólares. Alguns jornais protestaram contra a prodigalidade inutil. Devido a esses protestos, a fita rendeu mais 250.000 dólares do que De Mille calculara...

Prova-se, portanto, que o experiente cineasta estava sempre dentro da razão.

* * *

Quando realizou «Cleópatra», Claudette Colbert tinha de pegar numa serpente durante a cena do suicídio.

A estrela arrepiou-se garantindo que nem por um milhão de dólares tocaria num bicho daqueles.

Cecil sorriu e apareceu junto dela com uma enorme serpente. Claudette gritou e tentou fugir. Então De Mille apresentou-lhe outra, que trazia escondida, e era muito pequenina. E logo a vedeta transigiu: «Esta sim. E' uma serpente-bébés. E fez a cena que ainda hoje muitos recordam.

* * *

Os princípios de Cecil De Mille, foram, como os de quase todos os grandes triunfadores, modestos. Ganhava vinte dólares por semana num escritório teatral em Nova York.

Resolveu um dia, com Samuel Goldwyn, então humilde vendedor de luvas, com um terceiro sócio, comprar os direitos de uma vila, que nessa altura tinha larga popularidade.

E partiram para o Oeste, a fim de aí proceder ás filmagens. Quando chegaram ao Arizona, o local escolhido, chovia desabaladamente. De Mille, dirigiu-se então para Los Angeles, e num local bucólico chamado Hollywood, alugou metade de uma cavalariça, á razão de vinte cinco dólares por mês.

Aí Cecil B. de Mille trabalhou. Estava descoberta Hollywood, a nova Meca do cinema, de onde têm saído tantas obras-primas. Ascensão gloriosa a deste homem notável, que ficará na história do cinema e bem pode ser cognominado o Pai de Hollywood.

L. R.

O PORTO pelo telefone

Uma fábrica de tabacos no Porto?

PORTO, 17. — Há já algum tempo que o mercado de tabacos desta cidade apresenta sérias deficiências por motivo da falta de certas marcas, justamente as mais procuradas. Essas faltas, que são tomadas como um certo desinteresse perante o comércio local e os fumadores nortenhos, determinaram o desejo de tomar uma posição que, de certo modo, corresponde a tal atitude. Assim, efectuou-se uma reunião dos mais importantes depositários de todas as marcas de cigarros nacionais, tomando grande vulto a ideia de se instalar uma importante fábriea no Porto, para o que já existem grandes capitais nacionais e estrangeiros, de forma a solucionar o problema.

Homem em perigo no mar

Na praia de Leça, esteve em perigo de se afogar o sr. Tomás Cardoso, de 32 anos, solteiro, residente na Travessa dos Dois Amigos. Retirado da água em estado de algidez, foi conduzido pelos bombeiros ao hospital de Matosinhos. Acontece, que há algum tempo, antes de cair ao mar, tinha sido conduzido pela Polícia, a casa de familia, visto dar indicios de doença.

Segundo comandante da P.S.P.

Por ter sido ontem promovido ao seu actual posto, foi hoje muito cumprimentado no seu gabinete o sr. major Correia Dinis, segundo-comandante da P. S. P., que há anos ali presta serviço.

Exposição de pintura

Na galeria Divulgação, foi esta tarde inaugurada uma exposição de pintura, na qual expõem os jovens pintores Joaquim Carvalho, Domingos Pinho, Alberto Guimarães e Justino Alves.

A exposição estará patente ao publico, até ao dia 31 do corrente.

A nova campanha

da frota bacalhoeira

Como é habitual, os capitães da nossa frota bacalhoeira reunem-se, com o capitão-de-mar-e-guerra Henrique Tenreiro, delegado do Governo junto dos organismos da pesca, para receber indicações técnicas quanto á próxima campanha. Essa reunião começa hoje, ás 18 horas, no pavilhão do Espelho de Agua, em Belém.

DISCOS
Mercury
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

O momento teatral de Paris

JEANNE MOREAU

(Continuação da 1.ª página)

tre, Anouilh, Camus, Salacrou e Marcel Aymé, dir-se-ia agora marcar passo no capítulo «temática», contentando-se com virtuosismos de processo, mas excelendo — valha a verdade — na *mise en scène* e na classe do desempenho. Sintomas, aliás, característicos dos períodos de pausa.

Após a decepção causada pelo «Don Juan» de Henri de Montherlant e a experiência, igualmente ingrata, de «Tessa» de Giraudoux, é o jovem Félicien Marceau, oriundo também do romance, o unico autor nacional que faz frente á vaga de assalto dos comediógrafos transatlanticos (se não tomarmos em conta os casos combinados e recombinados e, ainda assim, francamente menores, de Marcel Achard («Patate») e de André Roussin («Am Stram Gram»).

No entanto, a ultima das duas peças de Félicien Marceau — «La bonne soupe» (símbolo chulo do dinheiro num mundo em que os sentimentos se frustram e tudo, numa desesperadamente cómica conformação, se rende a esse Molloch de trazer por casa), essa comédia inegávelmente espirituosa repartida em dois actos e numa infinidade de quadros, que vêm deslizando sobre rodas pela cena imutável do presente, de modo a estabelecer-se o diálogo entre a evocadora e a evocação, nada nos diz de muito novo, sequer de revulsivamente comovedor ou fantástico: apenas evidencia uma singular astucia de construção. Num casino como muitos, um «croupier», o confidente, e Madame Marie Paule, a heroína. Depois, corporificando as lembranças, surge a Marie-Paule do passado e ambas se encontram em cena ao mesmo tempo, sendo Marie Bell a «femme de tête» do presente e Jeanne Moreau a sua antiga imagem: jovem pobre e ambiciosa, depois amante sem futuro e bem cedo prostituta barata, por força das circunstancias, «cocotte», dona de um bar, mulher um instante apaixonada, logo viuva de amor e enfim caçadora de maridos, senhora instalada na alta roda, até que uma conjura de circunstancias, no momento em que por generosidade «irregular» e fogo interior ela ia arriscar mais uma vez, a boa moral a repulsa desse ultimo meio para o território neutro dos «casinos», onde ela terá de arrastar o seu enfado da vida, sem excessivo dramatismo... e de visar mais uma vez, numa piscadela de olho... «la bonne soupe». Apenas isto.

A insistência caricatural no lugar-comum, na frase feita, é precisamente o que vivifica o diálogo e lhe dá uma forte qualidade dramática. Diálogo saborosamente cómico que revela o vazio das comédias sociais, no sentido em que todo o comportamento convictamente assumido é sempre até certo ponto uma comédia, seja ele o do homem de negócios respeitável e «altamente considerado» ou o do «barman» cioso do seu ofício. As imagens burlescas sucedem-se assim no palco, que é neste caso o cenário de um desfile retrospectivo, levando-nos, sempre com uma amarga ironia e com um poder de análise quase inaparente, mas no fim de contas crudelíssimo, desde a loja de alfaiate á casa de passe, á «boîte de nuit», aos sítios mais inesperados, sem que por tal a comédia perca um só instante em realismo e coerência.

A assinalar, dentro da inteligente encenação de André Barsacq, o êxito de Jeanne Moreau, célebre na tela, que pela primeira vez convence como grande artista de teatro.

* * *

«La dame de Monsoreau», apoteose romanesca de um Alexandre Dumas hábilmente rejuvenescido, faz-se notar, pela «mise-en-scène», na Comédie Française. O «Soulier de satin» de Claudel mais uma vez se impõe pelo arremesso lírico, com musica de Honnegger e indicações cénicas de gosto duvidoso, expressamente recomendadas, no texto, pelo autor: tudo isso no cenário de uma Castela barrocamente austera em que o misticismo desagrega os aluviões da carne e a transparente estesia, no seu curso para as fontes ocultas do amor divino. Dá que falar a encenação de «Rose de Noël» no Chatelet, obra artesanal de um feiticeiro do palco, Maurice Lehmann, o mestre do ritmo leve e turbilhonante. Depois do «Baron Massacre», de Audiberti, e do «Père Ubu», a que Jean Vilar deu impressionante relevo, Paris vê agora com uma curiosidade não totalmente desiludida o teatro social de Ugo Betti («Desprendimento no Cais Norte») e um inédito Garcia Lorca («Quando tiverem passado cinco anos»). Mais, porém, do que estas peças e do que as de Miller, de Brecht ou de Irvin Shaw, adaptado por Jean-Pierre Aumont («Lucy Crown»), o que ainda apaixona os intelectuais da vanguarda, irrita o burguês e lisongeia o paladar do homem de espírito, após três anos de espectáculos no teatrinho minusculo de La Huchette, é a sensacional parelha de peças em um acto de Ionesco: «La leçon» (A lição) e «La cantatrice chauve (A cantora calva). Vistas, porém, pela segunda vez (tal é o meu caso) essas experiências teatrais, entre o ensaio cerebral e o jocoso «vaudeville» denunciam fraquezas que o tempo lhes não perdoará. Se valem pela «loufoquerie», pelo dom de invenção — traço inesquecível dessa singularidade excelente das ideias é, por exemplo, o reconhecimento absurdo dos esposos Martin, sugerindo a solidão desesperante e desesperada dos seres comuns em meio das mais charras, moles e triviais rotinas —, há que reconhecer ao mesmo tempo as concessões de Ionesco a uma facilidade pirotécnica de palavra-puxa-palavra, que encandeia, mas não convence. Nem teatro psicológico, nem simbolista, nem social, nem surrealista, teatro ainda sem etiqueta, ilógico, inverosímil, «teatro de aventura», como tentou defini-lo Jacques Lemarchand, comparável ás fotografias sem legenda, ás anedotas do tipo «non-sens», o seu encanto todo feito de inesperado, de um misto de profundidade, de banalidade e de estranheza, prende, sem duvida, mas afigura-se-me, ao cabo, tão-sómente a entrada promissora de um caminho, válido, sim, mas apenas nesse plano de iniciação (e não esqueço a peça mais estruturada de Ionesco: «Comment s'en débarrasser», em que o cadáver, cujos pés crescem incomodativamente, representa—extraordinário achado—o cadáver do amor entre os esposos coabitantes e desunidos). E' claro que mais significa — dir-me-ão os «furiosos» de Ionesco — um passo incerto no escuro do que um sólido monumento estático em mortos estilos pretéritos. E em certa medida terão razão. Apenas constato a fragilidade dos materiais com que Ionesco anuncia, no seu mundo burlesco-trágico, o teatro de um amanhã muito próximo. Ionesco vale pelo após Ionesco. E já não será pouco.

Uma ultima nota apenas — e de aplauso incondicional — para um espectáculo fascinante de ritmo, de beleza espumante, de graça (sem maiores pretensões que a de fazer teatro, óptimo teatro). Refiro-me á «Donna di Garbo» («L'intrigante amoureuse») que se representa no Petit Théâtre de Paris. Um Goldoni esfusiante, brilhante, sublinhada e mescladamente subtil e truculento, encenado, com preciosos apontamentos de psicologia e de frivolidade, por Maurice Guillaud, com os mais deliciosos cenários e figurinos já de si interpretativos, e tendo a presidir a esse «ballet» risonhamente agitadíssimo a flexibilidade luminosa do talento de Suzanne Flon.

URBANO TAVARES RODRIGUES

DE LUTO

D. Conceição Sousa Gomes

No hospital da C. U. F., faleceu a sr.ª D. Conceição Sousa Gomes, esposa do sr. dr. Jaime de Sousa Gomes, cônsul-geral do Brasil em Lisboa, e cunhada do sr. dr. Henrique de Sousa Gomes, embaixador daquele país em Genebra.

O corpo da extinta, ficará depositado, numa urna, na igreja de Santos-o-Velho, até ser transportado para o Brasil, onde será sepultado.

Durante a noite de hoje o cadáver foi velado pelo embaixador e embaixatriz do Brasil em Lisboa, e por numerosos funcionários da Embaixada.

O «Diário de Lisboa» apresenta sentidas condolências aos srs. drs. Jaime de Sousa Gomes e Henrique de Sousa Gomes.

Manuel Pinto de Sá

Faleceu o sr. Manuel Pinto de Sá, de 73 anos, natural de Leomil, antigo empregado das C. R. G. E. e que se encontrava na situação de reforma por incapacidade, casado com a sr.ª D. Zélia de Jesus Finto de Sá, pai das sr.as D. Maria Isabel, D. Maria Virgínia, D. Aurora e D. Ermelinda Pinto de Sá e do sr. Henrique Pinto de Sá; sogro da sr.ª D. Ilda Pinto de Sá e dos srs. José Paredes Alves, Manuel Matias, Abílio Pereira Dias e Victor Alfaro Pereira Dias, linotipista do quadro tipográfico do nosso jarnal, a quem apresentamos sentidos pêsames.

O funeral realizou-se hoje, da igreja das Mercês para o cemitério da Ajuda.

Lino Joaquim

MAFRA, 17 — Faleceu, com 55 anos, o proprietário desta região, sr. Lino Joaquim, que era casado com a sr.ª D. Maria da Luz Correia, pai do sr. António Joaquim e tio da sr.ª D. Maria Aurora dos Santos e do sr. Armando dos Santos, ambos enfermeiros dos Hospitais Civis de Lisboa.

O funeral efectua-se amanhã, ás 15 horas, de Enxara dos Cavaleiros para o cemitério de Enxara dos Bispos.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

SUFRÁGIOS

D. Madeleine Horthy

Na capela da Escola Salesiana, no Estoril, foi hoje celebrada missa do 7.º dia, por alma da sr.ª D. Madeleine de Penglay Horthy, viuva do almirante Horthy, que foi regente da Hungria. A cerimónia religiosa, que decorreu no altar-mor, teve começo ao meio-dia e a assistência de vários membros da colónia hungara e de algumas entidades do corpo diplomático e particulares.

Capitão Mendes da Silva

Por alma do capitão de cavalaria Adelino Mendes da Silva, de sua esposa, sr.ª D. Natalia Vairinho da Cunha e Silva e de seu filho, Luís Filipe Vairinho da Cunha e Silva, foi hoje rezada missa de sufrágio na igreja dos Mártires.

Foi celebrante o padre Arnaldo Duarte, major-capelão do Governo Militar de Lisboa, e a cerimónia, oficiada no altar-mor, teve começo ás 11 horas. Estiveram presentes muitas pessoas da família e de amizade dos extintos, colegas do capitão Mendes da Silva e muitos sócios e colegas de sua esposa no Ginásio Clube Português.

Capitão dr. Manuel Gomes dos Santos

Amanhã, ás 11 horas, na capela da Ordem Terceira do Carmo, ao Largo do Carmo, realiza-se uma missa de sufrágio por alma do sr. capitão dr. Manuel Gomes dos Santos, promovida por seus amigos.

Continua no Tejo

a corveta «Ara-Beagle»

A corveta «Ara-Beagle», da Marinha de Guerra Argentina, que teve de arribar ao Tejo, por grave avaria nas máquinas, tal como noticiámos, continua atracada á doca da Marinha. O referido vaso de guerra, que navegava da Alemanha Ocidental, onde foi adquirido, para Buenos Aires, e que devia escalar as Canárias, só largará do Tejo na próxima semana.

Relatórios bancários

Elevam-se a 104.200 contos as receitas gerais do Banco Português do Atlântico em 1958

Prosseguindo na rápida e avultada expansão das suas actividades registou o Banco Português do Atlantico em 1958 uma ascensão considerável das suas posições. Consagra-se esse facto não só no acentuado progresso do volume dos seus depósitos, que se elevaram, em curva acelerada, de cerca de 1.810.000 contos no final de 1957 para mais de 2.250.000 contos no remate do ultimo exercício, como no crédito e confiança que a instituição vem merecendo em todos os sectores da vida económica e financeira do País. O relatório agora publicado assinala, por exemplo, que em todas as emissões de acções e obrigações de importantes empresas que solicitaram, para o efeito, a coadjuvação dos serviços do Banco, foi expressivo o êxito obtido na acção que este desenvolveu para a afluência dos investidores.

A conta de lucros e perdas do exercício findo atesta que as receitas gerais do Banco Português do Atlantico atingiram a notável verba de 104.183 contos, em paralelo com 83.839 no ano anterior. Os encargos gerais, por seu turno, somaram 83.533 contos, incluindo 24.432 de juros abonados em depósitos á ordem, a prazo e diversos, 22.481 de contribuições e amortizações, 2.562 de comissões abonadas aos correspondentes, 25.926 de encargos com o pessoal e 8.131 de despesas diversas de expediente. O saldo líquido foi de 20.667 contos, para ele propondo o conselho de administração o seguinte destino: 1.035 contos para Fundo de Reserva Legal, 4.500 para dividendos, 9.964 para Fundo de Reserva Variável, 2.000 para Fundo de Reserva de Obras e 3.167 para efeito do art.º 9.º do Estatuto e conta nova. Se esta proposta for aprovada pela assembleia geral, as reservas do Banco Português do Atlantico ascenderão a 83.000 contos, somando 158.000 o capital e reservas da prestigiosa instituição bancária

A apreciação do balanço geral revela a amplitude das funções do banco e o seu crescente papel na vida económica e financeira do País. O total do Activo elevou-se no final de 1958 a 6.404.749 contos Nesse montante incluem-se as verbas de 197.195 contos de dinheiro em cofre, 315.613 na conta de depósitos em outros bancos, 236.906 em contas de banqueiros no estrangeiro, 61.953 contos em carteira de títulos, 1.505.971 em carteira comercial e 129.332 em empréstimos caucionados, 286.513 em conta de devedores gerais e 15.671 em propriedades e instalações. Os valores depositados no banco totalizavam ao findar o ano 1.628.556 contos, os valores á cobrança 221.054 e as contas de ordem 1.705.208 contos. Registe-se, finalmente que os depósitos á ordem totalizavam em 31 de Dezembro findo 1.853.338 contos e os depósitos a prazo 402.614, no montante arredondado de 2 256.000 contos em conjunto.

O relatório administrativo assinala, também, que a expansão do banco, de tão evidente interesse para a economia nacional, se traduz no prosseguimento da abertura de novas delegações. Em 1958 foi posta ao serviço do publico a agência da Praça Martim Moniz, em Lisboa, devendo ser inaugurada outra, em breve, na Avenida da Republica e, provávelmente, na Estefania. No Porto vai ser instalada uma agência no Largo do Padrão. As obras de renovação do edifício da sede central estão quase concluídas, e a seguir serão iniciadas as de um anexo destinado aos serviços da secção de letras, no angulo das ruas de São Nicolau e dos Sapateiros, em Lisboa. O custo das obras e novas instalações tem sido amortizado regularmente.

O relatório inclui, ainda, detida exposição das características do panorama económico-financeiro nacional e mundial em 1958. Manifestaram-se neste ano, como ali se afirma, «as linhas tradicionais que vêm caracterizando o quadro financeiro português: estabilidade interna assente nos moldes clássicos e solvabilidade externa garantida por força dos acréscimos sucessivos registados nas reservas em ouro e disponibilidades em moeda estrangeira. As instancias governamentais, por seu lado, revelam-se firmemente decididas a ordenar, nos próximos anos, a política financeira de acordo com as exigências impostas pelo processo de desenvolvimento económico. Será em obediência a esse princípio que o sistema tributário nacional vai ser, no decorrer deste novo ano, profundamente refundido. Também as instituições de crédito foram objecto de recente regulamentação com a finalidade de as colocar á disposição da política de desenvolvimento. A par da anunciada criação dos bancos de investimento, é justo destacar a constituição do Banco de Fomento Nacional, o qual, detendo um capital de um milhão de contos e gozando da faculdade de manejar determinadas disponibilidades do Tesouro e tendo assegurado o acesso a instituições financeiras estrangeiras, se dedicará a operações de crédito a médio e longo prazo. Entretanto, o Governo da Nação, nas vésperas do termo do I Plano de Fomento, lançou as bases do II, após um estudo aturado acerca da estrutura económica do País, suas necessidades e potencialidades. O novo Plano, que representará a execução de um vivo programa de crescimento económico, vai importar num investimento de 30 milhões de contos, na Metrópole e no Ultramar, tanto em empreendimentos directamente reprodutivos como em infraestruturas».

No que respeita á valorização do Ultramar, em especial, não pode esquecer-se a importante missão assumida pelo Banco Português do Atlantico, pondo em marcha com apoio fundamental na sua capacidade financeira o Banco Comercial de Angola. Instituição bancária de crescente projecção na vida nacional, o Banco Português do Atlantico encara com segurança de meios e clarividência de fins a natural sequência da sua progressiva expansão.

Painel de azulejos policromados de Manuel Cargaleiro

Vida artística

Manuel Cargaleiro expõe na galeria «Diário de Notícias»

Disperso por numerosas exposições colectivas, Cargaleiro indicava sòmente a sua evolução. Esta mostra na galeria do «Diário de Notícias» revela-o na sua plenitude e acusa um estágio da trajectória de Cargaleiro.

Na geometria severa do rectangulo, Cargaleiro cria uma atmosfera cromática cheia de novidade. Não há aqui o auxílio do barro fantasiosamente modelado e sequer a facilidade técnica de uma cor prodigiosa e encantadora. Cargaleiro avança em profundidade e claramente, falando uma linguagem antiga e esquecida de pureza e quase primitivismo. E é nesse começo recomeçado corajosamente, neste não-consentimento do fácil ou do difícil já resolvido e entendido, nesta cor cinzenta, ofuscada, mesmo suja, nesta construção sólida e séria, jogada com acerto e cuidado, que situamos a validade destas obras de Manuel Cargaleiro.

A exposição tem unidade e coesão. E' uma linha contínua, que nenhum dos painéis quebra e fende. Revela-nos a presença de uma ideia base e de um clima unico. Quando entre nós se sente o domínio violento de Kandinsky e Mondrian ou se toma o «abstracto» como elemento decorativo, Manuel Cargaleiro utiliza-o na sua realidade exterior e interior. Há nestes painéis de Manuel Cargaleiro uma autenticidade rara, uma verdade toda á mostra, honestamente posta Os seus azulejos policromados são densos, de tons sombrios, onde arde uma chama abafada. Mesmo nos 9 e 10, onde se abre alguma claridade, sentimos essa tensão, a ameaça do crepusculo. O 16 é ritmico mas não estrangeiro ou rebelde. Uma sugestão de Vieira da Silva no 14 Muito belo, o 13.

Cada painel é «tour de force», precisa e nítida a sua espinha dorsal. As linhas, rectas ou curvas, desenham-se, largas e grossas, numa rapidez pensada. Não vemos aqui rimas ou mesmo contrastes. A composição é forte e intensa, ela-própria e mais nada, uma espécie de «blick-punkt» ou arquétipo. E' a essência da arte de Manuel Cargaleiro, que outros elementos por vezes satelizam, menos pessoais alguns, de Klee, por exemplo.

Manuel Cargaleiro é das figuras centrais da moderna ceramica portuguesa, com Jorge Barradas, este o iniciador, sensibilidade das mais apuradas e invulgares entre nós, o dos poéticos mundos verdes, criador de uma humanidade feminina de gestos e perfis quase helénicos e de uma outra flora estilizada, e com Querubim Lapa, em cuja obra arde o sol mediterranico, redondo e total, inventor de dimensões insuspeitadas, de cores mágicas e formas maravilhosas. A ceramica que, neste País, onde se exclamam tantas tradições vagas e historicamente suspeitas, é uma das autênticas, merecia mais atenção. Assim, por exemplo, cremos possível e até necessária a criação de um Museu da Ceramica Portuguesa, porque a ceramica não é subsidiária ou menor. Um museu vasto, de janelas rasgadas, bem situado e estudado, com espaço para expor tudo (sem «arrumações» medievais) numa disposição razoável. E além de um museu, a publicação de uma História da Ceramica Portuguesa e a criação de uma cadeira de ceramica nas Escolas de Belas-Artes de Lisboa e do Porto. (Não esquecemos a acção notável, nesta matéria, das Escolas António Arroio, em Lisboa, e Soares dos Reis, no Porto).

Aqui ficam as ideias marginais á obra de Manuel Cargaleiro, mas que, de certo modo, com ela se relacionam. — A. P. F.

Exposição de Arte Moderna, na Academia Alvarez

Está a despertar o mais vivo interesse, no Porto, o I Salão de Arte Moderna de 1959, da Academia Alvarez. Nove artistas: José Julio, Assumpção, Gonçalo Duarte, José Escada, Luís Jardim, António Areal, Benjamim Marques, Manuel Cargaleiro e Lagoa Henriques, expõem pintura, desenho, escultura e ceramica. No acto da inauguração, no dia 21, ás 16 horas, o nosso camarada de redacção e crítico de arte Artur Portela (Filho) profere algumas palavras. O pintor Jaime Isidoro, director da Academia Alvarez organiza um debate entre jornalistas e artistas do Porto e de Lisboa, deslocando-se para o efeito ao Norte os nossos colegas da Imprensa Corregedor da Fonseca (Filho), da «Republica», Alfredo de Margarido, do «Diário Ilustrado», e Manuel Magro do «Diário Popular», além da maioria dos expositores.

O prémio «Roque Gameiro»

O juri de atribuição do prémio Roque Gameiro», presidido pelo dr. César Moreira Baptista, secretario nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, e constituido pelos srs. arquitecto Mário de Oliveira e Joaquim Sellés Paes de Villas Boas, pelo Secretariado, e dr. José Julio Andrade dos Santos e Luís Dourdil, pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, na sua classificação dos trabalhos de aguarela expostos na Salão de Inverno, concedeu o referido premio ao dr. João Alves de Sá.

Exposição de Fernando Mendonça Alves

Amanhã, ás 12 e 30, inaugura-se, na sala de leitura da Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas do Parque, no Estoril, uma exposição de trabalhos em guache, do sr. Fernando Mendonça Alves, que estará patente ao publico, todos os dias, das 10 ás 22 horas.

Grupo de Jovens Artistas

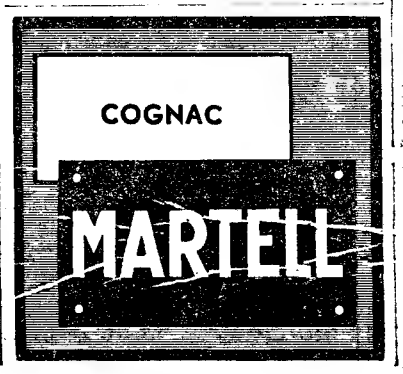
O subsecretário da Educação Nacional inaugura, ao fim da tarde, no Hotel Embaixador, uma exposição de pintura, desenho e ceramica do Grupo de Jovens Artistas, que já antes expusera na Estufa Fria.

Novo estabelecimento

Completamente remodelada, abre hoje ao publico, havendo, á tarde, um lanche, oferecido a numerosos convidados, a Leitaria Portugal, Ld.ª, da Avenida Almirante Reis, 34-B.

Vendia ao publico carne de burro por carne de cavalo

A fiscalização da I. G. A. entregou ao tribunal, o sócio-gerente da firma Brás & Duro, Lda., Albertino Faustino Duro, com talho na Avenida Defensores de Chaves, que se encontrava preso, acusado de fabrico de enchidos com carne de asinino, e venda da mesma carne, como se fosse de equídeo. Foi-lhe atribuída a caução de 15 contos.



Os efeitos do tabaco e os médicos portugueses

Sr. director do «Diário de Lisboa»: — O numero de 12 do corrente do jornal que V. muito dignamente dirige inseriu, sob o título acima, uma carta que necessita, a bem da verdade, um esclarecimento. Nela se estranha que *apenas um médico português*, o sr. dr. Montalvão Machado, de Setubal, tenha contribuido para a bibliografia portuguesa contra o uso do tabaco.

Ora num bosquejo rapidissimo, fora do qual ficarão certamente muitos de que não nos recordamos neste momento e ainda outros que naturalmente ignoramos, aqui fica, para conhecimento do publico, um pequeno rol de autores portugueses sobre a matéria:

José Evangelista Piçarra, «Breve estudo sobre o tabaco» (69 páginas, Lisboa, 1876); Francisco de Pina Vaz, «O tabaco e os operários das fábricas» (83 páginas, Porto, 1892); Alberto Telles, «Efeitos do tabaco sobre a alma ou sobre as manifestações transcendentes da vida, sua influência sobre a criminalidade, o suicidio, a morte subita, a loucura». (Traduzido do dr. Depiorris e distribuido gratuitamente, 32 páginas, Lisboa, 1904); Celestino Gomes, «É bom poupar a saude», (Lisboa 1953). Jornais: «Contra o tabaco» (orgão mensal da Liga Antitabagista Portuguesa, Lisboa 1919). Artigos: «Taxas de mortalidade nos fumadores» (Boletim do Instituto Português de Oncologia, Março de 1958); «O cancro e os fumadores», (id., 1950); «Tabaco e cancro» (id.); «Os perigos do tabaco» (id. 1957); «Nos Estados Unidos o medo ao cancro causa panico na industria do tabaco» (id. 1954); «Ainda o fumo do tabaco» (id. 1958); «Cancro do pulmão e outras causas de morte em relação com o uso do tabaco» (id. 1958); «O tabaco e o cancro» (1956); «O tabaco, o cancro e a justiça» (1954); «O tabaco e o cancro» (1952); Celestino Gomes, «O tabaco e o cancro» («Diário de Notícias», 1957). Este médico fez ainda há pouco, na televisão portuguesa, uma veemente palestra contra o uso do tabaco. Em 1914, o professor doutor Costa Sacadura, então director-geral de Sanidade Escolar, desenvolveu uma larguissima campanha contra o uso do tabaco, do álcool, etc., fazendo distribuir pelas escolas primárias muitos milhares de folhetos da sua autoria, jamais deixando daí para cá, de se manter activo no capítulo da higiene escolar.

Eis, sr. director, o que lhe pedimos o obséquio de publicar no seu jornal, a fim de, como é de justica, repor as coisas no seu devido lugar. De V. etc. — *Um médico da velha guarda.*

Curso de Transportes e Manutenção Auto

Integrada no Curso de Transportes e Manutenção Auto, para oficiais e sargentos, que está a decorrer no Grupo de Companhias de Trem Auto, foi efectuada pelos engenheiros dos Serviços Técnicos da Mobil Oil Portuguesa uma série de palestras sobre lubrificação, ilustradas com projecções fixas e filmes.

No final das sessões foram distribuidas aos participantes do curso publicações técnicas sobre lubrificação de viaturas.

Facilidades de fronteiras na Suiça

Um aviso do Ministério dos Negócios Estrangeiros torna publico que foram depositados os instrumentos de ratificação, por parte do Governo suíço, da convenção internacional para facilitar a passagem das fronteiras aos viajantes e bagagens, transportados por caminho de ferro, e da convenção internacional para facilitar a passagem das mercadorias transportadas por via férrea, ambos assinados em Genebra, em 10 de Janeiro de 1952.

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
TECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º — Telef. 862402
Envio á cobrança pelo correio
BATAS HOSPITALARES
PIJAMAS E CUECAS

Vida religiosa

Encontro universitário

No Instituto Superior Técnico, começam hoje de tarde os trabalhos do encontro universitário sobre a Igreja e a formação da juventude, organizado pela Juventude Universitária Católica, e no qual participarão algumas centenas de universitários católicos.

O primeiro acto efectuou-se ás 15 horas, com um serviço religioso na igreja de São João de Deus.

Ás 18 horas, no salão nobre do referido Instituto, efectua-se a primeira sessão plenária, em que usarão da palavra o presidente da comissão executiva do encontro e o professor Gomes da Silva, da Faculdade de Direito, que versará o tema «Família, Igreja e Estado na Educação». Seguir-se-ão quatro sessões parciais, em que serão analisados alguns aspectos da crise da juventude de hoje. A noite, haverá uma sessão cultural, preenchida com a exibição de dois filmes de formato reduzido, e com um recital pelos «Jograis de Lisboa». Presidirá á sessão o sr. bispo de Tiava, assistente da Junta Central da A. C. P.

Amanhã, ás 9 horas, na cripta do referido templo, haverá missa, e ás 18 horas a sessão de encerramento do encontro, presidida pelo sr. cardeal-patriarca de Lisboa.

O sr. cardeal-patriarca no colégio do Ramalhão

Está marcada para hoje de tarde, no Colégio de S. José, do Ramalhão, dirigido pelas Irmãs Dominicanas, uma sessão solene comemorativa do centenário da Associação Protectora de Meninas Pobres.

A sr.ª D. Eugénia Castelo Branco Alves Dinis, directora daquela obra, e as senhoras da direcção receberão o sr. cardeal-patriarca que presidirá á sessão, a qual será aberta, em nome daquele eminente purpurado, pela sr.ª D. Eugénia Castelo Branco Alves Dinis. O sr. bispo do Algarve, usará da palavra, assistindo também á sessão, além de muitas senhoras, as crianças protegidas por aquela prestimosa obra.

CARREIRAS AÉREAS

Novas rotas da S. A. S.

A S. A. S. inaugurará, no dia 15 de Maio, nas suas rotas de curso médio, o aparelho a jacto «Caravelle». Com a utilização deste novo avião, cuja velocidade é de 825 quilómetros horários, a S. A. S. fica com a maior rede aérea a jacto de entre todas as companhias de aviação.

São as seguintes as 14 cidades europeias que vão passar a ser servidas com este tipo de avião (ás quais se acrescentará em breve a cidade de Lisboa): Copenhague, Estocolmo, Helsinquia, Dusseldorf, Stuttgart, Munique, Viena, Praga, Budapeste, Genebra, Milão, Roma, Atenas e Istambul; no Próximo e Médio Oriente: Ancara, Beirute, Damasco, Bagdad Basra, Teerão, Abadan e Kuwait. A S. A. S. levará também os seus aviões «Caravelle» ao Cairo e a Khartoum.

No total, a produção que a S. A. S. vai oferecer durante o seu programa de Verão é de 2 biliões de lugares por quilómetro e de 230 milhões de toneladas por quilómetro.

A rede da S. A. S. passará a compreender 85 cidades, em 42 países dos 5 continentes.

Concurso de cartazes

de propaganda da Costa do Sol

A Junta de Turismo da Costa do Sol, abriu entre artistas nacionais, um concurso de cartazes alusivo á zona de turismo do Estoril. Os projectos devem ser executados no formato 1 × 0,7, para o máximo de seis cores, podendo os artistas jogar com a sobreposição de cores. O prazo da entrega dos trabalhos termina no próximo dia 20 de Março. Haverá três prémios no valor, respectivamente, de 5, 2 e 3 mil escudos.

Os interessados devem dirigir-se á Junta de Turismo da Costa do Sol, para tomar conhecimento de todo o regulamento do concurso.

EM LUGAR de comprar já feitas as tintas de água (plásticas) de que necessite, para interior ou exterior, compre «DEKOROL» e prepare-as a seu gosto. Economizará pelo menos 50 %.

Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ — Rua Rodrigues Sampaio, 55, 1.º — LISBOA — Telefone 5 00 36.

Notas sobre o Turismo em Portugal

Nem todos os turistas preferem o Verão...

A estatística, com as suas contigências de probabilidades, é fonte reveladora de realidades sociais e até psicológicas, que a observação directa muitas vezes não permite vislumbrar. Assim sucede com o turismo, como movimento humano em que as vontades, os gostos, as aleatórias possibilidades individuais não deixam de convergir para correntes mais ou menos estáveis, sobre as quais terá de debruçar-se a atenção dos responsáveis por uma eficaz política nacional nesse domínio.

À observação comum afigura-se, por exemplo, que os meses de Outono e Inverno são estações mortas para o movimento turístico e que só o final da Primavera e o Verão atraem os visitantes a este País do Sol. As conclusões a tirar daí seriam deformadoras dos nossos interesses nesta matéria, porque a realidade não as confirma. Há, de facto, uma afluência turística mais avultada nos meses estivais — mas há, também, um turismo de Outubro a Maio que cumpre não desprezar.

Em 1958, a estatística do turismo revela que foram 9.104 os visitantes em Janeiro, 10.050 em Fevereiro, 15.694 em Março, 24.044 em Abril, 25.676 em Maio, 24.784 em Junho.

Temos, assim, cerca de 110 mil turistas nesses primeiros seis meses do ano, que são por via de regra considerados de expectativa para as grandes afluências estivais. Logo a seguir, em Julho, vieram de facto 35.634 visitantes, em Agosto 44.912, em Setembro 30.116. Mas o movimento não cessa bruscamente com o final do Verão, posto que em Outubro de 1958 ainda entraram em Portugal 20.357 turistas e em Novembro 12.540.

E' curioso verificar, não só nos quadros estatísticos de 1958 como dos anos anteriores, que as preferências sazonais no turismo estão ligadas, de certo modo, ás nacionalidades dos visitantes. Os Espanhois, por exemplo, embora venham ao nosso País em maior numero no Verão, não deixam de afluir consideràvelmente nos meses de Inverno. Em Janeiro de 1958 estiveram em Portugal 2.629 visitantes dessa nacionalidade, em Agosto 7.810 e em Novembro ainda 4.254.

Os Franceses, pelo contrário, são flagrantemente turistas de veraneio. Em Janeiro do ano findo vieram apenas 817, em Agosto atingiram o numero de 15.753, em Novembro já foram apenas 870. Os Americanos também preenchem avultadas parcelas nos meses de Inverno: em Janeiro foi registado o ingresso de 1.587, subindo para 5.987 em Agosto mas elevando-se ainda a 2.139 em Novembro. Os Ingleses também preferem com grande frequência o Inverno para viajar. Em Janeiro de 1958 visitaram Portugal 985 Ingleses, em Agosto 3.065, em Novembro 994. Além das nacionalidades referidas, outras ainda ocupam importante lugar no turismo de Inverno: Alemães, Suecos, Suíços, Brasileiros, etc.

Em contrapartida, além dos Franceses, são típicamente turistas de Verão os Sul-Americanos não-Brasileiros, os Austríacos, os Italianos, e outros. Para eles precisará a organização turística e hoteleira portuguesa de preparar alojamentos, transportes, atractivos adequados. Seria oportuna, sobretudo, a propaganda das nossas esplêndidas praias, não só para estadias de luxo mas, muito principalmente, para veraneios de custo médio ou até modesto. De alguns Franceses temos ouvido que lhes fica muito mais em conta passar um mês nas nossas praias de São Pedro de Muel ou da Caparica do que quinze dias na Bretanha ou em Porquerolles.

Mas o turismo de Inverno também precisa de ser acarinhado—até porque, com muita verosimilhança é o que deixa mais largos proventos de divisas no País, por capitação dos visitantes. Nos países nórdicos, de intensos frios e brumas, ou nos países de Verão excessivamente quente, a amenidade normal das temperautras hibernais portuguesas pode constituir atractivo poderoso, se não lhe faltarem boa e prudente propaganda e condições de estadia agradáveis. Nem todos os turistas preferem o Verão — e as industrias que vivem do turismo precisam bem do apoio complementar do turismo de Inverno, como base de sustentação e equilibrio.

HOMENAGEM

ao visconde de Asseca

No dia 25, ás 15 horas, a Camara Municipal de Sintra, em sessão solene e publica, vai entregar ao sr. visconde de Asseca a medalha de ouro de Mérito Municipal, que lhe concede o titulo honorário de cidadão de Sintra.

A's 20 horas, promovido por uma comissão, efectua-se no antigo Casino daquela vila um banquete de homenagem áquele grande amigo de Sintra, que preside á sua Comissão Municipal de Turismo.

Desastre a bordo

de um cargueiro espanhol

AVEIRO, 17. (Pelo telefone). — Na Capitania do Porto de Aveiro, foi recebido um rádio de bordo do navio de carga espanhol «Cabo Menor» que navegava ao largo, no mar de Aveiro, e pedia socorro para um tripulante que havia sido vítima de um acidente e necessitava de hospitalizacão.

O comandante Silva Braga, ordenou a saída imediata do salva-vidas «Almirante Afreixo», que, pouco depois, recolhia e trazia para terra o sinistrado que rápidamente foi conduzido, numa ambulancia dos bombeiros á Casa de Saude da Vera Cruz, desta cidade, onde ficou internado.

Trata-se de Felix Martiñan Ferrero, natural de Villagarcia, província de Pontevedra, o qual foi vítima de queda, quando procedia a uma pintura na parte interior do barco, recebendo profundos golpes, principalmente num braço, provocados por um vidro sobre o qual se estatelou.

Como perdeu muito sangue, o seu estado inspirou em princípio sérios cuidados, mas está felizmente livre de perigo, devendo seguir nos próximos dias para o seu país.

PEIXE PARA LISBOA

Vindos de Cabo Branco, chegaram ao cais do Mercado de Santos, os arrastões «Alcácer» e «Alcoa», respectivamente com 76 e 75 toneladas de peixe, entre as quais vieram 68 toneladas de marmota e 57 de cachucho. O «Novo Horizonte» vendeu 1.109 caixas, com 46 toneladas, que renderam 261.483 escudos. Em lota, foram esta manhã vendidas 146 toneladas; e para a pesca largam hoje, o «Alguib», o «Altair» e o «Barbosa Barata».

Recenseamento eleitoral

da Fregesia do Socorro

Na sede da Junta de Freguesia do Socorro no edifício do Amparo da Rua da Mouraria, encontra-se em funcionamento a Comissão Recenseadora daquela freguesia, podendo a inscrição dos paroquianos não inscritos no Recenseamento Eleitoral, fazer-se todos os dias uteis, até ao dia 15 de Março, das 10 ás 13 e das 15 ás 18 horas, e ás terças e sextas-feiras, durante o mesmo período, também das 20 ás 21 horas.

Festa dos finalistas

do Colégio Militar

Os alunos que terminarão no próximo mês de Agosto o seu curso do Colégio Militar levam a efeito, hoje á noite, a partir das 21 horas, naquele estabelecimento de ensino, a tradicional festa, a que assistem pessoas das suas famílias, professores e convidados e que constará de baile até de madrugada e duma ceia.

Turismo espanhol

Da delegação do Turismo Espanhol em Lisboa recebemos uma volumosa demonstração do Plano de Badajoz e dos benefícios que trás aquela província, e ainda um exemplar da revista espanhola «Turismo» que se refere a Barcelona, seus jardins e flores.

Pedindo madrinha

Escreveu-nos, manifestando o seu desejo de ter uma madrinha, o soldado n.º 66/7, Celestino Reis Rodrigues Bento, do 1.º esquadrão do Grupo Divisionário de Carros de Combate, de Santa Margarida.

«SEMPRE FIXE»

«Franqueza» é o título da primeira página do «Sempre Fixe» desta semana, da autoria de Gomes Ferreira e alusiva ao foguetão enviado á Lua pelos Russos. E segue-se:

- Através da Estranja.
- A bem do peão.
- Um conto da Outra Banda.
- Boletim mentireológico.
- Doidos á solta.
- Laura Alves (entrevista telepática).
- Mexericos do Chiado.
- De pé atrás.
- Ar... cénico.
- Charivari.
- Conversa fiada.
- Secção mundana.
- O Sporting desmancha-prazeres.
- A página da bola.
- A página de João Benamor, que desta vez se intitula «Gatafunhos», além de inumeras caricaturas nacionais e estrangeiras.

NUNES CARTAXO, LDA.

Por escritura publica de 13 de Março do corrente ano, lavrada nas minhas notas, foi dissolvida, por mutuo acordo, a sociedade por quotas, de responsabilidade limitada, que girava na cidade de Lisboa, onde tinha a sua sede, sob a firma Nunes Cartaxo, Ld.ª, e que havia sido constituída por escritura de 21 de Maio de 1921, nas notas do notário, que foi, da comarca de Lisboa, António Tavares de Carvalho, com o capital de 10.000$00, que nunca foi alterado, e por tempo indeterminado.

Aveiro, Secretaria Notarial, 21 de Novembro de 1958. — O Notário, *João Carlos Henriques Tavares de Sousa.*

FESTA A FAVOR

da construção de uma igreja

A comissão que trabalha para a construção da nova igreja da freguesia do Sagrado Coração de Jesus, promove, no próximo dia 25, ás 15 horas, uma festa recreativa, no Pavilhão dos Desportos, com a apresentação do Grupo Infantil de Dança Regional de Santarém e o Grupo Académico de Danças Ribatejanas, que exibirão os seus numeros folclóricos, tão aplaudidos, não só em Portugal, como em Espanha e em França, da Banda das Oficinas de S. José, do acordeonista Fernando Ribeiro e do sr. Celestino Graça, que dirigirá artisticamente o espectáculo.

Os bilhetes, cujos preços são populares, estão á venda no Secretariado daquela igreja, na Rua de Santa Marta, nas Livrarias Católica, Rodrigues, Ferin, Santa Cruz, Alpha e Omega e Sampedro, e na bilheteira do Pavilhão dos Desportos.

O VOO DAS AVES

Em Mértola, uma ave conhecida na região por «Ferreira», que trás numa perna uma anilha de alumínio com os dizeres «Vogewart-Helgoland, n.º 9.093.342», foi apanhada por José Rodrigues Bomba, aluno do 2.º ano do Externato D. Sancho II.

PIANOS Verticais e de Cauda ALUGAM-SE Est. Valentim de Carvalho, Lda. 95, Rua Nova do Almada, 99 LISBOA

SAJA GRAVAÇÃO DE MÚSICA E VOZ

O SAJA MK4 é o primeiro gravador magnético que, á elegancia de acabamento e alta classe da moderna técnica alemã, alia um preço verdadeiramente acessível

COMPLETO: 4.980$00

SAJA MK5 completo: 6.750$00

Tempo de gravação 2×60 minutos — bobines de fita 350 metros — olho mágico — contador de voltas

Representante: A. ROCHA VIANA

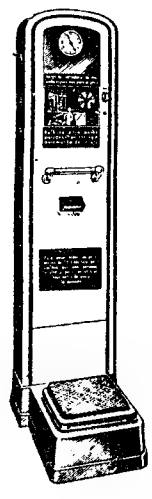
Distribuidores: LARANJEIRAS, IRMÃOS, LDA.

Praça da Figueira, 18, 4.º — Lisboa Telefones: 32712-24548

À venda nos bons estabelecimentos da especialidade

DISCOS Mercury AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

«KLEIN»



Balanças Alemãs p.ª pesar pessoas c/ saída de bilhetes; inversão positiva de capital s/ risco. Para entrega na próxima semana. Aceita inscrições A Lisboa, Lda., Rua Rodrigues Sampaio, 63. Telefone 48725.

OLIVETTI PORTUGUESA, S. A. R. L.

Para os devidos efeitos se rectifica o anuncio da sua constituição, publicado no «Diário de Lisboa», de 7 de Janeiro de 1959, declarando-se que também foi sócio fundador desta sociedade, o Sr. António Madeira. Com referência ao art.º 29.º se declara que a sua redacção completa é a seguinte:

Todos os anuncios que a sociedade tiver de fazer de harmonia com a lei portuguesa, serão, também publicados nos mesmos termos num jornal de Ivrea, quando a Assembleia ali se realize.

Lisboa, 16 de Janeiro de 1959.

O ajudt. do 13.º Cartório Notarial de Lisboa

Maria Silvina Sequeira dos Santos

ADULTOS 3.ª e 4.ª CLASSES ESCOLA DE ADULTOS Exames c/ diplomas garantidos L. CHÃO LOUREIRO, 1-2.º Tel. 862244 9 ás 23 h.

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

cento das calorias totais; as dos prótidos 10 a 12 por cento (14 para as crianças); as restantes são fornecidas pelos glucidos.

Quando o trabalho muscular aumenta, devido ás condições particulares da existência ou por influência dos climas frios, verifica-se maior necessidade de lípidos, que podem atingir 35 a 40 por cento das calorias totais. E o regime proteico poderá, nas condições acima referidas, ser enriquecido. A ração alimentar, presentes os dados fornecidos pela teoria, será arquitectada de acordo com os alimentos disponíveis e o preço dos mesmos no mercado livre.

Terá igualmente de assegurar-se, quando se pretende estabelecer uma ração tipo, a relação energia-prótidos; relação esta que constitui a parte activa e mais importante. Mas não é só esta relação que terá de ser respeitada; outra, a dos oligo-elementos minerais e orgânicos, é muito importante, tão essencial como a dos alimentos protectores.

A escolha deverá, porém, ser condicionada ao poder de compra e ás qualidades nutritivas particulares dos alimentos livres e disponíveis, não esquecendo que neles terão de estar presentes as quantidades necessárias de minerais, vitaminas e ácidos aminados.

Quase todos os alimentos possuem qualidades privativas e energéticas. Estão neste caso as féculas, os açúcares e as gorduras. Os prótidos, por exemplo, existem em maior quantidade nas carnes, no peixe e nas leguminosas. Os chamados alimentos protectores são: ovos, leite e frutas.

A culinária moderna, tal como sucedeu em tempos idos, impõe o uso (e não o abuso) de condimentos e gorduras animais e vegetais, olhando-se destarte mais ao factor psíquico do que próprianente ás necessidades vitais do organismo.

Este factor psíquico, ignorado durante largos anos, foi equacionado pelas experiências clássicas de Pavlow. Não tem, como erradamente se imaginou, só valor para os animais, pois possui também capital importância quando se estuda o homem através da sua humanidade. Tal factor exerce grande acção sobre o apetite. Daí a variedade, qualidade, preparação e indumentária dos alimentos.

A anorexia (falta de apetite) de muitas crianças filia-se, em geral — já o anotou F. Escardó —, na monotonia da ração diária. Ora, é precisamente nas crianças que os regimes monótonos são mais perigosos, ocasionando avitaminoses várias e outras doenças carenciais.

(A hiperglicemia, na hipnose, e a inibição da hiperglicemia, seguida á ingestão de doses maciças de açúcar, constituem dois exemplos clássicos, citados por numerosos autores).

O odor, o sabor, a temperatura dos alimentos, o isolamento ou a companhia durante as refeições, boa disposição, ausência de preocupações de maior monta, são factores importantes, todos eles podendo desencadear reflexos condicionados.

Por outro lado, o número de refeições é muito importante, assim como a sua contextura (mistas ou homogéneas), composição e variedade.

Do ponto de vista da quantidade, deve notar-se, á margem, que muitos dos alimentos perdem, durante a manipulação, parte do peso e valor nutritivo.

Os regimes alimentares destinam-se a fornecer ao organismo os materiais necessários á vida da célula. Sem eles, esta não poderá desenvolver-se e multiplicar-se. Tais materiais terão de chegar ao seu destino em quantidade que baste e nas melhores condições. Sabe-se que a composição e a estrutura das células são fixas, conhecidas. Frequente é ouvir-se falar em constantes celulares.

Nas animais superiores existe um intermediário entre os meios interior e exterior: o tubo digestivo. Qual a sua missão? Estabelecer uma ponte de passagem, isto é, amortecer o choque, fixar as diferenças entre os alimentos, estabelecer, enfim, o equilíbrio entre estes e as necessidades prementes do organismo.

A indumentária do homem e a temperatura do meio preservam do desgaste inútil das reservas alimentares.

Teremos ainda, prosseguindo a mesma orientação, de separar as dietas terapêuticas das simples precauções dietéticas, ligadas á higiene alimentar.

Quase todas as afecções exigem o estabelecimento de uma dieta adequada, ao presente cada vez mais divorciada do velho e gorduroso caldo de galinha ou da ingestão de leite de duas em duas horas.

Nas doenças carenciais, o problema a resolver não é muito difícil. Trata-se, em última análise, de corrigir o regime alimentar, através do qual se deve fornecer tudo quanto o organismo necessita. Se a afecção for lenta e tiver evoluído durante largo tempo, a alimentação do enfermo terá de ser progressiva e prudente.

O problema já é outro nas doenças nutricionais, devidas a alterações do funcionamento dos órgãos. Nas alterações do aparelho digestivo, cada caso particular exige sua dieta.

Na diabete pancreática, assim como na insuficiência ou hiperfuncionamento da tiróide, o regime é tão importante como a droga que se ingere. Situação idêntica se verifica nas afecções cardiovasculares e também nos doentes com queimaduras extensas, com fracturas, na convalescença das enfermidades infecto-contagiosas, nos doentes com febrículas (Marañón) e ainda nos tuberculosos, gotosos e artríticos.

A complexidade do problema é tão importante que todas as grandes clínicas e hospitais dispõem de pessoal médico especializado, além dos dietistas auxiliares. Todos os formulários da especialidade são compilados por médicos e dietistas. Os Ingleses chamam ás enfermeiras especializadas «sister in charge of Dietetics», alinhando, nos quadros administrativos, com os analistas, auxiliares de radiologia e de agentes físicos.

J. Brozek e A. Keys focaram, em trabalho recente, a importância do dietista numa bem organizada turma médica.

Foram estes estudos realizados para vigiar e proteger o homem que trabalha e o enfermo que sofre.

A obtenção dos alimentos foi sempre a origem de quase todos os conflitos, de mal-entendidos, de actos colectivos ou individuais de loucura, num mozaico de países cujas fronteiras são relativamente permeáveis.

Nem todos os países dispõem dos alimentos de que necessitam. Os esforços nem sempre resultam eficazes. Para além da vontade do homem, a temperatura, a humidade, as doenças das plantas e dos animais, as condições do solo, além de outros e muitos factores, condicionam a fartura ou escassez dos alimentos.

Na «Geografia da Fome» e na «Geopolítica da Fome», Josué de Castro chamou a atenção para a acuidade do problema, que é velho como as necessidades do ser humano, problema muitíssimo mais importante do que as idas-sem-volta, aos enigmáticos campos de atracção da Lua ou do Sol, idas-sem-volta que custam ao pobre homem da rua milhões e milhões de dólares, ou privações sem conta...

A. d'E.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

De qualquer maneira se apanha um criminoso

Texto integral do conto de

Dorothy Marie Davis

A' SUA esquerda ficava Red Buttes e, diante dele, para além do caminho que levava ao «Rancho Buttes», a estrada ia seguindo as curvas do rio, em cujas margens se perfilavam os choupos. Whitey Cass via-a, pelo retrovisor do carro, a mais de uma milha de distancia, mas ainda não descortinava o automóvel do xerife. Travou, meteu pela erva alta que se estendia até o rio; depois, parou o motor e abrigou-se no refugio constituído pelas copas dos choupos.

Calculara bem, como sempre. Daí a pouco viu elevar-se um remoinho de poeira: era o carro do xerife, que passava a toda a velocidade. E Whitey teve um sorriso zombeteiro. Fora o seu primeiro golpe daquela natureza, e tão fácil como tirar a chucha a uma criança. Depois da ultima proeza na cidade, escondera-se numa fazenda perto de Buttes, quando soube que passaria por ali o pagador da companhia ferroviária Silver Lake First National, com o dinheiro das férias. Aí estava uma boa ocasião que não ia perder!

Examinou tudo sobre a maneira de agir, sem deixar o mínimo pormenor ao acaso. Surpreendidos, os homens ficaram como que petrificados, e o jovem pagador, de olhos arregalados, caiu morto no chão, com a cabeça varada por uma bala. Whitey queria convencer de que não estavam a lidar com qualquer vulgar gatunóide. Os seus olhos cinzentos iluminaram-se-lhe ao abrir um cesto no assento ao lado, cheio de apetrechos para a pesca. Quem suspeitaria de um homem que se entretinha a pescar?!

Nunca pensara que o xerife tivesse um carro tão rápido como o seu. Mas quando, com os seus ajudantes, se lhes deparasse uma recta, logo veriam que ele saira da estrada, em qualquer parte. Contudo, a estrada tinha mais curvas do que rectas... Entretanto, iria buscar o cavalo que deixara no «Rancho Butte», naquela manhã, e embrenhar-se-ia pelos desfiladeiros. Meses depois, surgiria do outro lado deles o mesmo prospector barbado que se metera pelas montanhas com uma mula de carga e um cavalo, na Primavera passada.

Assim que pôs o motor em marcha surgiu uma manada de cavalos selvagens, ferindo as rochas com os cascos. Whitey, já de pistola na mão, compreendeu o que se passava e praguejou por se ter assustado daquela maneira. Deu uma larga volta com o carro e seguiu para o «rancho», levantando nuvens de poeira. Não podia evitá-las, embora fossem avistadas a muitos quilómetros em redor, anunciando o seu regresso. Long abriu o portão e Whitey levou o automóvel por entre as construções do «rancho» para ocultá-lo num barracão, assegurando-se de que ninguém ali se encontrava, a não ser Long, o qual lhe perguntou:

— Então, sempre conseguiu o que queria?

Sorrindo e pegando no cesto, Whitey respondeu:

— Consegui! Onde está o meu cavalo? Queria chegar ao acampamento antes de anoitecer.

Preocupava-se em não dar a impressão de quem anda apressado. Dirigiu-se para a cavalariça, passando a correia do cesto pelo ombro. Dali a vista alcançava até muito longe e ele pôde verificar a ausência do carro do xerife. O velho Long estava a explicar-lhe que pusera o cavalo a pastar, pois não o esperava de volta tão depressa. E até conseguir trazê-lo levaria mais de uma hora.

—É muito tempo! — exclamou Whitey, exasperado, mas não se demorou a argumentar. Olhou para os cavalos como entendedor e viu que nenhum deles convinha. Os cavalos, porém, eram cavalos. Os malhados e os castanhos davam muito na vista, quando se ia a fugir. E o cavalo «Isabel» também não servia pelo mesmo motivo.

— Tem de ser um cavalo preto! — disse.

— Há muitos no «rancho» — observou Long, começando a enrolar, pachorrentamente, um cigarro.

— Sele-me então, e depressa, um alazão!

— Que pressa é essa, patrão?

Os olhos do velho abriram-se de espanto, quando viu uma pistola apontada para ele.

— Hum! — resmungou e pôs-se a cismar nos motivos que levaram o patrão a meter-se por entre os choupos quando apareceu o carro do xerife. Que fizera ele para ter de fugir?

—-Vamos, ande depressa! — ordenou Whitey, pois as coisas complicavam-se e não queria deixar aquele idiota de maneira que pudesse dar á lingua.

— Está bem!—respondeu Long, pegando de um selim.

Whitey seguiu-o a caminho do cercado e viu um baio, animal pequeno, mas cujas linhas denotavam força e resistência. Estava deitado e meio adormecido ao Sol, mas via-se que era um bom cavalo.

— Sele esse! — gritou-lhe Whitey.

—Este não pode ser. É o «Sleeping Sammy»! Vou apanhar o alazão...

O nome do cavalo soou familiarmente aos ouvidos de Whitey, mas, de momento, não soube por quê.

— Espere! — impôs, furioso.

Era preciso não praticar qualquer erro: um cavalo veloz poderia significar a diferença entre escapar e sentar-se na cadeira eléctrica. A relutancia do homem despertou-lhe a curiosidade.

— Parece fatigado... — arriscou.

Aí é que ele engana, patrão! É muito manhoso. Ás vezes só desperta depois de sair o portão.

— É veloz?

—-Corre que nem um raio. Fie-se no que lhe digo!

— Sele-o!

— Mas, o alazão...

Whitey empunhou novamente a pistola, e o velho encolheu os ombros, resignado.

Via-se, ao longe, uma nuvem de poeira.

— Vamos! Depressa! — intimou Whitey.

Com o xerife ali perto, não convinha disparar já. Mesmo teria de lhe acertar em cheio na cabeça, e para isso o melhor seria depois de montar. Long pegou de um cesto com aveia e foi direito ao cavalo.

— Vai ver que com o «Sammy» não precisa das esporas!

O cavalinho baio estremeceu, ergueu a cabeça, rolando os olhos nas órbitas, e deixou que Long lhe passasse a mão cariciosa pelo lombo. O velho poisou o cesto com a aveia no chão e aplicou-lhe o freio. Por três vezes o cavalo se furtou ao selim.

— Não está acostumado a ver pessoas estranhas!... — disse Long, em voz desculposa —. Ou talvez seja o seu cesto de pesca. Os cavalos são animais estranhos. O melhor é eu tapar-lhe os olhos até o patrão montar.

Tirou o lenço do pescoço, fez com ele uma venda que colocou sobre a vista do animal e pôs-lhe o selim. Quando o automóvel do xerife chegou ao desvio que conduzia ao rancho, já o «Sammy» estava selado. O carro afrouxou junto do portão e depois prosseguiu no seu caminho. Whitey respirou fundo. Não lhe agradava a ideia de ter de lutar com o xerife.

— Segure-lhe a cabeça! — ordenou, saltando para o cavalo.

Agora, porém, o automóvel aproximava-se.

— Tire o lenço! — berrou Whitey.

Long tirou a venda ao animal e afastou-se logo. E o «Sleeping Sammy» largou a trotar, direito ao portão. Já era tempo, pois o xerife entrava, com os seus homens, na estrada. Whitey enterrou as esporas nos flancos do animal, que acelerou o andamento. Era a altura. Voltou-se no selim, apoiou a pistola no braço e apontou-a ao velho. Nesse momento, «Sleeping Sammy», enfurecido, deu um salto, empinando-se e curvando-se todo. Quando Whitey tornou a si, viu, através de muitas pernas de homens, o baio de aspecto dorminhoco a comer geranios perto da casa.

— Agora, esteja quietinho! — disse-lhe um homem novo, mostrando-lhe o distintivo.

— Bem me queria parecer que não há como um manhoso para apanhar outro manhoso!... — dizia o velho Long para o xerife.

Para Maria Maruja

De uma nossa leitora do «Magazine» recebemos 100 escudos para Maria Maruja. Agradecemos em nome da beneficiada.

Restaurante Cortador
OH! LACERDA
Avenida de Berna, 36-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cozido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.

VIDA MUSICAL

Estudio de dança de Wanda Ribeiro da Silva

Na próxima terça-feira, ás 21 e 30, no estudio de Wanda Ribeiro da Silva, Praceta Pascoal de Melo, 6, 1.º, o dr. João de Freitas Branco continua o ciclo de conferências dedicadas aos problemas da dança organizado por aquele estudio, proferindo uma palestra subordinada ao tema: «A dança como agente na evolução musical».

Círculo de Cultura Musical

Na segunda-feira, ás 21 e 45, no Teatro de S. Carlos, o violinista Ricardo Odnoposoff, primeiro prémio do Concurso Internacional de Viena e galardoado com o Grande Prémio Ysaye, em Bruxelas, dá o seu primeiro concerto para o Círculo de Cultura Musical. Odnoposoff, que será acompanhado pelo pianista Helmut Barth, interpretará obras de Vivaldi, Germiniani, Suk, e a «Sonata a Kreutzer», de Beethoven.

Em Lisboa, o segundo concerto de Odnoporoff realiza-se na próxima sexta-feira, no Tivoli.

«Prémio Conservatório»

No dia 21 do corrente, ás 22 horas, na sala de concertos do Conservatório Nacional, efectuam-se as provas do concurso para o «Prémio Conservatório», na disciplina de piano. E' candidata a aluna diplomada Maria Madalena Bello van Zeller, da classe de piano, do professor Campos Coelho.

Concerto no Pavilhão dos Desportos

Realiza-se amanhã, no Pavilhão dos Desportos, ás 14 horas, mais um concerto promovido pela Camara Municipal de Lisboa, com a colaboração da banda do comando da Guarda Nacional Repubicana. A entrada é livre e a banda executará, sob a direcção do maestro sr. cap. Alves Ribeiro, o seguinte programa: «Sinfonia n.º 6» (Patética), e «Casse Noisette» (Suite du Ballet), de Tschaikowsky; «Ribatejo» (Bailado), de Frederico de Freitas; e «Rapsódia Hungara n.º 2, em dó», de Liszt.

Vai produzir-se em Portugal
aparelhagem doméstica G. E.

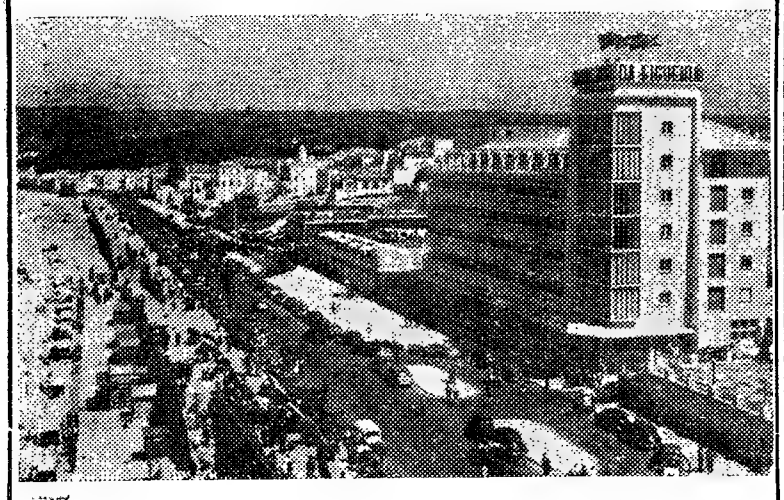
A exemplo do que fez em 1956, a General Electric Portuguesa vai, este ano, promover o 2.º Congresso dos seus agentes. Esta reunião efectuar-se-á no próximo dia 31, no Pavilhão da Feira das Industrias, sendo então apresentada toda a linha de materiais daquela empresa para o corrente ano. A apresentação da nova linha G. E., será amenizada com a actuação de Maria de Fátima Bravo, Maria Helena, José Viana, Raul Solnado, os bailarinos Yola e Paulo, seis «girls» e o conjunto de Shegundo Galarza.

Durante a reunião de hoje, em que um dos directores da G. E. P., sr. eng. Correia Vitorino, comunicou á Imprensa a data do próximo Congresso, foi também anunciado o propósito da General Electric Portuguesa de principiar, este ano, a produzir, em Portugal, ferros eléctricos, transformadores, radiadores, torradeiras, máquinas de lavar, ventoinhas, aspiradores, frigorificos e outras aparelhagens domésticas, para o que já tem autorização oficial. A produção deste material — em que se empregará apenas mão-de-obra portuguesa — começará brevemente, nas instalações que a G. E. P. possui no Lumiar, até que esteja concluido o grande centro fabril que aquela empresa pensa construir na zona de Oeiras.

Á reunião de hoje assistiram, também, os srs. dr. Montalvão Schmidt e Álvaro Belo Marques, respectivamente, director de vendas e chefe dos serviços de publicidade da General Electric Portuguesa, o ultimo dos quais, num brilhante improviso, agradeceu toda a colaboração que a Imprensa tem dado áquela importante oragnização comercial.

As Festas de Carnaval no GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA e no GRANDE CASINO PENINSULAR

nos dias 7, 8, 9 e 10 de Fevereiro de 1959, com a colaboração da Orquestra «**CAPITOL**», conjunto privativo do **Real Clube Náutico da Corunha,** que vem á Figueira exclusivamente para se exibir nos 4 dias de Carnaval, estão a despertar grande interesse



Propriedade da Sociedade Figueira-Praia — S. A. R. L.
Aberto todo o Ano
110 quartos todos com banho e telefone
Telefone n.º 22146 — Apartado 17
Figueira da Foz
Desconto de 20% nas diárias completas
— PROGRAMA —

No GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA

Dia 7 — ás 22 horas
Baile com traje facultativo e ceia
Dia 8 — ás 16 horas
Chá Dançante
ás 21 horas
Jantar á americana, com prémios em filigrana, para os 3 trajes de fantasia feminina, que o publico por eleição, classificará.

No GRANDE CASINO PENINSULAR

Dia 9 — ás 22 horas — Grande Festa Carnavalesca na qual a magnífica **ORQUESTRA ESPANHOLA,** exibirá o seu vasto repertório de baile.

No GRANDE HOTEL DA FIGUEIRA

Dia 10 — ás 21 horas — JANTAR À AMERICANA; com prémios em filigrana para os 3 trajes de fantasia feminina, que o publico por eleição, classificará.
Todas as noites é permitido o uso de mascarilha.
— RESERVA DE MESAS, CEIA e aposentos —

Foi recolhido
um sobrevivente do avião argentino que se despenhou com 52 pessoas

BUENOS AIRES, 17 — Os 47 passageiros e os 5 tripulantes afundaram-se com o avião que se precipitou, ontem, no mar, de 120 metros de altura, ao largo da costa argentina, frente ás termas do Mar da Prata—anuncia a companhia «Austral», proprietária do aparelho sinistrado. Foi desmentida a informação segundo a qual quatro passageiros conseguiram salvar-se a nado.

Na maior parte, as vítimas eram de nacionalidade argentina, algumas de origem judaica. Sabe-se, desde já, que se contam entre os mortos o cardiologista argentino dr. Eduardo Braun Menendez e o corredor automobilista Alvaro Piano. A bordo, estava uma criancinha de poucos meses.

O estado do mar e a ventania impediram que as brigadas de salvamento se aproximassem do avião que se encontra a 5 metros de profundidade, vendo-se fora da água apenas uma parte do casco. Um rebocador e um submarino que tentavam acudir aos sinistrados foram obrigados a desistir.

Contam testemunhas que os motores do avião, um «Curtis C 46», pararam quando o piloto se preparava para poisar. O aparelho foi arrastado para o mar onde desapareceu poucos minutos depois. — (F. P.).

*

BUENOS AIRES, 17 — Soube-se, esta manhã, que, pouco antes da madrugada, barcos de salvamento encontraram um sobrevivente, ferido, nadando perto dos destroços do avião de transporte que se despenhou no mar. Foi levado para um hospital e metido num pulmão de ferro.

Anunciou-se, também, que foram encontrados vários cadáveres. — (R.).

Foi encontrado
com muitos ferimentos o cadáver dum rapaz

AVEIRO, 17 — (Pelo telefone) — Foi encontrado morto, nos Areais de Vilar, nos suburbios de Aveiro, suspeitando-se que barbaramente assassinado, a julgar pelos multiplos ferimentos que o cadáver apresentava, o menor de 8 anos José Mário Guilherme Maio, filho de Teresa de Jesus Guilherme e de João Maio já falecido.

O José Mário, que saira de casa na quinta-feira, depois de regressar da escola, com uma seira para mendigar para os seus familiares, que vivem com muitas dificuldades, não foi mais visto desde cerca das 17 e 30 horas de anteontem, altura em que o avistaram pela ultima vez nas imediações da capela de Santa Eufemia do referido lugar de Vilar.

O cadáver foi encontrado numa trincheira aberta por soldados para abrigo, em exercícios dos recrutas, por algumas crianças que ali brincavam.

O caso foi presente na Secção de Justiça da P. S. P. que iniciou as necessárias diligências tendentes a descobrir o autor ou autores, e as causas do bárbaro crime.

Vida social

DR. BRAGA PAIXÃO

Durante um almoço íntimo na Embaixada da França, o sr. conde de Bernard de Menthon entregou as insígnias de comendador da Ordem da Estrela Negra ao prof. dr. Vítor Manuel Braga Paixão, director-geral do Ensino do Ultramar.

O acto desenrolou-se na presença dos srs. dr. Marcello Mathias, ministro dos Negócios Estrangeiros, contra-almirante Vasco Lopes Alves, ministro do Ultramar, professores Francisco Leite Pinto, ministro da Educação Nacional e José Caeiro da Mata e dr. Francisco Vieira Machado, antigos ministros, e o prof. Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura, Pierre Hourcade, adido cultural, Yves Roubaud, 1.º secretário, e Gerad Cavel, 2.º secretário.

CADERNO DE UM REPORTER

A Imprensa de Angola
cresce de importância ante si própria

por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Velhos amigos...

E' sempre com grande satisfação que desdobro os jornais de Angola e neles vejo reflectir-se a crescente importancia que, entre todas, adquire aquela valiosa parcela do nosso ainda vasto império ultramarino. E' que, com o dobar dos dias, ainda que insensivelmente, tudo se transforma, no seu lento progredir. Já hoje não são possíveis nem admitidas velhas verrinas nem cousas tipicamente coloniais. Reduz-se a importancia de certos assuntos, cresce a de outros e, assim, lado a lado, o caminho recomeça, todos dirigem seus passos para os velhos trechos existentes no seu campo-santo. Entre plataneiras havemos um dia de procurar descanso e inevitável repouco da ultima jazida. Então, poderemos ter a certeza de, em vida, ter recomeçado os dias assegurados para descanso perpétuo a todo o mortal que, nesses prados de repouso, tenha ajeitado, em vida, os quantos palmos de terra reservados á insignificante personalidade de cada qual. Não há nisto o prémio macabro e efémero a um concurso de modéstia mas sim o breve conclamar de possibilidades que a vida nos oferece e, dentro desta, a noção providencial e previdente, desde logo, que impede o bicho humano de berrar covardia ante o ignorado destino que o aguarda.

São Paulo tradicional

Prossegue o Município de Luanda, a edilidade, como se dizia ainda há anos, com seus laivos de grandeza metropolitana, na faina de aformosear o que, ainda há pouco, pertencia a uns quantos hortejos de vários habitantes mais cuidadosos. Pois tudo isso, já que se anuncia um empréstimo importante, vai desaparecer, uma vez que todos se empenham em dotar a velha cidade de ruas asfaltadas ou, não sendo tal possível, pelo menos paralepipedizadas (se há barbarismo pretensioso no neologismo, que nos perdoe o purista que tal leia) dando assim fim ás montureiras em que, ainda há pouco, abundavam na capital de Angola.

Não devemos esquecer, porém, que toda a razão têm os que pretendem enterrar a tradição tão famosa, mas mal cheirosa, de uma quadra que dizia:

Adeus! São Paulo de Luanda!
Oh! terras dos mil encantos.
Porcaria por todos os lados,
Negros por todos os cantos!...

Assim ainda a conheci, com seus pitorescos, não muito recomendáveis, a respirar «jindungo» nos temperos, e a dar, aos pratos de salada o sabor aperitivo e forte de uma coisa que vem a ser o mesmo mas que, de facto se chama «piri-piri»...

O elogio dos amigos

Eu sei que as coisas, actualmente, são já diferentes. Correram, deste então, mais de cinquenta anos. Começa a cultivar-se, mesmo entre nós, uma espécie de «saudosismo» angolano. E, embora tudo se tenha modificado, desde o valor das moedas até ao valor das instituições, tudo é diferente e, de um ponto de vista uniformemente patriota, tudo melhorou, já se vê. E' claro que, entre nós, também há o elogio de muitos outros primitivismos e, no entanto, tudo também mudou á nossa volta. Hoje uma coisa, amanhã outra, a verdade é que o valor estimativo das instituições e seus símbolos modificou-se e tornou-se outra fazenda, uma muito diversa fazenda. Já uma meia duzia de diários, um melhor outro pior, modificaram de baixo a cima, o quadro tradicional das cousas e, entre tudo, há que reparar que o sedativo maiusculo da melhoria converteu usos e costumes na aparência inamovíveis, em cousas muito mais fáceis de tragar. Também o espectáculo das ruas é já agora, outro, e muitas cousas outrora consentidas ou, pelo menos, toleradas, são hoje francamente um puro disparate ante uma geração sem duvida que melhor ou,, pelo menos, mais aperfeiçoada. Certas truculências antigamente consideradas puro jogo de Carnaval, têm agora o valor mínimo de rolelas de serpentinas ou qualquer outro jogo de «confetti» coloridos. Impuseram-se costumes mais morigerados e o sabor refrescante das águas correntes ganha e vence onde, ainda há pouco, só existia o vasto estanque do esgoto. Há cousas que, ainda há pouco, só se consentiam por simples tolerancia ou simulado aprazimento e, já hoje, aqui e em qualquer outra parte, se consentem como espólio indesejado de más tradições e ainda piores transmissões. Não estranhemos, pois, se a Polícia entra em cena e se impõe a sua autoridade, rude mas indispensável.

Importância crescente

Temos, portanto, de supor, na Imprensa de hoje, um acervo de importancia indispensàvelmente civilizada. Ela ainda é, no entanto, a eterna monitora, a indispensável força de correcção e de emenda que, embora em estado latente, existe em cada um de nós. E, assim, não devemos estranhar que, como em todo o corpo vivo, o crescimento prossiga para além da morte, signo convencional, e de resto, nem sempre assinalado nem sequer pela simples crónicas mundanas. Mais cuida o mundo dos vivos que dos mortos. A importancia destes é bastante restricta e desde os tempos já bastante esquecidos do grande terramoto que deu ensejo ao célebre marquês para se celebrizar, ao perguntar-lhe o rei, quando o encontrou três dias depois, que havia a fazer, responder, dificultosamente, cansadamente, que só uma coisa havia a fazer. «E qual seria?» — perguntava o rei, deveras apavorado, enquanto rodeava a vista pelos montes de ruinas. E o marquês, sacudindo a enérgica luneta: — «Senhor, uma só, ou seja, duas so, que restituam a paz a vossos vassalos?». — E que cousas são essas? — voltava a inquirir o rei. — «Senhor, respondia então, o ministro. — Elas são, neste momento, enterrar os mortos e cuidar dos feridos». Tão pouco? «Experimente, senhor, e verá que para pouco mais hão-de sobrar os meus dias, e há que proceder depressa e bem». — episódio que a história gravou em letras de aço mas que ficaram para sempre.

Reuniões científicas

Congresso de Saude em Harrogate

Efectua-se em Harrogate, Inglaterra, de 27 de Abril a 1 de Maio de 1959, um Congresso de Saude, organizado pela «Royal Society for the promotion of Health», e que será presidido por lord Cohen of Birkenhead. O congresso abrange as seguintes secções: Arquitectura e urbanização; Alimentação e nutrição; A higiene na educação; Saude e bem-estar da família; Hospitais; Organização de bairros; Higiene mental; Higiene profissional; Medicina preventiva; Irradiação; Higiene veterinária; e Saude mundial, incluindo higiene tropical.

Para informações mais pormenorizadas, escrever para: «The Secretary of The Royal Society of Health», 90, Buckingham Palace Road, Londres S. W. 1.

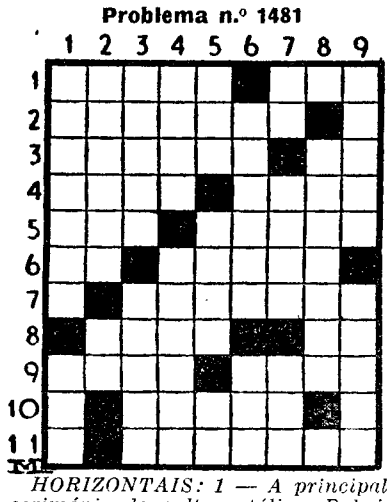
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1481



HORIZONTAIS: 1 — A principal cerimónia do culto católico. Debaixo. 2 — Tornei convexo. 3 — Em seguida. Preposição e artigo. 4 — Rezar. Portanto. 5 — Lista. Divertimento. 6 — Reis (abrev.). Aparelho para o suplicio da estrangulação. 7 —Reparara. 8—Rapa com as unhas. Preposição. 9 — Nome antigo dos governadores árabes de territórios da Espanha. O maior poeta trágico da Roma antiga. 10— Fronte. 11— Ausência de secreção salivar.

VERTICAIS: 1 — Letargo. Seguc. 2 — Antigos povoadores da Espanha. Entre nós. 3 — Paul. Livre. 4 — Transpiração. Aspecto do rosto. 5 — Além. Sovina. Nota de musica. 6 — Aguarde. Amarra. 7 — Pronome pessoal. Embuçada. Óxido de cálcio. 8 — Direi o que devem escrever. 9 — Carvão incandescente. Afia.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1483

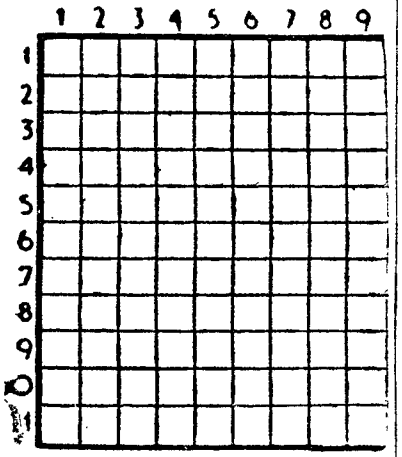
HORIZONTAIS: 1 — Cancela. 2 — Amacio. De. 3 — Lá. Candal. 4 — MAL. Cora. 5 — Ou. POR. 6 — As. MAL. Fé. 7 — NÃO. SE. 8 — Amar. Dar. 9 — Desate. Im. 10 — Ês. Tavira. 11 — Valerão.

ERTICAIS: 1 — Cal. Amadeu. 2 — Amamos. Mês. 3 — Na. Au. Nas. 4 — CCCL. Marata. 5 — Eia. Pão. Tal. 6 — Lençol. DEVE. 7 — Dor. Sá. Ir. 8 — DAR. Ferira. 8 — Hélade. Mão.

Provérbio: MAL POR MAL NÃO SE DEVE DAR.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 3553



HORIZONTAIS: 1—Frutos da videira. Esvaziar. 2—Ramagem. Tem conhecimento. 3—Chefe abissínio. Patroa. 4—Colocou Letra grega. 5—A maior ilha do Mundo. 6—Preposição e artigo. Avistei. 7—Empunhei. Compareciam. 8—Senhor. Rente. Cidade e Península da Cólquida onde desembarcaram os argonautas. 9—Matilha de cães correndo. Mamífero desdentado, espécie de tatu. 10—Suspendida. 11—Parte do Mundo a que pertence a Pérsia e a India. Desgraça.

VERTICAIS: 1—Cidade da antiga Caldeia. Cidade de França. Trabalho de sapador. 2—Traspassou. Queimas. 3—Misturas. Liguei. 4—Saudáveis. Corrida de toiros. 5—Figura. 6—Sufixo que designa abundancia. Prevenira. 7—Nome de uma flor. Tranquilidade publica. 8—Deitei a baixo. Enredo. 9—Nota musical. Árvore terebentácea. Lavrar.

Solução do problema n.º 3552

HORIZONTAIS: 1—Solstício. 2—Aria. Maço. 3—Amorosa. 4—Eva. Tia. 5—Vara. Leso. 6—AC. El. 7—Ema. Vós. 8—Cl. Má. AC. 9—Avia. Roia. 10 — Sair. Acre. 11 — Ásia. Moas.

VERTICAIS: 1—Sá. Evo. Casa. 2—Orava. Elvas. 3—Limaram. III. 4—São. Açamara. 5—Ré. 6—Imo. Levaram. 7—Castelo. Oco. 8—Içais. Saira. 9—Oó. Aos. Cães.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO J — Benfica—Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91, Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725413; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência—Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego), Tel. 77034; Sagres—Av. Luís Bivar, 69-71 Tel. 47213, Latina Av. António Agusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; Sa da deira, 36, Tel. 41961; Fonseca—Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Ld.ª—Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta—Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38-A-39, Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque, RSV, Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B, Tel. 723965; Antolin, Ld.ª — Avenida Almirante Reis, 88-B/C, Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; Salutar — Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade), 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Águas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia, 514, Tel. 687949; Linaida—Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento, 380-382, Tel. 662162; Neves, Suc. — Rua da Bela Vista, á Lapa, 37, Tel. 661251; Higilux—Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Tel. 638256; Botanico-Química, Ld.ª — R. da Junqueira, 38-40, Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Açoreana — Largo do Conde Barão, 2, Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto, 71, Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Tel. 46490; Salix, Ld.ª — Rua Barata Salgueiro, 54, Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18, Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220, Tel. 21342 — A —

EFEMÉRIDES

No dia 17 de Janeiro de 1706 nasceu Benjamim Franklim, inventor do pára-raios.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÁS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—No continente português o vento era fraco, o céu estava muito nublado nas regiões a Norte do Tejo, e pouco nublado a Sul deste rio, por acção duma massa de ar transportada na circulação dum anticiclone centrado sobre a França.

Temperaturas ás 9 horas: Bragança 1°; Penhas Douradas, 2°; Porto, 5°; Lisboa, 7°; Faro, 10°; Ponta Delgada, Funchal e Portalegre, 15°.

PREVISÃO ATÉ ÁS 21 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ—*Nas regiões a Norte do Tejo* — Céu geralmente muito nublado, períodos de chuvisco vento fraco a moderado de Sueste.

Nas regiões a Sul daquele rio — Céu pouco nublado, vento fraco. Pequena subida de temperatura

MEIAS FINAS
OS MELHORES PREÇOS
SÉCIA
BOUTIQUE
31 — Rua da Conceição
Telefone 30546 — LISBOA

HÁ TRINTA ANOS

«Teremos brevemente carreiras aéreas para Paris», era o título de uma entrevista que com o director dos Serviços Aéreos Portugueses, sr. António Eça de Queirós, publicava o «Diário de Lisboa» no dia 17 de Janeiro de 1929. Os S. A. P. haviam solicitado concessões de voo, utilizando serviços de outras companhias, e assim exploravam já a de Madrid com aviões da Union Aerea Espanhola, e preparavam a linha para Angola e Moçambique em acordo com a Sabena, que tinha já a linha Roma-Elizabethville, de onde se faria a ligação com as duas provincias portuguesas.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 30: Rádio rural; 18 e 50: Trechos de opereta; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Emissão infantil; 19 e 50: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir? 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Viola espanhola; 21 e 30: Conjuntos vocais; 21 e 45: Serão para soldados, realizado na Ota. No intervalo: Vozes do Mundo; 21 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara, em que colaboram o violoncelista Celso de Carvalho e a pianista Maria de Lourdes Alvares Ribeiro. No intervalo: Temas portugueses pelo prof. Mário de Albuquerque; 20 e 49: «Motete», de Bach; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos de ópera: «A Noiva Vendida» de Smetana; 21 e 45: Musica sinfónica; 22 e 25: «Oito canções tradicionais espanholas», num arranjo de Torragó; 22 e 45: Que quer ouvir; «Sonata n.º 14 em dó sustenido menor, op. 27, n.º 2», de Beethoven; «Sinfonia n.º 5, em dó menor, op. 67», de Beethoven; e «Ivan o Terrível», de Rimsky-Korsakow; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 30: Variedades; 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canconetas; 23: Concerto; 23 e 30: Dario Moreno; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

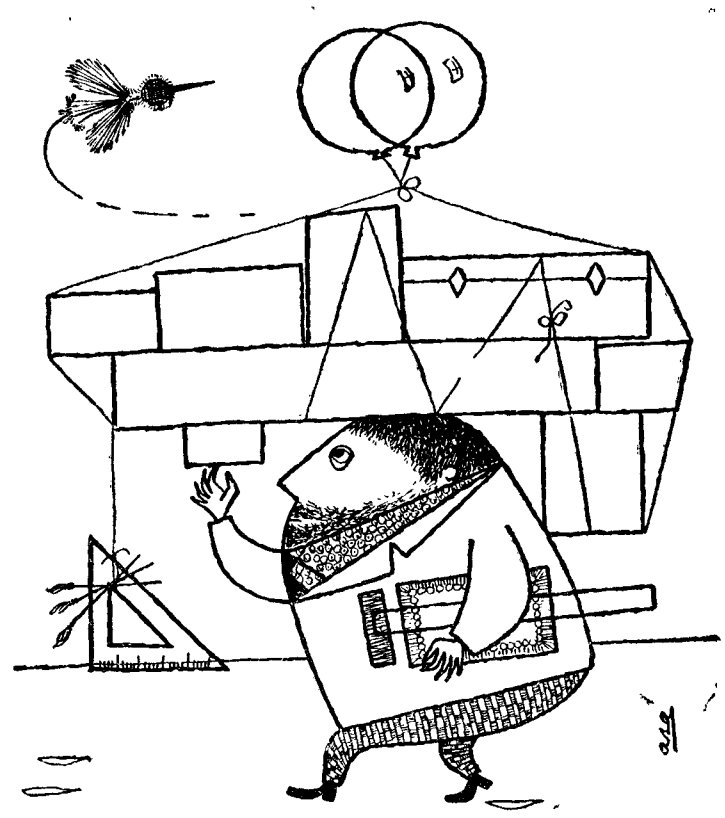
Estação de Miramar — A's 18 e 15: Paisagem infantil; 18 e 30: Canconetas; 18 e 45: Recital de Cruz e Sousa; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Canta Patachou; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Retiro do Patrício; 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França Horizonte do Mundo; 19 e 45: Vozes portuguesas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Ecos de Espanha; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 55: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, jornal de actualidades internacionais; 21 e 20, «Puericultura»; 21 e 45, «Teledesporto»; 22 e 10, «A pensão da D. Esperança»; 22 e 45, «Na rua e na estrada»; 23, «Cinema 59»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho da emissão.



UMA AJUDA...

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS

Decreto n.º 8719, de 17 de Março de 1923.

ARTIGO 1.º — O imposto sobre a aplicação de capitais, criado pelo artigo 35.º da lei n.º 1.368, de 21 de Setembro de 1922, incide, *tanto no continente como nas ilhas adjacentes*, sobre os rendimentos de qualquer das proveniências mencionadas nas duas secções A e B em que o mesmo imposto se divide.

SECÇÕES A E B INCIDÊNCIA DO IMPOSTO

Lei n.º 1.368, de 22 de Setembro de 1922.

.....

ARTIGO 35.º — E' criado um imposto que se denominará «Imposto sobre a aplicação de capitais» que incidirá sobre os rendimentos a seguir discriminados, classificados em duas secções:

A) Na secção A ficam compreendidos os rendimentos sujeitos actualmente á contribuição de juros, continuando a observar-se, quanto ao novo imposto, a lei de 18 de Agosto de 1887 e demais legislação aplicável, *extensiva ao continente da Republica e ás ilhas adjacentes*, salvas as modificações introduzidas por esta lei.

B) Na secção B ficam compreendidos:

1.º — Os dividendos ou lucros sob qualquer outra designação atribuidos a acções de sociedades anónimas ou de comanditas por acções;
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.º 1.º.

2.º — Os lucros dos sócios, não gerentes, das sociedades por quotas;
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.º 2.º.

3.º — Os lucros dos sócios comanditários das sociedades em comandita;
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.º 3.

4.º — Os juros de obrigações emitidas por qualquer sociedade ou empresa e os juros dos suprimentos feitos pelas mesmas entidades ou os depósitos que lhes sejam confiados;
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.ºs 4.º a 6.º.

5.º — Os juros de empréstimos emitidos por corpos ou corporações administrativas;
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.º 7.º.

6.º — Outros lucros ou rendas que derivem da simples aplicação de capitais, sobre os quais não incida a contribuição predial ou a contribuição industrial, ou que não estejam compreendidos na secção A) deste artigo.
Decreto n.º 8.719, art.º 44.º, n.º 8.º.

ARTIGO 41.º — Ficam compreendidos nesta secção:

N.º 8 — Quaisquer outros lucros ou rendas que derivem da simples aplicação de capitais e que não estejam compreendidos na secção A.

SECÇÃO B. — Cessão de quotas sociais em sociedades comerciais por valor superior ao valor nominal.

Não é devido imposto de capitais pela diferença entre o seu valor nominal e o valor real.

Consultar: «Diário do Governo» n.º 94, de 22 de Abril de 1957, Rec. 13.633.

Anotações — Ainda mesmo que se verificasse essa pretensa vantagem — não representando o valor da cessão com exactidão o valor real da quota cedida, função do património liquido da respectiva sociedade —, isso não constituia rendimento, renda ou juro surgente da simples aplicação de capitais, caso em que seria de aplicar o invocado artigo 44.º, n.º 8.º, do Decreto n.º 8.719.

Acórdão de 11 de Julho de 1956.

Os bónus de consumo distribuidos aos sócios não representando um lucro mas uma restituição não estão sujeitos a manifesto.

Alberto Carrapatoso, Código do Imposto sobre a aplicação de capitais, p. 76.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».
MONUMENTAL — A's 21.45 — «Gigi».
AVENIDA — A's 21.45 — «O fim do caminho».
MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».
VARIEDADES — A's 20.30 e 22.45 — «Com jeito, vai !».
TRINDADE — A's 21.45 — «Um homem só».
A B C — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».
COLISEU — A's 21.30 — Nova Companhia de Circo.

CINEMAS

TIVOLI — «A pousada da sexta felicidade».
SÃO LUÍS — «O homem de palha».
SÃO JORGE — «A verdade nua».
IMPÉRIO — «Amor de jornalista».
EDEN—«Raparigas de uniforme».
POLITEAMA — «Três encontros com o destino».
CONDES—«O cavaleiro da Torre».
ODEON — «Drogas que matam».
ROMA — «Crepúsculo no oceano».
AVIS — «Abbot, Costello, e a múmia».
MONUMENTAL — «A mulher que viveu duas vezes».
ALVALADE — «O homem de palha».
OLIMPIA — «Entardecer sangrento».
IDEAL — «Sangue no deserto».
RESTELO — O médico e o charlatão».
PROMOTORA — «Dom Quixote».
CAMPOLIDE — «O conquistador».

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

Não se podem prever

os resultados do encontro de hoje

entre Eisenhower e Mikoyan

WASHINGTON, 17 — Os observadores diplomáticos têm a impressão de que o vice-presidente do Conselho da U. R. S. S., Anastas Mikoyan, não apresentou qualquer elemento novo e concreto capaz de fazer sair o problema de Berlim da situação em que se encontra. Já o mesmo parece não suceder quanto ao problema da Alemanha em geral, embora o Governo russo continue a não aceitar o princípio das eleições livres como método para a reunificação daquele país.

A discussão do problema alemão foi o principal dos três objectivos do estadista soviético nesta visita aos Estados Unidos. Os outros dois eram a elaboração de um relatório geral sobre a nação americana e o começo de negociações para a intensificação das trocas comerciais russo-americanas.

E' evidente que o problema alemão dominou as conversações de ontem. Estas foram, porém, alternadas com outras questões de interesse puramente americano-russo e, nomeadamente, o alargamento das permutas comerciais e a sorte dos onze aviadores americanos desaparecidos na Arménia soviética. Mesmo se nenhum elemento sensacional vier encerrar as conversações, é evidente que estas terão sido uteis e que, em certa medida, terão desanuviado o ambiente, permitindo encarar a possibilidade de negociações a nivel mais elevado.

Os aliados dos Estados Unidos foram mantidos ao corrente destas conversações, as quais, segundo fonte oficial americana, não devem ser tomadas como negociações, mas como simples troca de pontos de vista.

O secretário de Estado, Foster Dulles, e Mikoyan conferenciaram ontem, de manhã, durante duas horas e meia. Mas isso não bastou para tratar de todos os assuntos em vista, e foi preciso marcar para á tarde nova reunião, que não estava prevista no programa. Os dois estadistas, contando com a conversação de há dez dias, estiveram reunidos cerca de dez horas. Mesmo que se tenha em conta o facto de haver necessidade de intérprete, ambos trataram muitos problemas e alguns deles em pormenor. Contudo, as quatro horas de conversação que depois tiveram parecem não ter permitido qualquer progresso real. Parece não se ter materializado a possibilidade de novas sugestões russas, que se admitiu quando o secretário de Estado americano admitiu haver outros métodos além das eleições livres, para se conseguir a reunificação da Alemanha.

No entanto, as conversações de Mikoyan não terminaram ainda. Continuaram durante a noite, com Foster Dulles, durante e depois do jantar que este ofereceu ao estadista russo no «F Street Club». E Mikoyan visita hoje o presidente Eisenhower. Por conseguinte, não se pode rejeitar a hipótese de o estadista russo, numa dessas não raras reviravoltas da diplomacia soviética, vir a apresentar algumas ideias novas. Mas seja como for, parece assente que as conversações de ontem no Departamento de Estado foram improdutivas.

Só depois de terminadas as conversações de Mikoyan em Washington se poderá obter uma impressão mais profunda do resultado conseguido. Estas trocas de impressões entre o estadista russo e os dirigentes americanos, certamente não foram inuteis, ainda que o desanuviamento internacional não seja, desde já, tão acentuado como seria de desejar.—(F. P.).

A opinião de Nixon

WASHINGTON, 17 — Depois do jantar oferecido, ontem, pelo secretário de Estado, Foster Dulles, ao vice-primeiro-ministro soviético, Mikoyan, o vice-presidente, Richard Nixon, declarou aos jornalistas poder afirmar que não fora feita, durante o jantar, qualquer nova sugestão soviética, acrescentando, porém, terem sido examinados vários problemas mundiais e que a questão de Berlim se mantinha no mesmo pé, sem a menor alteração.

Disse que, na sua opinião, nada permitia pensar que o «leader» soviético fizesse qualquer nova proposta na sua conferência, hoje, na Casa Branca, com o presidente Eisenhower. E afirmou: «A não ser que se dê qualquer alteração, dentro das horas mais próximas, não se crê provável que Mikoyan sugira ao presidente dos Estados Unidos uma nova forma de abordar os problemas».

Pelo seu lado, Foster Dulles disse que, no dia de ontem ou durante o jantar, o problema do reembolso das dívidas soviéticas aos Estados Unidos, não fora nunca abordado. Recusou-se, no entanto, a fazer qualquer declaração, limitando-se a dizer que as conversações continuariam hoje. — (F. P.).

A liquidação das dívidas de guerra da Russia aos E. U.

WASHINGTON, 17 — O diplomata russo Alexandre Saldatov, que faz parte da comitiva de Mikoyan, declarou que a Russia está pronta a liquidar a dívida de 11 biliões de dólares aos Estados Unidos, proveniente dos fornecimentos efectuados durante a segunda Guerra Mundial, ao abrigo da lei de empréstimos e arrendamentos.

Falando aos jornalistas, depois do banquete oferecido, ontem, a Mikoyan pelos membros da comissão senatorial das Relações Externas, o senador Hubert Humphrey disse que, tendo-se sentado ao lado de Alexander Soldatov, o qual desempenha o cargo de director da Repartição dos Negócios Norte-Americanos do Ministério dos Negócios Estrangeiros soviético, lhe perguntara quando é que a Russia tencionava pagar aos Estados Unidos as dívidas de guerra, tendo recebido a seguinte resposta: «Estamos prontos a liquidá-las em qualquer momento». — (A. N. I.).

Na sua ultima conferência de Imprensa, Dulles realirmou a garantia á Russia da impossibilidade do ressurgimento do militarismo alemão

O general Serov

foi demitido em Moscovo

por exigências de Pequim

em conflito aberto com Moscovo?

BERLIM, 17 — O «Nachtdepesche», de Berlim-Oeste, que anunciou, há dias, o suicídio do secretário particular de Kruchtchev, fala hoje, na primeira página, e com grande relevo, da existência de um verdadeiro conflito entre Moscovo e Pequim.

Afirma o jornal, baseando-se numa correspondência particular recebida de Hong-Kong e em informes colhidos nos círculos dos observadores estrangeiros das duas grandes capitais do comunismo, que a tensão teria por origem a recusa dos Sovietes, de se retirarem, passado o prazo de 4 anos previsto por acordo, das empresas mistas criadas na China com o apoio da U. R. S. S.

A recente demissão do general Serov do cargo de chefe dos Serviços de Segurança da U. R. S. S., e a próxima nomeação de Molotov para embaixador na Haia, seriam dois dos episódios mais salientes do «conflito» sino-soviético.

Afirma o «Nachtdepesche» que Serov foi demitido a rogo de Pequim, por haver introduzido na China agentes soviéticos, disfarçados de técnicos. Quanto a Molotov, seria transferido, por Kruchtchev, para a capital holandesa, para afastar dos Chineses um dos seus principais adversários.

O mesmo jornal não exclui a possibilidade de ameaça de rompimento entre a China e a U. R. S. S., se Kruchtchev insistisse, em 27 do corrente, no 21.º Congresso do Partido Comunista soviético, na campanha contra o grupo «anti-partido». — (F. P.).

A nota soviética á Pérsia

TEHERÃO, 17 — O memorial soviético relativo á segurança no Médio Oriente, cujo texto a agência «Tass» distribuiu ontem, foi aqui entregue ao ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo embaixador da U. R. S. S., em 20 de Dezembro — declarou, hoje, um informador oficial, acrescentando que o Governo persa continua a estudar a resposta a dar-lhe. — (F. P.).

Ultimas notícias

Incêndio devastador na ilha da Lapa

MACAU, 17 — Uma das comunas chinesas da ilha da Lapa foi parcialmente destruída por violento incêndio que reduziu a cinzas mais de uma dezena de camaratas, cada uma delas com alojamentos para 150 pessoas.

Não houve vítimas, e segundo notícias não confirmadas o incêndio foi originado por sabotagem. — (A. N. I.).

Negociações sobre a Formosa?

HONG-KONG, 17 — Um categorizado dirigente chinês, Tung Pi Wu, chegou, secretamente, a esta cidade para estabelecer contacto para negociações de paz com as autoridades nacionalistas chinesas da Formosa — segundo se anuncia.

A notícia, publicada no jornal «New Life Evening Post», não pôde ser confirmada. — (R.).

*

TAIPEH, 17 — Segundo anuncia o Ministério da Defesa, a artilharia costeira comunista, após 3 dias de silêncio, recomeçou, esta manhã, tiroteio de barragem contra as ilhas Amoy. — (F. P.).

PROVAS DA A. F. L.

Começou o «distrital» de reservas

A segunda competição da temporada, que a A. F. L. destinou ás «reservas» dos seus filiados participantes nos campeonatos nacionais das 1.ª e 2.ª Divisões, principiou esta tarde. E principiou da melhor maneira — pode acrescentar-se — pois a jornada incluiu nem mais nem menos do que um Sporting-Benfica — sempre de grande interesse, pela incerteza quanto ao vencedor. Assim os outros desafios ficam a relegados para 2.º plano, ainda que não pudesse pôr-se de lado a ideia de jogos mais ou menos equilibrados.

Do que se passou nos vários campos damos a seguir breves apontamentos.

Estoril, 0-Torriense, 1

Jogo no campo da Amoreira. Arbitro Vitor Santos. Os grupos formaram:

ESTORIL—Carvalho; Beijinho e Albano; Armando, Brito e Rosales; Cunha (depois Gonçalves), Eduardo, Caracol, Ferrão e Raul Silva.

TORRIENSE — Idalécio, Gilberto e Luís; Margaça, Belchior e M. Carlos; Jerónimo, C. António, Anibal, Brás e Narciso.

A partida decorreu com equilíbrio durante toda a primeira parte, tendo as duas equipas desperdiçado algumas oportunidades de golo. Aos 16 minutos, Narciso, dos visitantes, fez o unico tento da 1.ª parte.

Arroios, 1-Oriental, 2

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto» (Moscavide). Arbitro: Alfredo Louro.

Os grupos formaram:

ARROIOS—Amaro; Costa e Jorge; Carvalho, Quintela e Peres; Couto, José Maria, Daniel, Tomé e Roque.

ORIENTAL—F. Augusto; Mendes e Morais; Siborro, Alfredo e José da Silva; Pintado, Mário, Adamastor, Postiço e Lourenço.

Durante a primeira meia hora a vantagem pertenceu ao Oriental, mas foi o Arroios que, aos 10 minutos, marcou o 1.º golo do desafio por Daniel.

Aos 30 minutos, o Oriental empatou, por Mário e, no minuto seguinte, passou a vencedor com um golo de Adamastor.

Ao intervalo: Arroios, 1-Oriental, 2.

Sporting, 1-Benfica, 1

Jogo no Estádio «José Alvalade», com numeroso publico. As equipas formaram:

SPORTING — Carvalho; Valente e Paleje; Pérides, Morato e França; Oscar, Caraballo, Ivsh., Bispo e Quim.

BENFICA — Barroca; Zezinho e F. Ferreira; Caiado, Humberto e Sidónio; Vieira Dias, Salvador, Carda, Hilário e Palmeiro Antunes.

Arbitro — António Calheiros.

Com os elementos das duas equipas a pensar só no jogo, este teve auspicioso começo, com jogadas alternadas nos dois meios-campos, a criar perigo imediato para as balizas.

E assim se passou o primeiro quarto de hora.

Depois, ainda que a sensação de equilíbrio não se perdesse, o Benfica apareceu mais ao ataque e, aos 21 minutos, um «livre» de Salvador, obrigou Carvalho a uma defesa de recurso.

Entretanto, aos 27 minutos, o Sporting abriu o activo. Um remate de cabeça de Caraballo obrigou Barroca a uma defesa de recurso e Quim, que acorreu ao lance fez o golo.

Pouco tempo durou a vantagem dos «leões», pois, aos 35 minutos, Hilário rematou, fazendo a bola tabela num adversário e aninhando-se nas redes.

Assim, ao intervalo, 1-1.

Atlético, 1-Sacavenense, 0

Jogo na Tapadinha. Arbitro: Salvador Passos. As equipas:

ATLETICO — Pinho; Perroncino e Correia; Mega, Vitor e Miúdes; Tomás, Guerreiro, Galinho, Espiga Lopes e Elmiro.

SACAVENENSE — Vasco; Renato e Domingos; Rui, Alvaro e Cardoso; Serra, Luís Filipe, Ribeiro, Martins e Clelio.

Na primeira meia hora, embora com o Atlético a comandar não chegou a atingir-se regular nivel técnico. Ambas as equipas actuaram sem entusiasmo. Nem algumas intervenções do guardião visitante a outros tantos ataques dos visitados serviram para mudar a fisionomia do desafio.

Aos 43 minutos, um «livre» apontado por Galinho foi aproveitado por Guerreiro para, de cabeça fazer um golo e com ele o resultado de 1-0, ao intervalo, a favor do Atlético.

Em 2.ª tiragem, publicaremos os resultados finais dos jogos de hoje.

O fogo destruiu

uma aldeia italiana

MILÃO, 17. — Ficaram hoje sem lar 28 pessoas na aldeia alpina de Chizzola, perto de Trento, após um incêndio ter destruido durante a noite passada três casas.

Nas proximidades do Lago Maior, bombeiros, polícias e voluntários tentam dominar o fogo nas florestas nas montanhas perto de Luino que ameaça a aldeia de Campagnano. — (R.).

Pirilampo

RESTAURANTE FRANCÊS
(Alta cozinha)
Apresenta todos os dias o famoso
«CANARD À L'ORANGE»
Rua dos Sapateiros, 168—Tel. 31262
(a dois passos do Rossio)

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — Tel. 14

Amanhã, almoço com festa típica ribatejana

EMENTA:

Açorda de Savel — Fataça á ribatejano — Ensopado de enguias — Pescada á campino — Eirós á pescador — Dobrada á portuguesa — Cabrito assado á ribatejano — Arroz de frango á moda da casa — Febras de porco na brasa — Bife á cortador, etc., etc.

Informações e reserva de mesas em Lisboa — Tel. 770320

Atenção ao Carnaval do Ribatejano — (6 anos)

SCIAL

TRAV. DO CORPO SANTO, 15
TELEF. 20464

AZULEJOS VIDRADOS
10×10 -- 15×15
NOVAS CORES

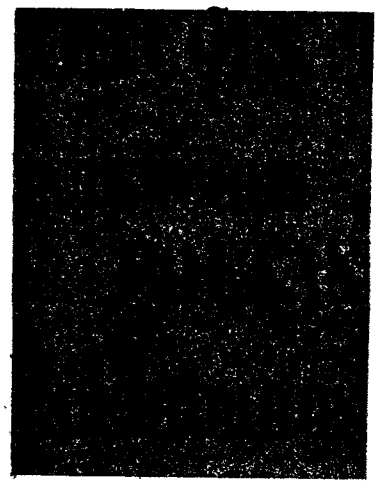
O ciclista Artur Coelho

impedido de correr em Paris

PARIS, 17. — Contrariamente ao que estava anunciado, o ciclista português, Artur Coelho, não poderá participar nas provas ciclistas que hoje e amanhã se realizam no velódromo de Inverno de Paris, pois a Federação Portuguesa de Ciclismo ainda não concedeu a necessária autorização.—(A.N.I.).

magazine

VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVI



por **Augusto da Costa Dias**

NÃO sei se alguma vez na vida os nossos leitores terão feito a si próprios esta inquietante pergunta: «Quanto vale um poeta?». Por mim confesso que ela só há pouco me envenenou a paz do espírito. Vinha eu descendo o Loreto, e, ao entrar no Camões, olho uma alva pomba a adejar em torno da cabeça de bronze do velho poeta, tal qual uma auréola viva. Assim permaneceu alguns segundos e eu, que nunca tinha visto tão bela homenagem prestada ao grande Génio, estaquei. Contagiadas, várias pessoas pararam; acenderam-se comentários felizes; populares: entretanto a pomba depois de ter cumprido o seu dever sobrehumano, acolheu-se confiadamente no ombro do poeta. A meu lado, novos comentários se afoitaram e eu, sorrindo, dei comigo sem querer, a atravessar o pargo. Trazia já comigo uma outra homenagem prestada a Camões, que tanto me encantara. Eram os belos versos de outro grande poeta, Aragon:

Près d'eux Racine a toujours son [empire
Et Dante chante et Virgile soupire
Rien n'est perdu de l'emerveille- [ment
L'homme s'égale a ses plus hauts [moments
Mais passant Camoens. Li-Tai-Ti é, [Shakespeare
Il s'èleve oú sont les amants.

Justo: repousando junto de Li-Tai-Pé e Shakespeare — vozes oceanicas da Poesia. De repente, ouço trautear dentro de mim uma pergunta irónica: «Bem vai essa tua homenagem! Que farias tu se o Camões fosse vivo? Por acaso já pensaste quanto vale um poeta enquanto vive?».

As perguntas empurram-me pelo

(Continua na 7.ª página)

A CONQUISTA DO CÉU

Interrogações e confirmações

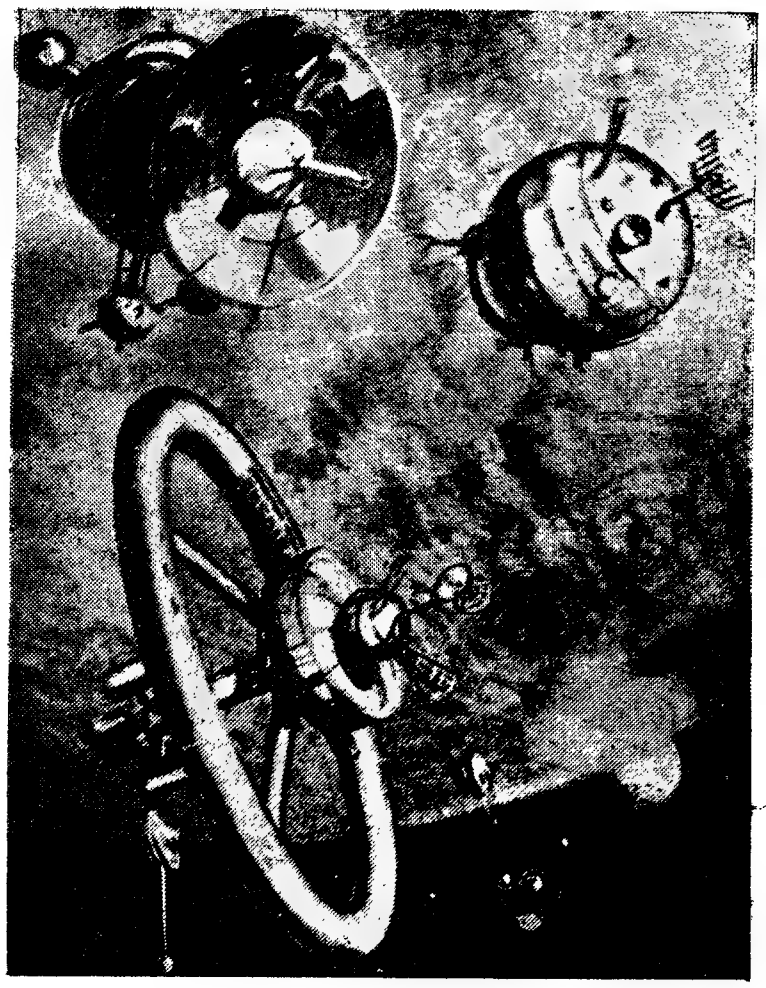
Por MANUEL SALGUEIRO

Pergunta — Após o lançamento do foguetão cósmico suscitaram-se muitas duvidas quanto ao destino dele. Falou-se em que «falhara na sua tentativa de atingir a Lua». Que nos diz a este respeito?

Resposta — Não demora. talvez que a resposta cabal a esta interrogação seja dada. Até lá, tudo ficará no domínio da especulação das agências telegráficas.

NICOLAS VICHNEY opina que «a operação destinada a ir ao encontro da Lua falhou». Afirma ainda que, se o objectivo inicial fosse o de lançar um foguetão para a órbita do Sol, tê-lo-iam equipado com baterias solares para que não cessasse o caudal de informações preciosas. Mas — pergunto eu — se o

(Continua na 3.ª página)



Como sabemos, encontra-se em estudo a construção de estações interplanetárias que servirão de postos de reabastecimento das astronaves. Também serão montados laboratórios e postos de observação que, libertos da densa camada atmosférica, verão melhor o que se passa fora de portas... A gravura mostra, em hábil antecipação, uma colónia interplanetária a 1.670 quilómetros de altitude

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

O futuro do presente

por JORGE MOTA

Foi Huxley quem escreveu sobre o Futuro do Passado.

Que dizer do Futuro do Presente?

Tenho um amigo que se preocupa muitíssimo com este problema: o Futuro do nosso Presente, que é também Passado em potência. O Futuro do nosso Presente é apenas, e tão sómente — ser Passado... Porque todos os nossos actos, dos mais importantes aos mais ínfimos, fazem parte de um grande todo, são o Presente, serão (e nessa medida são futuros...) Passado, cairão sob a alçada da ciência do Passado — a História.

Eis o que preocupa o meu amigo. Que dirá dele a História? Dele, em especial, não dirá nada, uma vez que o meu amigo é pessoa sóbria, modesta e mais ou menos incolor. Mas a História falará da sua época, dos seus costumes, das suas leituras, das suas ideias, das suas crenças, das suas esperanças e das suas gravatas — que são, implicitamente, os costumes, as leituras, as ideias, as crenças, as esperanças e as gravatas do meu amigo.

Há uma coisa que de sobremaneira o preocupa. Há anos, vasculhando gavetas, achou uma fotografia do avô, de sobrecasaca, plastron, colarinho engomado e chapeu alto, e passou uma semana a rir do achado. Depois, veio a reflexão. E o meu amigo viu-se colocado ante este problema para ele angustioso e grave: os seus netos viriam a rir-se dele, assim como ele riu do avô do chapeu alto?

Por outro lado, este meu amigo não pode ver uma tipoia sem ser irresistívelmente assaltado de ideias melancólicas e saudosistas. Visiona uma época melhor, mais simples, uma época feliz, em que a *douceur de vivre* era um facto.

Eis aí duas maneiras de conceber o Passado: a irrisão e a saudade. Eis porque tanto nos agradam livros de História. «Lemos sobre o passado, porque o passado é consoladoramente diferente do presente» — escreveu Huxley.

Que dirá de nós a História do futuro? Não vejo razão para que abandone a atitude actual. Seremos considerados ridículos e, ao mesmo tempo, «consoladoramente diferentes». Não podemos prever o que seja o futuro, para além das fronteiras, mais ou menos arbitrárias,

(Continua na 3.ª página)

Diario de Lisbôa

SUMARIO

Impressões de Itália
DULCE REBELO

Admirável mundo novo
JORGE MOTA

Tenções e intenções
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Histórias de mineiros
MANUEL DO NASCIMENTO

Fim de semana feliz
CICERONE

Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

A conquista do Céu
MANUEL SALGUEIRO

Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES

A mulher que viveu duas vezes
PIERER BOILLEAU

Diálogos impertinentes
ALFREDO BRÁS

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES

Saiba comer
MARIA CAROLINA FREITAS

Ganhe cem escudos com um sorriso nos lábios

DIÁLOGOS IMPERTINENTES

por ALFREDO BRÁS

ALBERTO — Reparaste naquela estranha indumentária?

MARIO — Esta maneira de trajar da gente nova está-se tornando tão comum que já nem chego a admirar-me. Deve ser a isto que os psicólogos da juventude chamam «crise de originalidade juvenil».

ALBERTO — Mas olha que é demasiado! Sapatos propositadamente desengraxados, meias encarnadas, calças de tal maneira estreitas que não se sabe bem como poderão vestir-se e despir-se, camisolões de largura inverosímil e cores espantosas, capindós esquisitos...

MARIO — E' realmente um tanto desconcertante, mas eles são tão novos... Acaso te esqueceste dos nossos fatos ridiculamente afiambrados? Olha que alguns dos nossos chegaram mesmo a usar monóculo

ALBERTO — Mas os nossos lavavam-se, barbeavam-se, penteavam-se e não tinham este ar deliberadamente esquálido. Eles com uma barba incrível, cabelo á presidiário ou guedelha casposa; elas mantendo um falso desalinho de cabeleira que rende um dinheirão aos cabeleireiros ou rapando a ca-

beça de forma a parecerem-se assustadoramente com eles. Em ambos, as mesmas unhas sujas e a mesma propositada besuntisse nas roupas. E parece que tudo isto se chama «existencialismo» e é medonhamente «chic».

MARIO — Recorda-te, caro Alberto, que nem todos os jovens da nossa geração se sentiam atraídos pelo estilo afiambrado. Também alguns, como o Teixeira de Azevedo da «Correspondência de Fradique Mendes», quiseram reagir contra o pedante «fradiquismo» e «altivamente afirmar — como diz o Eça — a grandeza moral do remendo e a filosófica austeridade da nódoa». Não é só de hoje, segundo parece, esta estranha associação da nódoa com a filosofia...

ALBERTO — Parece que encontras sempre pronta justificação para todos os excessos e desvarios da juventude. A este estranho carnaval chamas tu «crise de originalidade». Como se a originalidade de um jovem pudesse manifestar-se pela extravagancia do vestuário... A isto eu chamaria antes mau gosto, falta de sentido do ridículo, snobismo, ou, até mesmo, loucura...

MARIO — Talvez que grande parte da tua indignação provenha duma total ignorancia da psicologia juvenil. Mas não esqueças que a adolescência é a idade estética por excelência e para os jovens tudo, a principiar por eles pjróprios, tende a converter-se em espectá-

culo. Esta tendência é tão viva nos jovens que algumas vezes origina um certo snobismo, mas não é assim tão perigosa...

ALBERTO — Não haveria realmente grande perigo se os valores morais trouxessem um antídoto suficiente, como sucedeu no passado, a esse snobismo dos jovens. Mas não devemos esquecer-nos de que os excessos de indumentária reflectem excesos de outros géneros e bem mais perigosos. Não é sem algum motivo que a esta maneira de vestir se chama vulgarmente «existencialista».

MARIO — Pois também tu, caro Alberto, colaboras no crasso erro de atribuir á filosofia «existencialista» conteudos tão estranhos? Que espécie de relação consegues encontrar entre uma maneira de

(Continua na 7.ª página)

disco da semana

Trio Odemira

em Alta Fidelidade

GRITENME PIEDRAS DEL CAMPO — CONTIGO — CIELITO LINDO RUEGA POR NOSOTROS - UNA AVENTURA MAS — EL PASTOR FOI DEUS — VAI COLHER A SILVA — SEM PALAVRAS — O MORENA — SABE-SE LÁ — RUA SEM LUZ

DISCO COLUMBIA 33CSX 18

Pode considerar-se excepcionalmente feliz a carreira deste simpático grupo de jovens alentejanos cujas melodias conquistaram rápidamente o nosso publico. Revelados por Igrejas Caeiro, através dos Companheiros da Alegria, estes três moços cedo revelaram possuir enormes possibilidades. Vedetas da Rádio e da Televisão o disco tentou-os e actualmente é já vasta a sua discografia.

A Columbia apresenta-nos agora num «long-play» de 30cm, gravado dentro da mais moderna técnica de alta fidelidade. Tal sistema presta inteira justiça á notável perfeição técnica e artística deste agrupamento, patenteada ao longo de doze canções. Há muito ouvi-los a interpretar muitas canções portuguesas, entre as quais é justo destacar «Foi Deus» e «Vai-se lá» como as espanholas «Gritenme Piedras del Campo» e «El Pastor», são dois arranjamentos notáveis.

Está já assegurada a publicação deste disco em Londres e Paris, onde o Trio Odemira, conta apresentar-se este ano. Com prazer assinalamos a «internacionalização» destes três moços que muito poderão fazer pela divulgação do nosso cancioneiro popular.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almada, 95.

GRANDE CONCURSO

com um sorriso nos lábios

A pena é que esta semana tenha havido tanto «sorriso amarelo», *que dizer tanto papel no cesto dos ditos. Se assim não fosse digo-lhes, caros leitores, que nem o «MAGAZINE» inteiro chegaria para arquivar todas as opiniões que em Portugal se tem sobre esta realidade física, familiar e lendária que é a TIA.*

Vale a pena avisar desde já que todos os concorrentes da semana — todos sem excepção — consideraram como TIA apenas a senhora que não arranjou TIO...

Assim começa o vencedor, o sr. Mário Nunes Soares de Melo (Vila Carlos Costa, 3 — St.ª Amaro de Oeiras), que nos mandou este excelente epitáfio, que parece uma sentença de Salomão.

TIA — é uma donzela vitalícia.

O sr. Mário de Melo é, pois, o herdeiro da Tia... isto é — desculpem-me o lapso — é o herdeiro dos CEM ESCUDOS e do «sorriso nos lábios». *Só lhe agradeciamos que nos informasse se considera a profissão de TIA um* cargo *ou um* encargo *vitalício. Antecipadamente gratos.*

A pergunta tem sentido por várias razões uma delas diz respeito aos herdeiros. A maior parte dos leitores desta semana que pertence á categoria do «sorriso amarelo» *— falou como herdeira. Escaparam do cesto os seguintes concorrentes em tais condições:*

TIA — é um «Monumento histórico» que quantas mais «coroas» tiver, mais os sobrinhos a «Veneram». (F. B. — Vivenda Azul — Carcavelos).

E o sr. Luís Bonvalot (Lisboa—2) escreve nos mesmos termos jurídicos:

TIA — um estabelecimento bancário onde os sobrinhos depositam as suas esperanças, se é rica, ou os seus cobres, se é pobre.

Quer-nos parecer que, na realidade, se trata dum encargo, *e grande (até para a tia!)*

O sr. E. Läs, de Coimbra, esta semana inspirou-se abundantemente. O alvo ficou como um crivo de regador. De todos os «tiros» seleccionámos os seguintes:

1) TIA — é um balão de ensaio que falhou.
2) E' um galho seco na árvore genealógica de uma família.
3) E' uma mulher que «via passar os comboios» e que não chegou a tomar nenhum.
4) E' um membro da família que «ficou para tia» — primeiro porque pode mas não quer, depois porque quer mas não pode.

Ai, ai... Era assim que terminava a cantiga, não era?

O sr. Silvestre Gaudêncio revelou bem as suas preocupações, neste mês de Janeiro, o mês das contribuições. Ora vejam:

TIA — é a profissão feminina isenta de impostos.

De impostos talvez, mas não de espinhos. Só queria que visse o tal montão de «sorrisos amarelos»...

Só dois concorrentes do Porto se amercearam dela. O sr. Alvaro Machado, diz:

TIA (quando idosa) — é uma espécie de velha arca de família onde se guardam saudades e cabelos brancos.

E o sr. do mesmo nome (mas noutro postal) escreve esta coisa muito mais séria:

TIA — três letras que, muitas vezes, substituem outras três — as da palavra Mãe.

Bravo, sr. Alvaro Machado! Aí está um significado diferente da palavra Tia que os nossos leitores estavam a esquecer.

O sr. A. O. Cordeiro, de Lisboa, transformou a Tia num sebastianista que espera o seu rei numa «manhã de nevoeiro». Afirma este nosso concursista que

TIA — é o estado da senhora que teima em esperar por um homem bom, bonito e rico...

Quer-me parecer que a Tia não faz questão dos adjectivos. Quando se transformou em sebastianista, o que ela pretende é um tio.

Fechamos a série com a definição duma leitora.

Sempre gostei das opiniões autorizadas e neste negócio de Tia, ninguém melhor que uma mulher poderia depôr para nosso inteiro esclarecimento.

Segundo a sr.ª D. E. Brandão (Carcavelos):

TIA — é a feliz criatura que, vendo-se livre de adquirir «aquela santa», se acolhe á protecção dos santos, como regalo na vida.

Eis o que devemos pensar sobre tão espinhosa matéria.

E agora para a semana?

A sr.ª D. Maria Amélia Santos Cunha (Lisboa) pede-nos que punhamos á definição a palavra:

[illegible]

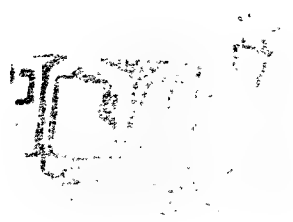
Aqui fica. As respostas devem ser enviadas a «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 24 de Janeiro.

FIM DE SEMANA FELIZ

Para [illegible]

Quem goste de festas e romarias apareça aí para conversarmos. Também sou desses e, quando abro o saco, até eu próprio me admiro de quanto havia lá sem eu saber.

Eis aí uma das penas grandes que tenho do alfacinha. O pobre não entende. Fala-lhe em chinês e



ficará na mesma. A Senhora da Saude, na Costa Nova, o S. Paio da Torreira, a Senhora da Piedade, na Lousã, as festas da Agonia, isso tudo, ele diz que sim com a cabeça, não se sente preso nem por um cabelo.

As grandes feiras de gado, as ciganagens; a talhada de melancia comida á sombra; o pratinho da

claria caseira com uma flor nos olhos; o saco das camarinhas; a rosquilha doce; os cravos de papel; as cantorias, o harmónio, a alegria do povo que persiste em achar, aqui e ali, um motivo de onde sacar a alegria...

A tudo isso, um alfacinha dos legítimos responderá que sim, senhor, que também a Feira Popular...

A gente cala-se.

Pois se houver aí alguém provinciano, apareça que a esse respeito temos muito de conversar.

A propósito: a propósito de quê vieram hoje as romarias á baila? Haverá por aí alguma? Que eu saiba, não. Esse «a propósito de quê»? deixou-me sériamente embatucado.

Ah, mas sim, já me recordo.

Foi por causa de uma coisa que me lembrei.

Na Feira Franca, de Viseu. Indo eu, indo eu naquela rua da Feira, dou com um jogo de garrafas: a gente arrumava a argola e o gargalo que enfiasse pertencia-nos e mais o direito a atirar outra argola. Aproxima-se de mim um camponês á velho do Restelo, que se põe a dizer baixo:

— Jogue pela certa! Olhe o que lhe digo! Jogue pela certa...

Eu indeciso a procurar como seria jogar pela certa. Ia a perguntar-lhe como era aquilo e já ele me sussurrava dando ás palavras a ajuda de cotoveladas mansas

— Não vá nisso! Guarde o seu dinheirinho no bolso que aí é que o joga pela certa...

Recordo-me disto bem sei porquê. Por causa do conselho que adiantei na semana passada. Tanto azar que não tem feito outra coisa senão chover, e sendo assim, adeus minhas encomendas! Nenhum prazer em visitar as praias de ao pé da porta!

É mais um conselho lançado ás feras...

A partir de agora vou jogar pela certa. Vou acreditar, ou fingir que acredito, na infalibilidade da chuva. E agir em conformidade...

É preciso destruir o conceito de que o gosto de viver depende do Sol. Se fosse assim, os Ingleses podiam considerar-se as pessoas mais infelizes do Mundo — e todos sabemos que tal não acontece.

Quando chove, há um bom livro para ler. Um pouco de musica para

escutar. Uma reunião de amigos. Uma peça de teatro, um filme... A visita a um museu...

Ora aqui mesmo queria eu chegar.

Tive conhecimento de que a direcção do Museu de Arte Antiga vai organizar visitas áquele museu em que os interessados aproveitarão da companhia de um cicerone abalizado. As visitas far-se-ão aos sábados, pelas 15 e 30 horas, e o programa para Janeiro e Fevereiro inclui:

24 de Janeiro: *Secção de ceramica e azulejos* (engenheiro J. M. Santos); 14 de Fevereiro: *Pintura Portuguesa do Século XVI* (dr. Adriano de Gusmão); 28 de Fevereiro: *Ourivesaria* (dr. António Manuel Gonçalves).

Eis aqui, leitor amigo, uma óptima maneira de aqueceres a tua alma neste Inverno frio: cultivando o espírito na admiração de obras de arte eternas.

CICERONE

A vida é o dia de hoje

«Quando o perigo não existe, os homens buscam-no»., diz um provérbio árabe

Nas montanhas da Austria todos os anos desaparece um elevado numero de esquiadores quando praticam o seu desporto favorito. Isso não impede, no entanto, que, no ano seguinte, grupos de jovens se encaminhem para a montanha, alegremente. De onde em onde, a montanha responde traiçoeiramente á alegria juvenil — e o sorriso transforma-se num rictus de pavor, a felicidade redunda em desgraça...

Novos dramas acabam de dar-se na Austria. Dois jovens esquiadores de 17 anos desapareceram na vertente norte do monte Gilfert, durante uma excursão animadíssima. Arrastados pla avalanche, só muitos dias depois os seus corpos foram descobertos. Decorre, presentemente, uma operação de socorro, em larga escala, para encontrar cinco turistas vienenses que não regressaram da expedição ao lago Grundl.

Que lhes teria acontecido? Mistério. Só a montanha poderá responder. E os homens temem essa resposta...

Não se apagou da memória dos homens da minha idade a crise violenta que sacudiu a grande nação americana no ano de 1929. Pode dizer-se que, para os ianoues, tamanho pesadelo não se apagou jamais da sua vida que atravessou um dos piores momentos de sempre. A eclosão da segunda guerra mundial, pelo escoamento que permitiu dos grandes «stocks», e mais tarde a guerra na Coreia, evitaram que novos cataclismos económicos se produzissem, o que levou optimistas apressados á opinião de que a sociedade encontrara maneira de evitar crises que se diziam cíclicas.

Afinal, nos ultimos tempos, a economia americana voltou, a atravessar um mau bocado. Embora vozes responsáveis afirmem que o pior já passou, a verdade é que a bonança está longe de ser uma realidade.

No desejo compreensível de evitar o panico (que é, no dizer de um economista, de todos os males o pior) a palavra «crise» foi substituida por «recessão». Trata-se de uma palavra com mais calma (pelo menos aparenta-a) que não fustiga os ouvidos do Tio Sam de sugestões e recordações pungentes.

Perguntaram a Harry Truman, antigo presidente dos Estados Unidos, qual a diferença entre «crise» e «recessão».

— Eu lhe digo — respondeu Truman — quando o nosso vizinho é despedido, trata-se de uma «recessão». Quando somos nós os despedidos, trata-se de uma «crise».

Já aquele célebre humorista escrevia: «Não há nada pior do que uma dor de dentes. A nossa, evidentemente...».

A inquietação não desapareceu da face da Terra. O perigo duma conflagração atómica continua a perturbar os espíritos que se debruçam para o problema n.º 1 do nosso tempo—pois dele depende a sobrevivência da Humanidade.

Compreende-se melhor a preocupação dos germanicos no que diz respeito a esse problema se nos lembrarmos que, em caso de conflagração, o território alemão, dada a posição que ocupa na Europa, seria o território mártir por excelência.

Notícias de todo o Mundo para toda a gente

Série Negra

Há uma expressão que relata perfeitamente o caracter dos desastres de fim de semana: «Série Negra».

Sabe-se como os jornais diários, todas as segundas-feiras, trazem as suas colunas ocupadas pela imensa teoria de acidentes que afixam marcos de desgraça pelas estradas de todo o Mundo.

Deitam-se culpas nos «motoristas de domingo», sem nenhuma prática de condução; culpam-se os profissionais loucos, ébrios de velocidade; fustigam-se os imprudentes, os incapazes — e ainda as estradas, os processos de sinalização, etc., etc.

No meio, porém, de tanta desgraça, é ainda possível encontrar motivos de regozijo do género «do mal, o menos...».

Foi o que aconteceu áquela camioneta que se despenhou de grande altura. Caiu, de vertente em vertente, de pico em pico, sobre a pacífica aldeia onde se realizava uma festa popular. Evidentemente, os tripulantes do veículo morreram e arrastaram, consigo, alguns populares que se divertiam.

Mas onde está — dirão vocês — o tal motivo para o regozijo relativo?

Neste simples pormenor: a camioneta ia carregada de dinamite que, ignora-se porquê, resolveu não explodir!

A moda do hua-hoop

Bem certo que o Sol quando nasce — é para todos. Podemos dizer o mesmo dos já famosos arcos para a novissima dança do *hula-hoop*. Não são apenas as raparigas estuantes de seiva (e sem muito que fazer) que se entregam ao jogo endiabrado horas e horas consecutivas. As matronas, desejosas de perder alguns quilos de peso, bendizem o arco que lhes circula nas ancas opulentas em publico não, evidentemente, mas no recato familiar. Assim, o movimento lascivo que o arco empresta aos corpos juvenis transforma-se, num movimento utilitário, num remédio, quem sabe!

Os homens obesos também não o desprezam. Quem sabe lá, quando o ilustre conferencista sobe ao estrado e ajeita as lunetas e ensaia o pigarro, quem sabe lá as voltas e reviravoltas que Sua Excelência lascivamente se permitiu no abraço do arco em moda.

A tal ponto foi reconhecida a vantagem do «hula-hop» que (segundo noticiam jornais gauleses) acabam de ser postos 10 arcos no Bundestag (Parlamento da Alemanha Ocidental) á disposição dos senhores deputados «que desejam emagrecer...».

A alta função publica que exercem aqueles senhores não os impede de, nos intervalos das sessões, se recrearem, «hula-hoosparem» freneticamente ao som da ultima modinha arranjada para o efeito. Por mim, fico satisfeito com a notícia.

Quando os Germanicos se entretêm com os arquinhos inofensivos, não vai mal ao Mundo. Foi uma pena não terem os mesmos sido descobertos em 1939...

A missão arqueológica alemã ao Tell-Kowriayt, no Alto Jeziré, encontrou abundantes vestígios da civilização dos Medos e fez importantes descobertas.

Uma delas foi a escavação que permitiu trazer á luz do dia dois pequenos templos, que serviam para um antiquissimo culto até hoje ignorado.

Na periferia da cidade a missão descobriu também dois templos de enormes dimensões, onde se celebravam cerimónias anuais de grande importancia. A construção destes templos remonta ao terceiro milénio antes de Cristo e são os unicos do género na História do Antigo Oriente.

Um tipo de casa encontrado tinha o aspecto de fortificações. Já naquela altura os tempos não iam bons para os homens.

Segundo o «Daily Mirror» a Inglaterra está sob os efeitos de um extraordinário fenómeno. Não atmosférico, nem teatral, nem social, nem político, nem económico, nem... Vejamos: é um fenómeno apenas livresco.

De facto o mercado livreiro britanico acaba de ser inundado com obras de Dickens, o genial romancista inglês, a preço baixissimo e de texto integral.

Que importancia tem isto? — perguntará o leitor.

Tem. Os livros são editados na U. R. S. S. e o seu preço é muito menor que o das edições inglesas (Made in England).

A Grã-Bretanha, perante tal situação, tomou uma excelente atitude: votar créditos suplementares de alguns biliões para a difusão das obras dos seus grandes clássicos, no estrangeiro.

A India será o primeiro país beneficiado. Ora viva a competição no domínio da cultura!

Talvez a última pérola

Nas grandes cidades do Mundo, o problema é viver...

E para resolver esse problema, há quem lance mão de todas as armas, há quem não ponha na ordem do dia a minima consideração moral...

A moral baseada na valorização da pessoa humana, na defesa da sua dignidade, é o maior luxo que as civilizações vão permitindo aos homens... E é também a pedra de toque de uma civilização...

Entende-se que quando a nossa própria vida corre perigo, essa tal consideração pelo bem alheio se torne em luxo demasiado... luxuoso... Era essa talvez a situação em que se encontrava o desconhecido que, no passado dia 10, assaltou e roubou uma pobre velhinha, a senhora Braun.

Esta andara recolhendo dos fregueses as prestações de roupas e tecidos que lhes vende. E' o seu ganhão-pão. Vive só; unico filho que tinha morreu na guerra. Já depois de velha, próximo do fim da vida, teve de refazer a sua vida... As fábricas cediam-lhe a crédito os tecidos de que precisava para o seu negócio. Calcorreava os suburbios da cidade com o mostruário dos tecidos; vendia estes, a prestações, ás famílias pobres. Todos os sábados procedia á recolha das prestações e na segunda-feira, pontualmente, fazia contas nas fábricas e estabelecimentos.

No ultimo sábado, a pretexto de inquirir as horas, um desconhecido aproximou-se dela. E antes que pudesse, ao menos, esboçar um gesto de defesa, foi derrubada — e roubados a carteira e saquinho dos cobres que trazia no avental.

Quando apareceu alguém, nada havia a fazer.

Fácilmente se compreende o estado de desespero em que ficou a senhora Braun. Não a incomodava apenas o ter ficado sem um tostão de seu. Sofria por, pela primeira vez há vinte anos, deixar de satisfazer as contas na fábrica e ouvir da boca do empregado, o senhor Muller:

—Muito bem, senhora Braun tudo em ordem.

Evidentemente, a senhora Braun não deixaria de pagar a divida. Aos poucos e poucos, bem, tirando á boca — mas que nunca ninguém tivesse uma pedra para lhe atirar...

—Eu sei lá! — dizia ela ás vizinhas tão pobres como a senhora Braun. — Até são capazes de pensar que inventei tudo isto para ficar com o dinheiro.

Tinha razão. Nas grandes cidades não acontece apenas o pior; também é o pior aquilo que se imagina... e que se teme.

Em pouco tempo o sucedido á senhora Braun correu o bairro. Bairro pobre onde a quase unica solidariedade que se pode prestar consiste no chorar em comum os desastres de cada qual...

O resto do dia morreu, sepultado em nuvens e angustia. A noite que se lhe seguiu entreteve-se a plissar a cara magrinha e séria da senhora Braun. Domingo veio. Domingo, véspera de segunda-feira... A senhora Braun não acendeu lume. Sentou-se á porta, carinha enrugada sobre a mão direita, a ver passar o tempo, com aqueles seus pobres olhos vazios de lágrimas há vinte anos, e já quase vazios de luz...

Ao cair da tarde, três rapazinhos — o João, o Ernesto e o Guilherme — tocaram no ombro da velhinha.

—Senhora Braun...

—Olá, meus filhos, são vocês...

Senhora Braun — continuou o Ernesto. — Aqui tem o seu dinheirinho... Demorou a arranjá-lo, mas enfim...

A história, contada por um grande jornal, emocionou toda a cidade. Os três rapazinhos, moradores na mesma rua, ouviram na véspera a velhota contar o seu desastre. Resolveram não ficar de braços cruzados. Venderam quanto puderam obter (livros, brinquedos, estampas, estatuetas...), fizeram um peditório pela cidade. Assim mesmo, ainda não bastava. Então dirigiram-se ao periódico, falaram ao Director! Ainda nos faltam oitenta marcos...»

... ...

A senhora Braun mal pode acreditar na realidade. E não encontra uma palavra sequer para agradecer. Nem mesmo obrigado. Mas, dos seus olhos vazios de lágrimas há vinte anos, uma pérola, talvez a ultima, desliza...

O futuro do presente

(Continuação da 1.ª página)

das utopias. Mas uma coisa é certa — é que somos *diferentes*. E nessa medida seremos — *consoladores*.

Escrever-se-ão trechos como estes:

«Naqueles tempos, os transportes eram singularmente morosos e complicados. Os foguetões-correios entre Londres e Java gastavam várias... horas!!! Os infelizes viajantes que queriam deslocar-se entre Lisboa e Nova York utilizavam — a coisa é difícil de crer, mas os documentos demonstram-no — o paquete e o avião! Que riscos! Que perigos inauditos! Que indómita coragem!».

Ou então:

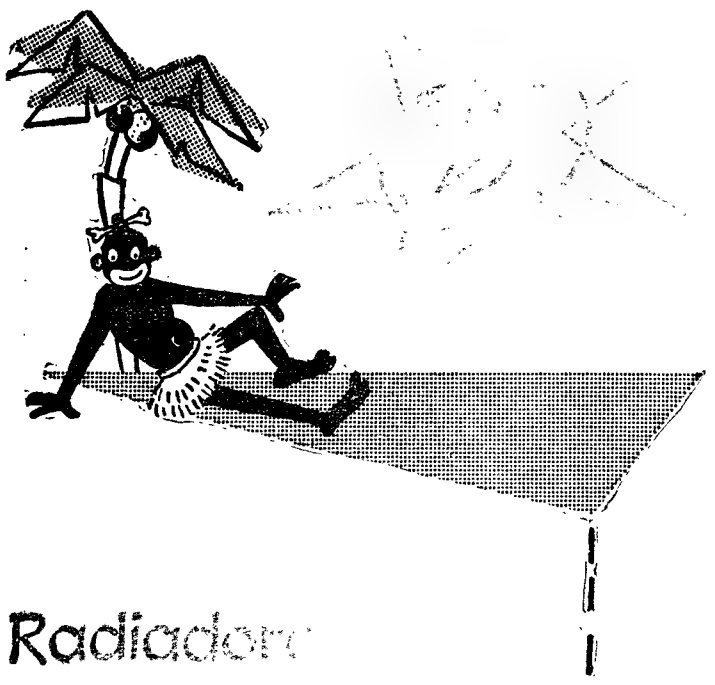
«A vida dos nossos antepassados era rude e sóbria. Os prazeres eram escassos e, comparados com os nossos, terrívelmente insípidos — os passeios de automóvel ou helicóptero, o cinema, a televisão. Custa-nos a acreditar como os nossos avós podiam, sentados em salas escuras, na mais obscena das promiscuidades, divertirem-se, rirem e chorarem com esses ingénuos meios de distracção, durante horas. Mas foi assim que se formaram os grandes caracteres, as almas indómitas, as fortes vontades, as soberbas inteligências. Vivendo no meio de uma Técnica hostil, descontrolada, o homem de então era consideràvelmente ingénuo, mas admiràvelmente corajoso».

Se hoje uma tipoia, um fiacre ou alguma venerável berlinda nos faz sorrir de doce comiseração, no futuro esse sorriso compassivo transferir-se-á para o avião a jacto, o foguetão supersónico e o «Cadillac».

Os estilos artísticos terão uma nomenclatura nova. Como hoje se fala de cadeiras Luís XV ou de cómodas D. João V, teremos mais tarde radiadores Nikita Kruchtchev, enceradoras Dulles e torradeiras de Gaulle. Haverá um saudosismo plangente, todo referido *aos bons tempos da pilha electrónica*, suspirando incessantemente pela época docemente ridícula e feliz — do isqueiro eléctrico.

Seremos ridículos e seremos invejados. Eis o futuro do nosso presente — quando ele for passado. Bom será que não nos esqueçamos disto. O Tempo não é nada senão uma abstracção — mas a mais poderosa das abstracções. Não somos unicos e excepcionais. As nossas grandes conquistas são apenas pequenos elos de uma cadeia interminável. E se nos convencermos do nosso ridículo e da nossa pequenez — seremos um pouco menos ridículos e algo maiores.

JORGE MOTA

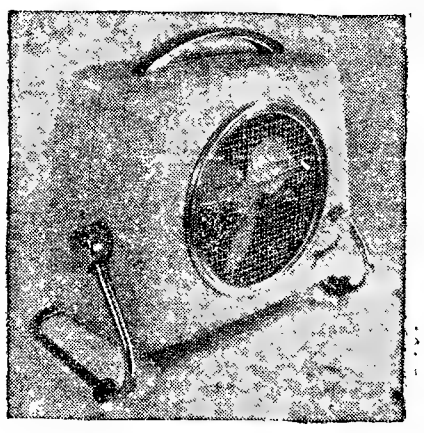


Radiador

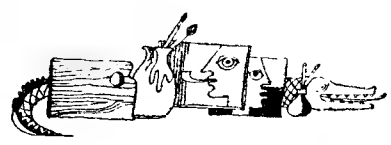
CALOR NEGRO

GEP

Os radiadores GEP, com ventoinha para circulação forçada de ar, são muito compactos, muito económicos e bastante eficientes, pois realizam o aquecimento total do ambiente á custa de uma circulação de ar de cerca de 7m³ por minuto.
Não queimam as poeiras do ar e são absolutamente seguros, quer para crianças, quer para adultos, em virtude da sua blindagem não poder provocar queimaduras. São silenciosos, têm filtragens contra interferências na TV e no Rádio.



GEP



A CONQUISTA DO ESPAÇO

(Continuação da 1.ª página)

foguetão constituisse um satélite da Lua, não teria cessado, de igual maneira o fornecimento de informações de alto valor!? Nessa ordem de ideias, também não haveria interesse em enviar o satélite para a Lua. *Albert Dverock*, sem afirmar concretamente que o objectivo era a Lua, diz que lhe parece não terem ainda os Russos utilizado um sistema de teleguiagem necessário para corrigir os inevitáveis desvios experimentados por um engenho no percurso Terra-Lua.

Pergunta — Por que razão, o engenho cósmico, libertando-se da atracção da Terra e da Lua, não se libertou da atracção do Sol? E que lhe sucederia, se tal viesse a dar-se?

Resposta — Olhando para um mapa do Cosmos, verifica-se que o universo inteiro comporta milhões de galaxias. A galaxia a que pertencemos comporta, por sua vez, biliões de estrelas. Cada uma destas representa, como o Sol um centro de atracção, para que o foguetão se libertasse da atracção do «nosso» Sol ser-lhe-ia indispensável a velocidade de 42 quilómetros por segundo...

Pergunta—...o que representa para nós a impossibilidade de vencer a atracção solar, não é verdade?

Resposta — Longe disso! Como a Terra se desloca com a velocidade de 30 quilómetros por segundo, o foguetão necessitaria apenas de 12 kms. para se libertar. Isto significa que se aproxima, de facto, o tempo das viagens ás estrelas.

Pergunta — Poder-se-á falar, agora já, em *viagem?*

Resposta—Desculpe. Foi um exagero de expressão, por velocidade adquirida... Na realidade, encontramo-nos ainda na fase de *exploração* — a unica que nos é permitida pela utilização dos combustíveis químicos. Seguir-se-á, estou certo disso, a segunda fase, a das viagens propriamente ditas.

Pergunta — Utilizando que espécie de combustível?

Resposta — Atómico.

Pergunta—Não se tratará de uma miragem?

Resposta — A resposta a essa pergunta encontra-se nesta notícia publicada na Imprensa: a Russia prepara-se para fabricar, em 1959, o primeiro avião atómico. A Imprensa soviética da especialidade não faz qualquer segredo dos trabalhos empreendidos nesse sentido, com a utilização do avião atómico (apto a voar *indefinidamente*...) poderiamos levar homens e maquinaria aos mundos situados a distancias verdadeiramente infinitas...

Pergunta — Começaremos pela Lua, conforme ouvi apregoar?

Resposta — Sim. Tudo parece indicá-lo.

Pergunta — Levantam-se problemas...

Resposta — Evidentemente. Cada passo que o homem dá, quer no caminho do infinito, quer no caminho para o escritório, levanta — e resolve — problemas. E' o destino do homem...

Pergunta — A que distancia passou o foguetão do nosso satélite?

Resposta — 7.500 quilómetros.

Pergunta — Existe já algum plano para o assalto á Lua?

Resposta — Posso garantir que sim. A U. R. S. S. comunica que principiou os preparativos para a instalação de uma base lunar.

Pergunta — Quais as fases do programa?

Resposta — Toma conta: instalação de um posto de rádio que transmitirá emissões em código referentes á temperatura da Lua, resistência eléctrica do solo, etc., etc.; instalação de uma estação mais importante que remeterá para a Terra amostras do solo; envio de um canil teleguiado, comandado da Terra por meio de ondas curtas; finalmente, entra o homem em acção...

A mulher que viveu duas vezes

Por PIERRE BIOLEAU

Ao ver a senhora Gevigne, a bela e enigmática senhora Gevigne, Flaviéres pensou qual a razão que a poderia levar a casar com aquele Gevigne, gordo, calvo, vulgar.

Gevigne tinha sido seu camarada de liceu; ambos tinham sido companheiros de quarto. Para poupar dinheiro do aluguel; noje Gevigne estava rico e ele, Flaviéres, andava a ganhar a vida, tratando da vida dos outros. E aí estava ele a procurar solucionar a vida de Gevigne e sua mulher, a enigmática e bela Madeleine.

Desde um certo tempo que o marido a achava estranha, absorta, como se algo a preocupasse, por momentos; depois voltava a ser a mesma despreocupada mulher que o desposara havia uns três anos. Esses «ataques» da mulher preocupavam-no imenso, agora pela frequência com que a assaltavam. Ali andava um mistério que urgia resolver.

Flaviéres propõe-se resolver o enigma; para ele tratava-se, pura e simplesmente, do problema de todas as mulheres que casam sem amor— encontrara outro homem mais do seu agrado. Muito simples. Contudo, ao conhecê-la, ao vê-la no camarote do teatro muito bela e muito frágil, a farta cabeleira a cair-lhe no pescoço de criança, a longa mão apoiada no veludo vermelho, o ar aberto com que escutava o marido inclinado para ela. Flaviéres percebeu que ela era uma mulher especial. Sem quase se dar conta disso estava deveras interessado naquele «caso». Tão interessado que decidiu abandonar as investigações; sentia-se incapaz de a atraiçoar — parecia-lhe até que qualquer laço subtil os ligava já, os ligara sempre. Porém na manhã seguinte, foi com um sentimento de felicidade que iniciou o «trabalho». Saiu. Mesmo em frente da casa dos Gevigne havia um café. Sentou-se nele e esperou. Sabia que ela sairia em seguida ao marido. Não que ele lho tivesse dito, mas sabia, sentia que ela sairia. E saiu. Foi-lhe no encalço. Madeleine não deu por ele, ao dirigir-se ao cemitério; não deu que ele a seguia por entre as campas, até aquela onde se deteve, olhando-a longamente. Uma simples inscrição, um nome de mulher traçava a pedra da campa.

Madeleine olhou-a com aquele ar pensativo e absorto que já lhe vira no teatro. Parecia olhar para dentro e não para o que a rodeava. O que a preocuparia, pois?

No outro dia voltou a segui-la.

Percebeu que se encaminhava para a rua e depois para a casa em que Gevigne lhe falara. Interrogada a dona do hotel — pois era um hotel — soube que duas ou três vezes por semana ela ali vinha, que alugara um quarto ao mês, um quarto das trazeiras e, coisa estranha!, que ninguém ali se encontrava com ela. Flaviéres pensou para que quereria ela um quarto, precisamente um das trazeiras e que nem sequer era dos mais luxuosos. Seria...? Mas impossível, o marido garantira-lhe que ela não sabia do «caso da bisavó». Que atracção, pois, seria essa por algo do passado que ela desconhecia? E porque, sabendo, isso a preocupava tanto? Os porquês eram muitos e Flaviéres sentia-se incapaz de lhes responder. Mas, em verdade, o caso começava a interessar-lhe. E muito mais depois daquele dia em que ela se atirou ao rio e o obrigou a um banho gelado para a salvar. Estranha mulher! Nem uma palavra de agradecimento, nem uma palavra de arrependimento. Naturalidade, simplesmente.

Ao entrar em casa, com Madeleine envergando umas roupas emprestadas, o telefone tocou. Gevigne, queria apenas dizer-lhe que a bisavo de Madeleine, a mesma que a campa guardava e atraíra a atenção da jovem, aquela que um mistério escondia para sempre, morrera afogada no Se na. Suicídio sem razão conhecida...

...Casualmente, Flaviéres estava apaixonado por Madeleine. Quando o olhava com aqueles olhos azuis-claros, que pareciam ter estado levemente cegos pela luz do dia, ele sentia um aperto quase doloroso no coração. Vivia num tumulto, desde que se lembrava de a ter tido nos braços, num abraço frio e mortal, no dia em que ela caíra ao rio e a salvara. Agora eram amigos; saíam muitas vezes. Com frequência ela dizia «já vi isto, há muito tempo...» ou «já andei por aqui pelo braço de um homem, há muito...» — a ele isto parecia estranho. Um dia ela falou-lhe em coisas conhecidas, vividas e acabou por dar forma a ideias inconsistentes que o marido temia, que ele não julgava pudessem passar-lhe pela cabeça «numa primeira existência». As palavras de Madeleine tinham acordado nele muitos ecos. Não sentiu disposição para argumentar ácerca do caso. E então contou-lhe como ultimamente parecia viver de sonhos, como se fosse outra pessoa, como se tivesse acordado e não soubesse onde estava, como se...

...Dias decorridos ela voltou a aparecer. O passeio encaminhou-os para o campo. No campo uma igreja. Uma torre, uma escada íngreme Madeleine quis subir a escada, ir á torre, olhar de lá. Subiram; ela ia á frente, rápida, rápida. Flaviéres a custo a acompanhou: no cima da escada íngreme, reconheceu que ela se fechara por dentro. Também dentro do peito dele, o coração se fechou. Não teve dúvidas quanto á decisão que ela acabava de tomar. Sentiu-se impotente. Defronte da pequena janela, uma sombra passou; fechou os olhos, tremendo; um baque surdo, como um trovão longínquo atravessou o ar quieto e o silêncio tranquilo da igreja. O corpo levou-o para fora. Já esperava aquele corpo estendido, a mala preta aberta, deixando escapar o isqueiro de ouro que lhe oferecera dias atrás. Fugiu.

(Continua na 7.ª página)

POSTAL ILUST

Há pessoas que coleccionam estampas, ou selos, ou caixas de fósforos.

Eu colecciono jardins.

Mal chego á vila ou cidade do meu transito eis a pergunta sacramental:

—Que é do jardim?

E aí vou eu. Dou, lentamente, o giro por sombras e trepadeiras.

Lentamente, para que as árvores, com seus ouvidos eternos, aprendam os meus passos. Sou capaz, eu que nada guardo, de recordar folhas e pedrinhas deste jardim e daquele.

Bem, colecciono.

Ontem tive demora ali, na zona do autocarro. Eu a chegar á esquina, ainda o vi. Mas não quis saber. Rápido, levava o demónio no corpo.

Deixá-lo ir!

Há-de-me importar muito! Já foi tempo, meu caro. Meia hora para mim, representa, hoje, fortuna muito preciosa para gastá-la em recriminações e enfado. Vais ver como é...

A zona, foram plantá-la tal qual no peito do jardim de trapos, velho conhecido meu. E por ser velho conhecido meu, desisti de andar nele. Tirei o livro de versos e sentei-me sob o caramanchão das buganvílias.

A poesia é como quem recebe o Senhor. Só de coração limpo e sem tocar nos dentes. Eu ficara em desequilíbrio, dera-se em mim algo que me recusava a ascensão.

A verdade, verdadinha, é que não dei a volta ao jardim por ser amigo velho.

Mas por cobardia... Os párias, os

Por MANUEL AGRA

boémios, os que toda a santa noite deambularam, «circularam» (para dizer o termo usual)... Os que não conseguiram cinco mil reis para a hospedaria... Esses que escorrem dos bancos do jardim.

Que deixam cair até ao chão pesados braços cansados de segurar a noite pelos cornos...

Começo a reconstituir os caminhos andados por solidões e abismos nas ruas da cidade plumbea. As barbas hirsutas, os olhos febris, o saquinho de farnel há muito con-

sum
beça
co, a
jeito
E
At
A'
cami
viais
Os
boios
festa
apro
pesse
gaio
das!
segu
...
der
cheg
Adiv
—
estiv
dos.
El
—
Nun
Com
A
ce j
Er
ca h

Impressões de

Os novos

O campo toscano é uma mescla de trigais, ciprestes, vinhas e oliveiras. A grande calma que cai sobre a natureza é apenas perturbada por uma ligeira brisa, que imprime um movimento ondulante á densidade das árvores e ás madeixas douradas das searas. Estas paisagens, inspiradoras de pintores, impressionaram profundamente Petrarca que as cantou com entusiasmo e emoção.

Entre a fina plumagem dos ciprestes erguem-se casas senhoriais, apalaçadas, que ressumam uma serenidade franciscana com as janelas de claustro. Estes palácios, alguns antigos conventos, assentam a sua construção na «pietra forte» que cobre também as muralhas circundantes dos jardins. No meio de cada bloco da muralha há um sinal misterioso — a assinatura do operário que talhou a pedra. No arranjo interior utilizaram a «pietra serena», mais própria para a decoração artística.

À volta das casas solenes há sempre uma ficira de bancos de pedra, que o tempo não gastou, guardando nítidamente os brasões de velhas famílias. As estátuas, representando ora deuses de longínqua origem, ora figuras simbólicas e evocativas da Primavera e da caça, fazem parte obrigatória da ornamentação dos jardins, embora ás vezes a sua acumulação destoe no conjunto. Pequenos lagos, caramanchões, talhões de relvado, apercebem-se por entre as áleas, cujo saibro ruidoso sob os passos é uma nota viva a despertar o silêncio dos enormes casarões.

Junto da portada principal é frequente descobrir-se uma fresta, imitação das seteiras de antigas fortalezas. Por essa abertura, os proprietários do palácio vendiam directamente ao publico o vinho das suas colheitas. Hoje em dia a aristocracia florentina não vende

garrafões á porta, mas é o mesmo vinho que se bebe nas típicas tavernas do burgo, onde a cor local se dilui com os contínuos programas de televisão. Nesses recintos

apre
«san
os e
nho
As

STRADO

e sen-
as bu-
cebe o
e sem
em de-
n algo
é que
or ser
ias, os
A
noite
(para
ue não
para a
orrem
ão pe-
egurar
cami-
abis-
mbea.
febris,
o con-

sumido, amarrado ao pulso, a cabeça inteiramente descaída no banco, a maçã de Adão repontando, em jeito de punhal meio engolido.

E aqui perto é a sua.

Até duas, abraçando o jardim.

A' ilharga, ficam as estações do caminho de ferro e dos barcos fluviais.

Os barcos bem apitam, e os comboios... clamam e chamam para a festa da vida. As pessoas correm, aproxima-se a hora do almoço... As pessoas, cada qual metida na sua gaiola.., Em segurança... Estupidas!—rosno eu—como se houvesse segurança...

...Tenho de correr para não perder mais esta vez o autocarro. Vou chegar atrasado, mais que certo. Adivinho a cara do chefe.

—Desculpe, senhor doutor, mas estive no jardim dos desempregados.

Ele, que não é para brincadeiras:

—Que história vem a ser essa? Nunca mais se resolve a ter juizo? Com que então?... O jardim?...

A pessoa sensata dele só conhece jardins para as flores.

Embora, desconfio, também nunca haja reparado nelas.

CARTAS AO MUTNIK

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Ilmo Sr. MUTNIK
Órbita de Entre Terra e Marte — Sistema Solar
GALAXIA
Ref.ª: EXPORTAÇÃO

Lisboa, 17 de Janeiro de 1959

Amigo e senhor: Antes de mais, apresento V. S.ª os meus melhores cumprimentos pelo seu êxito científico e as minhas melhores saudações comerciais pelas redentoras perspectivas que veio abrir ao já milenário e caquético mercado deste planeta.

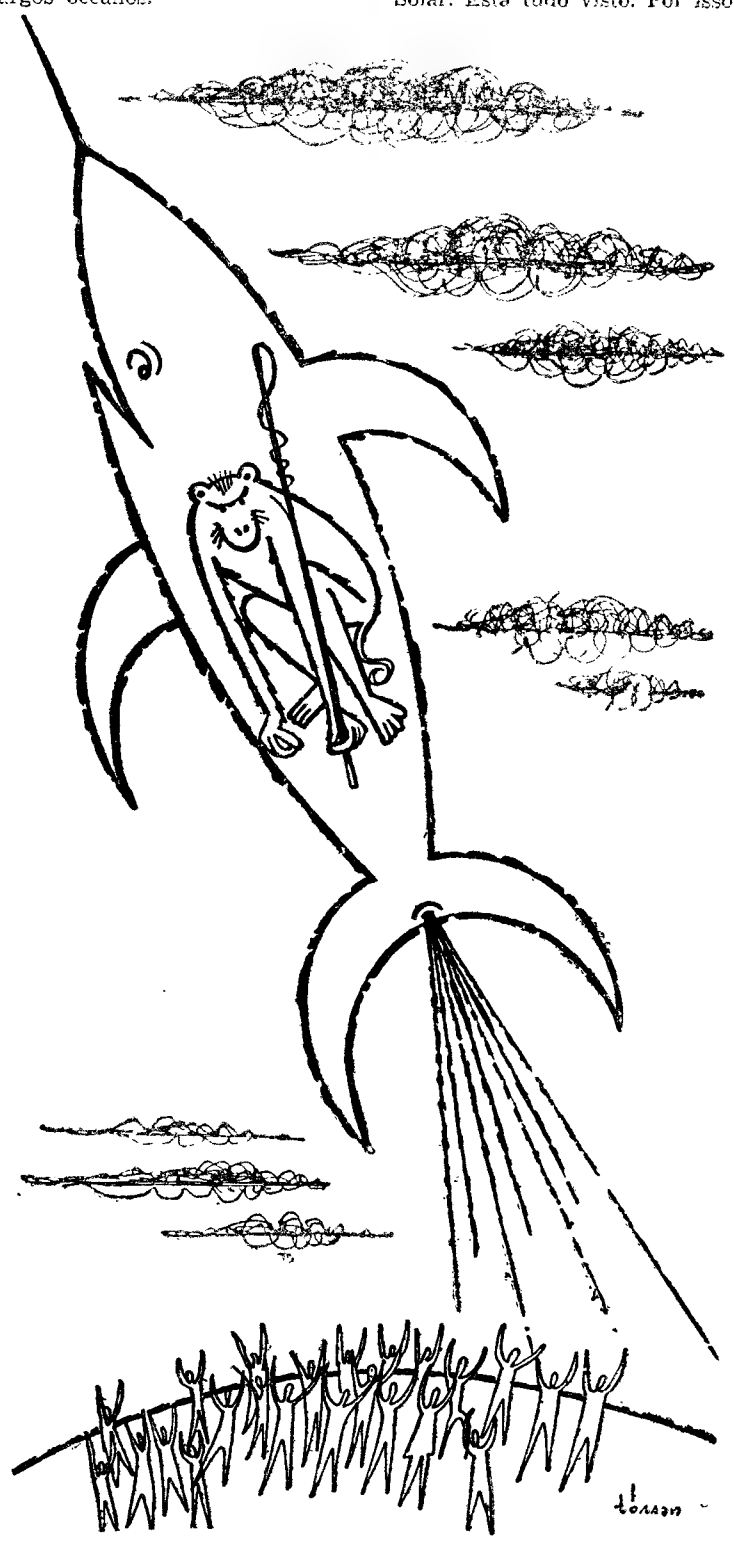
Como V. S.ª sabe, nós, os Terráqueos, estamos definitivamente resignados sobre esta fatalidade: a Terra é mais ou menos uma bola e não poderá ser outra coisa. Tal realidade geométrica tem graves consequências na ordem dos problemas comerciais. Numa bola — aquela frioleira que, nos bancos escolares, nos ensinaram ter todos os pontos da sua superfície á mesma distancia dum outro alcunhado de centro — é sabido que, ao fim duns séculos de gincana comercial, nos acabamos todos por encontrar, e encontrar significa — infelizmente — amar e odiar. A's duas por três já não temos originalidade para inventar novas artimanhas: quando idealizamos uma rasteira para um concorrente, este, que sabe La Fontaine de cor, descobre-nos fácilmente o jogo.

Ao escrever a V. S.ª, que vive noutra artéria, aliás órbita do Sistema Solar, onde, segundo nos convencemos, os ares são melhores e as águas também, e ao lembrar-me que sou indígena do triste e pouco digno de exemplo «*Planeta das Guerras*», sinto que não tenho cara para me apresentar na Galáxia. Sofro — e temo que a coisa seja incurável — de «*complexo de inferioridade terráqueo*»; tenho vergonha da família a que pertenço.

Mas nem tudo é mau por aqui, e a prova é que lhe estou escrevendo. Na verdade, prezado Amigo e sr. Mutnik, eu pretendo iniciar o comércio inter-planetário, limitado por enquanto — já se vê — á ninhada do Pai Sol. Para governo de V. S.ª aqui envio as minhas referências bancárias:

Sou português, nasci nesta província Solar, na *Rua de Onde a Terra Acaba e o Mar Começa*. No tempo do meu primeiro monarca privativo, o Senhor D. Afonso Henriques que Deus Haja, já meus avós iam traficar á feira de Tessalónica, como posso provar com toda a erudição; depois, os filhos destes avós não deixaram perder a herança e fizeram muito e mui virtuoso comércio com as partes de Inglaterra e da Flandres, até que chegou a altura da minha melhor referência bancária, aquela que, assim o espero, mais influirá nó animo de V. S.ª. Refiro-me ao facto de, fartos de mercadejarmos em rotas velhas e carelhas, onde todos nos conheciamos de ginjeira, resolvemos aproar a nossa fatalidade mercantil para os largos oceanos.

Abrimos desta forma novos caminhos de negócio, desflorámos o ignoto. Hoje, porém, já não há ignotos nesta província Solar. Está tudo visto. Por isso me lembrei de seguir novos caminhos: quero desbravar comercialmente a Galáxia. Penso que meu passado de pioneiro é a minha melhor referência bancária.



Não sei que produtos tem V. S.ª para nos vender. Agradeço que na volta dum foguetão de três pisos me mande um mostruário e as suas melhores condições, pois — acredite! — a concorrência, aqui, está pelas horas da amargura. Comêmo-nos uns aos outros que nem cães. Juntamente, queira V. S.ª ter a fineza de referir as minhas comissões de Agente Comercial Inter-Planetário. Chamo a atenção de V. S.ª para a necessidade de se acautelar a minha situação fiduciária. Olhe que fui eu o primeiro, não dê ouvidos ás intrigas que conseguiram fugir á força

por DIOGENES

da gravidade. Portanto se houver por aí algum prestimoso sindicato de Agente Comerciais Inter-Planetarios, na provincia da Terra cabe-me o N. I.

Para demonstrar o meu empenho em iniciar as nossas transacções comerciais, para mim tão necessárias, tenho a subida honra de informar que as minhas primeiras exportações obedecem á seguinte e unica cotação: *GRATIS C. I. F. — no primeiro foguetão de mais de dois pisos que daqui parta.* Muito me penalizou não ter sabido com antecedência da sua partida, falta grave que nos fez perder uma preciosa oportunidade. Como é do conhecimento de V. S.ª, o sangue do comércio não é o dinheiro, mas o tempo; o dinheiro é apenas o fruto. Por tal razão é que os Ingleses, catedráticos de comércio nesta província Solar, depois de inventarem a virginal Isabel I, o piedoso Francisco Drake, o oceanico Olivério Cromwell — inventaram também o Mandamento Unico da Divina Lei do Comércio: TIME IS MONEY.

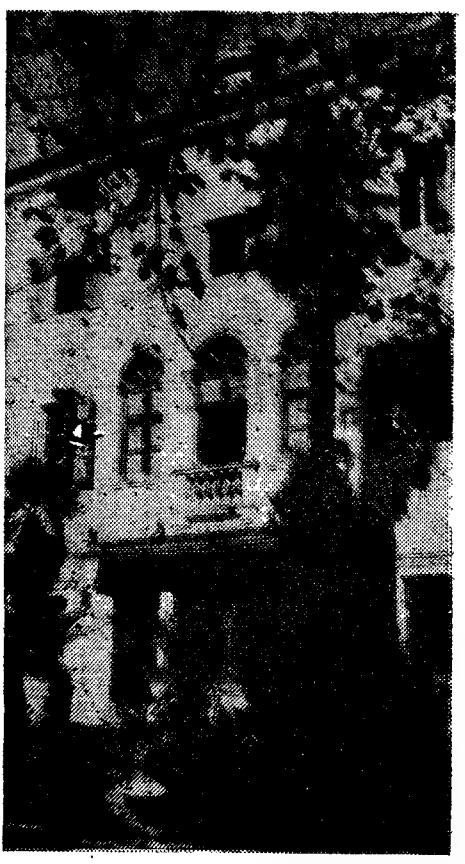
Agora o que lhe agradeço é que me avise, com tempo, da partida do próximo foguetão da carreira. Já tenho embalado tudo quanto penso exportar para o nosso Pai Sol, o mais perfeito purificador do nosso Sistema Planetário. Aqui vai um resumo da Factura:

Boas intenções segue um milheiro, para amostra. No mesmo atado embalámos uma duzia de catedráticos que gostaria de experimentar como asteroides. Também não esqueci uma amostra sem valor daqueles Pacifistas em Filologia, dos tais que ao primeiro aperto do gasómetro dos seus impulsos viram bravos como o demónio. E já que estou nas especialidades zoológicas, saiba que lhe enviarei também um cabaz de formosos tubarões e uma grade daqueles macacões de rabo indiscutivelmente pelado, tudo material escolhido nas melhores procedências. Também houve todo o cuidado em arranjar-lhe uns molhos de pequenos tiranos, que dizem ser tão bons para as saladas como os rabanetes.

(Continua na 7.ª página)

de Itália

novos «Scherzo»



mesmo aprecia-se a especialidade toscana
as ta- «sanini alla vinocchia» e, segundo
r local os entendidos, a qualidade do vi-
rogra- nho é das mais excelentes.
ecintos As habitações modestas dos cam-

Por
DULCE REBELO

poneses estão espalhadas pelas extensas propriedades dos «marchesi». Muito originais, com telhados vermelhos e redondos, elas são o abrigo de homens e mulheres que cultivam a terra com amor, tornando-a rica em paisagem e produção. Quando o Sol se esconde e o fumo, esbranquiçado se evola das chaminés, a família reune-se a uma larga mesa onde são desfiados os assuntos do dia, as preocupações do trabalho; contam-se também histórias picantes que provocam a hilaridade dos ouvintes.

O interior dos palácios apresenta uma nota comum na construção, no estilo decorativo, no «modus vivendi» dos seus habitantes. As salas são demasiadamente vastas, os tectos altos, artesoados, alguns pintados numa pesada imitação de Versailles, o mobiliário inclina-se para o estilo barroco, com uma ou outra peça de grande encanto. O salão nobre, com velhos canapés de côr esmaecida, evidencia-se por um riquíssimo lustre, uma notável colecção de tapeçarias, uma vitrine rósea expondo leques de marfim, bordados a ouro e prata, ou imponente conjunto de peças de louça de Saxe. A sala de jantar, imensa, normalmente de soalho escuro, como móveis de magno, abre-se para qualquer delicioso jardim com repuxos de água e recantos de sonho. Os corredores que conduzem aos quartos, as escadarias niternas, são de lajedo, assim como algumas salas adornadas de colunelos de mármore, o arabesco dos desenhos, tantas vezes de mau gosto, não chega a dar calor e vida ao ambiente pesado, de sanefas corridas.

Há sempre nestas famílias de alta nobreza um velho coronel que lutou, não se sabe em que guerras, que gosta de fazer ressoar as botas de canhão no pavimento das salas desertas. A sua voz é de comando, evocativa de passadas glórias, a sua maior paixão «os cavalos, bem melhores que as pessoas». Os descendentes másculos de tão ilustre ramo mantêm-se fieis a esta paixão ancestral ou criam outra — a das corridas de automóvel, procurando esquecer na velocidade do volante o vazio de suas vidas. Os troféus dos antepassados: lanças cruzadas, chifres de veados, símbolo de vitoriosas caçadas, viseiras e panóplias, são substituidos pelas taças desportivas, prémios ganhos pela moderna geração.

Os herdeiros da antiga nobreza agrária têm interesses limitados ás colheitas, ao tratamento de cavalos e vacas nas estrebarias, aos produtos da terra e sua venda. Sem duvida que algumas casas possuem vastas bibliotecas, onde a riqueza de um documento do tempo de Napoleão, de um pergaminho do sec. XVIII, versando filosofia ou religião, se perde na humidade e bolor que cobre estas preciosidades, juntamente com os livros de linhagens, que contam o apogeu e a decadencia de genealogias perclaras. Contiguo á biblioteca é da praxe um escritório de móveis sóbrios; uma secretária baixa e desconfortável, candeeiros de pé alto, abundancia de canapés de espaldar rijo. Aqui costuma entrar o dono da casa, para fazer as contas dos seus rendimentos, e os filhos para estudarem.

Pois esta sala é a mais descrta de todas. Em geral as paredes cheiram a bafio, na secretária falta tinta, e as paredes do móvel guardam tudo, excepto o material necessário ao trabalho intelectual.

Os chefes de família da nobreza florentina prezam-se de receber bem os seus hóspedes, com todas as honras da mesa, e mostram simpatia complacente perante as conversas dos assuntos mais variados. No entanto, no seu ciclo familiar, desenvolvem uma teia de preconceitos que torna difícil a vida dos membros mais jovens. As distracções principais consistem nos bailes em casa de parentes, com castanhas a estalar no fogo e canções napolitanas dedilhadas numa guitarra, na missa aos domingos, num ou noutro passeio de carro por locais há muito conhecidos. A ocupação favórita das filhas-família é o comentário das vidas de actores e actrizes, a discussão da ultima moda, o luxo ou a pobreza do ultimo casamento. A vida quotidiana, porém, com a sua imutabilidade permanente encrê-as de um tédio docntio, criando-lhes estados latentes de tristeza, desalento e anseios recalcados. As mais rebeldes, aspirando a outro modo de vida, não se decidem a encontrar o «príncipe encantado» nos homens que as rodeiam, desprovidos de afectos sinceros, um pouco rudes no trato pessoal, sem outro ideal ou objectivo que não seja o do aumento da fortuna pelo casamento ou pela herança de velhas tias, que adulam até ao servilismo. O desejo destas raparigas é fugir do ambiente e encontrar o eleito do seu coração, mas se o amor sonhado chega, falta-lhes então a coragem para renunciar ás comodidades que a sua posição lhes oferece. Assim, vaguciam pelos salões com o eterno sorriso do desencanto, e continuam a fazer todos os dias as mesmas tarefazinhas, sem interesse e sem entusiasmo, como se para além das grossas paredes dos palácios não corresse uma outra vida bem mais humana. Do alto das imponentes molduras os antepassados parecem vigiar a nova geração e impor-lhes com olhar severo o cumprimento de tradições que, embora em desacordo com a evolução dos tempos, não deixam de ser um peso importante na realização pessoal de cada membro de nobre estirpe.

DIATETICA E O INVERNO

Diz o povo que «Deus dá o frio conforme a roupa». Como em tudo ou quase tudo o que diz o povo, há um fundo de razão, neste lugar-comum, todos estão, certamente, de acordo que o frio é muito variável. Não conforme a roupa, mas a idade, o sexo, as condições sociais, o regime alimentar.

Ora é precisamente do regime alimentar que nos iremos ocupar; e

do regime de INVERNO que, claro está, deve ser diverso do de Verão. Uma pessoa idosa que vive dentro de casa mal desponta o frio, aconchegada ao «borralho», apenas apanhando um pouco de sol umas escassas horas quando está mais forte, não tem as mesmas exigências alimentares que um jovem estudante que vai e vem da escola, a[s] ás vezes quilómetros debaixo de vento, de frio ou de neve. Podemos por isso dizer que a maior parte das pessoas deve comer «caloríficamente» em função da idade, do sexo ou do clima em que vive.

No nosso clima temperado que se deve comer, então?

Vejamos.

Os açucares têm grande interesse dietético e clínico, nos períodos de grandes frios; e têm imensa vantagem sobre todos os outros alimentos, haja ou não saude, com excepção — já hoje muito relativa —

para os diabéticos. Fácilmente os açucares são transformados em calor, sob o efeito do esforço muscular, por muito ligeiro que este seja.

Há duas espécies de açucares: os «soluveis», mais digestíveis — os frutos, o leite, os legumes açucarados; e os «insoluveis», como o pão, cuja digestão é mais lenta, por mais lenta solubilidade. Ora os nossos recursos de açucares são fracos. A famosa «fome de açucar» das crianças, jovens, grávidas, das amas, dos velhos friorentos, não é gulosiema — ela traduz, sobretudo, no Inverno, uma imperiosa necessidade fisiológica.

Logo que o frio começa, todos devemos aumentar a ração de açucar de 200 para 300 gramas. Não pensem que para fugir a uma constipação ou curar uma gripe basta uma boa cadeira estofada, ao calor da lareira, com uma chávena de bom café na companhia de um cálice de aguardente (as bebidas alcoólicas são contra-indicadas, pois tiram a resistência do organismo ás doenças). Não; para fugir ás doenças do Inverno é preciso ter cuidado com o regime dietético, antes de tudo.

Também as gorduras se trans-

formam, lentamente, em calor regular e durável. Mas têm o inconveninente de ser de difícil digestão e, por isso, exigirem grandes trabalho organico e algum tempo para que se transformem em reservas.

Como acontece com os açucares, há-as de duas categorias: as mais digeríveis *são a manteiga crua, os óleos vegetais (o azeite); e as* menos digeríveis *são as da gema, dos peixes gordos, dos queijos gordos, da carne de vaca ou de porco, as carnes fumadas e a caça.*

Na dietética do Inverno, merece especial referência o leite, embora apresente, de gordura, apenas 4 a 5 %; mas as suas riquezas em açucares, sais minerais e vitaminas torna-o um alimento de primeira escolha para a época invernosa. Também os frutos secos, os oleagi-

nosos, o chocolate tem grande riqueza em minerais, especialmente o magnésio. As gorduras fritas são as menos aconselháveis.

SAIBA COMER

A banana na alimentação

De todos os frutos frescos a banana aparece como o mais rico em açucar, de que contém mais de 20 % do seu peso. Estes açucares favorecem directamente a acti-

vidade dos musculos, incluindo o cardíaco; e rápidamente assimilada, fornecendo calor e força em pouco tempo. Combate a fadiga; é um alimento de esforço físico. Oferece mais de 400 gramas de potássio, por cada 100 gramas do seu peso. Por isso combate o sódio que retarda e endurece as artérias e evita afesclerose do filtro renal. Contém pectina, substancia antidiarreica, o que nos leva a considerar a banana como um regulador do transito intestinal.

Mas há que escolher um fruto

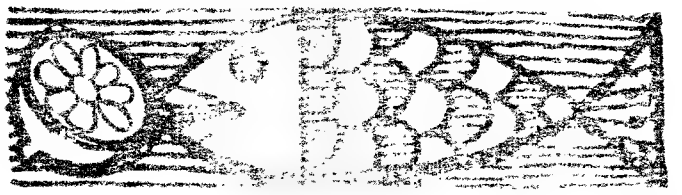
convenientemente maduro, mastigar com cuidado e paciência, pois deglutida em grandes bocados pesa sobre o estomago.

Os regimes de emagrecimento interditam a banana, podendo ser permitida a certo tipo de obesos, seja na obesidade chamada esponjosa, quer dizer em que os tecidos se engurgitam de água como uma esponja. A riqueza em potássio, que já enunciámos, facilita a libertação dos líquidos.

Pode ser consumida em todas as idades, especialmente por crianças e desportistas, nos casos de intensa

fadiga, de emagrecimento, de afecções renais ou cardíacas.

E para terminar, diremos que a banana é um fruto da nossa época: relaxa o homem fatigado em excessos de toda a ordem da vida moderna.



RECEITAS DE URGÊNCIA

Almoços de domingo para Domingo

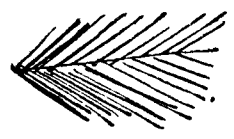
Atum na grelha

Cortar o atum fresco em bifes, untar de azeite e colocar na grelha. Salgar e apimentar. Servir com

manteiga e salsa picada, regando com sumo de limão. Acompanhe com batatas redondas, fritas e esparregado bem verde.

Galinha no forno

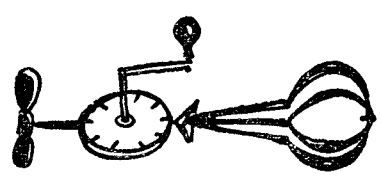
Depois de bem limpa, meta-lhe dentro um bom pedaço de manteiga ou margarina, coloque a galinha, com as pernas atadas num prato de



ir ao forno. A' volta, coloque batatas cortadas em pedaços ou inteiras se forem pequenas. Espete com palitos, tiras de bom toucinho, no lombo da galinha; espalhe um pouco de margarina nas batatas, sal e pimenta, ao paladar. Durante o assado, regue com o próprio molho, deixando alourar as batatas e a ave.

Delícia de bananas

Depois de peladas as bananas, corte-as no sentido do comprimento, em duas metades; ponha na grelha, cerca de um minuto de cada la-



do; polvilhar de açucar e canela, grelhe ainda um pouco e sirva quentes sobre queijo branco, ou iogurte açucarado e rodeadas com qualquer compota colorida.

Sopa de leite

Ferver um litro de leite. Desfazer á parte uma boa colherada de fécula e deitar no leite mexendo sempre. Basta cozer durante um ou dois minutos. Preparar na terrina,

pedaços de pão torrado, ligeiramente amanteigados e deitar sobre eles o leite fervente. Salgar ou açucarar conforme o gosto.

Salada de carne de vaca

Se tem carne que sobrou de qualquer sopa, corte em dados. Faça o mesmo a batatas cozidas. Ponha tudo numa travessa e tempere com o seguinte molho: misture numa tije-

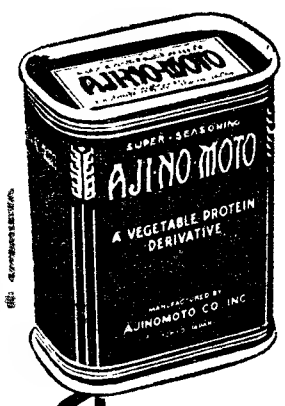
la, uma colher de sopa de sumo de limão e duas de bom azeite; salgar ligeiramente e perfumar com salsa ou coentros esmagados. Deitar na salada. Acompanhe com um pouco de salada crua.

Mousse de café

Num tacho, em banho-Maria, bata em creme 4 gemas de ovos com 100 gramas de açucar. Perfume com umas gotas de essência de café. Deixar engrossar um pouco esta mistura. Logo que tirar o tacho do lume, deitar as claras em castelo;

é preciso misturar enquanto o creme está quente, de forma a misturar bem, sem contudo cozer. Bater um pouco. Deitar o creme numa saladeira e deixar arrefecer.

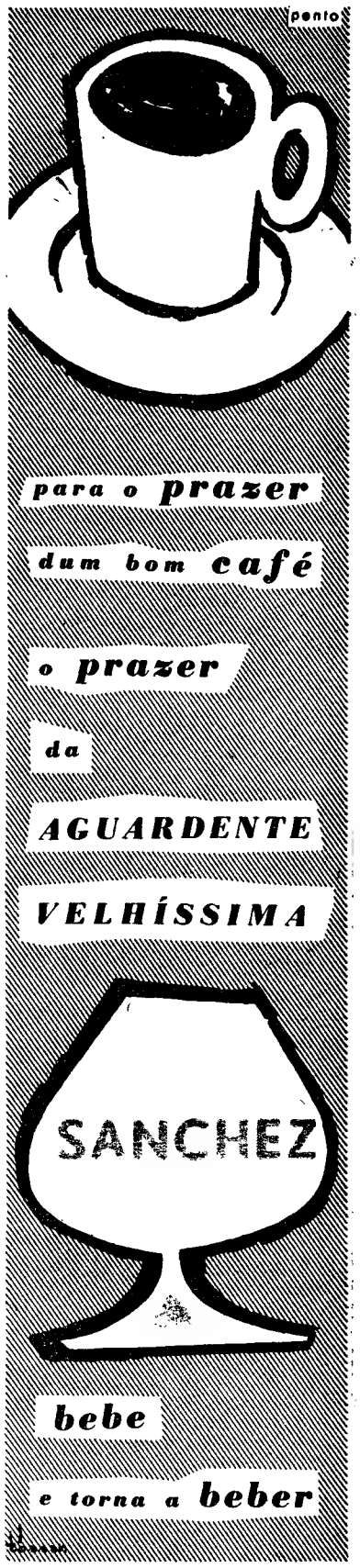
NOVA EMBALAGEM!



POR 20$00 VAI ENCHER 4 VEZES (QUATRO) O SEU FRASCO DE

AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA



DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDITER
INTERCAMBIO MUNDIAL DE COMÉRCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

A VIDA QUOTIDIANA

(Continuação da 1.ª página)

Chiado abaixo. Claro que todas elas tinham sentido. Não se tratava de comparar um genial artista a um molho de nabos, mas de pôr o dedo no mais fundo da ferida: que hospitalidade se dá aos poetas, enquanto vivos? — ou, para usar de uma linguagem ainda mais desiludida: porque preço pagamos aos poetas a hospedagem, cama e mesa e roupa lavada, ócios e sono tranquilos, incluído?

Cá estamos atracando no cais das inconveniências: tudo isso, no caso de Camões, foi avaliado em «quinze mil reis por ano». Foi quanto o senhor Dom Sebastião puxou pela bolsa para se dar ao luxo de custear a miséria do maior poeta português e um dos maiores de todos os tempos e literaturas. Era quanto valia a tubo canora em que ele cantara os feitos marítimos dos seus contemporaneos.

Os heróis desses feitos marítimos e guerreiros — foi a hipótese a que

Tenções e intenções do século XVI

a seguir me abalancei — não deviam ter trabalhado de graça. Em tal caso, que recompensa teriam recebido? Que valor se dava a um guerreiro?

Boas e prometedoras perguntas. Na verdade Afonso de Albuquerque que não possuía a tuba canora, mas a «espada terríbil» — dirigia ao senhor Dom Manuel estas ascéticas palavras:

«Lembro-vos, senhor, que se fazeis fundamento na Índia e minha pessoa acabar nela, que me deveis fazer mercê e muito rico».

E ainda:

«Mercês a Deus e a Vossa Alteza, dinheiro tenho já».

Vasco da Gama, por acertar com a Índia, recebera a esbelta maquia de doze mil cruzados de ouro — 22 mil contos em moeda de hoje (mais ou menos). Depois, o vice-rei D. Francisco de Almeida cobrava por ano qualquer coisa como 34 mil contos em moeda ruidosa, em pimenta e em cobre. Quem não desejaria tornar-se vice-rei? Justo era que se dissesse: mais vale ser vice-rei uma hora que banqueiro toda a vida.

A Lopes Soares de Albergaria, sucessor de Afonso de Albuquerque, ofereceu el-rei D. Manuel, para que desistisse do cargo (em favor de um novo afilhado), a choruda reforma de 20 mil contos. Mas Lopo não era tolo; sabia o valor do cargo: e recusou.

Todavia, não era só por meio de boas tenças que o Estado português alimentava a nobreza; além das tenças, havia as «tenções» e as «intenções».

Antes de mais, só os nobres podiam comandar as naus reais da carreira da Índia; os burgueses mostravam os seus préstimos nas naus particulares, em muito menor número.

O comando das naus do Estado favorecia bastante as «intenções» comerciais dos titulares. Sim: os nobres não desdenhavam fazer os seus negócios com pimenta. Na frota do comando de Jorge de Aguiar, que partiu do Restelo em 1508, Afonso de Albuquerque tomava a dianteira a todos os nobres, pois embarcava uns três mil contos de mercadorias para comerciar nas partes do Oriente. O marechal D. Fernando Coutinho, comandante da grande frota que partiu no ano seguinte, investiu com o mesmo objectivo mais do dobro daquela importância. De que ordem seriam os lucros?

Tudo isto me passava pela cabeça, enquanto descia o Chiado. Já estava a caminho de poder calcular quanto valia um poeta. Camões recebera o dividendo de 15 mil reis anuais por ter investido o capital de toda a sua vida de poeta. Aí uns quatro contos e quinhentos em moeda de hoje, se não falham os meus rápidos cálculos.

«Os Lusíadas», «As Líricas» e os «Autos» — tudo junto! — que bela compra fez D. Sebastião! Os editores de hoje teriam tido, com certeza, as mãos mais largas.

Cartas ao Mutnik

(Continuação da página central)

exportaremos um bairro completo — e que supomos será um belo mostruário — de Casas de habitação do tipo moderno de *Acabe-se-com-a-Raça*. Na respectiva *Memória Descritiva* lerá V. S.ª que são daquelas que só têm divisões para casais celibatários. Posso enviar-lhe muitas mais, não faça cerimónias. Nós, cá, dizemos «Com casas destas que havemos de fazer a tantos Portugueses?»

Diga que também mandaremos, como coisa assaz mimosa, uma daquelas avenidas que, antes de nascerem, já não comportam o transito para que serão feitas. Prante-a mesmo no meio da *Via Láctea*. E termino por aqui.

(Continuação da página central)

Anos passaram. Flaviéres voltou a Paris. Aí soube da morte trágica de Gevigne e sentiu remorsos. Sentiu que ele o matara. Se tivesse contado a verdade! Mas como poderia contar a morte de Madeleine, que ele não soubera evitar? Sentiu-se deprimido. Deambulou pela cidade E um dia...

Um dia viu-a. Madeleine! Sim, era ela, sem tirar nem pôr. E percebeu que ela também o reconhecera. Mas quando lhe falou, ela negou. Negou sempre. Talvez na verdade não soubesse bem quem era. Talvez, quem sabe? Um dia encontrou a carteira dela, rebuscou-a. E lá dentro, oh! ceus! — lá dentro um colar de ambar que tinha pertencido á bisavó de Madeleine! Um terror surdo se apossou dele. Tinha de saber, tinha de encontrar Madeleine tinha de tranquilizar o coração apressado!...

Eis, em traços largos, parte do enredo do romance de Pierre Boileau, editado por Publicações Europa-América, na colecção «AS TRÊS ABELHAS». Sem dúvida um romance de «suspense», estranho e literáriamente bem construído, cheio de força, verdade e poesia.

DIÁLOGOS IMPERTINENTES

(Continuação da 1.ª página)

vestir, por mais bizarra que te pareça, e uma escola filosófica? Essa de se responsabilizar o Kierkegaard pela cor das peugas dos jovens ou o Heidegger pelos penteados das moças é realmente fantástica!

ALBERTO — Não tanto como te parece, porque estas espaventosas manifestações expressam uma íntima perturbação muito mais profunda do que á primeira vista pode supor-se. Duvido muito que se trate, como tu afirmas, duma simples «crise» e ainda mais que ela possa ser de «originalidade». Estamos evidentemente perante uma pura manifestação de excentricidade e um mórbido desejo de escandalo. Além de que se entende geralmente por crise da adolescência uma coisa epidérmica, passageira e a juventude actual parece-me gravemente doente. Por toda a parte seres complicados e angustiados, rapazes que parecem raparigas, raparigas que se assemelham a rapazes...

MARIO — Não exageres! E' verdade que a juventude actual apresenta, pelo menos em relação á do nosso tempo, sintomas mais agudos de instabilidade, mas não é menos certo que se verifica nela uma ansia de autenticidade e uma «descontracção», como usa agora dizer-se, que a torna aos meus olhos bem cativante. Não consigo mesmo antipatizar de todo com os seus trajes berrantes e de corte esquisito, nem com os seus cabelos curtos e desalinhados. Eles são tão moços e têm ainda tanto tempo para ser pautados, regrados e respeitáveis...

ALBERTO — E também simpatizas com a sua flacidez moral e com o seu desleixo sistematizado? Parece-me, meu bom Mário, que o teu optimismo é muitíssimo perigoso. Para nós, como deves recordar-te, o delírio da originalidade, porque também dele sofremos em certa medida, era uma fonte de prazer e um desejo de afirmação. Repara, no entanto, como eles se sentem infelizes, «angustiados», apesar dos trajes berrantes e da tal descontracção. Logo na manhã da vida, saudam a tristeza com um bom-dia, como a uma boa companheira que os há-de acompanhar todo o resto da jornada. Virão decerto a ter uma adolescência muito longa, porque não conseguem adaptar a sua ansiedade á vida, nem fazem nada para moldar a vida á sua ansiedade. Desinteressam-se por tudo o que não seja a sua «existencial» angustia e comprazem-se com o absurdo do Mundo actual...

MARIO — Mas que quadro tão sinistro! A aceitar as tuas opiniões sobre os jovens de hoje seria inevitávelmente levado a concluir que se trata de uma geração de psiconevróticos dignos de internamento...

ALBERTO — Não quero ir tão longe, embora não esquecça que há nesta jovem geração, duma maneira geral, bastantes manifestações de esquizofrenia e, principalmente, de psicastenia. Se leres o que psicólogos como Janet e Wallon escreveram sobre a angustia dos obsessionados, estabelecerás forçosamente o paralelo. Não esqueço, porém, que a crise da adolescência é geralmente acompanhada de manifestações desse género e que, como escreveu Henri Wallon, «esse desacordo entre as veleidades da vida afectiva e a realidade, entre o subconsciente e os objectos da consciência é patológico só quando é irredutível». Ora eu temo muito sériamente que o culto da angustia existencial dê origem a essa irredutibilidade e franqueie assim as fronteiras do patológico...

MARIO—Pois eu não temo nada disso, porque os jovens verdadeiramente obsessionados são uma escassa minoria. Os outros são um tanto «poseurs», atravessam, de facto, embora tu disso descreias, uma passageira «crise de originalidade», cujas mais graves manifestações são talvez a estranha indumentária e os insólitos penteados que usam. Mas isso não merece tanta indignação e tão grande pessimismo. Bastará, a maior parte das vezes, um olhar divertido e um sorriso levemente irónico. Quanto a mim, não consigo mesmo evitar um cumplice sorriso de simpatia. Que queres tu, eles são tão novos!

—Não me acreditou.

—Senhora Ana, a minha lanterna.

Corri, galguei o monte dos resíduos, comecei a descer e o Salvador avisou:

—Corte mais á esquerda. Há aí uma vala.

Era preciso chegar. Outros homens corriam também.

Toda a Aldeia se levantaria ao saber do desabamento. As lanternas, com os movimentos apressados dos homens, pareciam mover-se num mar de tempestade.

Mineiros discutiam á boca da mina.

—O que fazem aqui? Porque esperam?

Um grupo informou:

—Partiu-se um escoramento. Era fraco... A rocha deslizou por um veio de barro.

Aquele «era fraco», da forma como foi dito, trazia a marca duma insinuação.

—Foi antes ou depois da chaminé?

—Parece que foi antes.

Não satisfez a resposta. Tomei fôlego.

—Esperam que a mina venha toda a baixo?

Um mineiro mediu-me como se aquilo fosse um insulto e resmungou:

—Não querem lá mais gente.

—Quem está a dirigir os trabalhos?

—É o Silva.

—Entrei pela mina dentro. Os homens seguiam atrás de mim; as lanternas iluminavam as paredes da galeria.

Dos toros de pinho escorria uma humidade viscosa e havia no ar um bafo de angustia. Chegámos ao poço central e o foco duma lanterna mostrou-nos a entrada de novo tunel. Um numero, pintado numa tábua vermelha. Cinco. Agora focámos todos o mesmo ponto e, numa curva, a luz caiu na parede e nos escoramentos.

—Eu vou á frente, senhor engenheiro. Conheço melhor o caminho.

Com a mão livre arrepanhei o ombro do mineiro que falara e puxei-o para trás.

Começávamos a ouvir o bater surdo das picaretas. A ansiedade tomara-nos. O foco das lanternas foi cair no chão. Dois blocos de pedra quase nos tapavam o caminho. Encostei-me á parede, atravessei de lado. A sensação da humidade arrepiou-me. A cadência abafada dos passos e o som das ferramentas a entrar na terra voltavam para trás e repetiam-se nos nossos ouvidos. Descemos ao mesmo tempo os focos. Ao fundo, num quadrado de luz embaciada, os homens agitavam-se numa ansia febril. Revolviam o entulho, de tronco nu, tomados de furia. As pás, mal atiravam a terra, caiam outra vez na massa abatida.

O Silva descobriu-se e deu-me as boas noites. «Boas noites»... Como isto era amargo. Falei-lhe entre dentes, olhando-o nos olhos:

—Ainda lhe sobra tempo para tirar o chapéu?

O escoramento rangeu. Junto de nós, alguns toros de pinto cediam.

—Madeira, tragam madeira. Tirem aquelas pedras para dar passagem ás vagonetas. Se você se deixasse de cumprimentos e visse o que está a fazer, seria mais util.

Alguns homens afastaram-se e eu berrei com quanta força tinha:

—Telefonem para cima. Que mandem madeira.

— Quantos «trommers» estavam ligados quando o motor parou?

— Três.

— Um dia vai tudo pelos ares. Doutra vez que isso aconteça parem as máquinas e mandem-me chamar.

— Eles só sonham sacos de minério...

Sim, o Freitas sabia tanto como eu o que eles pretendiam, mas a resposta espicaçou-me mais.

Cansei-me. Compressores sujos, tudo cheio de resíduos. Um dia inteiro não bastaria para limpar os estragos do óleo. Voltei-me para o mecanico:

— Amanhã, desmonta-se o motor.

Fui dar uma volta pelo «povo» não sei se para evitar a passagem do poste onde o Lemos caíra. E isto não era a primeira vez que acontecia.

A aldeia só era iluminada do lado da mina. Lá dentro, no escuro, confundiam-se as paredes negras com o espaço marcado pelas ruas estreitas. Mesmo ás escuras conhecia a aldeia. Parei para acender um cigarro. «Ali é a casa do Pinto; ali gastam os mineiros em vinho o dinheiro que recebem. Em frente a casa de Sebastião». A Janette disse-me uma vez: não sei como podem viver seis pessoas numa casa daquelas».

Andei uns passos e voltei a lembrar-me do Lemos, dum passeio que demos a uma vila próxima. Anoiteceu-nos no caminho. E a noite estava escura também. A certa altura acendi um fósforo e só tive tempo para gritar:

—Pare.

Gritei de novo, com ansia:

—Pare!

A quatro metros á frente estava a boca da chaminé da galeria 2. Alguém partira a madeira que servia de guarda. Aproximou-se de mim e murmurou: «obrigado». Até mina nada mais dissemos. Ia a abrir a porta quando me perguntou:

—Quantos metros tem aquela chaminé?

—Vinte e três — respondi martelando as síladas.

Meteu um cigarro na boca, olhou-me e sorriu com tristeza.

—Era uma sorte...

Oito dias depois teve uma hemoptise.

Quando nos despedimos, na estação, bateu-me levemente num ombro. O seu rosto era só mágoa.

—Você naquela noite não se devia ter lembrado dos fósforos. O fundo da chaminé seria melhor... Mais um mineiro que morria de pé... Agora esta vida de inválido... Era bem melhor que você, não tivesse fósforos.

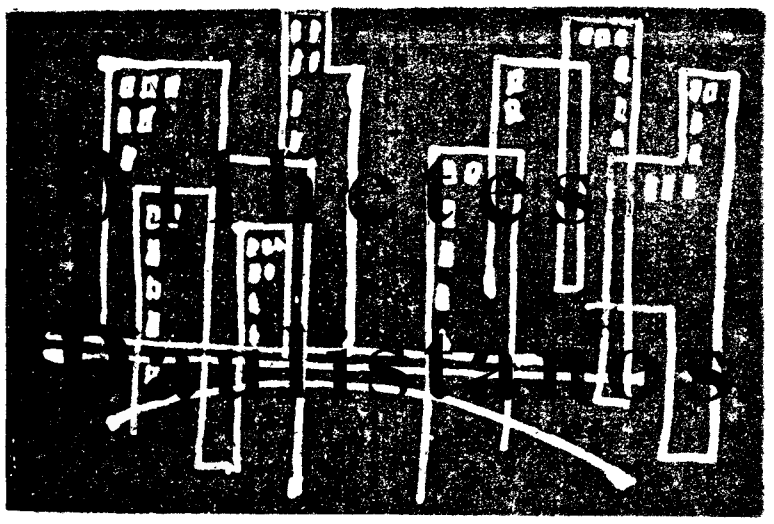
Apertou-me o ombro com força, percebeu que a Janette o ouvira e sorriu.

—Não me olhe assim. Não, eu quero-me curar.

Quis animá-lo, mas faltou-me a coragem. Pensava como ele.

Onde irei eu, sózinho, numa noite daquelas, a chapinhar na neve. A chaminé da galeria 2 ficava do outro lado da mina. Sorri sinistramente, mas voltei as costas á aldeia.

As sereias gemeram. Um turno deixava a mina e outros mineiros entravam. Os meus olhos pararam na boca da mina. As luzes das lanternas dos mineiros que subiam o monte tremiam. Uma aqui, outra além. Velas duma procissão de desgraças. Porque me enraivecia aquilo ainda mais? Aproximei-me de casa. A Janette conheceu os meus passos e levantou os olhos do livro. Vi naquele olhar a falta que lhe fazia. Ela veio a correr



BALANÇO BRASILEIRO

Por

MIGUEL URBANO RODRIGUES

SÃO PAULO, Janeiro. — Um ano decorreu sobre a minha chegada ao Brasil. Olho para trás e esforço-me para fazer o balanço. Não o balanço do meu processo íntimo ao longo de 365 dias, mas o da vida deste grande país em 1958.

A palavra crise anda no ar. Parlamentares, ministros, militares, Imprensa, Rádio e Televisão referem-se á crise, insistem nas tremendas dificuldades que o Brasil atravessa. A inflação persiste, o café acumula-se nos portos, a produção de petróleo não progride satisfatòriamente, na Aeronáutica mantém-se o clima de mal-estar. Contudo, sinto relutancia em admitir que o país atravessa realmente uma crise grave, pelo menos no sentido emprestado á expressão na Europa. Os problemas são reais mas, apesar de haver perfeita consciência da sua importancia, ninguém duvida de que serão vencidos. Todos sabem que assim sucederá inevitàvelmente ainda que não consigam explicar como. Sob as aparências de um negro pessimismo, o Brasil entrou em 1959 mantendo inalterável o seu sádio optimismo. Nem outra atitude seria admissível por desoladores que sejam o crescente desequilibrio da sua balança comercial e as perspectivas imediatas para o café e o petróleo. A lógica fria dos numeros revela-se traiçoeira neste admirável país, onde nos momentos aparentemente mais dramáticos aparece sempre uma possibilidade imprevista ou uma solução feliz.

De longe, o Europeu tem dificuldade em compreender o Brasil e há nele certa tendência para encarar com certa superioridade a confiante despreocupação com que os seus filhos enfrentam os mais graves problemas. Mas a sua atitude e os seus juizos pecam por apressados e gratuitos. Basta-lhe, aliás, tomar contacto com a terra e os homens para se certificar da enormidade dos seus erros. Deste lado do Atlantico as perspectivas são outras. A América é, de facto, e não apenas na designação, o Novo Mundo. Ninguém teme o futuro por maiores que sejam as nuvens que se acumulam no horizonte. Uma grande figura de São Paulo dizia-me há dias considerar «criminosa a atitude de todo o europeu com filhos que, tendo emigrado um dia para o Brasil, regressa ao país de origem». Cito a frase, não obstante o que nela há de exagerado porque exprime bem a ilimitada confiança do homem brasileiro no amanhã e uma contradição fundamental na maneira de encarar a vida. enquanto na Europa se pensa no dia seguinte com preocupação e receio aqui olha-se para a frente com confiança e fé. Qualquer que seja o Governo no Poder todos sabem que as coisas correrão melhor á medida que o tempo for passando. A experiência ensina ao homem da rua que a espiral inflacionista não conseguiu impedir o aumento progressivo do nível de vida de todas as classes. No ambiente paira uma certeza: nenhum erro, loucura alguma poderá travar a marcha assensional do Brasil e a sua transformação em uma das maiores potências do Mundo. Essa impressão é mais forte do que a lógica dos balanços, impõe-se ao espírito, domina-nos Uns meses depois de chegar, somos forçados a concordar: os Brasileiros têm razão. E também nós, Europeus, passamos a ver crescer os filhos sem apreensões, nesta terra de prodigiosos contrastes.

Na França como na Inglaterra, na Alemanha como na Holanda, o reequipamento do após-guerra determinou uma intensificação do ritmo de vida traduzindo-se a breve trecho num acréscimo de prosperidade das massas. Mas, para além desse dinamismo e dessa riqueza que se adivinham transitórios e sujeitos a perigosas flutuações, há algo de estático nos panoramas sociais e humanos, tem-se como que a sensação de que tudo nesses países está acabado e feito, que muito pouco de novo resta a efectuar. Estado de espírito que é uma semente de descrença... Em outros países onde o problema político condiciona todos os outros e subsistem desigualdades sociais afrontosas da condição humana, nem por isso a ideia do inelutável e da inutilidade do esforço deixa de nos dominar por mais que a queiramos repelir para longe. No Brasil, tudo se passa ao contrário, as reacções experimentadas são de índole inteiramente oposta. Um desempregado é, sob certos aspectos, um homem menos angustiado do que na Europa o funcionário com reforma garantida. A vida fervilha á nossa volta num latejar intenso que nos perturba e confunde. As transformações sociais e económicas processam-se num ritmo equivalente ao desenvolvimento vegetativo das plantas e dos animais, verdadeiramente surpreendente para observadores europeus. A oferta de empregos excede largamente a procura. Há sempre algo de novo a fazer, um sem-numero de empreendimentos a tentar, de possibilidades a explorar. A própria miséria, por vezes confrangedora, de uma considerável percentagem da população das grandes metrópoles e das terras ressequidas do Nordeste, surge como característica de uma sociedade em formação que avança desordenadamente para o futuro. Na Suécia ou na Suíça, nações bem organizadas socialmente, pode haver graves erros a corrigir. No Brasil não. O definitivo não existe, tudo ou quase tudo é transitório neste estaleiro em perpetua ebulição. Assim, o que parece á primeira vista errado ou monstruoso tem a consistência de uma miragem. Históricamente é apenas uma consequência passageira da evolução apressada de uma colectividade que no seu galope para o futuro não tem tempo de olhar para trás. As imundas favelas do Rio de Janeiro e os mocambos do Recife surgem a meus olhos como chagas sociais bem menos graves do que os «bidonvilles» de Paris ou os bairros de lata de Lisboa ou Madrid. Entre uns e outros existe a mesma diferença que separa uma doença crónica de um violento mas breve acesso de febre.

O Brasil é o reino do inacabado, um dos ultimos países que restam no Mundo onde todas as aventuras são possíveis. Possuindo uma população seis vezes menor do que a União Indiana, a pátria de Euclides da Cunha ocupa uma área três vezes superior á do subcontinente asiático. Enquanto o Indiano, apertado num espaço restrito, tem perante si horizontes sombrios, pois, por maior que se revele o génio dos seus políticos do futuro, a sua condição não se alterará fundamentalmente e o regime de castas continuará a ser o preço de uma riqueza insuficiente para todos os membros da colectividade — o Brasileiro sorri confiante para o dia de amanhã, certo de que só um cataclismo histórico pode obstar ao progresso fabuloso da nação. Para uns, a miséria apresenta-se como a consequência necessária de serem numèricamente demasiados para a terra que possuem; para os outros, a ideia do progresso é inseparável do crescimento da população: a prosperidade será tanto maior quanto mais numerosa for a colectividade.

Velho Mundo — Novo Mundo! Antitese dramática e maravilhosa que nos abre perspectivas insondáveis sobre o Homem e a sua marcha no tempo.

«ANTES DO AMANHECER», por **Somerset Maugham**

«A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA», por **Hans Sedlmayr**

Edições de **LIVROS DO BRASIL**

leia

(não pode deixar de ler)

Prepare-se para comprar o novo livro de **Alberto Camus**

«O AVESSO E O DIREITO»

e passou-me os braços pelo pescoço. Queria beijar-me a boca. Desviei a cara. Perguntou-me «o que tens» e o seu rosto ficou angustiado. Eram os seus braços, os seus beijos a melhor fuga ao peso daquela vida. Fazia-a sofrer e sentia prazer naquele sofrimento. Censurei-me. Naquela noite só procurava atritos e respondi-lhe o mesmo que tinha dito a Rowe: «não tenho nada, deixa-me». O rádio tocava. Sentei-me. A musica arrastava-me na sua toada mole. Não sei nada de musica, mas é assim mesmo: quando oiço tocar perco a rigidez, relaxam-se-me os musculos e esvaem-se-me os pensamentos. Agora a musica levava-me á cidade, a uma vida mais fácil. E eu ali enterrado naquela aldeia maldita... Mas para que veio a Janette meter-se aqui? Olhei-me. Tinha as mãos sujas e negras de óleo.

—Não seria melhor afogares essa musica de pretos?

A Janette desligou o aparelho.

—Dói-te a cabeça?

—Não, não me doi.

Falava com a secura dum cardo. Magoava-a. Sim, magoava-a.

—Mas tu tens alguma coisa e não me queres dizer.

—Já te disse que não tenho nada.

Naquele momento gostaria de chorar e as lágrimas arrasaram-me os olhos. Mas não, podia ser... Mordi um lábio com força.

—Está aqui uma carta do Lemos.

Peguei na carta e fiquei por algum tempo indeciso. Iria aborrecer-me mais? Rasguei por fim o sobrescrito.

—O que diz ele?

—Que não tem esperanças de voltar a ver-nos.

—Há-de curar-se, estou convencida disso.

Falou com a segurança de quem tinha uma certeza. Mas porque falaria assim? Aquela segurança... Era necessário sentir pelo Lemos mais do que...

—Porque não abres as cartas dele? Escusavas de mostrar tanta ansiedade.

O livro caiu-lhe das mãos, olhou-me fixamente e as lágrimas soltaram-se-lhe. Ouvi, no corredor, os passos da velha Ana.

—Senhor engenheiro, está ali o Salvador.

—O que quer?

—Pede ao senhor para ir lá fora.

Levantei-me e fui á porta. O vulto dum homem esperava-me á distancia.

—O que há?

—Abateu a galeria 5

—Toda?

—Não, senhor engenheiro.

—Estava lá alguém?

—Quatro homens.

—E então?

—Ficaram lá todos.

Aproximei-me de casa e gritei para dentro:

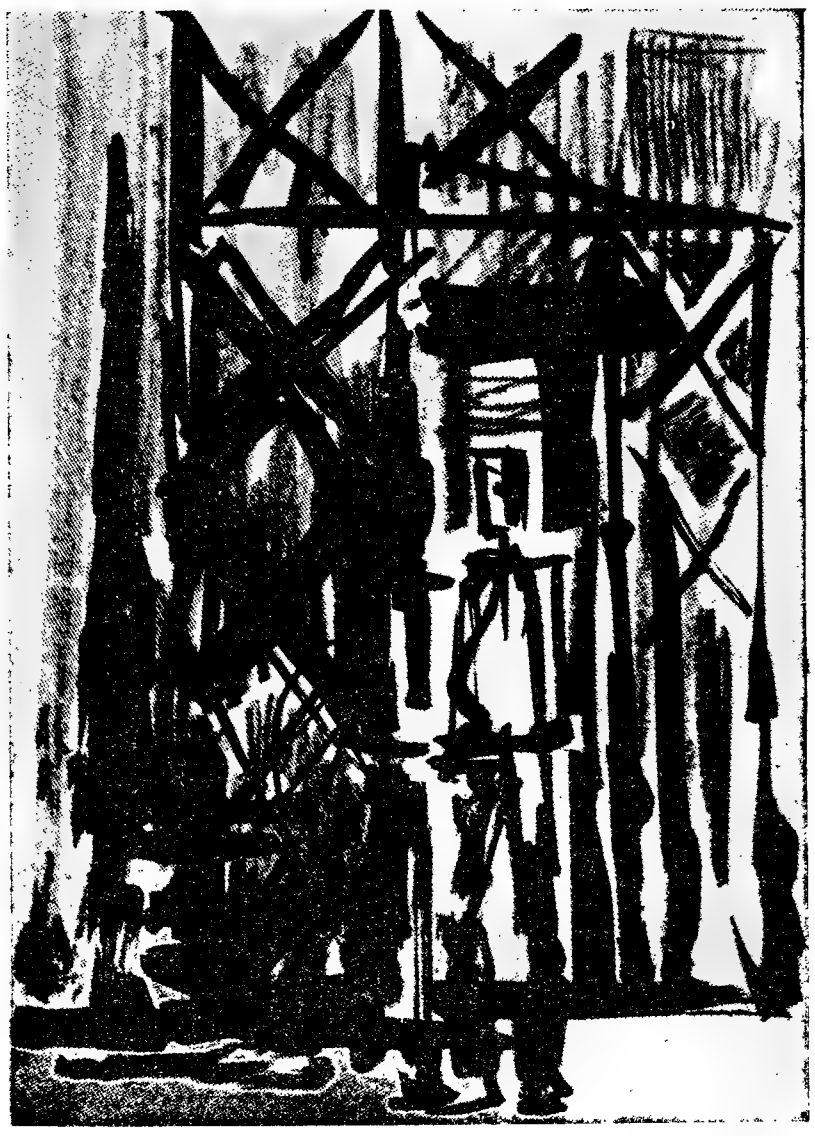
—A minha lanterna, de-pre-ssa.

A Janette veio á porta.

—Diz-me o que aconteceu.

—Beijei-a como se partisse para muito longe e murmurei a custo:

—Nada, nada de importancia.



Eduquemos o nosso filho!

Atenção às crianças deficientes

Quantas crianças atingidas por cegueira, visão insuficiente, surdez, deficiências motoras ou mentais há em Portugal? Não possuimos estatísticas que nos elucidem, mas calculam-se em algumas dezenas de milhar. Que temos feito por essas crianças? Tão pouco, que só uma percentagem mínima pode receber assistência ou educação adequadas, e mesmo assim ficando, regra geral, á margem de uma sociedade que não está preparada para a receber.

Começa, porém, a desenhar-se entre nós um movimento esclarecedor e construtivo a favor das crianças deficientes. Principiamos a compreender que o nosso carinho por elas não deve traduzir-se em piedade lamentosa e estática, mas em conhecimento dos seus problemas e anseios e das suas possibilidades, conhecimento esse indispensável para um interesse responsável e activo, que conduza á reeducação dessas crianças e sua reabilitação social.

O problema tem importancia capital para o individuo, a família e a sociedade. Muitas dessas crianças, até agora consideradas inválidas e, como tal, destinadas a uma existência inutil, de humilhação e sofrimento, representando para as famílias uma preocupação e tortura constantes e para a Nação um peso morto — muitas dessas crianças podem melhorar o seu estado, sentir a alegria de viver, adquirir conhecimentos que lhe permitam, na idade própria, dedicar-se a ocupações uteis e remuneradas, conquistando assim a sua independência, a sua felicidade, e contribuindo para o equilíbrio da sociedade de que fazem parte.

Hoje, que no nosso País os paralíticos cerebrais, os cegos, os surdos, já possuem ou estão em vias de possuir instituições onde técnicos competentes e pessoas de boa vontade trabalham para a solução dos seus problemas, todas as mães de crianças deficientes têm o dever de confiar nessas instituições e de pensar sèriamente nas soluções que lhes apresentem para os casos que lhes dizem respeito. E há que tomarmos, todos nós, a atitude certa, construtiva, que fomente o clima necessário para que o deficiente se sinta estimado, compreendido, aceite e util. Todos devemos saber que não é de piedade, de esmolas e de inacção que os deficientes precisam, mas de delicadeza, compreensão, respeito, educação e trabalho compatível com o grau das suas deficiências.

Se a criança sadia precisa de ser estimulada e educada, sem o que permanecerá em lamentável estado de ignorancia e incapacidade, se essa educação exige um processo lento, persistente, constante e gradual — por que motivo estas mesmas condições não terão de ser postas para se conseguir das crianças deficientes um progresso que, por mais pequeno que seja, será sempre um progresso, contribuição para a sua felicidade e independência, mesmo relativas?

Todo o deficiente com capacidade de raciocínio e não prejudicado por inconvenientes hábitos adquiridos deseja ardentemente não ser lamentado nem considerado á parte; desejo natural, legítimo, que a sociedade tem o dever de respeitar, reconhecendo as suas possibilidades, facilitando a sua educação e aceitando a sua comparticipação nas actividades em que possa tornar-se elemento util.

Portanto, e mais uma vez: acreditar nas possibilidades dos deficientes, desejar a sua dignificação como ser humano, compreender as suas aspirações e os seus problemas — eis o grande passo que todos nós temos o dever de dar. Todos, e muito principalmente as mães das crianças deficientes, cuja actuação pode influir poderosamente na solução dos problemas de seus filhos.

MARIA LÚCIA

A CRIANÇA, INSPIRADORA DE POETAS

CANTIGA DE EMBALAR

Faz o-o meu pequenino —
— Anda lá fora um rumor...
Voz do mar, ou voz do vento?
Faz ó-ó...
— seja o que for!

Vejo as estrelas brilhando
através desta vidraça.
Sinto-me triste, mais só...

E a minha voz vai cantando:
— ó-ó... ó-ó...

ANTÓNIO BOTTO

A autoridade em educação

A autoridade em educação não deve ter o objectivo imediato de «obrigar a obedecer», mas sim manter em caminho direito os seres que ainda estão imperfeitamente formados, tanto intelectualmente como moralmente, para poderem dirigir-se a si próprios.

A autoridade é este poder equilibrado e construtivo que intervem nos momentos precisos em que o grau de experiência e conhecimento da criança é inferior aos problemas que se lhe deparam.

Não é, portanto, uma força cega exercendo pressão constante e uniforme, mas sim um apoio leve e judicioso, que repousa na sombra, para surgir apenas no momento oportuno, como um obstáculo ou um incitamento entre a alma da criança e o mal ou o bem. A autoridade não é um poder latente, mas um encargo de alma, uma responsabilidade para com Deus, da direcção dada á formação da criança. Ela deve suprir as necessidades pessoais do pequenino ser que lhe está confiado, sem nunca invadir esse domínio reservado que é a personalidade infantil. A autoridade, pelo contrário, respeita e alarga esse domínio á medida que ela própria se fortifica; ela diminui e suaviza as suas manifestações exteriores conforme for crescendo: quanto mais forte e real ela for, menos se deve manifestar, porque as exteriorizações demasiado frequentes do seu poder são, por assim dizer, uma confissão da sua fraqueza.

E' por isto que não se deve — salvo algumas excepções por vezes possiveis — obrigar uma criança a obedecer, mas sim convidá-la e ajudá-la a obedecer.

M.ª VAN EECKHOUT

Pequenos coisas muito importantes

1

Não se assuste se o seu filho tem um sono agitado, tão diferente do da sua menina. E' comum e natural que os meninos tenham esta diferença das meninas.

2

Se quer ter um filho corajoso e sem complexos, não o assuste com figuras imaginárias, como o homem do saco, o bicho-papão, o lobisomem, a bruxa, e não sei que mais. Não deixe que outros o amedrontem.

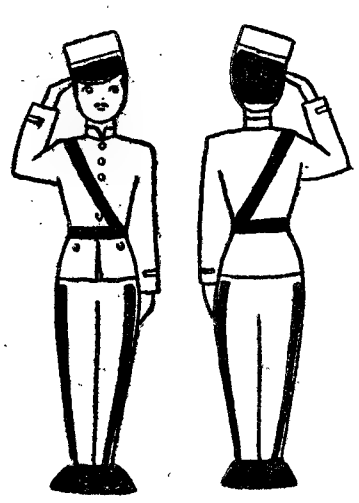
3

Sabe que a criança é um macaquinho de imitação? Portanto, não se descuide na sua presença, seja por suas atitudes, seja por pensamentos levianamente expressos.

4

Nunca repreenda uma criança diante de visitas, por mais intimas que estas sejam. Ficarão com um complexo de timidez e receio. Qualquer falta cometida, deve ser comentada em particular, a dois.

SAIBA ENTRETER



Saber ocupar as crianças em trabalhos que lhes interessem é um dos segredos que toda a boa mãe procurará possuir. Entre as tarefas que entretém as crianças a partir dos quatro-cinco anos temos os recortes e a pintura. E, para esse género de actividade, aqui fica uma sugestão: figuras desenhadas em cartolina, recortadas e pintadas de um lado e do outro. Estas figuras podem ser variadissimas, de pessoas ou animais, consoante a predilecção e a fantasia das crianças.

Assim se obtém marcas para livros muito engraçadas. As mesmas figuras colocadas sobre um tacozinho de madeira (presas numa ranhura) terão o seu lugar, por exemplo, numa aldeia «construida» pelos pequeninos, na cómoda do quarto ou na prateleira dos brinquedos.

Consultório das mães

O meu garoto, que vai fazer dez anos, nunca gostou de ir á escola. Isto desgosta-nos imenso, a mim e ao pai. O que havemos de fazer?

Resposta:

— A sua carta é demasiado breve, para que possa responder-lhe. Diga-nos se o seu filho tem saude, se ouve e vê bem, e fale-nos do seu temperamento, do ambiente em que vive, da escola que frequenta.

«Porque motivo não gostou, nunca, o menino, de ir á escola? Talvez em pequenino lhe dissessem frases como esta: «Se não tens juízo, meto-te na escola!» — «E's insuportável, tomara que tenhas idade de ir para a escola.» — «Está quieto, olha que eu digo ao professor e ele castiga-te!». Entre nós, ainda há quem tenha o costume de ameaçar as crianças com a escola, o professor, o médico, o polícia — o que representa um grande erro, porque cria na criança medo ou, pelo menos, antipatia pela escola que só deve ser-lhe apresentada como local acolhedor e agradável, e por pessoas que deve considerar amigos que a estimam, ajudam, e trabalham pelo seu bem.

«Também pode acontecer o professor ser demasiado brusco ou severo, ou até não ser muito simpático ou não saber atrair e insinuar-se. A criança, em geral, tem um temperamento sensível e delicado, e todos estes pormenores a que, infelizmente, nem sempre se atende, são muito importantes para ela.

«Também pode acontecer o seu filho possuir um temperamento especial que requeira certos cuidados e, enfim, há muitas mais hipóteses que poderíamos considerar.

«O meu conselho é que deve «estudar» o seu filho, «conhecê-lo» bem e «compreendê-lo». Depois verá mais claramente a atitude a tomar e o caminho a seguir. Não esqueça que a educação é uma obra toda de persistência, compreensão e amor».

O meu filho, com oito anos, frequenta a terceira classe e, como não sou rica, matriculei-o no ensino oficial. Não sei se da convivência se da educação que talvez eu não tenha sabido dar-lhe, está custa-me dizê-lo, descarado, não ligando importancia ao que lhe dizemos. Isto aflige-me bastante, pois é preciso ralhar-lhe continuamente e até bater-lhe, coisa que me indispõe muito.

Resposta:

— Em geral classifica-se de «descarada» a criança que diz prontamente e seja diante de quem for aquilo que sente e pensa. Se é este o caso de seu filho, não vejo motivo para se afligir, pelo contrário, deve cultivar essa tendência para a verdade, a sinceridade, a franqueza, pontos essenciais para a formação do carácter, e fazer-lhe, apenas compreender, pouco a pouco, que algumas vezes a delicadeza, o desejo de não magoar as outras pessoas, nos aconselha o silêncio ou a procura de uma forma menos dura para exprimirmos os nossos pensamentos. Também há quem chame «descarado» o rapazinho mal educado, que responde grosseiramente e toma atitudes atrevidas; então a situação já é mais difícil, devendo os pais e familiares procurar corrigi-lo sobretudo pelo exemplo. Ralhar continuamente e bater, é sistema que não aconselho, porque não convence a criança e cria-lhe o hábito de «não ouvir», «não ligar importancia», e aceitar ralhos e castigos como capricho e preponderancia do adulto. Com oito anos, a criança já compreende perfeitamente o que se passa e o melhor será fazer-lhe compreender, em momentos de boa disposição e sem grandes discursos, que tais palavras ou atitudes são impróprias de pessoas bem educadas e que desgostam profundamente os pais. As crianças educadas no amor e respeito de seus pais evitam dar-lhes desgostos; mas também neste caso é necessário não apresentar constantemente como desgosto a mais insignificante contrariedade.

«Aos maus modos e respostas desabridas oponha uma autoridade calma, delicada e firme. E não exagere os seus cuidados não ligue demasiada importancia áquilo que em boa verdade a não tem.

«Se o seu filho for tratado com carinho (não confundir com mimalhice) num ambiente calmo, sempre igual na delicadeza e no respeito mutuos, será influenciado pelo ambiente familiar e não terá grande importancia uma ou outra palavra menos correcta que aprenda «lá fora».

Vai nascer um bebé

O facto de esperar bebé não deve servir de pretexto para a mulher abandonar todas as suas preocupações de beleza e de elegancia. A futura mãe pode perfeitamente manter até bastante tarde os seus encantos se souber cuidar de si convenientemente. E' preciso, por exemplo, dissimular tanto quanto possível a palidez e as manchas da pele muito frequentes nesse estado. Procure-se, pois, disfarçar esses inconvenientes com um tratamento do rosto discreto e hábil.

O vestuário deve ser principalmente do género prático e de corte sóbrio. E' indispensável o uso de uma cinta apropriada, que mantenha os órgãos no seu lugar mas sem os oprimir, evitando assim a fadiga.

A cultura física não deve ser abandonada desde que a futura mãe esteja habituada a praticá-la e o médico o consinta. Deverá, no entanto, suprimir os exercícios violentos, como o ténis, a equitação, etc. A natação é permitida durante os três ou quatro primeiros meses. As viagens não são aconselhadas, principalmente nos três primeiros e nos dois ultimos meses. O repouso é indispensável a toda a mulher que tenha uma profissão fatigante que a obrigue a estar muito tempo de pé. Por outro lado, aconselha-se um exercício moderado mas regular áquelas que tenham uma vida sedentária.

E' preciso lutar contra a ameaça da descalcificação. Os dentes e os cabelos serão objecto de cuidados especiais. A gravidez favorece as cáries dentárias e os acidentes infecciosos, tais como a piorreia, por isso se devem ter todos os cuidados com os dentes.

Os cabelos devem ser vigorosamente escovados de manhã e á noite; se têm tendência para cair devem dar-se massagens ao couro cabeludo com uma loção estimulante.

A alimentação deve ser sã, equilibrada, sem excessos. A futura mãe não deve aumentar mais de oito a nove quilos. Os pratos muito condimentados e o álcool são suprimidos.

E' indispensável a observação médica, primeiro todos os meses, depois todos os quinze dias, e no fim todas as semanas.

Recordando Henrique Pousão

O pintor Henrique Pousão, «glória da terra portuguesa», conforme se lê sob o seu busto no modesto monumento a meio da avenida principal de Vila Viçosa, nesta localidade se finara, como é sabido, em 20 de Março de 1884, tendo ali vindo ao Mundo precisamente no alvorecer do ano de 1859. Um século justissimo vai pois passado sobre o seu nascimento, no dia 1.º deste Janeiro que está correndo.

Evidentemente que, morto o artista — um mero *estudante*, como leio na sua certidão de óbito que tenho presente — e sepultado sem pompas o triste cadáver no cemitério da freguesia, se os seus ossos se encontram hoje irremediàvelmente confundidos na trasladação geral que teve lugar anos depois, a sua obra encontra-se porém já posta no indispensável relevo, embora não ainda devidamente enquadrada na galeria da pintura nacional e mesmo na internacional da sua época, apesar da tentativa relevante do seu devotado admirador e grande crítico, dr. Abel Salazar, e de o director do Museu de Marselha o ter classificado como *le roi des impressionistes*.

O centenário do seu nascimento dará talvez agora o impulso decisivo á merecidá consagração, pois á benemérita Fundação Calouste Gulbenkian, por demais em possível colaboração com a vigilante Fundação da Casa de Bragança, não vai, por certo, passar despercebida uma data tão memorável.

Em qualquer caso, relembremos que Henrique Pousão, nascido na vila ducal, mas levado na peregrinação oficial de seu pai, magistrado, que fora colocado em Elvas, é em Elvas que, aos sete anos e pico (e não mais cedo, como erradamente se pretendeu já...), se revela, uma noite em que ao serão da família, suas duas irmãzinhas o surpreendem, sentado no chão a desenhar a lápis, num papel qualquer, a paisagem do globo do candeeiro que estava sobre a mesa... Perdeu-se, infelizmente, este primeiro desenho que o pai trouxera muito tempo consigo, como uma revelação divina, mostrando-o aos amigos... E por conselho de um destes vai o menino prodigioso frequentar logo a escola de desenho que havia em Elvas.

Conservou-se porém, felizmente, num cartão (hoje em minha posse), um outro desenho, assinado por Henrique Pousão e por ele mesmo datado de *Elvas, 18-1-1867* — o seu primeiro trabalho conhecido, portanto —, cópia escolar já, por certo, todavia incrível, dir-se-ia, por parte de uma criança de oito anos e dias: pois além dos dois tons a tinta da China, para marcar os dois planos da paisagem minuciosissima na cercadura oitavada, há a harmonia das cores na aguarela do raminho central. Vaga ideia desta finura e desta verdade a pode dar por certo a pequena fotogravura que fiz inserir na «Breve memória sobre a vida e a arte de Henrique Pousão» que em 1946 dei á estampa em edição da «Seara Nova». Um outro desenho, a lápis esse, e parece que do natural, se conhece, também, de Elvas igualmente, a 7 de Dezembro desse mesmo ano —, mais extraordinário porventura, com a «trouvaille» maravilhosa da translucidez do corpo de um caracol, por sobre uns frutos...

De Elvas acabara o delegado dr. Pousão por ser transferido para Barcelos; e Henrique pinta então a sua primeira aguarela conhecida do natural — «Colegiada-ruínas dos Paços dos duques de Bragança — Ponte do Cávado — vista tirada em 1872 por Henrique Pousão» — conforme o pai por sua letra escreveu por baixo. Dos desenhos anteriores, um se destaca, feito em Vila Viçosa certamente, em qualquer ida ali: o retrato, a «crayon» e giz, da prima Adelaide, na flor dos seus vinte anos, por quem se apaixonara o jovem artista de dez anos que assinou e datou o seu trabalho (por sinal que á maneira alentejana dos pedreiros e caiadores: $18\frac{19}{5}69$).

Em 7 de Setembro de 1872 começa a frequentar no Porto a Academia de Belas-Artes; e é do Porto, 23-10-1872 uma outra aguarela que aqui tenho, oferecida ao pai: uma *mulher vendendo sardinhas*. Ao longo do curso vai dando as suas provas através dos diversos trabalhos hoje bem conhecidos já. No entretanto, o delegado dr. Pousão, como compensação honrosa, em desfecho de um irritante pleito poético na Imprensa com o juiz de Barcelos que teria sido oficialmente desairoso demitir... — era transferido para Guimarães. E aí pinta agora Henrique o seu primeiro óleo conhecido: em 5-9-1873, *o castelo de Guimarães*, pintura ingénua, poderia dizer-se, mas cheia de promessas...

De Guimarães veio o dr. Pousão transferido como juiz para Olhão, onde a comarca acabara de ser criada devido á influência política de João Lucio Pereira — *o sr. João Lucio* — o mais abastado proprietário da vila, chefe local do Partido Regenerador, pessoa de toda a cortesia e respeitabilidade. Desde fins de 1875 estava o dr. Pousão instalado ali com a família (o filho Augusto e as filhas Maria Helena e Maria do Carmo, do seu primeiro matrimónio como o Henrique que ficara no Porto, a sua segunda esposa e três filhos desta). E pelo menos durante as férias grandes de 1876, 1877 e 1878, por três vezes, veio Henrique a Olhão, onde desenhou os retratos a lápis de seu pai e sua irmã Carmo, e pintou a tela *Flores-dálias* que está no Museu Soares dos Reis, e o *retrato de um pescador* que se vê no Ateneu Comercial do Porto. Há notícia também de um quadro a óleo com uma *vista do porto de Olhão* (que oferecera ao professor Tadeu Furtado e a respeito do qual me contava a sua referida irmã Carmo que quando o Henrique o estava a pintar no cais e os moços se lhe punham em volta de roda a ver, ele, que era muito divertido, lhes dava pinceladas nas caras...

Transferido a seu pedido para Odemira, comarca de 2.ª classe, onde desde fins de Outubro de 1879 se encontrava já instalado com a família (salvo a filha mais velha, Maria Helena, então de 22 anos, que em Olhão ficara casada com o *sr. João Lucio*, e assim viria a ser a mãe do futuro poeta João Lucio), haviam porém passado por Vila Viçosa, onde, em 29 de Setembro, Henrique, vindo do Porto, se encontrara com a família. E nesses dias ali, começara a pintar, como retrato de sua prima Francisca Matroco — a *Chica*, pela qual, no dizer do dr. Pousão, ele andava *lamecha* —, o famoso óleo que levaria consigo para Roma onde em 1882 o terminaria, assinando-o a lápis e pondo-lhe a data, no verso da tábua: — a *senhora vestida de preto*. A Odemira viera Henrique em 1879, ainda, terminados os seus estudos, e de Odemira, aonde voltara em 1880, abalara para França, com o Sousa Pinto, depois de ter obtido a pensão de estudo. Vários desenhos e pinturas fizera em Odemira, entre eles o da *barca do rio* (que uma pessoa que a isso assistira em garoto me disse ter sido feita com espantosa facilidade, em coisa de uns dez minutos!...) e o célebre óleo do *Lapita*, quadrozinho que ali ficara na posse do pai.

Conhece-se já o *curriculum vitae* de Pousão em Paris, donde pela *bronquite* que começara a miná-lo, fora aconselhado a ir, durante o Verão de 1881, ás águas da Bourboule, perto da aldeia de Saint Sauves, sendo então que, ao ter melhorado, pintara os três quadros de paisagem e costumes que fizeram parte do seu primeiro envio á Academia, e na aldeia, os diversos desenhos a lápis, do album que pertenceu ao pintor José de Brito... Conhece-se também, agora com muita exactidão o seu *curriculum vitae* da Itália — Roma, Nápoles, Capri—bem como o seu regresso final a Olhão e daqui a Vila Viçosa, onde, na Rua de Santa Luzia, em casa de seu primo Matroco, esgotado pela tuberculose, ainda pintou os quadros derradeiros — o ultimo dos quais por acabar, pois segundo a poética metafora do pai Pousão (poeta ultra-romantico, que fora, parece, em Coimbra, condiscípulo de João de Lemos),

Henrique Pousão

...quando já pendido á campa fria
o corpo que sacodem cruas dores,
inda a Arte lhe deu sorriso ame-
[*no!...*
Caia-lhe o pincel desfeito em ;to-
[*res!!...*

Relembrando tudo isto, quero apenas chamar, uma vez mais, as atenções para a obra maravilhosa em que se cifraram os escassos dez anos da sua genial actividade artística. E não me esquivo a perguntar sempre: que nos teria dado Pousão, se, como sua irmã Carmo (nascida no ultimo dia do mesmo ano de 1859 e tendo vivido até ao fim de Maio de 1943), ele tivesse tido a fortuna de sobreviver, esse primeiro meio-século da eternidade que foi dormir á cova?...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«IMPÉRIO» 19 de Janeiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.**
«UIGE» 10 de Fevereiro	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito** e **Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 2 a 4 de Fevereiro.
«LUANDA» 13 de Fevereiro	Com escala por **Leixões**, para **Príncipe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Lobito e Moçamedes.** Carrega em Lisboa até 11 de Fevereiro.
«PATRIA» 20 de Fevereiro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.** Carrega em Lisboa de 15 a 17 de Fevereiro.
«VERA CRUZ» 6 de Março	Directo a **Luanda** e **Lobito.** Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Março.
«BENGUELA» 13 de Março	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia.** Carrega em Lisboa até 11 de Março.
«IMPÉRIO» 25 de Março	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala.** Carrega em Lisboa de 20 a 22 de Março.
«UIGE» 27 de Março	Com escala prévia por **Leixões**, para: **Luanda, Lobito** e **Moçamedes.** Carrega em Lisboa de 19 a 21 de Março.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 4 de Fevereiro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro** e **Santos.**
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» 13 de Fevereiro 14 de Março (ás 16 horas)	Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana** e **Porto Everglades (Miami).**

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—Telefs. 30131/8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—Telf. 23342

Livros novos

1 Recebemos a revista «Autores», órgão da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, e dirigida por Luís de Oliveira Guimarães, referente ao Outono de 1958. Apresenta-se com excelente colaboração de Augusto de Castro, José Galhardo, José Régio, Felix Bermudes, Joaquim de Oliveira, Costa Ferreira, Arnaldo Leite e outros. No sumário figura uma primorosa evocação da estreia dessa obra-prima do insigne escritor *sr.* dr. Julio Dantas, em 1902, no D. Amélia: «A Ceia dos Cardeais».

2 Na «Colecção Verdade», que atraves do título afirma um programa, foi agora inserido o livro «A Igreja ante o capitalismo», de A. Dauphin-Meunier, traduzido por R. Miguel e revisto pelo dr. Raul Machado. Eis um estudo de palpitante acuidade. No final, ergue-se, por vezes, a voz de Pio XII que, afirma, entre outras verdades incontestáveis e despersonalizadas — como não podia deixar de ser, evidentemente —: « vida económica, vida social, é vida de homens e, por consequência, não se pode conceber sem liberdade».

3 Alberto Uva publicou «Elegia», que é a oferta patética a um filho morto. Essa saudade de um pai que converte em flores os seus versos repassados de pranto.

4 Do sr. dr. Vitor das Neves, «Solução dos Problemas: bissecção do angulo, rectificação da circunferência, quadratura do circulo, duplicação do cubo».

5 Numa edição da Biblioteca do Centro de Estudos Políticos e Sociais, foi agora publicada a conferência «As cooperativas e a industria», há tempos proferida por Amilcar Marques. No seu texto, estuda o autor uma série de problemas ligados a esta forma de «contrôle» e desenvolvimento da produção, enquadrando-a numa evolução que irá desde a simples solidariedade humana até á ideia do cooperativismo industrial.

6 Na «Colecção Henriquina» foi agora publicada: «A acção missionária no periodo henriquino», da autoria do padre António Brasio.

7 Alvaro Duarte afirma-se em «Esperança» um poeta de sopro ardente, que busca a inspiração, por vezes, em temas realistas. Salientamos no livro: «Desagregação», «Renuncia» e «Desespero», tão vibrantes como intensos.

8 Saiu o quarto fascículo da «Enciclopédia Prática do Lar», livro muito util, cheio de valiosas indicações. — **(Edições Excelsior).**

— Na secretaria do regimento de Cavalaria da G. N. R., no quartel do Cabeço de Bola, encontram-se depositados uns óculos graduados que foram encontrados na Rua da Escola Politécnica.

9 Do ilustre prof. sr. Moses Bensabat Amzalak, três admiráveis estudos: «O pensamento económico de Cícero», «Tratado de Seguros de Pedro de Santarém» e «O pensamento económico em Portugal na Idade Média.

10 De Raquel D'Alpains, dois livros que denotam a mais viva sensibilidade: «Poemas» e «Poesias». Em muitos dos versos paira como que a sombra de uma tristeza. Sente-se a sinceridade da autora nas suas angustias e interrogações prementes. *(Editorial Império).*

HORIZ...

A biologia da sardinha

Sob o patrocínio da F. A. O. (Organização Alimentar e Agrícola das Nações Unidas) vai realizar-se em Roma, de 14 a 21 de Setembro deste ano, uma Reunião Científica Mundial sobre a Biologia da Sardinha e espécies similares. Pela sua posição de fornecedor primacial de conservas de sardinha nos mercados de todos os países, Portugal está directamente interessado nesta jornada de estudos, que se antevê altamente fecunda e de perduráveis consequências.

O ultimo Anuário Estatístico da Pesca editado por aquele organismo internacional assinala que a recolha anual da espécie «clpea» (sardinhas, arenques, anchovas, etc.) se eleva actualmente a cerca de 7 milhões de toneladas e que o seu valor é computável em 50 milhões de dólares. Pode registar-se, a propósito, que a pesca da sardinha em Portugal atingiu em 1957 o total de 112.554 toneladas e o seu valor ultrapassou 375 mil contos. A sardinha, em especial, está sujeita a fenómenos migratórios que os biólogos de vários países têm estudado mas sem que os resultados dos seus trabalhos beneficiem do necessário confronto e coordenação.

A reunião de Roma vem ao encontro desse objectivo, estando previsto o seguinte programa de trabalhos:

1 — Exame dos conhecimentos actuais sobre:

a) O desenvolvimento das pescas da sardinha e a sua exploração comercial na actualidade;

b) A biologia das espécies e populações de sardinhas;

c) O meio ambiente das populações de sardinhas;

d) As flutuações e o volume das populações de sardinhas e suas capturas.

2 — Discussão de problemas específicos e das perspectivas de cooperação internacional no futuro, no referente ao estatuto e predicção das flutuações. e á coordenação dos métodos e programas.

3 — Discussão das formas mediante as quais poderia ser possível esta actuação internacional.

Numerosos organismos internacionais e nacionais serão convidados a fazer-se representar na reunião de Roma, devendo prever-se que participem nela, em delegação do nosso País, o Instituto de Biologia Marítima e o Gabinete de Estudos das Pescas.

Movimento aéreo mundial

A Organização Internacional da Aviação Civil (I. C. A. O.), com sede em Paris, divulgou há dias os resultados provisórios do tráfego aéreo mundial em 1958. Novos máximos foram atingidos no movimento de passageiros e mercadorias durante o ano findo, segundo o secretário-geral daquele organismo, Carl Ljungberg; mas os acréscimos foram relativamente menores do que nos anos precedentes, sobretudo no transporte de passageiros, que se elevou apenas de 4 % em 1958, ao passo que a média dos dez anos anteriores se elevou a 12 %. O total de quilómetros percorridos, que foi de 600 milhões em 1945, elevou-se a 2.970 no ano findo; o numero de passageiros transportados elevou-se de 9 milhões no primeiro dos anos referidos para 89 milhões em 1958; a cifra representativa dos passageiros-quilómetros percorridos subiu de 8.000 para 86.000 milhões e a de toneladas-quilómetros de carga de 110 para 1.670 milhões.

«A amplitude do tráfego total em 1958 ultrapassa os limites da imaginação — declaram os dirigentes da I. C. A. O. Em pouco mais de dez anos o avião converteu-se num dos principais meios de transporte de passageiros e mercadorias. O movimento de passageiros no ano findo equivale á volta ao Mundo por mais de dois milhões de pessoas ou ao transporte de Montreal para a Europa de toda a população do Canadá». A aviação comercial está a transformar, sem duvida, a fisionomia da civilização.

O eterno problema dos caminhos de ferro

A «British Transport Commission», que fiscaliza as actividades ferroviárias na Inglaterra, terá de ocorrer com recursos de emergência a um «déficit» de 85 milhões de libras (cerca de seis milhões e oitocentos mil contos) na exploração dos caminhos de ferro desse país em 1958. O «déficit» é superior em 20 milhões de libras ao do ano anterior. As verbas adiantadas pelo Governo para cobertura dos prejuizos da exploração ferroviária devem ficar esgotadas antes do final de 1959, apesar das previsões estabelecidas que fixavam em 1962 a cobertura desse subsídio. O velho problema do equilíbrio financeiro dos caminhos de ferro, que em tantos outros países da Europa se verifica com impressionante acuidade, atinge na Inglaterra as formas mais espectaculares e constitui advertência significativa.

O mais belo Palácio de Gêlo da Europa

Inaugurou-se recentemente em Genebra o Estádio de Gelo, que é considerado o mais belo do seu género na Europa e faz lembrar pela grandiosidade e pela elegancia as imponentes arenas da antiguidade clássica. O estádio é inteiramente coberto, medindo 94 metros de comprimento por 81 de largura. A pista de gelo ocupa 2.730 metros quadrados; e, na sua estrutura arquitectónica ousada e moderna, foram previstos lugares sentados para 4.200 espectadores e de pé para 6.000. De todos os pontos é perfeita a visibilidade, assegurada á noite por instalações de iluminação que atingem o total de 280 «lux», ou seja, o dobro do que é habitualmente utilizado em instalações deste género. Entre outros pormenores da magnificente construção de Genebra assinalam-se os vestiários para 1.500 patinadores, cinco cabinas para reportagem radiofónica, plataforma para cinco postos de televisão, etc.

A bela cidade de tradição calvinista, centro eleito dos mais diversos organismos internacionais, orgulha-se de possuir agora uma das mais arrojadas construções desportivas de todo o Mundo.

Centrais Nucleares

Em competição discreta, mas dinamica, todos os países procuram impulsionar rapidamente os seus programas de centrais nucleares.

Algumas referências recentes atestam a amplitude desse esforço, geralmente ignorado do grande publico.

—A «Electricité de France» vai constituir uma sociedade, com apoios financeiros privados, para a instalação de uma central produtora de energia atómica em Fort Lamy, no Sahara.

—O Governo italiano e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento estabeleceram acordo para a construção no Sul da Itália de uma central nuclear de 150 «megawatts».

—As autoridades britanicas fixaram um local no cabo Dungeness, distrito de Kent, para a instalação da 5.ª central nuclear britanica, com a potência de 550 «megawtts». Está previsto que a nova central será ligada á rede a 275 KV, em conexão com o sistema nuclear francês através de um cabo lançado sob o canal da Mancha.

—A Espanha vai construir a sua primeira central nuclear, provàvelmente em Sobron, junto do rio Ebro, com a potência de 200 a 250 «megawatts». A firma «Nucleares del Norte», assistida pela organização americana «Internuclear Company» terá o encargo da realização e exploração do empreendimento.

—O Governo da Republica Federal Alemã aprovou um orçamento de 2.400 milhões de marcos (cerca de 17 milhões de contos) para financiamento do programa atómico desse país no período de sete anos iniciado em 1958. Naquela verba estão incluidos 1.400 milhões de marcos, como contribuição alemã para a Euratom.

—Os Estados Unidos prevêem a despesa de 5 milhões de contos na execução do programa de centrais nucleares até 1961.

—O Parlamento da Suíça votou a verba de 15 milhões de francos para a liquidação dos encargos com a investigação cientifica no domínio da energia nuclear em 1958.

... separados por um século ... nas páginas da História da Medicina

pelo Prof. Dr. Ivolino de Vasconcellos

(Rio de Janeiro)

Sim, senhores: um século de distancia, bem medida, no tempo, separou dois cônsules portugueses que marcaram, recentemente, encontro, nas páginas da História da Medicina, tornando-se, dessa arte, irmãos em armas, quero dizer, em ideias...

Contaremos, em breves linhas, o interessante facto.

Foi, deveras, em 1849, no Recife, Estado de Pernambuco, que o bacharel Joaquim Baptista Moreira iniciaria a sua actividade consular.

Auspiciou-se-lhe e se lhe efectivou, rápida, a carreira: formado em Direito pela Universidade de Coimbra, ei-lo nomeado vice-cônsul, no Recife, aos 13 de Março daquele ano e elevado, dias depois, a cônsul, na mesma cidade.

Em Recife permaneceria, até 1857, data em que rumaria ao Pará, obedecendo ás naturais tramitações da carreira.

Fora-lhe suficiente, a permanência, na Heroica Cidade. Bastara-lhe, esse prazo, para presenciar inolvidáveis horrores... Visara, qual testemunha ocular da pidemia da «cholera-morbus», que desabara, sobre a capital pernambucana, em 1856 — óptimo cônsul e excelente cronista —, o próprio passaporte para a eternidade... também literária.

Desfia Cronos, nos agéis dedos, o infinito novelo com que tece a renda luminosa do tempo, entrelaçando os fios de oiro do Sol com os pontos de prata do luar... Prepara-se, dessa arte, com a inconsutil matéria-prima dos dias e das noites, o enxoval do tempo.

No caso, uma centuria e pouco passou. De 1856 rolamos a 1958. Estamos na mesma Leal Recife, Estado de Pernambuco. O cônsul português está presente e se chama, agora, Carlos Lemonde de Macedo. Venturosos desígnios da Providência — é escritor e ama os estudos de História...

Mergulha as mãos fidalgas, assim, na velha seara da História Diplomática — como quem o fizesse no amago de uma arca de ignorados tesouros — e traz os côncavos cintilantes de joias...

Surpreende-se, de início — de vez pesquisara a História da Diplomacia e colhera... História da Medicina.

E' que não há compartimentos estanques, nas venerandas arcas da História... Já não dissemos, certa feita, que a Diplomacia e a Medicina são irmãs? E' que consideramos a Medicina qual a diplomacia entre os órgãos, assim como reputamos a Diplomacia a medicina entre as nações. Logo...

Era natural assim sucedesse: o cônsul Carlos de Macedo — um pesquisador erudito e devotado —, descobre que o cônsul Joaquim Baptista Moreira — um século os separa e os une! —, fora excelente observador da velha história médica recifense.

Daí, reviver a obra do colega de antanho, evocar os escritos do confrade de outrora, ressuscitar as páginas do antecessor ilustre, — impunha-se, quase á maneira de um dever, se não fora, antes, um venturoso destino.

O destino dos que nascem para dar vida aos que já morreram, isto é, o luminoso destino desses ressurreccionistas de almas, — os historiadores...

Informa, erudito e veraz, o cônsul de hoje: «Das observações do alto funcionário daremos, seguidamente, nota. Pensamos seria interessante comentar os diversos ofícios seus dirigidos ao Reino. Não sabemos de outro qualquer trabalho que nos revele a preocupação da autoridade portuguesa perante a marcha da «cholera-morbus», que, em 1856, assolou o Nordeste brasileiro. E não devia ser de somenos. A colónia lusa ia sendo dizimada, de toda a parte chegava notícia das novas vítimas, implorava-se socorro, sonegavam-se espólios de falecidos, levantavam-se questões sobre a sua existência ou quantitativo. E o desespero vinha de mais longe, do Rio Grande do Norte, da Paraiba, províncias sujeitas á jurisdição do Consulado de Pernambuco. E' esta, pois, a história da eclosão, desenvolvimento e implicações da «moléstia reinante», contada pelo cônsul de Portugal Joaquim Baptista Moreira».

Investiga, assim, o cônsul Carlos de Macedo, a correspondência, enviada á Metrópole, há um século, pelo cônsul Baptista Moreira, e o resultado é o excelente trabalho que ora nos chega, sob o título «A Moléstia Reinante e o Cônsul de Portugal no Recife em 1856», impressa, na Invicta Cidade, neste ano de 1958.

Foi, realmente, o cônsul Baptista Moreira — conforme no-lo demonstra o autor do presente estudo —, um funcionário verdadeiramente exemplar num cronista arguto, honesto e sagaz. As suas descrições da «cholera-morbus», a terrível epidemia que lavrou, qual incêndio mortífero, nas cidades do litoral brasileiro, e que se constituiria, também, em calamidade publica, no Rio de Janeiro, nessa mesma época — talqualmente o recordou nosso confrade Mário Ferreira França, em recente sessão do Instituto Brasileiro de História da Medicina —, as suas descrições, feitas na linguagem fria dos relatórios, ainda assim assustam — lidas um século depois! — e comovem, embora cem anos passados!...

Não bastassem a essas páginas o valor intrínseco e ao estudo o mérito da divulgação desses preciosos documentos, Carlos Lemonde de Macedo é escritor elegante e correcto, sabendo, assim, aquecer, com o cálido manto da Arte, o frio mármore da História...

Menção nos cumpre fazer, ainda, ao erudito prefácio com que se apresenta esse valioso trabalho. Assina-o Leduar de Assis Rocha, o ilustre presidente do Instituto Pernambucano de História da Medicina —, o lídimo continuador, na seara clioasclepiade, do inolvidável e querido amigo professor Octávio de Freitas.

A mestre Octávio de Freitas — glória das mais altas da Medicina brasileira, em todos os tempos —, enviámos, um dia, por intermédio do caríssimo confrade e pernambucano insigne, Mauricéa Filho, uma efusiva mensagem, rogando-lhe fundasse, no Recife, filiado ao nosso Instituto Brasileiro e Federação Nacional de História da Medicina e Ciências Afins, cujas bases viéramos de lançar, na capital da Republica, o Instituto Pernambucano de História da Medicina.

Atendeu-nos, ao pelo, mestre Octávio, e, com sua milagrosa capacidade empreendedora e realizadora, fundou o novel instituto, fadado a grandes feitos e notáveis cometimentos culturais, na generosa terra pernambucana.

Fundou-o e soube, com suas experimentadas mãos, de velho e consumado artífice, argamassar, em sólidas sapatas, a obra nascente. Não sobreviveria, entretanto, por muito tempo, ao bem-amado Instituto — que foi o canto de cisne do velho lidador...

Poder-se-ia temer pelo desaparecimento da Instituição — tão frágil é a vida das ideias, tão débeis as raízes dos sonhos... Mas Octávio de Freitas deixara, no Instituto Pernambucano, um filho espiritual —Leduar de Assis Rocha, que tomou, em suas vigorosas e jovens mãos, a tocha que ameaçava tombar das mãos do mestre e soube erguê-la, bem alto, para iluminar os caminhos da História da Medicina na gloriosa província de Pernambuco.

Leduar escreve, para este opusculo, «Moléstia Reinante» — dizíamos —, um prefácio excelente, que lhe honra, mais uma vez, a culta e nobre pena.

Permita-nos, finalmente, o ilustre escritor, cônsul Carlos Lemonde de Macedo — esse amável patrício em luso-brasilidade —, felicitá-lo, vivamente, pela contribuição que nos trouxe, á seara da História Médica.

E de uma história hipocrática brasílio-lusitana, a justificar, dessa arte, plenamente, aquela velha ideia que nos ocorreu, há dois anos, e que lançamos, pelas páginas amigas e altissonantes da «Voz de Portugal», em sua edição de 23 de Setembro de 1956, e pela concretização da qual deixamos jamais de bater-nos, e que seria a fundação de um «Instituto Luso-Brasileiro de História da Medicina».

REDEX — ECONOMIA — SEGURANÇA — FORÇA — PROTECÇÃO — SERVICE

PARA NÃO FRAQUEJAR NAS SUBIDAS

USE SEMPRE

R...

NA GASOLINA

Dirija-se ao seu garagista ou à Agência Geral

ROMA, LDA. — Rua do Salitre, 84, 5.º, D.º — Tel. 46541

LISBOA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas.

Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — Às 13 horas.

Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.

Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.

Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas.

Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — Às 16 horas.

Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.

Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.

Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.

Dr. Luis Malheiro — Pele e sifilis — Às 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h

Prof. Dr. Aleu Saldanha — Raios X — Às 16 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — Às 16 horas.

Gotas de humor

Uma página alegre

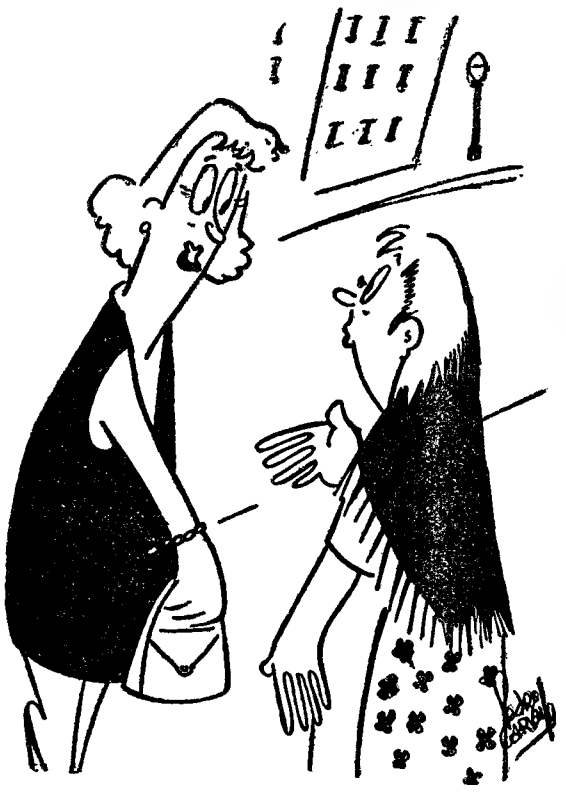
de PEDRO DE CARVALHO

— Guarde já tudo isso, outra vez, dentro do cofre e depressa, ouviu?
— Lá tudo não, que metade pertence aqui à casa do lado!

— Queria as calças vincadas. Quanto é?
— São vinte escudos.
— Então vinque uma perna só, por dez escudos. Vou tirar o retrato de lado!

— Dá essa moeda ao condutor, anda.
— Aquela moeda falsa que a mãe ainda não conseguiu passar?

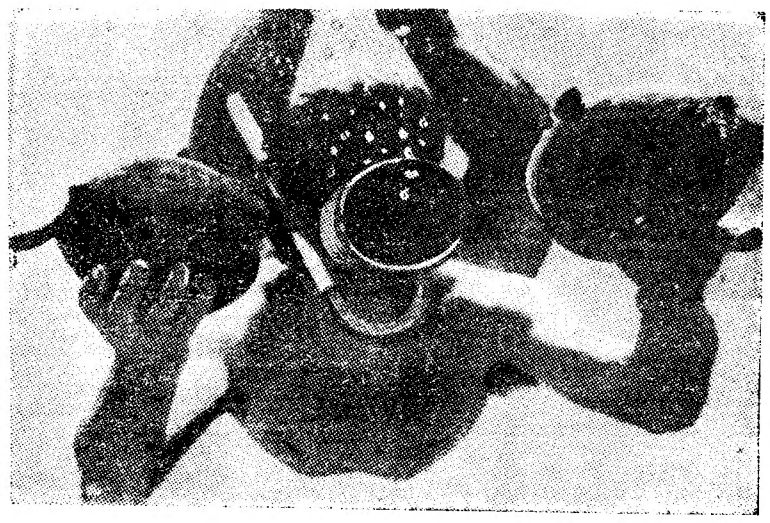
— Parece-me que já percebo. Houve uma confusão entre as suas medidas das mangas e das calças!...



— E tem muitos filhos, pobrezinha?
— Sim, minha senhora, tenho cinco... e o mais velho ainda não tem dois anos!
— Coitadita! Bem merece ser ajudada.
— ...Tanto mais que sou viuva há perto de dez anos!

— Desculpa ter-te feito esperar.
— Nada de piadas. Bem sabes que cheguei agora mesmo.

— Uma vez deixei crescer a barba como tu, mas vi-me com um carão tão horrivel, que a rapei.
— E eu tinha uma cara como a tua, mas achei-me tão feio que deixei crescer a barba.



A caça submarina

A caça submarina é, talvez, um dos mais belos e fascinantes desportos que se pratica. Tem como cenário o verde azulado das águas do mar, com florestas de algas ou de corais, com umas cores tão vivas e tão vistosas, que tornam o ambiente com uma beleza exótica.

E' um desporto estranho, exaltante e por vezes perigoso, sobretudo quando se é imprudente.

Mas todos os perigos valem a excitação e o prazer que a caça produz no neófito, quando este vai á descoberta da fauna submarina. Contempla extasiado as maravilhas desta fauna rica de cor e de magia; trava relações com o polvo, que, contrariamente á sua fama, é o animal mais afectuoso da fauna marinha; com o peixe-clow, que é o unico que tem o privilégio de encontrar asilo nos tentáculos venenosos da anémona gigante, sem ser devorado; com esponjas gigantescas; com estrelas do mar que se estendem langorosamente sobre um coral de fogo...

Para que o leitor tenha ideia do que seria uma viagem com os fins de ver e caçar, vou descrever uma com o possível rigor.

*

— Que belo dia que temos! Vinde, vesti o vosso equipamento e mergulhai comigo.

Aqui a água tem uma transparência cristalina. Agora, desçamos mais fundo. Vedes lá no fundo aquela floresta de coral? E aquele ramo vermelho não parece mesmo uma árvore muito ramificada? Acolá forma uma espécie de ponte. Passemos por debaixo dela, mas cuidado, pois o coral corta muito.

— Eh! Tu aí: vai lá acima e traz algumas espingardas. Agora temos uma espécie de planalto de areia. Vedes uns olhinhos? São olhos de raias. Não vale a pena atirar, pois são raias de dardo, venenosas.

Mas eis que chega a oportunidade. Vedes aquele magnifico sargo? Atirai! Oh, falhastes! Paciência. Tendes de vos habituar a sair vencidos.

Vamo-nos aproximar daquelas cavernas. Podemos ter sorte e apanhar um peixito. Atenção, vedes aquele congro? Atirai mas com cuidado. Bravo! Agora é só cansá-lo e levá-lo para o barco.

Não quero dizer que se o leitor mergulhar em qualquer parte do mar encontre o que eu narrei.

O fundo do mar nunca é igual e varia muito, principalmente com as ondas climáticas.

Comprai o material. Agora talvez vos não seduza. Mas experimentai e nunca esquecereis as emoções da caçada.

Mais tarde, quando o estranho encanto das vidas submarinas vos enfeitiçar, é que vos deixareis então seduzir pela vaidade de capturas espectaculares.

Também, quando não quiserdes caçar, mas sòmente admirar metei a vossa máquina fotográfica numa caixa estanque, de aço, ou confiai a vossa preciosa máquina de filmar a uma caixa também estanque, e parti para a calma caça de fotografias ou de filmes.

Assim, admirais sem tocar nos penachos multicores dos pólipos e das anémonas; os moles tentáculos dos sifonóforos; a vida agitada dos lamelibranquios, dos anélidios ou dos esponjiários...

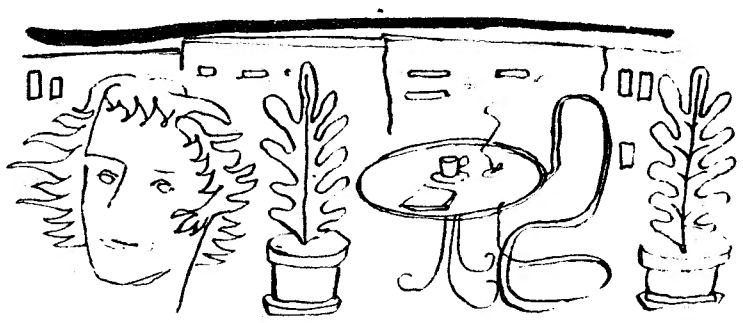
Penetreis num mundo diferente, cheio de magia, de uma magia tão doce, salpicada pelos tons vivos dos peixes que nadam entre corais de fogo e florestas de algas verdes...

Depois, toda essa atracção do desconhecido, a paixão da descoberta, a alegria de se mover liberto da lei da gravidade; enfim, de se dedicar a um desporto são, de que não se gabarão nunca suficientemente os méritos.

AMIGO N.º 1299 — 16 ANOS
Carlos Manuel da Silva Duarte — PORTO

É FASCINANTE DESPORTO

Um sorriso de esperança



UMA tarde de sol. Um lago. Muitos patos. Muita luz. E tudo me dá independência. E tudo me faz sorrir, os patos são felizes, não têm frio, não contam os minutos um por um, não esperam nada. Banham-se, com desleixo e elegancia. Amam-se. Deslizam, sombras brancas na água fresca. Também quero ser feliz. Quero que o cigarro e a bica me tragam a paz de espírito. Deixo que O Sol me diga «Vive, prossegue». Quero delirar dentro de mim mesma. Os patos sabem que amanhã talvez não tenham sol e precisem recolher-se nos ninhos. Por isso grasnam de prazer não exigindo nada. Quando a bica se acabar quero convencer-me de que posso pedir outra, o cigarro apagado, tenho outro no maço. E se estiver presa terei liberdade, e quando chorar saberei ainda sorrir. E se o Sol não vier a mim le raios sorridentes esperarei outra Primavera, outro Outono, outra tarde de sol.

O homem no fundo é simples, é bom. O prazer é ingénuo e não precisamos de palácios para nos sentirmos ricos, nem solidões para ficarmos livres. Os patos saem da água, sacodem-se, debicam-se e ficam na margem a olhar o lago todo. Eu quero olhar a vida toda, o Mundo todo, a humanidade toda. Na margem do meu ser, do meu pensar, do meu sentir.

E sinto-me feliz, assim, pacífica, pobre, simples. Um amor brota por toda mim, um controle no meu organismo, um fumegar morno no meu cérebro. A Beleza deve ser esta pureza de espírito que o Sol nos traz, este amor pelo homem simples, esta oferta de todos nós a um sorriso de esperança. E a Beleza é o maior património que usufruimos, o caminho mais legítimo para encontrarmos a nossa personalidade.

MARIA FERNANDA

O Balão Azul

Maria José (18 anos)

Na mão esquerda o longo fio branco com o balão azul lá no alto, na mão direita a mão papuda da Guiducha que saltava ora num pé, ora noutro e, sujava o vestido branco e a cara com o chocolate que comia, Teresa caminhava pela feira.

Tocava a musica no carroucel, o palhaço do circo gritava convidando as pessoas a entrar.

Os automóveis anunciavam a próxima volta e os imensos feirantes faziam reclame dos seus produtos numa gritaria ensurdecedora.

Era a feira da cidade.

As raparigas vestiam os vestidos novos e passavam em grupos.

Teresa, olhava o balão azul que a Guiducha quisera.

O balão era lindo. Era azul. Teresa adorava o azul. O céu era também azul, o mar que se avistava dali era azul, o vestido dela era azul, Teresa pensou que o chão de pedra miuda que dificultava o andar era também azul feito de safiras e, que as estrelas eram de ouro e as pessoas podiam agarrá-las com as mãos, e que os homens eram todos ricos e felizes.

Cada pessoa tinha o que queria e o trabalho só servia para tornar o Mundo mais belo e para louvar a Deus. Não era preciso fazer feiras, as pessoas trabalhariam umas para as outras. Não haveria guerra, seria um mundo de amor!

Os homens poderiam então aproveitar toda a natureza, ela vestir-se-ia de algas e flores, caminharia de pé sobre o mar e usaria estrelas por brincos.

As tranças da Guiducha, cor de palha dourada, seriam fios de ouro e todos seriam belos, belos!

O palhaço não teria que gritar para entrarem para o circo, dando gargalhadas, ao mesmo tempo que chorava talvez.

Seriam todos felizes, felizes num mundo de felicidade e de amor.

— Teresa, o meu balão, o meu balão azul!

No meio do sonho ouviu-se um grito. Teresa regressou á terra.

A Guiducha, o fato e a cara sujos de chocolate gritava:

— O meu balão, o meu balão!!!

Alguns paravam a olhar.

O lindo balão da cor do mar soltara-se das mãos de Teresa e era agora um ponto azul no azul do céu.

— Oh! Teresa, o meu lindo balão fugiu!

Duas grossas lágrimas enchiam a cara da Guida.

— Deixa, vamos Guidinha, vamos comprar outro.

— Mas aquele era o mais bonito.

— Olha-o tão lá em cima no azul do céu.

— Então, vamos antes comprar um gelado; — disse a miuda com os olhos verdes brilhantes como esmeraldas.

A mão esquerda vazia, a mão direita na mão papuda da Guiducha, que já não saltava nem comia chocolate. Teresa caminhava pela feira, pensando que tal como a Guiducha chorava a fuga do balão azul ela chorava o seu lindo interrompido sonho azul.

AMIGO N.º 1369

FLASH

Quando o barco chega...

Quando chega o barco onde pessoa de família ande, é uma alegria...

Muita gente não percebe.

Não sabe o que está por detrás de ir esperar um barco:

Os dias angustiados...

As noites mal dormidas...

«O padre-nosso e a ave-Maria pelos que andam sobre as águas do mar...»

Mas eu sei.

Toda a minha geração é sobremarinha.

E a minha terra tem um braço do mar em cada peito dos seus homens. A minha terra as lágrimas que chora é o mar quem lhas salga nos olhos.

Eu mesmo escapei de lá ir parar por pouco!

Contos largos!

Mas a força do mar é tanta em mim, que não posso viver sem ter ao menos uma janelinha voltada para ele.

Ontem ia eu por ali abaixo quando encontrei gente da minha terra.

Iam ao cais de Santos, onde não tardaria a chegar um barco de Cabo Branco.

Meti-me no cortejo.

Alcantara, Avenida 24 de Julho...

A Maria G. trazia lá o marido, de moço. Levava ao colo um rapagão maciço, de dois anos.

—Pesa que nem chumbo! — dizia ela ao mesmo tempo sorrindo com trejeitos de enfado. — Mas se eu o não trazia, credo!, era um desgosto pró pai que não imagina. Daquela vez que o não levei, foi uma retórica! Que mais isto e mais aquilo que até julgara que o menino tinha morrido, que nem lhe sabia bem vir a terra... De maneira que, olhe, aqui vai o calhamaço!

Não tivemos de esperar muito. Foi só o tempo de dar um giro por ali a matar saudades do tempo em que ia esperar o «Exportador II» onde o pai andava de capitão.

Não se tinha ainda o suspiro arrancado completamente do meu peito, eis que o grupo começa a movimentar-se, a acenar, a gesticular. A Maria G. afastou o xaile todo para a banda, a fim de mostrar o filho todo.

O barco atracava...

Os tripulantes foram saindo.

O homem de Maria G. tinha braços sómente para o filho. E falava para ele, como se o anjinho entendesse...

—Aquilo é que foi um temporal, meu filho. Vi jeitos de te perder. Só visto. Era cada vaga que nem no Inferno, por cima da nossa cabeça. O mar, meu filho, é um traidor, uma coisa má...

Houve uma pausa. Lá pensou que o mar estava á escuta, ali perto. Temeu-se da vingança e rectificou:

—Deixa falar... Ele é bom, só o que é, é que as vezes dá-lhe na veneta...

...O grupo começa a dispersar. Dois a dois, três a três, mãos dadas. Só eu retorno só. E daí talvez não. Voltei a ser pequenino e um homem alto e bom, de olhos puríssimos, também a mim me leva pela mão.

MANUEL AGRA

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (VII)

Milagres de culinária

Foi muito lentamente que o grande detective Pararraios e o seu ajudante Basílio ganharam fé na realidade. Como sempre, o polícia-amador não se preocupava consigo próprio.

— Como estás, Basílio? — perguntou numa voz ainda pastosa.

— Às escuras, meu amo.

— E moralmente?

— Às escuras, meu amo, já lhe disse.

— Mau é isso. Temos de chamar toda a coragem...

— Parece que falto á chamada.

— Calma. Ao pé de mim nenhum mal te sucederá!

Basílio, na escuridão, respirou profundamente:

— Está visto... Está visto...

Calaram-se, porque ouviram passos descendo as escadas, e vozes. Finalmente a porta abriu-se e surgiu o homem da *bengalinha de ouro* na lapela, acompanhado por uma mulher que orçava pelos trinta anos.

— Boas tardes, meus caros amigos! — disse o japonês em voz doce.

— Amigos, vírgula! — respondeu Basílio.

— Boas tardes, senhor — tornou Pararraios amàvelmente. Ainda bem que o encontro para desfazermos com honra para ambas as partes este lamentável incidente.

O sorriso não abandonou o rosto de Sum Wi:

— Ignoro a que incidente se refere... Além disso, parece-me talvez melhor guardar as explicações para mais tarde, digamos: para o outro mundo.

— Qual?

— Não me diga que não acredita no outro mundo... Naquele de onde se não volta...

— Então já não estarei muito interessado nelas...

— E sabe — perguntou o japonês sempre com um sorriso — se eu estou interessado agora?

E depois de curta pausa:

— No país de meus antepassados, quando dois mercadores não estão interessados no negócio, não discutem. E eu de facto não quero discutir.

— Posso ao menos saber — voltou Pararraios á carga — a razão por que nos têm aqui?

— Não entendo a pergunta. E assim como havia o senhor de entender a resposta?

Sum Wi dirigiu-se, em inglês, á mulher que o acompanhava:

— Miss Do Lo Rês, estes homens são prejudiciais ao negócio. Devem ter o destino que merecem... Amanhã, pela tardinha, esteja em frente do *Corcovado*, com eles. O submarino do chefe vira buscá-los... Meus senhores!

Curvou-se em larga vénia e saiu com a secretária.

— Para que nos querem eles no submarino? E que significa aquela história «do outro mundo?» — perguntou Basílio.

— Veremos isso na altura própria. Agora, outro assunto me está preocupando. A secretária... Não me pareceu muito feliz na sua situação. E repare no nome dela: Do Lo Rês... Não te lembra nada?

— Um bife, por causa da «rês».

— Não será deturpação de Dolores? Será ela portuguesa? Se o for, estamos garantidos... Acordarei nela a piedade por nós, falarei da nossa querida Pátria, farei que lhe desperte no coração a saudade...

— Senhor Emílio Pararraios! Se a moça for das nossas, deixe o caso comigo, peço-lhe!

Daí a alguns minutos a secretária voltou com o jantar.

— Para ser franco — começou Basílio — não aprecio estes manjares franceses comidos no Brasil em casa de japoneses e servidos por uma espanhola.

— Perdão, cavalheiro. Sou portuguesa.

— Também nós! Tem graça...

Dolores era de facto o nome dela. Contou, em traços largos, a sua história. Veio para o Brasil muito nova, os pais morreram; conheceu Sum Wi, entrou ao serviço dele...

— Pois a respeito de comidas não há nada como uma boa sardinha assada... — continuou Basílio.

Os olhos da moça luziram:

— E um bocadinho de linguiça de Ilhavo, assada em aguardente, a pingar no pão...

— E umas caras de bacalhau...

— E uma orelheira...

A conversa prolongou-se durante horas. Dolores e Basílio, tendo-se descoberto afinidades comuns, alternavam suspiros de saudade perante o funil relampejante do detective estupefacto.

No dia seguinte, foram metidos á força num bote. Dolores tomou os remos.

— Não posso entregá-los ao chefe — disse ela — vou deitá-los ao mar...

Voltando-se para Basílio:

— Nada?

— Nada.

— Dou-lhe reboque, não se preocupe. — exclamou Pararraios — Diga-me uma coisa: Sum Wi?...

— Tomou o avião para Leopoldville. Um conselho — acrescentou com voz trémula — voltem para Portugal...

... ...

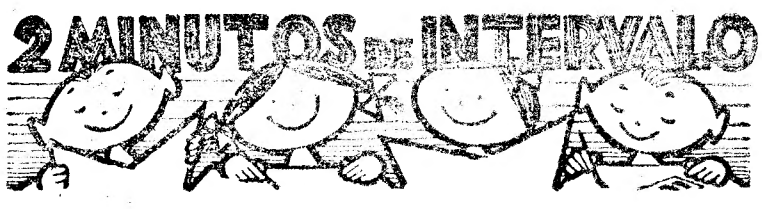
— Leopoldville! — gritou Pararraios no balcão da agência de viagens.

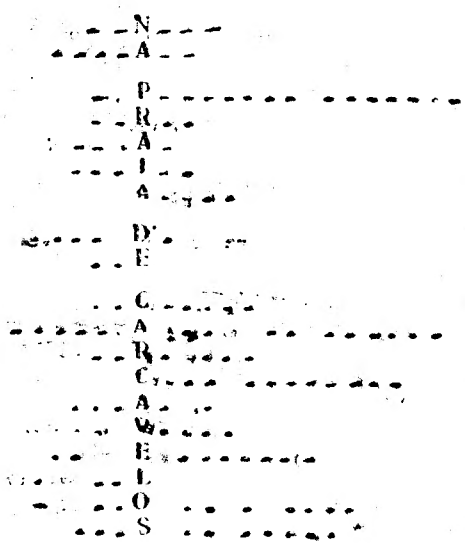
Algumas horas depois desciam na grande metrópole africana...

(Continua)

publica-se para ti, aos sábados!

O «Diário de Lisboa Juvenil»





Sabe quais são as estações?

«Quem vai para o mar avia-se em terra...». Eis aí a razão de sonharmos, em pleno Inverno, com os dias de Verão... com as praias... e com as estações que as servem...

Serás tu capaz de dizer quais as estações Lisboa-Cascais mencionadas na gravura?

História africana

O branco, depois de algumas horas de viagem através da selva, quis banhar-se no lago que encontraram, formado pelo braço de um rio.

— Diz-me — perguntou ríspidamente a um negrinho da escolta — há tubarões aqui?

— Não, senhor.

Lançou-se á água, de onde saiu, meia hora depois, fresquinho que nem uma alface.

— Acho estranho que não haja tubarões nesta zona — tornou ele — Porque será?

E o negrito calmamente:

— Porque têm medo dos crocodilos...

Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

Eis aqui um pequeno teste apresentado pelo nosso amigo Julio Amadeu:

Um menino estava a brincar com uma moeda de cinquenta centavos e uma garrafa que custara quatro escudos. De repente, a moeda entrou na garrafa e o menino não consegue, por mais esforços que empregue, tirá-la de lá.

Há uma solução facílima que consiste em partir a garrafa...

Na tua opinião, devemos partí-la? Porquê?

Encontram-se reunidos três rapazes, o João, o António e o Manuel, nascidos um na cidade, outro no campo e outro á beira-mar.

O João diz: «Gaivota em terra, tempestade certa!».

O António afirma: «O pato sabe um pouco de tudo, mas não muito de nada!».

E o Manuel, por sua vez, declara «que os tolos andam no Mundo por ver andar os carros eléctricos...».

Responde:

Qual dos três rapazes nasceu na cidade, no campo e na praia?

Aponta três motivos pelos quais mereee a pena viver no campo; aponta cinco motivos pelos quais vale a pena viver na cidade.

É fácil...

— Diz-me — pergunta o senhor professor ao periquito — és capaz de me dizer duas coisas que não existiam há cem anos e agora existem?

O Periquito rápidamente:

— O senhor professor e eu, por exemplo...

Concurso da semana

Gente nossa

Tu sabes, formosa,
quem lembras assim?
Um botão de rosa...
— Pois sim...

Os versos são meus
mas segui a lei
de João de Deus...
— Bem sei!

Que quando estudou
na tua cidade
também te cantou.
— É verdade.

A graça, não o nego,
que a cidade esconde
não vem do Mondego
— Pois de onde?

Vem dos teus passinhos
que deixam mistério
breves e mansinhos...
— A sério?

A ideia que faz
teu riso nascer
é a ideia de Paz...
— Quero crer.

Tricana...
— Poeta,
vê bem onde vais
que para conversa
falaste demais...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a cidade portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

A resposta deve estar na nossa Redacção até ao próximo sábado, dia 24.

Vencedores

Concurso do suplemento n.º 88: I — Concurso Gente Nossa: ALGARVE. II — Concurso Gigantes da Humanidade: IGOR STRAVINSKY

1 — Amigo n.º 331 — Rui Malhoa do Amaral e Santos (Leiria).

2 — Amigo n.º 1444 — Manuel Pena Costa (Lisboa).

3 — Amigo n.º 1448 — Armando dos Santos Cerqueira (Lisboa).

4 — Amigo n.º 1483 — Maria Manuela Bacelar (Porto).

5 — Amigo n.º 1481 — Maria da Soledade Felício (Lisboa).

6 — Amigo n.º 1470 — Maria Margarida Barata de Macedo (Coimbra).

7 — Amigo n.º 1467 — Maria do Céu Alvares (Cascais).

8 — Amigo n.º 266 — José Luís de Abreu Cotrim (Lisboa).

9 — Amigo n.º 1438 — Maria Edite Horta da Silva (Lisboa).

10 — Amigo n.º 1442 — Maria Isabel Boavida (Lisboa).

11 — Amigo n.º 293 — Maria Luisa Horta (Lisboa).

12 — Amigo n.º 1482 — Anselmo Pinto (Figueira da Foz).

13 — Amigo n.º 21 — José Gonçalves Isabelinha.

Prémios

1 a 3 — «O meu amigo Maigret», por Simenon — Colecção «Vampiro» — Livros do Brasil.

4 a 7 — «Shane», por Jack Schaeffer — Colecção «Miniatura» — Livros do Brasil, Lda.

8 a 13 — «Antes do amanhecer», por Somerset Maugham — ultimo volume da Colecção «Miniatura», de Livros do Brasil, Lda.

14 — «Antes do amanhecer», por S. Maugham e «Homens e Bichos», por Axel Manthe.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Stravinsky

14 — Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz).

Colaboração juvenil

O **Suplemento Juvenil**, do **Diário de Lisboa**, publica-se para todos os jovens portugueses.

Não apenas para ser lido por eles, mas também para ser colaborado por eles. Como podem ver neste numero, apresentamos sempre trabalhos dos nossos jovens amigos.

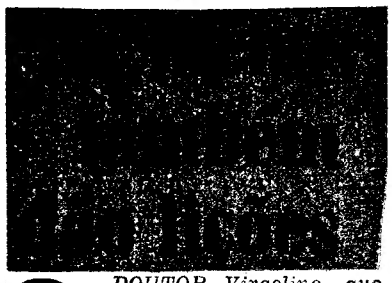
Fazemo-lo com satisfação e — porque não dizê-lo? — com orgulho... Eles provam que a mocidade continua amando a poesia, a cultura, a arte.

Ficamos, pois, aguardando a colaboração dos nossos leitores — poesias, contos, reportagens, entrevistas, curiosidades e passatempos para **Dois Minutos de Intervalo**, etc., etc.

Pedimos, no entanto, que a colaboração não ultrapasse as 700 palavras.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

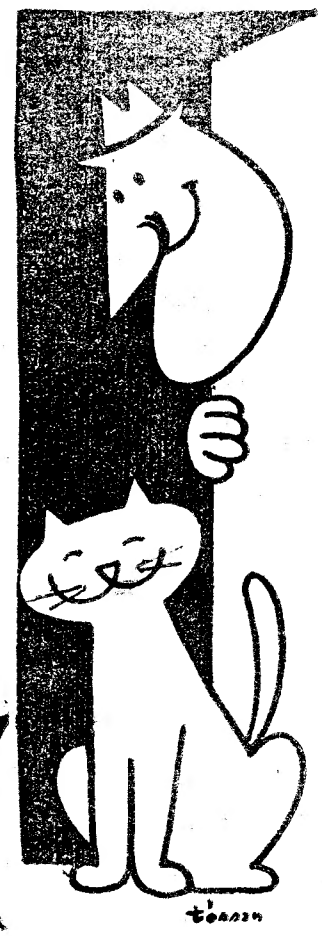
ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS



O DOUTOR Virgolino, que já sabem é um amigo dos animais, encontrou um gatinho na valeta. Tinha um ar tão infeliz e abandonado, que dá vontade de dizer: todo nuinho... É verdade, parecia despido, de tal maneira se colava ao chão, amedrontado dos homens e dos bichos; o pêlo estava eriçado — de medo ou miséria ou, quem sabe!, de instintiva defesa. Saberia ele contar o muito que já passara? Nem era preciso; o dr. Virgolino percebeu lágrimas nos olhinhos meigos do bichano.

Levou-o para casa. Banhou-o carinhosamente, limpou-o, deu-lhe umas gotas de leite. O gato gostou. E gostou de ficar no calor daquele lar deserto, no calor da amizade do dr. Virgolino. Sentiu-se alguém, o bichinho.

O tempo passou, monótono, feliz por despreocupado para o engraçado «Minhau». Sim, ele passou até a



usar um nome que soava bem — «Minhau». «Minhau» gostava de sentir-se de alguém e muito mais desse alguém que lhe falava, o animava, lhe dava o leite, o peixe e outras coisas de que tanto gostava.

Quando o dr. Virgolino se abeirava da mesa posta para o almoço, já o bom do nosso «Minhau» lá estava. Não, não em cima da mesa, que ideia!, o «Minhau» era agora um gato civilizado. Esperava pacientemente no chão, até que o dono colocasse na mesa uma folha de papel, a toalha do bichano. Em cima do papel um prato; em cima deste, eh!, gatinhos vadios!, em cima deste que bons bocados de carne cozinhada, que cheirinho a peixe frito. «Minhau» babava-se todo babadinho de prazer antecipado. Parecia que o estômago lhe saía pela boca, tal era a ansia. «Minhau» esquecia-se que nada tinha agora a temer; o amor do dr. Virgolino era infindável. «Minhau» sossegava a fome e a angustia. Comia, com uma sofreguidão que ficava mal a um gatinho bem educado. Mas deixá-lo, devia ele pensar com os olhos leais fixos no rosto amigo do amigo Virgolino. A comida voltava a aparecer. A dada altura, o doutor viu, com espanto, que o bichano após ter saciado o primeiro apetite, que é aquele que não deixa perder tempo com etiquetas, pegava num pedaço de carne ou de peixe e saltava da mesa e saía pela porta que dava para o quintal. Uma vez, duas vezes, três e quatro. Ia e vinha. Silencioso e ligeiro. E quando saltava para a mesa fazia: minhau!... e parecia tão carinhoso a seu fio de voz.

O dr. Virgolino começou a achar estranha a atitude do «Minhau». Nunca ele se escondera para comer nada; nunca tivera vergonha de comer á mesa!

Mistério! E o mistério devia ser desvendado. O doutor assim o pensou e assim o fez. Seguiu o bichinho, sem fazer ruído. Ficou na porta a espreitar. O que viu deixou-o boquiaberto. O bom do nosso «Minhau» entregara o pedaço de boa comida que trouxera a um pobre bichano vadio, magro, pedinte. Durante segundos ficou a olhar aquela fome saciada. Depois voltou para casa. O pobre partiu. Para voltar no dia seguinte, a receber a esmola do outro bichano que, como ele, já conhecera a fome e a miséria.

Que bela lição de humanidade!

Mas nos dias que se seguiram, não foi preciso que «Minhau» deixasse talvez de comer o que tinha na vontade, para repartir com um pobre gato faminto. No quintal, em montinhos, farta comida esperava todos os gatos famintos.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

OS GIGANTES da TAVOLA REDONDA

A Espada Milagrosa

por TROTE

A O depararem com a espada afogada, até aos copos, na bigorna de ferro e com o letreiro que prometia o reino inteiro de Inglaterra a quem fosse capaz de libertar a espada milagrosa da prisão em que jazia, os nobres dispararam um brado de troça que reboou como o estampido dum trovão. A negra mancha de povo que encaixilhava o largo recuou instintivamente. Naquele momento todos pensavam neste receio terrível:

— Ah! E se a espada é fácil de tirar! E se todos os barões forem capazes de, sem esforço, a arrancar!

Não houve por isso olhar que se não fixasse angustiadamente em Guilherme Longa Espada, o mais cruel de todos os nobres do reino. Rindo e basofiando e martelando a couraça do peito com seus punhos tão grossos como patas de boi, ele arrancou para o cubo de pedra em cima do qual estava a bigorna e em cima desta a espada. Lá do alto desferiu a vista vitoriosa sobre o povo. Fez-se um silêncio nocturno. Todos quantos assistiam suspenderam a respiração. Guilherme Longa Espada deitou as manápulas á espada e, com todo o peso do corpo, puxou-a. Mas nada. O povo simples soltou um

suspiro de alivio que se ouviu em todo o lado. Longa Espada tornou a teimar; da enorme montanha de carne saiu um ronco de esforço que parecia o de um animal raivoso. Mas nada. Nada. Sempre nada. Então o povo sentiu mesmo que só alguém de muito bom poderia arrancar a espada; as mulheres, as crianças, os velhos e os homens sorriram; vozes mais animosas disseram saborosas piadas. Efectivamente, quando o bruta-montes do Guilherme Longa Espada não era capaz de vencer a provação, o negócio não era de força, mas sómente de bondade.

Outros nobres se foram seguindo, e todos desciam cabisbaixos e miseràvelmente batidos do alto cubo de pedra. Até que chegou a vez de Knut Pera de Chibo, também chamado o Raposão. E de novo a gente simples sentiu o medo enlutar-lhe a alma. Raposão sabia todas as manhas e era com elas, e não pela força, que matava, torturava, vencia.

—Ah! e se a espada se deixasse desafogar com um ardil!

Knut Pera de Chibo rodeou o bigorna em passos lentos. O povo reparou que ele não pousava o pé no chão, mas apenas as pontas, o que lhe dava um ar felino. Knut baixou-se, apalpou a bigorna, tacteou tudo com grandes vagares e no fim de muito espreitar e observar, deitou as mãos á espada e puxou-a habilidosamente de encontro ao peito. Seria desta vez? Mas nada. Mais outra tentativa e nada. Então o bom povo deu largas á sua alegria enquanto Knut Pera de Chibo, também chamado o Raposão, ia esconder a sua raiva o mais longe possível.

Nenhum nobre conseguira obrar o prodígio! Subindo para o cubo de pedra, o arcebispo de Cantuária disse:

— Boa gente! O que deve ser rei de Inglaterra não está aqui. Que se anuncie por todo o país que qualquer homem pode tentar retirar a espada. E o que tal fizer, rei será.

Para atrair Inglaterra inteira a Londres, organizou-se um grande torneio. entro de um mês Londres estava negra de gente. Um belo dia sir Heitor, seu filho Kay e Artur dirigiram-se também para o torneio. Foi então que, a meio do caminho, Kay, reparou que não trazia a sua fiel espada:

— Artur! — pediu — vais buscar a minha espada á estalagem, vais?

E Artur, virando a montada, disparou a toda a brida. Mas a estalagem estava fechada, pois toda a gente tinha ido para o torneio. Então Artur lembrou-se da espada do cubo de pedra. Que bela espada prometia ser! Artur acariciou-lhe os copos e puxando-a suavemente logo ficou com ela nas mãos. Simples e bondoso, nem pensou no que estava prometido a quem obrasse tal prodígio: cavalgando outra vez, veio reunir-se aos amigos.

Reconhecendo a espada, sir Heitor olhou o jovem com todo o espanto e murmurou:

— Visto é que só tu deverás ser nosso rei e senhor!

— Que dizeis, meu pai? Porque hei-de eu ser rei?

— Porque assim está escrito...

E voltando junto da bigorna, sir Heitor pediu a Artur que experimentasse afogar a espada na chaga da bigorna e desafogá-la outra vez. E o jovem assim fez e sem custo se repetiu o prodígio. Então o barão e seu filho Kay ajoelharam.

— Quê? De joelhos? — perguntou Artur, cheio de aflição — O' meu pai, eu é que tenho de ajoelhar diante de vós!

— Não, meu Senhor, eu não sou vosso pai. — respondeu sir Heitor e em alvoroçadas palavras contou toda a história do jovem Artur. No fim, este comentou com toda a modéstia:

— Pois que está escrito que serei rei, tende como certo que sempre sereis meu pai e meu irmão e que assim vivereis junto de mim.

Ora a notícia do prodígio voou por estradas e montanhas, entrou nos lares dos ricos e dos pobres e todos se juntaram no largo para assistir á nova tentativa de todos os nobres e de Artur para retirarem a espada.

Guilherme Longa Espada, Knut Pera de Chibo, também chamado o Raposão e os milhentos barões crueis de Inglaterra de novo conhe-

ceram o travor da derrota. De cada vez que um se retirava, do mar do povo saíam saborosas graças e criticas. Até que chegou a vez de Artur e Artur obrou o prodigio. Ali estava o legítimo rei! De joelhos e mãos postas, uma velhinha disse: Ah! meu querido menino! e todo o povo disse o mesmo e ajoelhou. Mas deve saber-se que, do lado dos nobres, se ergueu um murmurio de mau agoiro.

(No próximo número : «O Juramento e a Dama do Laço»)

DIARIO DE BORDO

Amigo n.º 1452 — José Filipe Lopes de Sá (Lisboa): Obrigado pelas tuas palavras de simpatia. Manda o artigo. E não esqueças de indicar o teu numero de ficheiro, pois nos tiras grande trabalho.

Amigo n.º 1472 — Maria Margarida Melo (Lisboa): aqui tens o teu numero. Manda os selos correspondentes aos jornais que queres e indica as datas de publicação. Lá irão ter.

Amigo n.º 1478 — Maria Margarida Ribeiro (Lisboa): Obrigado, Amiguinha, pelas tuas palavras carinhosas e o teu oferecimento. Bem hajas.

UM AMIGO: Nunca receies assinar o teu nome, mesmo quando nos criticas; principalmente quando nos criticas. Vale mais uma critica sincera, que milhentos elogios falsos. Mas a tua crítica não tem razão de ser. Todas as semanas prometemos publicar os nomes dos Amigos inscritos no intercambio. E faltamos. E' verdade. Porém isso só se verifica, quando o espaço é pouco. Os Amigos não ficam esquecidos, apenas devem ter um pouquinho de paciência e acreditar na nossa boa vontade, que não faz milagres. Até sempre, AMIGO!

Amigos novos entrados

1472 — Maria Margarida Melo; 1473 — Domingos G. da Silva (Barreiro); 1474 — Magda Militão (Barreiro); 1475 — Manuel A. F. dos Reis (aCscais); 1476 — Luís Ventura (Olhão); 1477 — Maria Manuela Viegas (Faro); 1478 — Maria Margarida Ribeiro; 1479 — Adelino Gonçalves (Rio de Couros).

N.º 1480 — Maria Cecília Pereira Serrão (Lisboa); 1481 — Maria da Soledade Felício (Lisboa); 1482 — Carlos d'Anta (Figueira da Foz); 1483 — Maria Amélia Bacelar (Porto).

ATENÇÃO!

Avisamos todos os amigos que as respostas aos nossos Concursos «Gigantes da Humanidade» e «Gente Nossa» devem estar no sábado seguinte áquele em que saiu o suplemento. Quer dizer: as respostas aos concursos de hoje têm de ser-nos enviadas até ao próximo sábado, dia 24 de Janeiro.

Muita atenção, portanto!

MANDEM-NOS...

... mandem-nos sempre a vossa idade, amigos que pela primeira vez se nos dirigem. Ou melhor: a vossa data de nascimento. Sem isso, não poderemos distribuir prémios.

Intercâmbio juvenil

Além do intercambio juvenil de correspondência, resolvemos incluir nesta secção todas as sugestões e iniciativas dos nossos leitores que visem ao estabelecimento de boas relações e sãs actividades entre a gente moça.

A nossa amiga n.º 593 — Louise Briar Russell escreve-nos a dar-nos conta de uma iniciativa que desejaria levar para diante: *um pequeno grupo de cantores, em numero de seis, residentes na linha de Cascais, preferível três rapazes e três raparigas com mais ou menos a idade da Louise — 17 anos.*

Aqui fica a notícia, parabens por ela, e que os nossos leitores saibam corresponder. As respostas devem ser dirigidas a *INTERCAMBIO JUVENIL, do Diário de Lisboa Juvenil*, Rua Luz Soriano, 44 a 48.

CORREIO

Registamos os seguintes pedidos de correspondentes:

Amigo N.º 1236 — Maria Isabel Alexandrino (17 anos): com jovens suecos, ingleses ou franceses; Serge Iv. Sequeira (15 anos): com jovens franceses, italianos ou suecos; Amigo n.º 773 — Carlos Alberto Ruivo Vilhena (13 anos): jovens franceses; Sílvia Belém Pereira (14 anos): com jovens franceses; Virgílio Ferreira Marques (17 anos — Portalegre): com jovens francesas, italianas, suecas ou inglesas,

JOVENS QUE DESEJAM CORRESPONDER-SE COM COLEGAS PORTUGUESES:

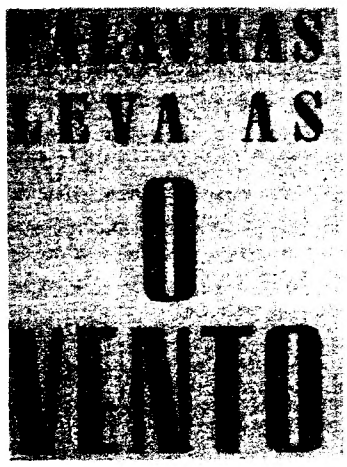
oJsé Alberto Reis Pereira, de 16 anos, aluno do 7.º ano do Liceu de Évora, morador na Quinta da Saragoça—Évora: com raparigas portuguesas da sua idade.

José Luís de Abreu Cotrim, de 19 anos, aluno do 7.º ano do liceu (Direito), morador na Rua Barão de Sabrosa, 140-1.º — Lisboa. Interessa-se por questões de literatura, pedagogia, direito, psicologia e assuntos de conhecimento geral.

João António Tunes, de 14 anos, aluno do liceu, morador na Rua Eça de Queirós, 36-1.º — Barreiro. Quer correspondência com uma menina da sua idade, moradora em Lisboa.

E ficamos por aqui, pois não temos mais espaço. Aos jovens que desejam correspondência nos dirigiremos quando tivermos correspondentes que lhes interessem.

A VIDA AVENTUROSA DAS PALAVRAS



Acontece com frequência que lidamos com pessoas anos a fio e não as conhecemos por dentro. Lá vem a hora em que o seu carácter nos revela nova faceta.

A desilusão natural ou ao natural contentamento junta-se uma certa revolta contra nós próprios, por não termos sabido ver o que de mau ou de bom havia nelas.

Com a lingua que falamos acontece coisa semelhante há oitocentos anos que falamos com ela e com ela escrevemos. O primeiro documento escrito em português ou, melhof, em galaico-português data de fins do século XII. (Segundo D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, a cantiga de Pai Soares de Taveirós apareceu em 1189). Pois bem, eu sempre queria ver se alguém saberia dizer-me, convivendo há tantos séculos com uma *pessoa*, a origem de frases ou expressões como: *P-a-Pá, Santa Justa, pensar na morte da bezerra, morrer de morte macaca, a olhos vistos, cor de burro quando foge*, etc., etc.

A finalidade desta nova secção que oferecemos ao leitores do «Juvenil»: Contribuir de maneira desenfadada e sem pretensões eruditas para um melhor conhecimento do nosso idioma, onde cada palavra é uma caixinha de surpresas.

Vejamos, para começar, a palavra CAPELA. Significa *capinha* (como *rodela* é roda pequena, e *portela* o diminuitivo de porta). Que fenómeno se deu para vir a ter quase exclusivamente o significado de *pequena igreja?*

S. Martinho (tão festejado em Portugal) serviu o imperador Constantino três séculos depois de Cristo. Conta-se que certa ocasião, encontrando um pobre a tiritar de frio, rasgou a capa em duas e ofereceu metade ao pobre. Martinho tem uma visão: Jesus Cristo apareceu-lhe trazendo pelos ombros a *capela* que dera ao pobre...

Mais tarde, já depois de S. Martinho canonizado, o pedaço de capa fica guardado num templozinho levantado de propósito. O povo, atraído pela auréola que rodeava a famosa capinha, dirigiu-se em grupos para o pequeno templo, a fim de rezar diante dela: *Vamos á capela*, começou a ouvir-se dizer. «Vamos orar á Capela».

Por

Natália da Fonseca

E' claro que ninguém hoje se lembra disto, o povo esqueceu já a origem da palavra *Capella* no latim medieval. E como *ir rezar á capela* se ajustava, por comparação, *ir rezar á igreja* — aí temos como nasceu o significado actual da palavra.

Noticiário sobre os concursos especiais do Juvenil

De novo publicamos informações sobre os concursos especiais do «Juvenil». Lembramos que os «concursos especiais» são todos aqueles que não se incluem na série que todas as semanas organizamos. Actualmente o «Juvenil» tem três concursos especiais:

1.º — CONCURSO

«Qual é coisa qual é ela?»

Para jovens até 15 anos. Consta da coloração do belo livro «Qual é coisa qual é ela?», editado pela Portugália Editora e á venda em todas as boas livrarias. Prémios:

1.º — Duzentos e cinquenta escudos em livros editados pela Portugália Editora (á escolha do concorrente).

2.º — Cento e cinquenta escudos em livros (nas mesmas condições).

3.º — Cem escudos em livros (nas mesmas condições).

4. a 10.º — Cinquenta escudos em livros (idem).

A coloração pode ser feita com lápis de cor ou qualquer espécie de tinta. Prazo para a entrega dos trabalhos: até 6 de Fevereiro.

Os livros serão devolvidos, após a classificação.

2.º — CONCURSO

Augusto Gil

Para jovens até aos 20 anos. Consta de um trabalho sobre a Obra deste grande Poeta.

1.º — Prémio: Quinhentos escudos.

2.º — Prémio: Trezentos escudos.

3.º Prémio: A Obra Completa de Gil Vicente (até á data publicada pela Portugália Editora).

Os trabalhos serão devolvidos depois da classificação.

Não há limite de tamanho.

Prazo de entrega: até 6 de Fevereiro.

3.º — CONCURSO

Concurso anual do «Juvenil» sobre um tema português: a paisagem, os monumentos, o modo de viver do nosso povo, as suas festas ou costumes, as suas canções, aspecto do trabalho do povo, a vida da juventude camponesa, etc., etc. Tal como sucedeu o ano passado, dá-se inteira liberdade criadora aos concorrentes, não se limita o tamanho dos trabalhos.

Haverá as seguintes categorias:

1.º — Jovens até aos 12 anos.

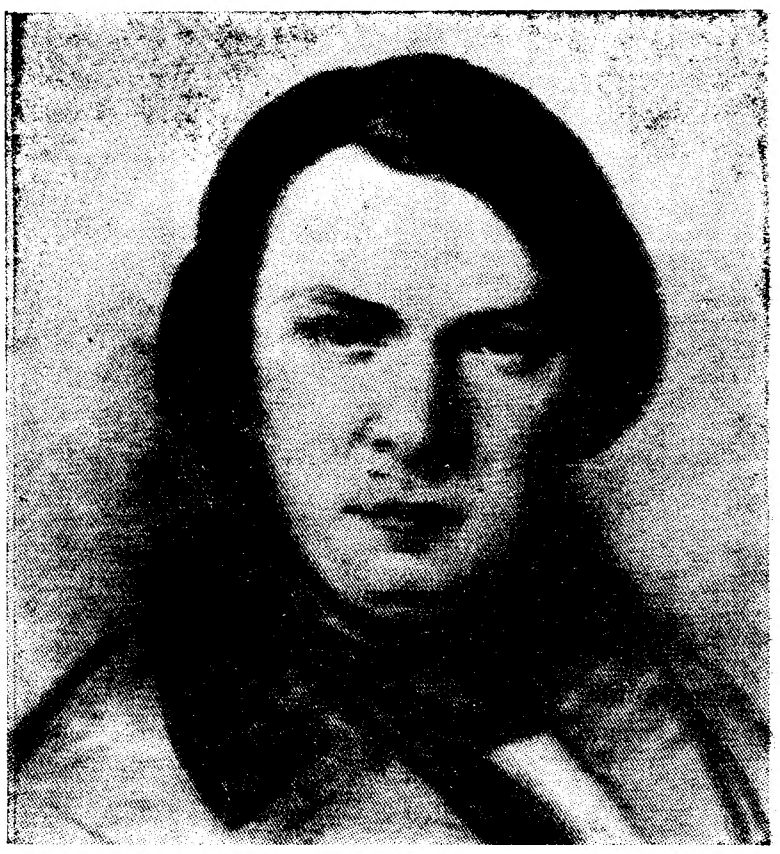
2.º — Jovens entre os 13 e os 15 anos.

3.º — Jovens entre os 16 e os 20 anos.

Os prémios, cujas listas ainda estamos a organizar, serão concedidos aos textos literários e também ás ilustrações (desenhos, pinturas, fotografias) que os acompanharem. Quer dizer: haverá prémios literários e, independentemente destes, os prémios para a ilustração dos trabalhos escritos.

Deve notar-se que nenhuma ilustração deverá vir sózinha, desacompanhada da parte literária.

Em virtude de se ter adiado o prazo para a entrega dos prémios dos dois primeiros concursos, também este teve que ser adiado para o fim do mês de Fevereiro. Os prémios serão então distribuidos nas férias da Páscoa.



CONCURSO GIGANTES DA MÚSICA

ESTE grande compositor alemão ceu em Zwickau, em 1810, quando por toda a Europa pairava o terror da tirania napoleónica. Era filho dum editor-livreiro e de uma mulher extremamente sensível. Dos seus cinco irmãos, quatro morreram jovens e o quinto, louco, tal como viria a suceder com ele.

Orfão de pai aos 16 anos, foi estudar direito para Lípsia (1828), e aqui se relacionou com o professor de musica Wieck, que viria a decidir do seu futuro. Com ele iniciou o estudo do piano. Entusiasmou-se por Bach e Schubert. Tendo resolvido seguir a carreira de concertista, disso desistiu, em virtude de haver magoado um dos dedos. Estudou então harmonia e contraponto. Desde então passa a dedicar-se exclusivamente á criação e á crítica musical («Gazeta Musical Universal» e «Nova Revista Musical», esta fundada pelo artista). Convém assinalar a actividade crítica do compositor, na qual revelou a sua funda cultura e agudeza de análise.

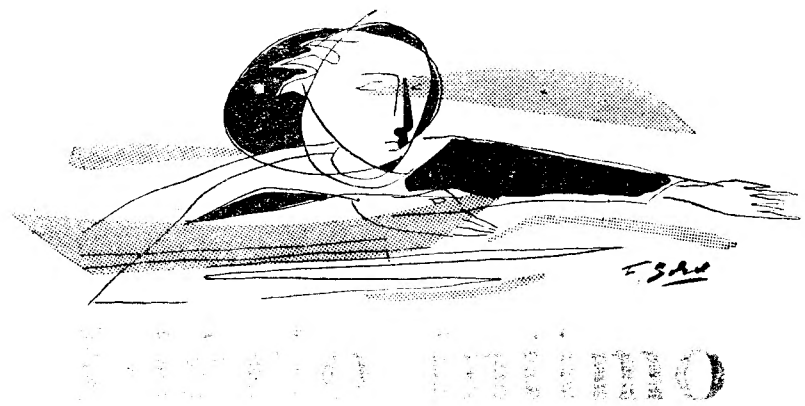
O seu estilo musical é sobretudo lírico. O melhor da sua obra está sobretudo nos «lieds» e nas peças breves para piano a que deu, com grande simplicidade de escrita melódica, um valor expressivo, profundo e íntimo. Menos á-vontade nas formas clássicas da sonata e da sinfonia, deixou, todavia, um concerto para piano e orquestra, que é superior, pelo seu encanto poético, a todos quantos se escreveram na época.

Principais composições: «Carnaval», «Cenas Infantis», «Album para a juventude» (tudo para piano); 240 lieder com acompanhamento de piano, nos quais se contam os ciclos «O Amor e a Vida duma Mulher» e «Os Amores do Poeta».

Depois da sua morte, sua mulher Clara, grande pianista, continuou a difundir a sua obra.

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 24, acompanhadas do nome, morada, data de nascimento dos concorrentes (que ainda a não enviaram) e o numero de ficheiro, caso já o tenham. Juntamente queiram indicar os três artigos do Juvenil desta semana que mais lhes agradaram.

Além dos habituais prémios, haverá um prémio especial para o melhor trabalho sobre o grande compositor alemão desta semana.



Quero dizer que te quero
e não sei dizer...
Tu vês...
Tu vês nos meus olhos.
Estendo as mãos para ti
quero tocar-te com a ponta dos dedos
acariciar-te
mas tenho medo...
Detenho o gesto quente
prendo em mim esta febre
e tremo angustiado.

ANTÓNIO MANUEL CAVALEIRO PAIXÃO

O voluntário do espaço

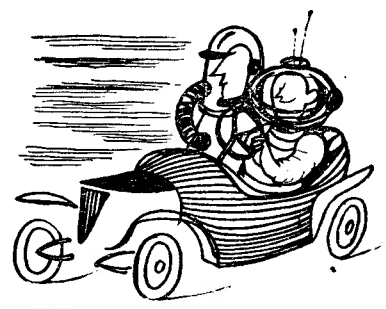
por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

A primeira entrada num planeta estranho

AO abrir a porta da rua, o bafo quente do deserto bateu-me na cara. Estava em Lyn. Um planeta desconhecido de toda a gente da Terra, até dos meus amigos sábios. Desconhecido de toda a gente, menos de mim. E, afinal, ainda era um ser da Terra.

— A Terra — murmurei em voz baixa — que seria feito dela?

Senti no meu ombro o contacto da mão do meu amigo Lynense. Tinha almoçado na sua casa. Durante o almoço não tinhamos dirigido palavra um ao outro. Era aborrecido... Nós querermos fazer perguntas um ao outro e não falarmos a mesma língua. Ainda por cima a dele era tão esquisita... E não havia um aparelho tradutor, como aqueles que eu tantas vezes tinha visto nos filmes de antecipação... Mas a realidade



era esta. Eu queria ter a honra de tomar parte no primeiro diálogo «sonoro», entre um ser da Terra e um ser de outro planeta, e não podia.

O Lynense sorriu ao notar a minha atrapalhação. Fez-me sinal para o acompanhar. Como não tivesse de momento nada que fazer, caminhei atrás dele em direcção á estrada. Entrámos no seu carro... Se eu não tivesse a certeza de ser o primeiro «maduro» que deixou a Terra, juraria que o meu companheiro tinha comprado o carro a algum contrabandista do meu «honrado» planeta.

A esposa do Lynense — tudo indicava que o era — disse-nos adeus da porta da casa. Uma casa igual às da Terra. Porque seria que ali tudo era como na Terra?

O carro arrancou e deslizou sobre a estrada. De repente surgiu-me na cabeça uma pergunta:

— Porque é que a estrada estava limpa de areia?

Olhei á minha volta e vi, apenas, o deserto com árvores aqui e além. Na minha frente a rectidão da estrada parecia não ter fim... e o carro deslizava... a estrada limpa de areia... dava a impressão de que alguém a tinha varrido há pouco tempo. Com certeza que o vento levava areia para cima dela... O vento... Não senti o vento. Apenas o calor do deserto... e o carro deslizava... sem fazer barulho. Onde estava o barulho típico dos «D. Elviras»?... Teria o carro um motor moderno?... Como o carro deslizava bem, apesar da idade que aparentava...

Ao meu lado o Lynense guiava calmamente. Depois parou o carro. Olhei para a frente e vi que a estrada acabava ali... Acabava no meio do deserto... sem razão aparente a estrada tinha acabado! O meu amigo desceu do carro e dirigiu-se para uma espécie de marco quilométrico, no qual eu só então reparei, abriu uma portinha, e fez qualquer coisa, que eu na posição em que me encontrava não consegui ver.

O Lynense regressou, sorrindo, ao carro onde eu tinha ficado sentado. Mal ele fechou a porta, senti que começávamos a descer...

Foi assim que entrei no interior do planeta Lyn... E eu que não gostava de toupeiras, fui conhecer uma com duas pernas, um tronco e dois braços... além da cabeça...

AGOSTINHO DE BRITO MACEDO
(19 anos) — Amigo n.º 1.282)

A VIDA EM ROMA

Já se encontra nas livrarias a tradução portuguesa de «A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO», da autoria de Jerôme Carcopino. É mais um volume da já célebre colecção editada por Livros do Brasil, Ld.ª—«A VIDA QUOTIDIANA».

Desta vez, acompanhados por um cicerone cultíssimo, os nossos jovens leitores poderão visitar Roma no seu período áureo de extensão — as suas casas, as suas ruas, as suas grandezas e misérias; conhecerão a vida familiar — o casamento, a situação da mulher e das crianças, a educação, a cultura, as crenças; depois assitirão ao desenrolar da vida quotidiana desde o levantar e o preparo matinal, ás ocupações, espectáculos, o passeio, o banho do fim do dia e o jantar. Enfim, um belo livro que todos os nossos leitores devem conhecer.